CRIANÇAS QUE SE LEMBRAM DE VIDAS PASSADAS

IAN STEVENSON

CRIANÇAS QUE SE LEBRAM DE VIDAS PASSADAS

IAN STEVENSON

IAN STEVENSON

Nascido na cidade de Montreal, no Canadá, em 31 de maio de 1918, o psiquiatra e diretor dos Departamentos de Parapsicologia e Psiquiatria Comportamental - além do curso de Medicina da Universidade da Virgínia - Ian Stevenson sempre incluiu em suas pesquisas temas importantes, dentre os quais, um em especial: a reencarnação.

A experiência de quase-morte (EQM), as aparições ou visões no leito de morte, a problemática da relação entre mente e cérebro e a permanência da personalidade pós- -morte são outros assuntos vinculados às pesquisas do autor.

O professor Stevenson dedicou, com afinco, meio século de estudos sobre lembranças que crianças tinham de vida passada (o que chamamos de hipótese de sobrevivência da consciência após a morte).

Algumas linhas não são suficientes para o leitor entender a grande contribuição científica do professor Stevenson às investigações parapsicológicas e à comprovação científica da reencarnação. Para se ter um conhecimento mais profundo sobre o autor, nada melhor que a leitura de seu artigo escrito e publicado no Journal of Scientific Exploration, meses antes de sua morte, ocorrida em 8 de fevereiro de 2007. O artigo encontra-se no livro Reencarnação: Vinte Casos, também publicado pela Editora Vida e Consciência.

Título da edição original Children Who Remember Previous Lives 2001 by Ian Stevenson Published by special arrangement with McFarland & Company, Inc. All rights reserved.

Direitos da edição em Portugués ©2011. Editora Vida & Consciência Ltda. Todos os direitos reservados
Projeto gráfico: Bruno Bega Harnik Diagramação: Cristiane Alfano
Tradução: Carolina Coelho
Preparação e revisão: Mónica Gomes d'Almeida
1 edição-impressão
10.000 exemplares-agosto 2011
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Cámara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Stevenson, Ian

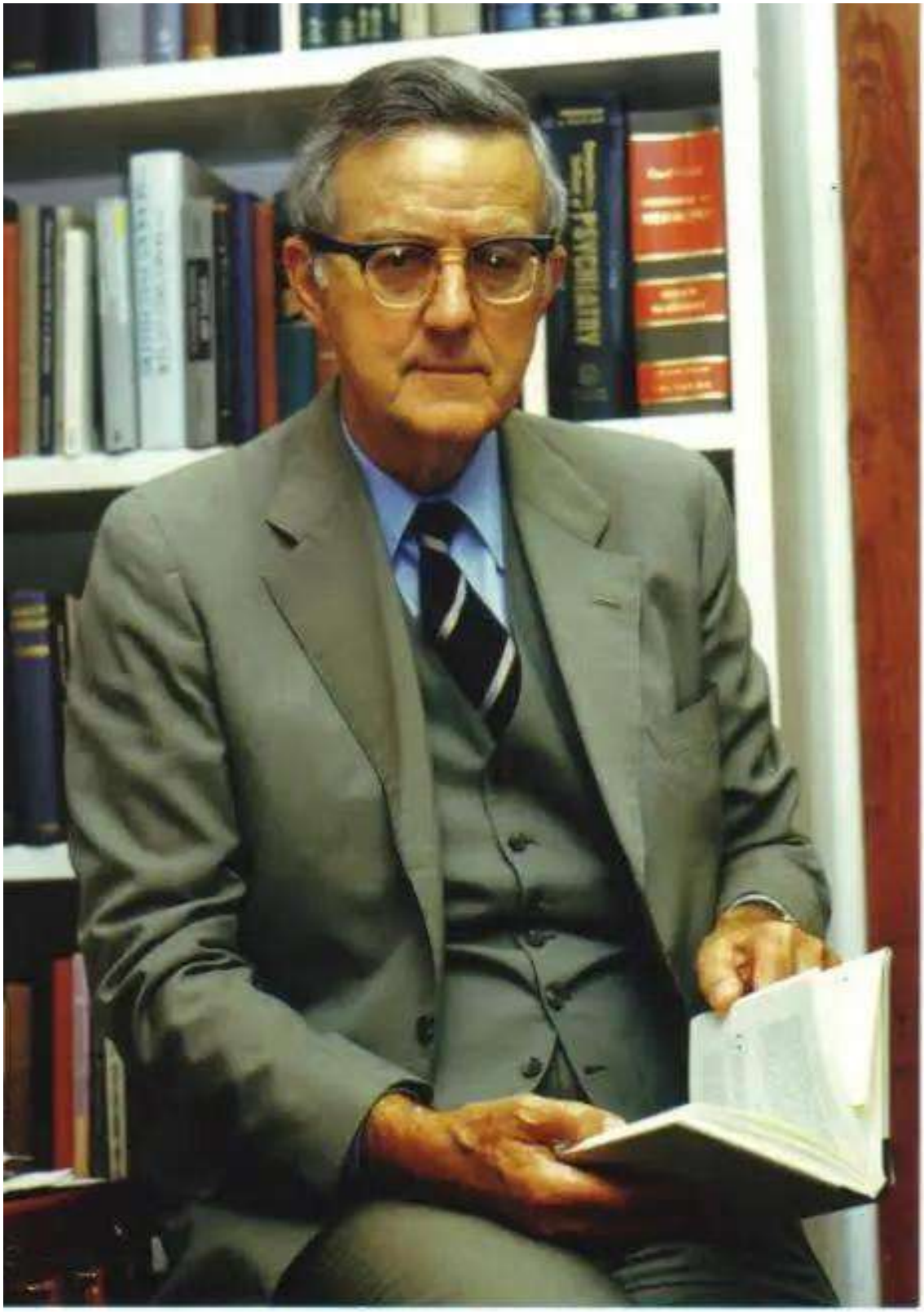
Crianças que se lembram de vidas passadas/Ian Stevenson: tradução Carolina Caires Coelho). - Ed. rev.-
São Paulo: Centro de Estudos Vida & Consciência Editora Titulo original: Children who remember previous lives: a question of reincarnation
ISBN 978-86-7722-107-3
1. Crianças-Aptidão psíquica-Estudo de casos 2. Parapsicologia 3. Reencarnação-Estudo de casos L. Título
10-08755
Índices para catálogo sistemático
CDD-133.90135
1. Europa: Reencarnação: Estudos de casos 133.90135
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida, por qualquer forma ou meio, seja ele mecânico ou eletrónico, fotocópia gravação etc., tampouco apropriada ou estocada com sistema de banco de dados, som a expressa autorização da editora (Lei no 5.988, de 14/12/1973)
Este o adota as regras do novo acordo ortográfico (2009)
Editora Vida & Consciência
Rua Agostino Gomes, 2.312-São Paulo-SP-Brasil
CEP 04206-001
editora vidaoconsciencia.com.br

"Dedico carinhosamente a Margaret, minha esposa, que generosamente abriu mão de nosso tempo juntos para que eu pudesse finalizar este livro."

SUMÁRIO

11 Prefácio da edição revisada
14 Prefácio da primeira edição
17 Guia de orientação para o leitor
19 Uma introdução ao estudo da reencarnação
52 A crença na reencarnação
72 Sinais de reencarnação
96 Quatorze casos típicos de crianças que se lembram de vidas passadas
151 Características de casos típicos de reencarnação
205 Métodos de pesquisa
229 Análise e interpretação dos casos
263 Variações nos casos em diferentes culturas
282 A utilidade de tornar clara a ideia de reencarnação

324 Outras questões relacionadas a crianças que se lembram de vidas passadas
369 Hipóteses sobre processos possivelmente relacionados à reencarnação
405 Anexo: relação de relatórios detalhados de casos citados
414 Referências bibliográficas



AGRADECIMENTOS

Em meus livros com relatórios de casos detalhados, já agradeci a muitas pessoas que me ajudaram de modo intenso e solícito nas pesquisas. Não repetirei todos os anomes aqui, mas agradecerei a todas as pessoas que me ajudaram no trabalho de campo recentemente e na preparação deste livro.

Agradeço pela ajuda especial a Rita Castrén (Finlândia), Daw Hnin Aye e U Win Maung (Burma – atualmente Myanmar), Nicholas Ibekwe (Nigéria), Tissa Jayawardene e Godwin Samararatne (Sri Lanka), Majd Mu'akkasah (Líbano), Satwant Pasricha (Índia), Nasib Sirorasa (Tailândia), e Sr. Canis Polat (Turquia), que me enviou informações sobre casos em seu país.

Diversos colegas e amigos generosamente leram e me ajudaram, fazendo comentários úteis para melhorar um ou diversos capítulos e, por esse auxílio inestimável, agradeço imensamente a Carlos Alvarado, John Beloff, Stuart Edelstein, Brian Goodwin, Nicholas McClean-Rice, George Owen e James Wheatley. Eles corrigiram diversos erros, e alguns que restaram podem ser creditados a mim, quando não segui os conselhos deles.

Meus assistentes de pesquisa, Carolee Werner, Susan Adams e Emily Williams Cook, esta com especial gratidão por ter lido o livro inteiro duas vezes, também contribuíram muito com suas sugestões.

Também agradeço a Elizabeth Byrd e Patrícia pela digitação – e redigitação – de alta qualidade.

A editora Elsevier Science Publishers (Biomedical Division) que permitiu mencionar uma citação de um de seus

jornais. O *National Technical Information Service of the United States Department of Commerce* autorizou a citação de um trecho de uma monografia de L. L. Vasiliev.

Escrevi grande parte deste livro durante uma licença sabática no Darwin College, Cambridge University, e agradeço cordialmente ao mestre e colegas de lá, por me oferecerem essa oportunidade.

Minha esposa, Margaret, generosamente abriu mão de nosso tempo juntos para que eu pudesse finalizar este livro, e eu o dedico carinhosamente a ela.

Por fim, reconheço o apoio à minha pesquisa dado pela *Bernstein Brothers Parapsychology* and *Health Foundation*.

PREFÁCIO DA EDIÇÃO REVISADA

Feliz é o autor que consegue perceber avanços em um assunto ao revisar um livro escrito há pouco mais de uma década. Eu tenho essa felicidade por diversas razões.

O primeiro avanço surgiu a partir da publicação de estudos refeitos. Até os anos 1980, trabalhei praticamente sozinho na investigação de crianças que afirmam se lembrar de vidas passadas. Tive a grande ajuda de intérpretes e assistentes extremamente competentes e sérios, mas eles não podiam realizar e publicar estudos independentes. Logo depois da publicação da primeira edição desse trabalho, outros investigadores começaram a publicar relatórios de tais casos independentemente de mim. Mais do que isso, de modos diferentes, esses novos investigadores assumiram projetos criativos que levaram a pesquisa além do que eu havia conseguido fazer. Muitos dos textos adicionais e de muitas referências acrescentadas nesta edição têm origem no trabalho deles. Estou pensando aqui (em ordem alfabética) em Erlendur Haraldsson, Jürgen Keil, Antonia Mills, Satwant Pasricha e Jim Tucker. Enquanto eles viajavam mais, eu viajei menos. Diminuí o ritmo de minhas investigações para economizar tempo para escrever. Investiguei os casos que resumo no capítulo 4 há muito anos. Também foi o que fiz com os dois casos que adicionei aos doze incluídos na primeira edição deste trabalho. Aconselho aos leitores, que desejam estudar os relatórios de casos recentemente investigados, que estudem as publicações de meus colegas.

Em 1997 aconteceu a publicação de minha monografia de dois livros sobre os casos cujos indivíduos tinham marcas e problemas congênitos pertinentes. Esse trabalho inclui muitos casos que eu havia estudado antes da publicação da primeira edição deste livro, e isso o fez notório.

Como havia guardado os relatórios dos casos com essas características para apresentar as evidências de uma só vez, posso incluir nesta edição mais informações sobre as marcas e os problemas congênitos, além dos resultados de diversas análises dos dados (de um grande número de casos) que meus colegas e eu fizemos desde que a primeira edição foi publicada com a possibilidade de, sempre que possível, melhorar a clareza do texto e atualizá-lo.

Os leitores mais atentos podem perceber que faço poucas referências a publicações recentes em neurociência. Não deixei de acompanhar os desenvolvimentos nesse campo importante, que progrediu muito com a infusão de fundos recebidos durante a "década do cérebro", entretanto, continuo sem ter certeza de que a abordagem mais reduzida de quase todos os neurocientistas contribuirá para a compreensão do problema mente-cérebro. Acredito que apenas o reconhecimento das experiências agora chamadas de paranormais fará isso. Espero ansiosamente pela "década da mente".

Um desenvolvimento político desde a primeira edição deste livro merece menção. O país há muito conhecido como Burma tem sido governado por uma ditadura militar por quase quatro décadas. Em 1989, o governo mudou o nome do país para Myanmar. Alguns outros nomes também foram mudados; por exemplo, Rangum se tornou Yangon. Meus estudos de casos naquele país ocorreram entre 1970 e 1987, quando o país passou a ser chamado Burma, e eu mantive esse nome neste livro.

Os nomes dos indivíduos e das pessoas mortas mencionadas neste livro são uma mistura de nomes reais e pseudô-

nimos. Mais informações sobre casos em particular podem ser encontrados em relatórios detalhados. O índice oferece um diretório para isso.

Muitas pessoas às quais agradeci pela ajuda na primeira edição continuaram a me ajudar com solicitude. Algumas foram especialmente importantes, até essenciais, na tarefa de revisar. Desejo agradecer a dois colegas que gentilmente fizeram a revisão e ofereceram comentários úteis para melhorar o texto; são elas, Emily Williams Kelly (antigamente Cook) e Tim Tucker. Dawn Hunt também leu o texto todo; ela deu mais atenção às referências e ofereceu muitos outros auxílios. Patrícia Estes redigitou o livro com paciência inesgotável e grande precisão. Nessa tarefa, ela contou com a ajuda de Irene Dunn.

Enquanto eu fazia esta revisão, Margaret, minha esposa, perguntou por que eu havia dedicado o livro a ela. Aqueles que a conhecem sabem a resposta para essa pergunta.

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Este livro tem o objetivo de apresentar para o leitor comum um registro de minha pesquisa sobre casos sugestivos de reencarnação. Não oferece sinais detalhados de reencarnação, mas mostra um resumo de como conduzi minha pesquisa com os resultados mais importantes obtidos e minhas conclusões.

Para familiarizar os leitores com os tipos de casos nos quais as evidências têm origem, incluí resumos de doze casos comuns. Já tenho 65 relatos detalhados publicados e tenho mais de 100 em diversos estágios de preparação para futuras publicações e por isso não recomendo que, apenas lendo este livro, abandone o ceticismo – ou ignorância – a respeito da reencarnação e fique seguro que ela ocorra. Ficarei satisfeito se conseguir tornar a ideia da reencarnação plausível para as pessoas que pensavam o contrário. Se algumas acreditarem valer a pena examinar a evidência em meus relatórios, então terei alcançado mais do que pretendia.

Abreviei drasticamente minha discussão sobre a interpretação da evidência, apesar de ter tentado fazer uma exposição equilibrada entre pontos fortes e fracos. Espero que a brevidade dessa parte do livro motive os leitores a estudar meus argumentos em outros livros.

Além de oferecer uma descrição de meus métodos e principais resultados, este livro talvez cumpra diversos outros propósitos. Em primeiro lugar, espero que ele consiga ajudar a corrigir algumas ideias equivocadas sobre reencarnação. Para muitos ocidentais, a ideia de reencarnação parece remota e bizarra.

Eles costumam associá-la apenas ao hinduísmo e ao budismo, bem como às ideias hindus e budistas sobre o *karma*[1] punitivo e o renascimento em corpos de animais não humanos. Talvez eu tenha alguns problemas para mostrar que os casos estudados raramente oferecem evidências em defesa dessas ideias. Além disso, muitas pessoas que não são hindus nem budistas e acreditam em reencarnação não relacionam a reencarnação com conceitos de recompensa, castigo ou renascimento em corpos de animais. A crença de que a reencarnação deve acontecer de determinado modo pode impedir pensamentos bons a respeito do assunto, chegando quase à total rejeição dessa ideia. Algumas pessoas que escrevem para mim com certeza dogmática acerca da existência da reencarnação parecem ter quase tanto para desaprender quanto aqueles que insistem que a reencarnação é impossível.

Tenho um segundo motivo, menos forte, para escrever este livro: minha esperança de que ele motive relatos de novos casos que possamos investigar. Estou convencido de que casos de reencarnação não são relatados, principalmente no Ocidente. Algumas pessoas às vezes me escrevem contando que uma criança da família parecia falar sobre uma vida anterior quando ele[2] tinha cerca de três anos de idade, mas, quando recebo essa informação, a criança já tem dez ou quinze anos. Algumas pessoas mencionam repetidamente que, quando a criança era menor, elas a ignoravam ou até impediam-na de falar sobre uma vida anterior. Depois a criança aparentemente esquecia.

---

[1] A palavra karma em sânscrito quer dizer "ação". E também passou a significar os efeitos que ocorrem em uma vida depois de outra na qual a causa associada ocorreu. A doutrina do carma no hinduísmo e no budismo inclui muitos tipos de causas e efeitos, mas o uso popular se concentra em retribuição apropriada para o comportamento causador. Por exemplo, um homem que nasce cego pode ter arrancado os olhos de alguém em uma vida anterior.

[2] Adotei o uso genérico de "ele" porque acredito que o uso obsessivo de linguagem sexualmente neutra é confuso para os leitores e ajuda pouco na superação da injustiça com as mulheres. Além disso, usei pronomes masculinos porque a maioria das crianças que afirmam se lembrar de vidas anteriores são do sexo masculino.

Se eu e meus sucessores pudermos estudar casos entre crianças pequenas do Ocidente enquanto os casos ainda estiverem ativos, como temos feito na Ásia e em outras partes do mundo por muitos anos, nossa pesquisa poderá se tornar mais avançada.

Pode ser contraditório, após convidar os leitores a enviar informações sobre novos casos, mencionar que eu também desejo, com este livro, desestimular uma busca deliberada por lembranças de vidas anteriores – por meio de drogas, meditação ou hipnose. Infelizmente, alguns hipnotizadores disseram que qualquer pessoa pode recobrar lembranças de vidas passadas por meio da hipnose, e são registrados ou sugeridos grandes benefícios terapêuticos. Eu rejeito o entusiasmo equivocado e às vezes vergonhosamente explorado pela hipnose, principalmente quando ela é proposta como um meio certo de trazer à tona lembranças de vidas anteriores.

Quase todos os casos que aparentemente merecem mais atenção de nossa parte ocorreram fora da cultura ocidental, ou seja, entre os povos da Ásia, da África Ocidental e de grupos tribais do nordeste da América do Norte. Existem motivos para essa desproporção geográfica e, apesar de ter pouca compreensão sobre eles, já fiz algumas especulações. Aqui pretendo oferecer dois comentários relacionados. Em primeiro lugar, nem todos os casos vêm de áreas onde eles mais ocorrem; alguns casos excelentes ocorreram na Europa e na América do Norte (entre povos não tribais).

Em segundo lugar, os casos sugestivos de reencarnação demonstram importantes semelhanças em seus traços principais com fenômenos que têm sido cuidadosamente estudados no Ocidente há mais de um século: aparições, impressões telepáticas, sonhos telepáticos e sonhos lúcidos. Em alguns pontos deste livro eu chamo atenção para esses paralelos. Espero que essas alusões ajudem a tornar os casos que discuto menos distantes e exóticos, e consequentemente mais críveis do que possam parecer.

GUIA DE ORIENTAÇÃO PARA O LEITOR

Este livro é escrito para os leigos. Mas quais? Aqueles que são mais rápidos em leitura, sem examinar nenhuma nota ou referência. Leitores assim podem se arrepender de ter pagado por este livro para ver notas que não são interessantes para eles. No entanto, eu também gostaria de atrair leitores cujo estudo deste livro não sacie a sede por conhecimento, mas sim aumente-a. Espero que esses leitores julguem úteis as notas e referências nos rodapés.

Como encontrar a referência de uma fonte

A maioria das referências é colocada no rodapé do livro. Quando não fiz uma nota sobre um autor cujo nome menciono no texto, o leitor que desejar ver uma referência ao trabalho dele deve procurar na lista de Referências bibliográficas, na página 414, onde relacionei todas as fontes, em ordem alfabética.

Relatórios detalhados

Os leitores que desejarem ler um relatório detalhado de um caso encontrarão uma citação a ele (se tiver sido publicado) na lista de casos citados no Anexo. Os casos estão relacionados ali pelos primeiros nomes das pessoas que dizem ter tido uma vida anterior (ou, em poucos casos, foram citadas por outras pessoas como tendo uma vida anterior). Eu me refiro a essas pessoas como os indivíduos dos casos.

Capítulo 1

UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA REENCARNAÇÃO

Pode ser decepcionante para alguns leitores saber que este livro não aborda diretamente a reencarnação; na verdade, fala sobre crianças que afirmam se lembrar de vidas passadas. Ao estudar as experiências de tais crianças, podemos entender um pouco sobre a reencarnação. Antes de isso acontecer, no entanto, devemos ter certeza de que a reencarnação oferece a melhor explicação para as aparentes lembranças dessas crianças.

Quando me refiro a essas lembranças, às vezes posso omitir adjetivos, como "aparente" ou "suposto", mas faço isso apenas para facilitar a leitura sem a intenção de insinuar a questão principal que os casos dessas crianças apresentam. Do ponto de vista da criança, no entanto, as lembranças que ela tem de uma vida passada parecem reais – assim como as lembranças reais – como lembranças que ela pode ter de acontecimentos desde que nasceu. As afirmações que ela faz sobre a outra vida surgem de lembranças de algum tipo[3]. Aqueles que observam essa criança decidem se são lembranças de uma vida que ela viveu em outra encarnação ou lembranças que ela adquiriu de outra maneira. Se os leitores ficarem atentes a esse ponto, compreenderão de fato o título deste livro.

[3] Além de fazer afirmações comprovadas, as crianças às vezes fazem afirmações incorretas, e algumas do mesmo grupo não fazem nada além de afirmações não confirmadas ou nenhuma afirmação.

Tenho outro motivo para dizer pouco sobre a reencarnação em si. Apesar de eu estar reunindo as informações de mais de 2.500 casos[4], esse é um número muito pequeno comparado aos milhões de seres humanos que tiveram essa experiência. Seria precipitado generalizar com tão poucos casos, mesmo se tivermos a certeza de que eles são mais bem interpretados como exemplos de reencarnação (sobre o que não podemos ter certeza). Além disso, apesar de os casos demonstrarem semelhanças consideráveis, não podemos dizer que eles representam as vidas de pessoas comuns. De fato, quando descrevo os traços recorrentes dos casos, os leitores rapidamente perceberão que as vidas aparentemente lembradas não são comuns. Isso é apenas em parte devido aos métodos casuais que tenho precisado usar, *fante de mieux*, ao reunir os casos. Estes também não podem ser tidos como conclusivos porque lembrar-se de uma vida anterior é uma experiência incomum que ocorre com apenas algumas pessoas por motivos que estamos apenas começando a entender.

A questão central de minha pesquisa e deste livro é se a reencarnação ocorre ou não. Para isso, chegamos à questão de que, se uma personalidade humana (ou um componente dela) pode sobreviver à morte, e depois – talvez depois de um intervalo passado em algum plano não físico – associar-se a outro corpo físico, a reencarnação não é a única maneira concebível na qual uma personalidade humana pode sobreviver à morte. Não é a forma de sobrevivência que a maioria dos cristãos e muçulmanos espera. Também não é a única forma de sobrevivência que os investigadores científicos dessa possibilidade viram.[5]

---

[4] A coleção de casos sugestivos de reencarnação investigados pela Universidade de Virgínia atualmente inclui um pouco mais de 2.500 casos. O número de casos aumenta lentamente conforme as investigações.

[5] Ducasse (1951) e Thouless (1979) descreveram alguns dos diferentes modos nos quais um ser humano pode sobreviver à morte física. Polkinghorne (1994) tem defendido a coerência da doutrina cristã da ressurreição, mas não encontrou, muito menos descreveu, nenhum estado de consciência entre a morte e a ressurreição.

A maioria dos cientistas de hoje não acredita que algum tipo de sobrevivência da personalidade humana ocorra ou possa ocorrer depois da morte.[6] Quase todos os cientistas que creem em uma vida depois da morte tiram essa convicção da fé em um determinado ensinamento religioso. A maior parte negaria que a questão da sobrevivência humana depois da morte poderia ser estudada cientificamente. Mesmo assim, no final do século XIX, muitos cientistas e estudiosos na Inglaterra começaram a discutir a possibilidade de obter evidência de sobrevivência depois da morte por meio da reunião e análise de dados com métodos comuns em outras áreas da ciência. Eles e seus sucessores obtiveram uma grande variedade de dados assim. As causas discutidas neste livro representam apenas uma parte das informações que qualquer pessoa, estudando o assunto da sobrevivência depois da morte, deveria tentar entender.[7]

Nos dois parágrafos acima, eu me referi à personalidade humana. O *Dicionário Houaiss* define a palavra "personalidade" como: "Qualidade ou condição de ser uma pessoa; aspecto visível que compõe o caráter individual e moral de uma pessoa, segundo a percepção alheia; conjunto dos aspectos psíquicos que, tomados como uma unidade, distinguem uma pessoa". A primeira parte da definição indica o *xis* da questão. Os seres humanos são coisas ou são mais que isso? Se eles têm "algo mais" que uma coisa tem, essa "alguma coisa", seja o que for, pode sobreviver à morte? A persistência do fluxo de consciência de uma pessoa depois da morte pode ser conhecida diretamente apenas por aquela

[6] Uma pesquisa mostrou que enquanto 67% do público em geral acredita na vida depois da morte, apenas 16% dos cientistas pensam da mesma maneira (Gallup, com Proctor, 1982).

[7] Outra evidência a respeito da questão da vida depois da morte vem de investigações de aparições, visões no leito de morte, experiências de quase morte, experiências fora do corpo e algumas comunicações mediúnicas. Publiquei uma curta crítica sobre essa questão (Stevenson, 1977c). Almeder (1992), Gauld (1982), Griffin (1997), Paterson (1995) e Thouless (1984) escreveram textos muito mais abrangentes.

pessoa. As outras que vivem mais do que ela podem obter apenas uma evidência indireta dessa sobrevivência. Quais critérios eles deveriam adotar para decidir se uma determinada pessoa sobreviveu à morte? O que quer dizer, na definição acima, "identidade pessoal"? Os filósofos têm debatido muito sobre o que forma a identidade de uma pessoa.[8] A maioria parece concordar que, como cada vida é única, as lembranças dela serão únicas; assim, a persistência das lembranças oferecerá a melhor – e talvez a única – indicação de que uma determinada pessoa sobreviveu à morte do corpo.

A busca pela comprovação de que alguém sobreviveu à morte geralmente inclui o estudo de indícios da continuação das lembranças dessa pessoa. Entretanto, a informação examinada deve ir além de simples lembranças imaginadas de eventos ocorridos. Podemos ter essas lembranças em uma fita cassete, mas ainda assim não diríamos que a fita e seu transmissor eletrônico eram personalidades. O conceito de personalidade também deveria incluir sentimentos e propósitos e pelo menos certo grau de consciência. Poderíamos permitir um lapso temporário de consciência depois da morte, assim como ocorre quando dormimos e acordamos em outro dia; porém, não acredito que devemos considerar que alguém tenha sobrevivido à morte se ela não recuperou o que chamamos de consciência, mesmo se o tipo de consciência que ela tenha tido depois da morte possa ser muito diferente daquela familiar de quando estamos vivos.

A comprovação da sobrevivência depois da morte originada de crianças que se lembram de vidas passadas é muito diferente num importante aspecto em relação a alguns dos outros tipos de evidência de sobrevivência, como aquela obtida de algumas aparições dos mortos. Uma aparição pode

[8] Os filósofos, pelo menos da época de John Locke (1947-1690), discutiram os critérios da identidade pessoal. Durante as últimas três décadas, livros e capítulos foram dedicados a explorar o assunto.

sugerir que a pessoa morta de algum modo sobreviveu e se tornou capaz de comunicar a sua identidade para pessoas vivas, enquanto uma criança que afirma se lembrar de uma vida anterior é uma pessoa viva que afirma ter tido uma vida passada na qual morreu. Em alguns aspectos, é mais fácil passar de uma pessoa falecida à outra ainda viva do que voltar de uma pessoa viva para uma morta, cuja vida a criança afirma ter vivido. A seguir tentarei explicar por que penso assim.

Por um lado, até onde sabemos, as pessoas mortas – pelo menos até o estágio em que qualquer indício da existência desencarnada pode ser obtido – podem passar por uma mudança comparativamente pequena de personalidade[9] somente como resultado da morte. Por outro lado, a associação de uma personalidade desencarnada com um novo corpo físico envolveria maiores adaptações enquanto ele se ajustasse em uma estrutura nova e menor com órgãos sensoriais e cognitivos ainda rudimentares. Além disso, esse novo corpo pode ter nascido em uma família diferente, à qual a personalidade teria de se integrar, e esse novo ambiente, inevitavelmente, levaria a outras modificações. Quando a criança pudesse comunicar lembranças de uma vida anterior, os diferentes ingredientes da personalidade dela se misturariam, mais ou menos, e se tornaria difícil para um investigador distinguir uns dos outros. Isso faz com que a prova da sobrevivência de uma pessoa morta que obtemos de tais crianças seja menos fácil de avaliar – pelo menos no que diz respeito à identidade da pessoa morta – do que aquela oferecida, por exemplo, por uma aparição de uma pessoa morta como ela era na época de sua morte. Existem muitas interpretações contrárias a considerar ao avaliar uma

[9] Essa frase parece girar em torno da dúvida se sobrevivemos à morte do corpo. Aparições e comunicações mediúnicas costumam incluir indicações de que, apesar de as condições e as circunstâncias de uma pessoa mudarem com a morte, o caráter não muda.

aparição, mas pelo menos a figura vista costuma ser – nem sempre – a de uma pessoa completa e reconhecível.[10] Não é o que acontece com crianças que se lembram de vidas anteriores. Pela informação que elas fornecem, geralmente fragmentos, um investigador deve determinar se as informações que ele pode reunir remetem a uma determinada pessoa morta e a ninguém mais.

A possibilidade que temos para a reencarnação sugere que os seres humanos (e talvez os animais também) têm mentes, ou almas, se preferir, que os anima enquanto estão vivos e sobrevivem depois da morte. A maioria dos biólogos estigmatiza essa sugestão como vitalismo[11] e declaram que ela foi descartada décadas atrás. No entanto, novas informações – e até a investigação de indicações mais antigas e negligenciadas – podem restaurar o crédito do vitalismo. Não acredito que os cientistas de outras disciplinas precisam perder qualquer coisa, exceto algumas de suas descobertas – como a de que uma pessoa não é nada além de um corpo físico –, se examinarem com a mente aberta a perspectiva de que temos vida depois da morte. A reencarnação, pelo menos em minha opinião, não anula o que sabemos sobre a evolução e a genética, mas sugere que pode haver dois caminhos de evolução – o biológico e o pessoal – e, durante as vidas terrenas, eles podem se encontrar. Não sabemos como podem fazer isso, mesmo assim, em um capítulo mais adiante, realizo algumas especulações a respeito dos processos que podem ocorrer.

---

[10] Os leitores que desejam estudar relatos de aparições podem encontrá-los em Gurney, Myers e Podmore (1886), MacKenzie (1971), Stevenson (1995) e Tyrrell (1953). Gauld (1982) e MacKenzie (1982).

[11] O conceito de vitalismo é associado às ideias e textos de Hans Driesch. Driesch começou sua vida profissional como embriologista e a encerrou como filósofo. Foi convencido, por seus experimentos na embriologia, de que o desenvolvimento de um organismo de um ovo fertilizado não podia ser adequadamente explicado pelo conhecimento atual ou futuro da química e da física. Era contra uma explicação mecanicista dos problemas da morfologia.

A ideia da reencarnação contribui para a compreensão da singularidade de cada indivíduo. Os geneticistas usam a palavra "fenótipo" para indicar a criatura gerada pela interação dos genes e de seu ambiente (os únicos elementos envolvidos que a maioria dos geneticistas reconhece agora). A maioria dos biólogos admite a singularidade de cada fenótipo – mesmo aqueles de gêmeos univitelinos (idênticos). Eles acreditam que a genética e as influências do ambiente explicam essa singularidade. Existem possibilidades praticamente infinitas para as variações na constituição genética; entre elas, a distribuição aleatória de cromossomos em gametas (células femininas e masculinas que se unem quando a concepção ocorre), a combinação de genes entre os cromossomos e as mutações ocasionais dos genes. Os ambientes também variam muito. Até os gêmeos têm ambiente um tanto diferente, nem mesmo os gêmeos siameses têm exatamente o mesmo ambiente porque, ao passar por uma porta, um deles tem de passar primeiro.[12]

As ideias que têm validade geral, no entanto, podem ser insuficientes quando testadas contra todas as observações relevantes. Algumas pessoas têm atributos únicos que não podem ser explicados de modo satisfatório como devidos apenas a uma combinação de variação genética e influências ambientais. A reencarnação merece ser considerada como um terceiro fator.

Se somos, pela mistura de nossos genes, os produtos de "casualidade e necessidade", para parafrasear Jacques Monod, não podemos esperar solução para o progresso das desigualdades nas condições de diversas pessoas ao nascer. E podemos tirar pouco proveito da analogia de que recebemos as cartas com a oportunidade de jogar bem ou mal. Uma pessoa que nasce cega não consegue ver nem mesmo

[12] Jackson (1966) fez esse comentário.

as cartas em mãos. A crença na reencarnação não oferece reparação rápida para a cegueira congênita. Minha pesquisa, no entanto, oferece melhor compreensão do porquê uma pessoa nasce cega do que qualquer outra explicação disponível atualmente. A pergunta mais importante a ser respondida não é por que uma pessoa nasce cega, mas por que determinada pessoa nasce cega, enquanto outras, não. Apenas o fato de fazer essa pergunta afirma que existe uma pessoa associada com um corpo durante a vida, e podemos distinguir a pessoa (ou personalidade) do corpo.

Além disso, se a reencarnação ocorre, a pessoa congenitamente cega pode esperar racionalmente enxergar em outra vida. Os observadores sobre a possibilidade de reencarnação às vezes apontam para os elementos de esperança com a sugestão de que a perspectiva que temos tem origem apenas na ilusão. Essa objeção erroneamente assume que nossos desejos são falsos. Podemos ser mais facilmente persuadidos a acreditar no que desejamos do que o contrário; mesmo assim, o que desejamos acreditar pode ser verdade. Nossa busca pela veracidade, ou não, de uma ideia deve ocorrer independentemente de fortalecer ou enfraquecer nossos desejos.

Nos casos que estudei alguns informantes deram testemunhos contrários às suas crenças e aos seus desejos. Isso ocorre, às vezes, quando um caso se desenvolve em uma família cujos membros não acreditam em reencarnação, ou simplesmente não aceitam as afirmações do filho que diz se lembrar de uma vida anterior.

No restante deste capítulo, definirei alguns termos que adotei com os quais muitos leitores não estão familiarizados. Ao longo do caminho apresentarei alguns casos ilustrando a ocorrência da telepatia no dia a dia; esse conhecimento ajudará o leitor a avaliar os casos de crianças que afirmam se lembrar de vidas anteriores. Brevemente, então, devo delinear os últimos capítulos do livro.

Termos usados na pesquisa psíquica

Os casos que descrevo neste livro estão dentro do campo da ciência chamado pesquisa psíquica e, frequentemente, parapsicologia. Esses termos não são satisfatórios para o estudo de fenômenos que não podemos atribuir por nossa compreensão atual dos órgãos sensoriais conhecidos e a atividade muscular de seres humanos (e, talvez, de outros animais). A palavra "parapsicologia", usada pela primeira vez na Alemanha no final do século XIX, é especialmente insatisfatória. Enfatiza as relações desse campo da ciência para a psicologia, enquanto a maioria dos cientistas que atuam na área agora percebe que seus elos com a física e a biologia são tão importantes quanto com a psicologia. Além disso, a palavra encerra – ou sugere – fenômenos que não mostram a mesma precisão que os psicólogos gostariam de pensar que o fenômeno por eles estudado mostra. Os cientistas que atuam nesse campo acreditam que também estudam fenômenos precisos, mas podem não seguir regras atualmente aceitas na física e na fisiologia. A recorrência de características similares em muitos casos que ocorrem com espaço entre eles oferece apoio para essa crença.

A palavra "parapsicologia" tem outra desvantagem. Costuma isolar o fenômeno em investigação – e também os cientistas que os estudam – de outras descobertas na ciência. Nem sempre foi assim. A ciência moderna é uma atividade recente e ainda possui limites. Surgiu no Ocidente cerca de 1600 d.C. Até aquela época, na Europa – e ainda hoje na maior parte do mundo não considerada ocidental –, os fenômenos agora considerados paranormais eram aceitos sem questionamento. Não quero dizer que eles não fossem considerados incomuns ou os relatórios individuais de tais fenômenos nunca foram questionados. Só estou dizendo que eles não eram tratados com a desconfiança generalizada que posteriormente se formou entre os cientistas no Ocidente e, depois deles, entre muitos

outros ocidentais de renome. Por exemplo, Descartes referiu-se casualmente à comunicação de pensamentos entre duas pessoas separadas por uma longa distância; Bacon, outro fundador da ciência moderna, propôs experimentos no que ele chamou de "ligação de pensamentos" e também naqueles casuais que estudassem a influência da "imaginação" no resultado.[13] Mesmo até o fim do século XIX, os cientistas interessados no que agora chamamos de pesquisa psíquica uniram-se aos psicólogos e foram às mesmas reuniões profissionais – na época denominadas congressos. Como eles e seus sucessores passaram a não ser aceitos e foram enviados ao exílio, formou-se um capítulo nas histórias da ciência que será escrito no futuro. Aqui desejo apenas dizer que a maioria dos cientistas que trabalha nessa área espera ansiosamente com esperança e expectativa pela maior união da área da ciência. Quando isso acontecer, palavras que agora são comuns podem tornar-se ultrapassadas.

Enquanto isso, devemos fazer o melhor uso que pudermos das palavras adotadas por nossos antecessores para fenômenos ainda pouco compreendidos, que inevitavelmente ocorrem. Devo, assim, definir alguns termos que o leitor encontrará neste livro.[14]

Chamamos uma experiência ou um acontecimento de *paranormal* quando não conseguimos explicá-lo por meio de um processo sensorial ou muscular conhecido. Costumamos nos referir às experiências sensoriais paranormais como *percepções extrassensoriais*, mas eu prefiro dizer que elas são *cognições paranormais* ou, melhor ainda, exemplos de *consciência paranormal*. As experiências sensoriais paranormais

[13] Descartes publicou seus comentários sobre o que agora chamamos de telepatia em *Les príncipes de la philosophie* (Descartes, 1973-1644, p. 501). As sugestões de Bacon para experimentos podem ser encontradas em Sylva Sylvarum (Bacon, 1639, p. 210), publicado depois de sua morte.

[14] Os glossários de termos usados em pesquisa psíquica podem ser encontrados em Grattan-Guinness (1982), Thalbourne (1982), White e Dale (1973) e Wolman (1977).

entram em contraste com *meios normais de comunicação*, por meio dos quais nos referimos a todas as maneiras em que as informações chegam a nossas mentes pelos nossos sentidos reconhecidos, especialmente por meio da leitura, de outra percepção visual ou da audição.

A percepção extrassensorial pode ocorrer por intermédio da *telepatia* ou da *clarividência*. A palavra "telepatia" se refere à comunicação entre duas mentes e passou a substituir termos mais antigos, como "leitura de pensamento" e "transmissão de pensamento". A palavra "clarividência" se refere à percepção extrassensorial – geralmente de um objeto – sem a mediação da mente de outra pessoa.[15] A telepatia e a clarividência são processos para a obtenção de conhecimento sobre os eventos contemporâneos. A percepção extrassensorial também envolve duas outras modalidades: aquela da *pré-cognição* – às vezes chamada *conhecimento prévio* –, que se refere ao conhecimento não conclusivo do futuro, e aquela da *retrocognição*, que se refere ao conhecimento paranormal do passado.

Nós designamos uma pessoa que tem experiência de percepção extrassensorial – seja espontaneamente ou durante um experimento – como *sensitivo* ou indivíduo. E chamamos a pessoa sobre quem o sensitivo obtém informação de *agente* ou, às vezes, *alvo*. A palavra "agente" não é satisfatória, sugere que a pessoa envolvida é participante ativa e disposta na experiência, e apesar de, às vezes, ser o caso, ela também pode ser passiva e não ciente de que qualquer comunicação ocorra.

Algumas pessoas afirmam obter comunicações que parecem ter se originado nas mentes de pessoas mortas e acontecem como se elas ainda vivessem em um estado

[15] Eu considero o termo "telepatia" importante, mesmo que seja apenas porque serve para nos lembrar de que a pessoa sobre quem a informação é obtida paranormalmente pode desempenhar um papel importante na comunicação como a pessoa que obtém a informação. Ampla evidência disso surge de outros experimentos (Schmeidler, 1961a, 1961b) e experiências espontâneas (Stevenson, 1970a).

desencarnado. As pessoas que fazem isso são chamadas de médiuns ou sensitivos, e as pessoas desencarnadas que supostamente passam informações por meio delas são chamadas de comunicadoras. Ocasionalmente, posso me referir a isso como comunicações mediúnicas.

Em alguns momentos, posso usar a palavra "psíquico" como sinônimo aproximado de "paranormal" e "parapsicológico". Posso usar esses termos especialmente ao considerar a possível influência de pessoas supostamente desencarnadas sobre pessoas ou entidades vivas.

Os investigadores têm estudado os fenômenos paranormais de dois modos. Têm tentado observar os fenômenos conforme ocorrem espontaneamente, ou tentam obter relatos de outras pessoas que já os observaram e tentaram obtê-los sob condições experimentais. Por meio de experimentos, os cientistas conseguem controlar circunstâncias e variá-las, de modo que, quando interpretem seus resultados, possam excluir, com segurança, explicações que não sejam processos paranormais. Essas oportunidades quase nunca existem no estudo de casos espontâneos. Às vezes, os investigadores conseguem observar esses fenômenos quando ocorrem, mas na maioria das vezes precisam construir uma imagem, a mais exata possível, dos acontecimentos que ocorreram antes de eles chegarem à cena do acontecimento. Essa situação não é satisfatória. No entanto, os cientistas que trabalham na área não podem realizar o estudo de casos espontâneos sem esgotar o indivíduo, tirando dele seus fenômenos mais importantes. A maioria das experiências paranormais está relacionada com acontecimentos críticos nas vidas das pessoas, como a morte, e esses acontecimentos quase nunca ocorrem em um laboratório. Os casos sobre os quais estou escrevendo neste livro ilustram esse argumento, mas assim o faz a maioria dos casos espontâneos. O ideal seria estudar a reencarnação com o rigor que uma situação experimental permite, mas o fato

de não podermos fazer isso não é motivo para abandonar o estudo. Acredito que é melhor aprender o que é provável sobre assuntos importantes do que ter certeza de casos comuns.

Devo dizer que, como leitor deste livro, você terá de decidir – se já não fez isso – se acredita que os pensamentos podem ser comunicados entre duas pessoas sem os conhecidos órgãos do sentido, ou não. Isso porque a telepatia – talvez combinada com a clarividência – é uma importante interpretação alternativa para os casos que este livro aborda. Olhando um pouco adiante, existe cerca de uma dúzia de interpretações possíveis dos casos, cada uma delas pode, em alguns casos, ser a melhor explicação. Entretanto, para a maioria dos casos mais relevantes, precisamos levar em consideração apenas três interpretações: erros sérios de relatos, telepatia e clarividência por parte do indivíduo e reencarnação. Os leitores que não acreditam em cognição paranormal – telepatia e clarividência – podem ficar diante de uma escolha desconfortavelmente limitada.

Se você ainda não tem uma opinião formada sobre a existência de tais capacidades, como telepatia e clarividência, e se seu temperamento lembra o meu, vai querer decidir depois de examinar a evidência e não com base em que seus parentes, vizinhos e professores dirão que você deve pensar. Muitos materiais estão à disposição para ajudá-lo. Muitos volumes religiosos sobre o assunto podem encher três paredes de uma sala de tamanho médio. Os livros não confiáveis poderiam encher estantes de todas as paredes de todos os cômodos de uma mansão, mas alguns textos de introdução e descrição podem fazer as pessoas não perderem tempo com esses livros.[16]

[16] Posso recomendar diversas introduções curtas, porém abrangentes à área: aquelas de Beloff (1993), Broughton (1991), Grattan-Guinness (1982), Heywoord (1974/1971), Murphy, com Dale (1961) e Strokes (1997). Também recomendo Wolman (1977). Apesar de seu título, o "manual" de Wolman não pode ser carregado facilmente na mão. É muito mais extenso do que os livros que acabaram de ser mencionados, foi escrito para leitores tecnicamente mais avançados e é repleto de informações confiáveis.

Um comentário para ilustrar telepatia e aparições

Para mim, o sinal mais importante de telepatia surge das experiências incomuns que ocorrem de vez em quando no dia a dia, e eu posso apresentar algumas para que os leitores possam testar as próprias atitudes em relação aos relatos de tais acontecimentos.

A primeira experiência que posso citar ocorreu com um soldado do exército Aliado, capturado na batalha de Shiloh, em 1862. No tempo em que passou como prisioneiro de guerra no Camp Douglas, perto de Chicago, ele teve uma visão, que posteriormente descreveu assim:

> No dia seguinte (16 de abril) fui para o abrigo e me deitei ao lado de meu amigo Wilkes, em uma posição na qual conseguia avistar metade do prédio. Fiz alguns comentários com ele sobre os grupos que jogavam baralho do outro lado, quando de repente senti um toque delicado na minha nuca e, em um instante, perdi a consciência. No momento seguinte, tive uma visão clara do vilarejo de Tremeirchion, no País de Gales, e das encostas cobertas por vegetação de Hiraddog. Eu parecia estar sobrevoando as matas de Brynbella. Flutuei até o quarto de minha tia Mary. Ela estava deitada e parecia mal, prestes a morrer. Posicionei-me ao lado da cama,e vi a mim mesmo, com a cabeça abaixada, escutando as palavras dela, que pareciam repletas de arrependimento, como se estivesse com a consciência pesada por não ter sido tão generosa quanto poderia, ou desejado. Escutei o menino dizer: "Acredito na senhora, tia. Não é falta sua nem minha. A senhora foi generosa e gentil comigo, e eu sabia que desejava ser mais agradável, mas as coisas aconteceram de modo que a senhora tivesse de agir como agia. Eu também queria amá-la, porém tinha medo de

falar sobre isso, com medo de ouvir algo que me ofendesse. Acredito que nossa separação se deu assim. Não existe necessidade de se arrepender. A senhora cumpriu seu papel comigo e teve seus filhos, que precisavam de sua atenção. O que aconteceu comigo desde então tinha de ter acontecido. Adeus".

Estendi minha mão e senti as mãos magras e de dedos finos da mulher doente apertar a minha, escutei o murmúrio de despedida e imediatamente acordei.

Para mim, parecia que não havia fechado os olhos. Ainda estava reclinado na mesma posição, os homens ainda estavam entretidos em seus jogos, Wilkes estava de forma idêntica. Nada havia mudado.

Perguntei:

– O que houve?

– O que poderia ter acontecido? – ele perguntou. – Por que está perguntando? Um instante atrás você estava conversando comigo.

– Oh, mas pensei que tivesse adormecido havia muito tempo.

No dia seguinte, 17 de abril de 1862, minha tia Mary morreu em Fynnon Beuno, em sua casa no País de Gales!

Devo explicar que a tia sobre cuja morte o soldado tomou conhecimento havia cuidado dele na infância quando ele se tornara órfão e sem casa. Ela cuidou dele por sentir-se na obrigação, apesar de se sentir sobrecarregada pelas responsabilidades de sua própria família. O fato de ela não ter dado muito amor ao menino, entretanto, parecia motivo de arrependimento de ambos os lados, e uma parte da experiência do soldado de se despedir dela em sua morte.

No outro caso, o sensitivo era um jovem escocês que estava na Suécia em 1799. Indo de Gothenburg para a Noruega, ele e seu grupo viajaram a noite toda e o dia inteiro antes

de, finalmente, chegarem, perto de uma hora da manhã, do dia 19 de dezembro, a uma hospedaria, onde decidiram parar e passar o restante da noite. Em seu diário, ele escreveu:

> 19 de dezembro. Cansado e com frio, fiquei feliz por poder tomar um banho quente antes de voltar. E então algo muito interessante aconteceu comigo – tão interessante que devo contar a história do começo. Depois de sair da escola, fui com Grant (nome fictício), meu melhor amigo, para a Universidade [de Edimburgo]. Não havia aula de religião, mas em nossas caminhadas costumávamos discutir e divagar sobre assuntos sérios, entre eles, a imortalidade da alma e sua condição futura. A esse respeito e a sua possibilidade, não vou falar de fantasmas caminhando, mas dos mortos aparecendo aos vivos. Este, sim, era um assuntos de grande interesse e nos comprometemos a aparecer um para o outro, quando qualquer um de nós morresse, assim resolveríamos quaisquer dúvidas que existissem sobre a "vida depois da morte". Depois de terminar a faculdade, Grant foi para a Índia, por ter se comprometido com o serviço civil. Ele raramente escrevia para mim e, depois de alguns anos, eu já quase havia me esquecido dele; além disso, uma vez que a família dele em Edimburgo também tinha pouco contato com ele, eu raramente os via ou recebia notícias deles, ou de meu amigo por meio deles, de modo que a intimidade dos tempos da escola não mais existia. Como eu disse, eu havia tomado um banho quente e, enquanto estava dentro da banheira, aproveitando o conforto do calor, depois de todo o frio que eu havia passado, virei minha cabeça, olhei na direção da cadeira na qual havia colocado minhas roupas e estava prestes a sair da banheira. Grant estava sentado na cadeira, olhando calmamente para mim. Não sei como consegui sair da banheira, mas, ao recobrar

meus sentidos, estava estirado no chão. A aparição, ou o que quer que tenha sido, tinha desaparecido. A visão me causou um choque tão grande que eu não quis falar sobre ela nem mesmo com Stuart – um companheiro de viagem –, mas a impressão causada foi muito forte para ser esquecida. Fui afetado por ela com tanta intensidade que escrevi aqui a história toda, com a data, 19 de dezembro, e todos os detalhes, que continuam frescos em minha mente. Sem dúvida eu havia adormecido e não posso duvidar nem por um instante que aquela aparição tão clara foi um sonho, no entanto havia anos que não me comunicava com Grant nem havia tido motivos para me lembrar dele; nada havia ocorrido durante nossas viagens para a Suécia que tivesse a ver com Grant ou com a Índia, ou qualquer coisa relacionada a ele, ou a qualquer membro de sua família. Logo me lembrei de nossa antiga discussão e do acordo estabelecido. Eu não conseguia tirar da mente a sensação de que Grant havia morrido e sua aparição para mim teria de ser vista como prova de um estado futuro. Entretanto, o tempo todo fiquei convencido de que tudo era um sonho, e a impressão era tão vívida e clara, que eu não conseguia falar sobre ela ou fazer-lhe qualquer alusão. Terminei de me trocar e, como havíamos combinado de acordar cedo, eu estava pronto às seis, hora do café da manhã.

Muitos anos depois, o sensitivo, ao relatar a sua experiência, acrescentou a seguinte informação:

Logo depois de meu retorno a Edimburgo, recebi uma carta da Índia, anunciando a morte de Grant! Nela, estava escrito que ele havia morrido no dia 19 de dezembro! Que coincidência! Pensando, porém, no grande número de sonhos que, noite após noite, passam por nossa mente,

o número de coincidências entre a visão e o acontecimento talvez seja menor e menos notável do que um cálculo correto das chances que poderíamos esperar.

O próximo caso são as palavras de um homem russo que, na infância, aparentemente foi visto como uma aparição por sua mãe.

Eu tinha doze anos e havia acabado de passar para o segundo ano do ensino médio; fui para um alojamento perto de Pskov. Minha mãe, que sofria de uma grave doença hepática, havia ido acompanhada de meu pai realizar um tratamento em Karlbad (agora Karlovy Vary), deixando a mim, minha irmã e meu irmão aos cuidados de suas irmãs mais jovens. Nós, as crianças, ficávamos mais livres e aproveitávamos essa vantagem. Certa vez, à noite, decidimos recriar uma das aventuras das crianças do capitão Grant, que haviam se salvado de uma inundação, subindo em uma árvore. Eu estava interpretando Paganel. Fiquei tão entretido no papel que, como ele, caí da árvore dentro da água e, sem saber nadar, comecei a me afogar. Segurando em um galho, consegui chegar a um barranco íngreme, com muita dificuldade. Horrorizados, meu irmão e minha irmã testemunharam esse acontecimento da árvore. Estávamos bem preocupados com o castigo que certamente sofreríamos. Não podíamos esconder aquela aventura de minha tia; eu estava completamente encharcado e minha boina nova em folha, símbolo da escola secundária – objeto de amor e orgulho –, havia sido levada pela correnteza. Em casa, nossas tias, entendendo a situação, decidiram não ligar para Karlsbad para contar o que havia acontecido. Prometemos que nunca mais faríamos aquilo. Dá para imaginar a diversão e a confusão – nossa e de nossas tias – pois, assim que nossa mãe

chegou, ela descreveu o incidente em detalhes, apontou para o chorão e falou da boina que havia sido levada pela água etc. Ela havia sonhado com tudo isso em Karlsbad e, ao acordar chorando e abalada, pediu a meu pai que telefonasse para casa para saber se estava tudo bem com seus filhos. Meu pai admitiu que não havia telefonado, mas, para acalmar a mulher desesperada, cochilou por meia hora na sala de recepção do hotel e voltou dizendo que havia telefonado.

Para o caso a seguir, mais uma vez uso as palavras de uma pessoa diretamente ligada ao fato. Aqui está o relato que ele fez de como sua irmã soube, enquanto estava distante, de um acidente pelo qual ele passara.

Aos dezenove anos, eu era um estudante [alemão] e sofri um grave acidente durante um exercício militar perto de Würzburg. Escapei por pouco da morte. Passando pela beirada estreita de um caminho íngreme, meu cavalo tombou para trás. Logo depois vinha uma carroça, puxada por seis cavalos, que parou bem a tempo e eu escapei, sofrendo nada além de um susto. Esse acidente aconteceu na manhã de um belo dia primaveril. Na noite do mesmo dia, recebi um telegrama de meu pai, que perguntava se estava tudo bem. Foi a primeira e única vez na vida que recebi tal questionamento. Minha irmã mais velha, de quem sempre fui muito próximo, havia pedido que o telegrama fosse enviado porque repentinamente disse a meus pais que tinha certeza de que eu havia sofrido um acidente. Minha família vivia em Coburg, na época. Esse é um caso de telepatia espontânea na qual, em um momento de perigo mortal, quando pensei que morreria, transmiti meus pensamentos, enquanto minha irmã, especialmente ligada a mim, atuou como receptora.

Críticos comuns às vezes dizem que relatos como esses que citei originam-se de pessoas de mente ociosa, sem credibilidade. Ninguém pode dizer isso das pessoas envolvidas nesses casos. Não mencionei os nomes delas antes porque não queria que os leitores aceitassem a autenticidade dos casos apenas ao saber quem eram os envolvidos. No entanto, agora, posso dizer que os relatores dessas experiências foram: H. M. Stanley, o explorador africano e "descobridor" do doutor Livingstone; Lord Brougham, um notável orador britânico e estadista, chanceler do governo Whig em 1830; L. L. Vasiliev, que se tornou professor de fisiologia na Universidade de Leningrado; Hans Berger, o descobridor da eletroencefalografia.[17]

A experiência de Berger o afetou tanto, que ele decidiu deixar de lado a intenção de se tornar astrônomo e passou a dedicar sua vida ao estudo da relação entre a mente e o mundo físico, com consequências às quais deveríamos ser gratos. As experiências de outras pessoas relacionadas também os afetaram profundamente, de modos distintos. Vasiliev citou sua experiência em um de seus livros sobre parapsicologia – com o qual ele fez contribuições notáveis. Sua experiência de infância com a telepatia parece ter sido decisiva na pesquisa que assumiu, posteriormente, sobre parapsicologia. No entanto, eu desejo enfatizar, principalmente, que as pessoas que tiveram essas experiências merecem ter seus relatos ouvidos com atenção, porque receberam nosso respeito por meio de sua competência em atividades não relacionadas.[18]

Céticos também já sugeriram que a aparição dos mortos coincide, por acaso, com a morte das pessoas. Essa objeção foi descartada por pesquisadores psíquicos com uma cuidadosa

---

[17] Os envolvidos nesses quatro casos descreveram suas experiências nos livros relacionados nas Referências.

[18] É possível encontrar relatos de suas experiências em biografias e autobiografias, como as de Stanley e de Brougham. Prince (1928) reuniu muitos relatos de experiências parecidas em uma interessante antologia.

avaliação da possibilidade de que a aparição de uma pessoa pode ser vista no momento de sua morte por acaso.[19]

Mesmo que isso não estivesse errado, o argumento da coincidência poderia ser usado apenas em circunstâncias em que uma pessoa foi identificada em um sonho ou em uma aparição no momento de sua morte sem detalhes específicos. Quando esses detalhes são dados – como ocorre em muitos casos – e estão fora dos poderes de inferência normais do sensitivo, estamos considerando uma percepção única, a uma longa distância, de um acontecimento singular. Para ilustrar essa afirmação, apresento outro caso. A sensitiva era Agnes Paquet, cujo irmão, Edmund Dunn, afogou-se no porto de Chicago em 1889. Ela fez a seguinte afirmação:

> Na manhã do acidente, acordei no horário de sempre, cerca de seis da manhã. Havia dormido bem a noite toda, sem sonhar nem acordar de repente. Acordei sentindo-me estranha e deprimida, sentimento que não consegui afastar. Depois do café da manhã, meu marido foi trabalhar, as crianças se arrumaram, foram para a escola e eu fiquei sozinha em casa. Logo depois disso, decidi tomar um chá, na esperança de afastar esses sentimentos ruins. Entrei na despensa, peguei a lata de chá e, ao me virar, meu irmão Edmund – ou sua imagem exata – estava na minha frente, a poucos metros de distância. A aparição estava de costas para mim, ou parcialmente, e estava quase caindo para a frente – para longe de mim –, aparentemente sendo puxado por duas cordas ou por um laço envolvendo suas pernas. A visão durou apenas um instante, desaparecendo por cima de uma cerca ou algo assim, mas foi muito clara. Derramei o chá, levei as mãos ao rosto e exclamei: "Oh, meu Deus! Ed se afogou!".

[19] Detalhes dessa análise podem ser encontrados em H. Sidgwick e Committee (1894) e também em Broad (1962).

Perto das dez e meia da manhã, meu marido recebeu um telegrama de Chicago, anunciando o afogamento de meu irmão. Quando chegou em casa, ele disse: "Ed está mal no hospital de Chicago. Acabei de receber um telegrama" – e eu respondi: "Ed se afogou. Eu o vi". Então, dei a ele uma descrição rápida do que tinha visto. Disse que meu irmão, conforme havia aparecido para mim, estava careca, vestia uma camisa pesada, azul-marinho, não usava casaco e havia caído por cima de uma proteção. Percebi que as pernas da calça dele estavam enroladas o suficiente para mostrar a costura branca do lado de dentro. Também descrevi o barco do qual meu irmão tinha caído.

Não me sinto nervosa e desde então não tive qualquer experiência parecida com a que relatei.

Meu irmão não sofreu desmaio nem vertigem.

O marido de Agnes Paquet, Peter, relatou a experiência da esposa e a morte do cunhado:

Perto das dez e meia da manhã do dia 24 de outubro de 1889, recebi um telegrama de Chicago, anunciando o afogamento de meu cunhado, Edmund Dunn, às três da madrugada daquele dia. Fui para casa no mesmo instante, desejando não precisar dar a triste notícia à minha esposa. Eu disse a ela: "Ed está mal no hospital de Chicago, acabei de receber um telegrama". E ela respondeu: "Ed se afogou. Eu o vi caindo". Ela então descreveu a aparência e as roupas do irmão; além disso, comentou sobre o barco etc.

Parti para Chicago e, quando cheguei lá, encontrei o barco mencionado pela minha esposa exatamente igual ao seu relato, apesar de ela nunca ter visto a embarcação. A tripulação confirmou a descrição feita por minha esposa das roupas de Edmund, apesar de eles acreditarem que meu cunhado usava um chapéu no momento do acidente.

Eles disseram que o senhor Dunn havia comprado um par de calças há alguns dias e como elas eram um pouco compridas ele as havia vestido com as pernas enroladas, mostrando a costura branca vista por minha esposa.

O capitão da embarcação, que estava a bordo no momento do acidente, pareceu reticente. Acreditava que meu cunhado tivesse sido acometido por um desmaio ou vertigem e caiu de costas; mas o marinheiro Frank Yemont disse a um amigo meu que ele estava perto quando a embarcação estava sendo levada e viu o acidente. Disse que meu cunhado ficou preso no cabo de reboque e jogado para fora, como minha esposa narrou. Acredito que o capitão desejava fugir da responsabilidade, pois não tinha direito de mandar um bombeiro – a profissão de meu cunhado – cuidar do cabo de reboque.

Meu cunhado nunca, até onde sei, sofreu um desmaio ou vertigem.[20]

É óbvio que uma pessoa pode morrer apenas uma vez na vida. Consequentemente, os exatos detalhes de como alguém morre são sempre únicos. Algumas mortes lembram outras e, às vezes, podemos prever como uma determinada pessoa pode morrer. Outras mortes têm características incomuns, e eu classifico a de Edmund Dunn desse tipo. Essa forma de morrer – afogar-se quando seu pé ficou preso em um cabo de reboque – não pode ter acontecido mais do que algumas poucas vezes e apenas uma vez com ele.[21] Não podemos dizer que a irmã dele simplesmente, por acaso, teve uma visão com detalhes correspondendo aos da morte do irmão no momento

[20] O relatório completo está em E. M. Sidgwick (1891 - 92).

[21] Bérgson (1913) disse exatamente o mesmo coisa em seu discurso presidencial para a Society for Psychical Research. Ele citou o caso de uma mulher que, no momento da morte do marido, o viu morto em luta com muitos detalhes do ocorrido.

em que ele morreu da maneira que ela descreveu. Faz mais sentido concluir que ela, de certo modo, tornou-se ciente – a distância – dos detalhes da morte dele. "Raridades e relatórios que parecem incríveis não devem ser suprimidos nem negados à memória dos homens."[22]

Diante de casos como o de Agnes Paquet, alguns críticos sugeriram que não podemos confiar nos relatos de tais experiências, porque costumam ser escritos depois de o sensitivo obter informações sobre os fatos. Geralmente, apenas muitos anos depois, quando as lembranças falhas podem ter distorcido os detalhes, são relatadas. Essa é uma objeção que precisamos levar a sério na avaliação desses casos – e dos casos de crianças envolvidas neste livro. Não sabemos quando H. M. Stanley escreveu pela primeira vez o relato de sua experiência, mas pode ter sido muitos anos depois de tê-la vivido; e esse relato não foi publicado, até onde sei, antes de 1909, após a morte de Stanley. No entanto, existe um grande número de casos nos quais um sensitivo – ou outra pessoa – fez um registro por escrito de um sonho ou visão aparentemente paranormal antes de normalmente obter informações sobre os casos correspondentes. O caso de Lord Brougham é um bom exemplo desse tipo, pois ele registrou em seu diário a visão de seu amigo antes de saber da morte dele na Índia.

Posso descrever outro caso desse tipo, que investiguei sozinho. Nele, a sensitiva, Georgina Feakes, teve uma visão de seu primo, Owen Howison, que havia sido morto em combate durante a Segunda Guerra Mundial. Georgina Feakes já sabia da morte de Owen Howison na época de sua visão. Beatrice Howison – mãe de Owen – havia perguntado se ela tivera qualquer visão de Owen, pois Georgina era conhecida em sua família por ter experiências desse tipo. Essas circunstâncias prepararam Georgina Feakes para ter uma visão de seu primo,

[22] A frase é de *The Advancemente of Learning*, de Bacon (1915-1605, p. 29).

mas não para aquela que ela teve. Em sua visão, ela o viu pegar uma flor azul da camisa e a substituir; ele repetiu sua atitude incomum e então sumiu. A ação de tirar uma flor da camisa e escondê-la de novo não fazia sentido para Georgina Feakes, mas ela descreveu a visão à sua tia. Esta respondeu que a visão de Georgina Feakes combinava perfeitamente com um incidente na vida de seu filho. Ele e sua família tinham vivido na Cidade do Cabo e, certa vez, quando ele estava escalando perto da Montanha Table, ilegalmente tirou uma flor azul de uma área de proteção ambiental para dar à sua mãe. Ele a havia levado para casa dentro da camisa. Então, enquanto ele mostrava a flor para a mãe, dois visitantes inesperados chegaram separadamente e bateram na porta. Georgina Feakes não sabia disso, o que pode ou não ser interpretado como evidência da sobrevivência de Owen Howison à morte. Georgina Feakes pode ter obtido suas informações sobre o caso por meio de telepatia por parte de Beatrice Howison. Outros detalhes do caso não relevantes a esta questão fazem com que eu o julgue improvável. No entanto, citei o caso aqui, não para forçar sua interpretação como prova da sobrevivência de Owen Howison à morte, mas porque obtive cópia de cartas que Georgina Feakes escreveu a Beatrice Howison a respeito de sua visão e os acontecimentos relacionados. Isso mostrou que ela havia escrito para Beatrice sobre sua experiência. As cartas não tinham todos os detalhes da experiência de Georgina Feakes como ela descreveu para mim posteriormente, porém confirmaram alguns para permitir que eu incluísse o caso no grupo sobre o qual podemos dizer que os erros de lembrança não levaram os informantes a acreditar que uma percepção "se referia a um fato aparentemente correspondente mais do que de fato correspondia".[23]

[23] A flor azul em questão não era realmente uma orquídea, mas na época em que publiquei meu relatório do caso, eu acreditava que era.

Nenhum caso, incluindo o de Georgina Feakes, é perfeito. Podemos dizer que Beatrice Howison, de alguma forma, contou a Georgina Feakes sobre o fato de Owen ter colocado a flor azul em sua camisa, e ela e Georgina Feakes se esqueceram disso. Também é possível supor que Beatrice Howison havia moldado sua lembrança de modo que parecesse corresponder mais do que correspondia à visão de Georgina Feakes. Casos individuais espontâneos sempre se mantêm condenáveis por pessoas de intenções duvidosas e é por isso que alguns pesquisadores psíquicos investem seus esforços em experimentos que eles acreditam ser menos vulneráveis a críticas.

Com qual frequência ocorrem experiências como os seis casos que acabei de citar? Não sabemos, mas sabemos que na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, diversas pesquisas mostram que entre 10% e 17% dos entrevistados acreditam que tiveram pelo menos uma experiência de perceber uma aparição.[24] Muito mais pessoas afirmam ter tido outros tipos de experiências paranormais, como impressões de acontecimento incomuns, ocorrendo a distância, dos quais eles não tinham consciência normal. Sabemos que, quando investigamos tais experiências, muitas delas não têm dados suficientes para estudo; sua autenticidade diminui quando perguntas revelam erros de observação ou de memória, relacionando a experiência do sensitivo, os acontecimentos relacionados ou ambos.[25] Em outro grande grupo de casos, as pessoas que acreditam

[24] Detalhes dessas pesquisas podem ser encontrados nos relatórios de Greeley (1975), Palmer (1979), H. Sidgwick e Committee (1894) e West (1948). Haraldsson (1985) publicou uma pesquisa sucinta dessas pesquisas. Ele indicou que as pesquisas nos contam sobre a prevalência de afirmações de experiências psíquicas, mas oferecem poucas informações sobre as evidências de processos paranormais nos relatórios das experiências.

[25] Dois tipos de relatórios de casos espontâneos foram publicados: aqueles de casos investigados e aqueles de casos não investigados. Os casos investigados têm vantagens em relação aos casos não investigados, pois as entrevistas permitem a detecção e eliminação de casos que não são autênticos ou têm uma explicação normal óbvia. Os casos não investigados podem contaminar a série e prejudicar o valor de conclusões tiradas da série.

ter realizado uma comunicação paranormal não podem oferecer detalhes suficientes para uma avaliação adequada. E ainda, em outros casos, um forte desejo, ou algum outro fator normal, pode ser a causa da convicção de que existiu uma comunicação paranormal. Por exemplo, as esperanças e as expectativas podem explicar a maioria das experiências nas quais uma viúva ou viúvo acredita ter sentido a presença do cônjuge falecido, ou o visto, ou sentido algum outro tipo de comunicação.[26] Algumas dessas experiências podem ter elementos de comunicação paranormal, mas é raro encontrar evidência satisfatória disso.[27]

As dificuldades mencionadas levam os alunos da pesquisa psíquica a enfatizar a distinção entre *autencidade* e *paranormalidade*. A autenticidade se refere à exatidão dos relatos de um caso que tomamos conhecimento por meio das pessoas envolvidas nele – ou por meio daquelas que o investigaram – em comparação com os imaginados "casos como, de fato, ocorreram". Na prática, quase nunca sabemos exatamente o que houve, mas às vezes podemos detectar ou inferir erros, omissões e exageros que nos permitem classificar o caso como pouco autêntico. Ou então podemos classificar um caso como altamente autêntico e ainda dizer que ele não oferece provas de comunicação paranormal.

Um exemplo óbvio disso ocorre quando duas pessoas estão na mesma sala e parecem, espontaneamente, pensar na mesma pessoa ou assunto ao mesmo tempo. A descrição que elas fazem da experiência pode ser muito correta, mas o contato sensorial com o outro impossibilita mostrar que eles estavam se comunicando sem os sentidos; pode ser que eles estivessem fazendo isso, porém não podemos demonstrar tal fato nem pedir que alguém acredite nisso.

---

[26] Rees (1971) publicou uma pesquisa com essas experiências.

[27] Já discuti esse assunto e já fiz referências relevantes sobre ele em outro livro (Stevenson, 1983c).

Muitos casos autênticos, assim, não têm valor no que diz respeito à evidência de um processo paranormal. No entanto, mesmo que fizéssemos uma concessão generosa para os casos que têm explicação e deduzíssemos 95% daqueles inicialmente contados aos investigadores, um grande número de experiências paranormais genuínas continuaria existindo. Além disso, as experiências paranormais de diferentes tipos demonstram notáveis uniformidades de caso a caso. No século XVIII, o suficiente era conhecido a respeito dessas uniformidades de modo que Immanuel Kant, que tinha forte interesse pelos fenômenos psíquicos, escreveu sobre eles:

> A mesma ignorância faz com que eu não queira negar totalmente a verdade em diversas histórias sobre fantasmas, porque eu imagino que, apesar de duvidar deles separadamente, vendo-os como um grupo, acredito neles até certo ponto.[28]

Quais uniformidades são encontradas neles "como um grupo"? Encontramos, caso a caso, dois assuntos principais: amor e morte. As pessoas envolvidas nas experiências quase sempre amam umas às outras. Elas costumam ser membros da mesma família, mas os elos podem ser conjugais e também biológicos, por isso não estamos preocupados com um fator genético aqui. E a comunicação trocada entre elas costuma ter a ver com morte ou com alguma doença ou problema grave.[29] Os seis casos que citei aqui têm esses traços em comum.

---

[28] Kant em Histórias de fantasmas O trecho citado ocorre na p. 52 de Kant (1976-1766). Eu o traduzi.

[29] Os temas de amor e morte em experiências psíquicas, Gurney, Myers e Podmore (1886) e esses traços no livro deles sobre experiências de aparição. Outras séries de casos confirmaram a alta frequência de um relacionamento amoroso entre a testemunha e o agente, e da morte (ou uma doença ou acidente graves) como tema de comunicações paranormais (C. Green, 1960; Prasad e Stevenson, 1968; Saltmarsh, 1934; e Stevenson, 1970a).

Os casos das crianças que se lembram de vidas passadas, da mesma maneira, mostram muitas semelhanças uns com os outros, e temas de amor e morte aparecem muito também.

Espero que a explicação sobre experiências telepáticas no dia a dia baste para preparar o leitor para pensar, posteriormente, se a telepatia oferece uma explicação adequada para os casos de crianças que afirmam se lembrar de vidas passadas. Agora explicarei alguns termos que adotei para explicar e discutir esses casos.

Termos usados para descrever casos do tipo reencarnação

Eu uso o termo "personalidade passada" para designar alguns aspectos da pessoa falecida de quem a criança que se lembra de vidas passadas supostamente é a reencarnação. A palavra "personalidade" nessa frase pode parecer inapropriada para alguns leitores. A pessoa falecida em questão era mais do que uma personalidade, ela também tinha um corpo físico que morreu. Muitas pessoas diriam que foi seu fim, mas os casos que eu investiguei sugerem que algo da pessoa pode ter persistido depois de sua morte e posteriormente se tornou associado a um novo corpo físico. No intervalo entre a morte e o suposto renascimento, não podemos mais descrever quais partes dela sobreviveram como uma "pessoa", porque seu corpo físico morreu, mas podemos, creio eu, descrever esses elementos como uma "personalidade" ou uma "personalidade desencarnada". Assim, eu usei a palavra "personalidade" para designar tanto uma pessoa morta de quem a criança afirma ser a reencarnação quanto aqueles aspectos dessa pessoa que podem ter sobrevivido à morte e contribuído para a nova pessoa (e personalidade) da criança.

Não sou contra usar a palavra "alma" em referência aos elementos hipotéticos de uma pessoa que pode sobreviver à morte e reencarnar. No entanto, como essa palavra tem,

para muitas pessoas, conotações de determinadas visões religiosas, costumo evitá-la e prefiro usar a palavra "personalidade" ao me referir a elementos potencialmente sobreviventes. A palavra "mente" também aparece em meu vocabulário, principalmente quando me refiro ao que uma pessoa vive que é particular a ela.

Dois outros termos precisam de definição: *casos resolvidos* e *casos não resolvidos*. As afirmações de uma criança que se referem a uma pessoa falecida, e apenas uma, defino como *resolvido*; em casos para os quais não podemos encontrar uma pessoa, como *não resolvido*.

Os indivíduos desses casos costumam ter dois tipos de lembranças das vidas anteriores. Em primeiro lugar, eles têm *lembranças imaginadas*. São lembranças de acontecimentos, geralmente, representadas aos indivíduos – aparentemente – como as representações visuais de lembranças comuns que todos nós temos de acontecimentos nesta vida. Também incluo em *lembranças imaginadas* as informações que o sujeito pode ter sobre nomes de pessoas e lugares, às vezes, até de datas e idades, que não são representadas por ele de forma imaginada, apesar de poderem ser. Essas lembranças diferem das do segundo tipo, que eu chamo de *lembranças comportamentais*.

O conceito do que eu chamo de *lembrança comportamental* é tão importante aos casos e suas interpretações, que posso explicar em detalhes o que quero dizer com esse termo. Os psicólogos têm estudado a ocorrência frequente de comportamento, como um hábito ou uma reação aparentemente irracional a uma situação, embora a pessoa que o demonstre não se lembre de como o comportamento foi desenvolvido. Sugestões pós-hipnóticas oferecem um método especialmente útil para investigar essa separação de comportamento das lembranças de suas origens. Uma sugestão pós-hipnótica é aquela dada por um hipnotizador a um sujeito, na qual o hipnotizador pede a ele que desempenhe uma determinada atitude depois de sair da

hipnose; mas, quando o hipnotizador dá essa sugestão, ele costuma dar uma segunda ao mesmo tempo, e é aí que o indivíduo se esquecerá de que o hipnotizador lhe deu a primeira sugestão. Por exemplo, o hipnotizador pode pedir ao sujeito que, depois que ele sair da hipnose, ele (o hipnotizador) jogue o lenço no chão. O indivíduo pode se assustar um pouco e se mostrar confuso, mas ele pega seu guarda-chuva e o abre na sala. O hipnotizador pergunta por que ele está fazendo isso, e o indivíduo tenta explicar seu comportamento. Ele diz que o teto da casa parece estar com goteira, uma tempestade pode irromper, e ele precisaria abrir o guarda-chuva se a água entrasse na sala, ou pode dizer que queria ter certeza de que o guarda-chuva estava funcionando bem. Ele se esqueceu completamente de que sua atitude de abrir o guarda-chuva na sala se origina da orientação anterior do hipnotizador. Assim, o indivíduo realiza uma ação sem saber conscientemente o que está fazendo.[30]

Nosso comportamento comum não se origina de sugestões pós-hipnóticas, e eu só as mencionei aqui para enfatizar que podemos desenvolver padrões de comportamento, e até torná-los automáticos, ao mesmo tempo em que nos esquecemos dos acontecimentos dos quais eles se originam. Podemos caminhar, porém poucos se lembram de nossos primeiros tombos enquanto aprendíamos a andar. Um pianista habilidoso pode aprender uma música tão bem que pode tocá-la enquanto conversa com outra pessoa, mas ele pode se esquecer da maioria ou de todos os detalhes da prática por meio da qual ele aprendeu a tocar a música. Também podemos ter as lembranças comportamentais desagradáveis sem as lembranças de sua origem. Por exemplo, um forte medo ou fobia

[30] No final do século XIX, Bernheim (1947-1889) publicou excelentes exemplos de sugestões pós-hipnóticas, e seu trabalho ainda merece ser estudado. Ele descobriu que, quando ele pressionava e, por assim dizer, perturbava os indivíduos com sugestões pós-hipnóticas, alguns deles conseguiam se lembrar de que o comportamento bizarro pós-hipnótico surgia das orientações de Bernheim a eles enquanto estavam sendo hipnotizados.

costuma persistir por muito tempo depois que o acontecimento assustador que o causou tenha sido esquecido. Acredito que a maioria dos psicólogos e psiquiatras concorda que trazemos muitas lembranças comportamentais da infância para a fase adulta, enquanto nos esquecemos de como as obtivemos.[31] Só estou sugerindo que podemos, de modo parecido, trazer lembranças comportamentais de uma vida anterior.

Para completar a lista de lembranças – além das imaginadas e comportamentais – que podemos levar de uma vida à outra, devo citar dois outros tipos de lembranças.

A primeira é uma lembrança de uma habilidade sem a lembrança de como foi adquirida. De modo mais formal, podemos chamá-las de lembranças cognitivas subliminares. Em um capítulo posterior posso citar, como exemplo, idiomas estrangeiros que uma pessoa aprendeu – no início da vida ou talvez em uma vida anterior – sem lembrar como os aprendeu ou até, em alguns casos, que já os havia aprendido.

O segundo tipo de lembrança é biológico e talvez eu devesse dizer corpóreo. Eu me refiro aqui a marcas ou defeitos de nascença e outros traços físicos em uma pessoa falecida de cuja vida o sujeito que as possui também costuma ter lembranças imaginadas. Esse tipo de lembrança oferece algumas das evidências mais fortes para interpretar os casos como um processo paranormal. Os traços físicos do indivíduo podem ser vistos e, geralmente, fotografados, e podemos obter registros impressos, como relatórios de autópsias, que nos dão evidência objetiva dos ferimentos ou outros traços físicos da pessoa falecida envolvida.

Nos outros capítulos deste livro, adotei um plano. No próximo capítulo, mostro que uma crença na reencarnação

[31] O conceito de Bérgson (1959-1896) e Butler (1961-1877) mostrou a importância das lembranças comportamentais. Penfield (1975) sugeriu que a principal função de um cérebro é aprender sequências de comportamento automático, que a mente, usando o cérebro como instrumento, inicia quando quer.

é algo difundido pelo mundo e discuto como as pessoas passam a ter essa crença. Também menciono pessoas que acreditam em reencarnação mas costumam ter diversas crenças sobre ela: por exemplo, sobre quem pode reencarnar e sob quais circunstâncias.

Após esse capítulo, prossigo escrevendo sobre a crença na reencarnação com um capítulo (número 3) sobre os sinais ou indícios usados para justificar uma crença nele. Nesse capítulo explico por que julgo terem pouco valor quase todos os tipos de suposta evidência de reencarnação, exceto aquelas relatadas por crianças pequenas que afirmam se lembrar de vidas anteriores. Depois, apresento, no capítulo 4, resumos de quatorze casos típicos de crianças que se lembravam de vidas passadas. No capítulo 5, analiso algumas das características mais recorrentes de casos desse tipo.

Nos capítulos 6 e 7, apresento um relato de meus métodos de investigação e de análise dos casos. No capítulo 8, volto para as variações nos casos em diferentes culturas e, com mais exemplos dessas variações, discuto razões possíveis para eles.

Nos últimos três capítulos, adoto uma postura mais especulativa. No capítulo 9, discuto diversos problemas sem solução em psicologia, psiquiatria e medicina, cuja solução pode ser obtida pela ideia de reencarnação. Espero ter aumentado a plausibilidade dessas conjecturas, referindo-me (em cada assunto discutido) a exemplos de casos reais nos quais a reencarnação parece ter um valor explicativo. No capítulo 10, ofereço respostas para perguntas que costumam ser abordadas em relação a esses casos. E, por fim, no capítulo 11, faço algumas conjecturas a respeito dos processos envolvidos em reencarnação, se for o caso. Aqui ousei – ao contrário de minha decisão anterior – dizer algo sobre a reencarnação. No entanto, tentei manter o que digo, senão com base em dados claros do caso que estudei, pelo menos perto desses dados.

Capítulo 2

A CRENÇA NA REENCARNAÇÃO

Muitas pessoas acreditam ter vivido antes de nascer para o que podemos chamar de vida atual. Para quem acredita nisso, essa possibilidade não parece nem um pouco estranha. Eles concordam com Voltaire, que escreveu: "É mais surpreendente nascer duas vezes do que uma".[32] Entretanto, as pessoas não familiarizadas com a ideia da reencarnação a julgam sem fundamento e até absurda. Esses indivíduos, porém, podem formar uma minoria entre todos os habitantes da Terra. Os crentes na reencarnação possivelmente existem em maior número do que aqueles que rejeitam a ideia ou nunca ouviram falar dela.

Muitos ocidentais acreditam, de modo equivocado, que apenas os habitantes do Sudeste Asiático creem em reencarnação. Esse erro provavelmente surgiu porque os hindus e budistas daquela região registraram sua crença nas escrituras religiosas antigas e a enfatizam em seus ensinamentos modernos. Suas doutrinas se espalharam pelo Ocidente em traduções, por meio dos esforços de seus missionários e em crenças populares nem sempre confiáveis.

Os habitantes de muitas outras partes do mundo, porém, também acreditam em reencarnação. Grandes grupos de muçulmanos xiitas da Ásia Ocidental acreditam, assim como muitos habitantes do oeste e do leste da África, que seguem o islamismo e o cristianismo de forma incompleta.

---

[32] A frase citada se encontra em Voltaire (1960, p. 366).

Uma parcela de habitantes do Brasil acredita em reencarnação; a crença deles parece surgir de ideias sobre a reencarnação trazidas pelos africanos ao Brasil, onde se tornaram acrescidas de conceitos de espiritualismo importados da França no século XIX.

Outras pessoas que acreditam em reencarnação vivem no nordeste da América do Norte. As tribos nativas daquela região preservaram a crença na reencarnação (que faz parte da religião tradicional delas) apesar de um pouco dela ter se desfeito por meio dos esforços de missionários e educadores cristãos, ambos, com pontos de vistas diferentes, inculcaram a crença de "uma vida" na Terra.

Diversas pessoas também acreditam em reencarnação, mas mencionarei apenas outros poucos exemplos. Os antropólogos do século XX têm relatado a crença entre os trobriand, as tribos da região central da Austrália, e dos ainu no norte do Japão.[33]

A grande disseminação da crença na reencarnação levou Schopenhauer a comentar: "Se um asiático perguntasse a mim a definição da Europa, eu seria forçado a responder: é aquela parte do mundo completamente dominada pela incrível ilusão de que o homem foi criado do nada, e que a sua existência atual é a sua primeira entrada na vida".[34]

A crença na reencarnação se espalha pelo Ocidente desde a época de Schopenhauer. Ao final do século XX, muitos europeus tinham se esquecido da descrença que ele

[33] Informações sobre algumas das diferentes crenças em reencarnação podem ser encontradas nas seguintes fontes: Seitas islâmicas do oeste da África: Besterman (1968), Deschamps (1970), Noon (1942), Parrinder (1956, 1970), Stevenson (1985), L.V. Thomas (1968), Uchendu (1965), Zahan (1965). Brasil: Stevenson (1974b / 1966). Trobriand Islanders: Malinowski (1916). Centro da Austrália: Spencer e Gillen (1968 / 1899). Ainu: Munro (1963). Noroeste da América do Norte: De Laguna (1972), Mills e Slobodin (1994), Slobodin (1970), e Stevenson (1966, 1974b / 1966 e 1975b).

[34] Tirei essa frase, que traduzi, da p. 395 de Parerga und Paralipomena, de Schopenhauer (1891).

tanto combatera. Uma pesquisa realizada em 1968 mostrou que 18% das pessoas em oito países da Europa Ocidental acreditavam em reencarnação. Pesquisa semelhante apontou que 20% dos americanos e 26% dos canadenses entrevistados afirmaram acreditar em reencarnação. Em pesquisas posteriores nos Estados Unidos, 23% dos entrevistados, em 1982, e 26% dos questionados, no início dos anos 1990, afirmaram acreditar em reencarnação. Nas pesquisas europeias do início da década de 1990, o índice de pessoas que acreditavam em reencarnação tinha aumentado ainda mais. Por exemplo, na França, foram 28%; na Áustria, 29%; na Grã-Bretanha, 29%.[35]

Seria incorreto dizer que todas as pessoas dos países industrialmente subdesenvolvidos, não influenciados pelo cristianismo nem pelo islamismo ortodoxo, acreditam em reencarnação. Alguns se mantiveram alheios a esses ensinamentos e continuaram mantendo religiões tradicionais que não incluem essa crença. Mas essas poucas exceções subtraem pouco da generalização de que quase todo mundo de fora do círculo do cristianismo, do judaísmo, do islamismo e da ciência ortodoxos – sendo a ciência uma religião secular para muitas pessoas – acredita em reencarnação.

Essa crença surgiu em um lugar e então se difundiu a outras partes do mundo, assim como acreditamos que a ancestral das línguas indo-europeias se espalhou a partir de uma região razoavelmente pequena? Se isso aconteceu, explicaria a ocorrência da crença em algumas áreas muito separadas do mundo que se comunicam umas

[35] Pesquisas sobre a crença na reencarnação na Europa foram publicadas na Pesquisa de Opinião Gallup (1969), Haraldson (1985), Harding, Phillips e Fogarty (1986), e Inglehart, Basanez e Moreno (1998). Detalhes da pesquisa nos EUA podem ser encontrados na Pesquisa de Opinião Gallup (1969), Gallup, com Proctor (1982), e Inglehart, Basanez e Moreno (1998).

com as outras em épocas históricas ou mais remotas. Por exemplo, os comerciantes e outros viajantes ligaram o sul da Ásia e a Ásia Ocidental por pelo menos dois milênios e possivelmente muito mais. Podemos ligar a crença na reencarnação na Índia pelo menos ao período das antigas Vedas, escritas cerca de 1000 a.C.[36] O indólogo Norman Brown sugeriu que os autores dos relatos de caminhada sobre a água registrados na Bíblia podem tê-los pegado emprestado e adaptado das antigas descrições ou lendas do budismo. Se isso aconteceu, os hindus também podiam ter levado sua crença na reencarnação para o oeste da Ásia e da Europa. Apolônio, um grego nascido em Tyana, agora no sul de Anatólia, Turquia, viajou no primeiro século d.C. para a Índia e ali se envolveu em uma discussão filosófica com um sábio, Iarco. Um indiano moderno não veria nada de surpreende nas referências quase casuais à reencarnação que estão registradas da conversa.[37] As crenças na reencarnação mantidas pelas pessoas que vivem em partes diferentes da Ásia *podem* ter tido uma origem comum.[38] Como explicarei depois, os povos do sul e do oeste da Ásia que acreditam em reencarnação agora têm conceitos diferentes sobre alguns detalhes importantes dessa crença; mas isso não exclui uma ancestralidade para a ideia central.

---

[36] Mais informações em: R. E. Hume (1931), Radhakrishnan (1923), Smart (1964) e Zaehner (1962). O'Flaherty (1981) afirmou que, apesar de a ideia da reencarnação poder ser prefigurada em Rig Veda, só foi exposta na (antigo) Upanisads.

[37] Filóstrato (1912) em seu Life of Apolonius of Tiana faz um relato desse encontro.

[38] Keith (1925) fez argumentos mostrando a falta de base de evidências usadas para defender a crença de que os antigos gregos assumiram conceitos dos indianos, e os indianos assumiram alguns dos gregos. Mas continua sendo possível que tanto os conceitos gregos quanto os indianos de reencarnação tenham surgido de uma fonte comum. Ruben (1939) sugeriu que essa fonte pode ter sido uma forma primitiva de xamanismo na Ásia Central.

Se tentarmos mostrar, porém, que todas as outras pessoas que acreditam em reencarnação também retiram suas ideias sobre o assunto da região central ou sul da Ásia, encontraremos sérias dificuldades. Como podemos explicar, desse modo, a crença em reencarnação entre os inuits (esquimós) e as outras tribos do nordeste da América do Norte? Seus ancestrais migraram da Ásia para os Estados Unidos há milhares de anos, e costuma-se crer que depois não houve contato importante entre a Ásia e os Estados Unidos. É possível que um inuit no norte do Canadá e um morador do Vale Ganges tenham obtido a crença em reencarnação da mesma fonte.[39] É ainda menos provável que a crença na reencarnação tenha se espalhado do sul da Ásia para o leste da África ou para a área central da Austrália.

No entanto, se a crença não se difundiu para outras regiões a partir de um ponto central de origem, deve ter surgido em diferentes partes do mundo independentemente e, sem dúvida, em momentos diferentes. Isso nos leva a questionar como uma ideia pode surgir, a princípio.

A crença na sobrevivência da personalidade depois da morte diminui a angústia dos sofredores e o medo daqueles que esperam morrer. Porém a ideia da reencarnação não é necessária para esse conforto; ele poderia ser obtido simplesmente acreditando em uma permanência prolongada ou eterna em algum local paradisíaco onde pudéssemos viver depois da morte. Assim, precisamos perguntar: o que geraria uma crença mais específica de que os aspectos de uma pessoa que tivesse sobrevivido à morte pudesse entrar em um novo corpo e dar início a outra vida terrena?

Um desejo, por parte dos parentes pesarosos, pelo retorno de seus entes queridos após a morte pode promover a convicção de que eles reencarnaram entre eles; mas essa

[39] Já analisei a evidência, que não é nem forte nem abundante, do contato entre as tribos asiáticas e norte-americanas em épocas proto-históricas (Stevenson, 1974b; 1966, p. 217 - 19).

explicação parece pouco satisfatória quando o suposto renascimento se dá em uma família completamente diferente daquela da pessoa falecida, o que acredito ser a regra para os casos que investiguei na Índia, no Líbano, na Turquia e no Sri Lanka. Pessoas enlutadas, ao saber que uma criança nascida em outra família afirma ter pertencido à família delas, podem obter um pouco de conforto com essa informação, se aceitarem a afirmação; entretanto é improvável que a garantia fornecida por tais casos, sozinha, possa apoiar a crença na reencarnação que, por exemplo, os hindus e budistas do sul da Ásia criaram.

A maneira mais fácil de obter qualquer crença é aceitar como verdade o que os pais dizem, e a tarefa de inculcar uma crença se torna mais fácil quando eles podem contar com o apoio de uma autoridade em escrituras, como os hindus e budistas. Alguns cristãos usam a Bíblia com autoridade parecida só que os argumentos são contra a reencarnação. A maioria das crianças no sul da Ásia cresce acreditando na reencarnação como algo totalmente natural e pode descobrir, com surpresa, que os povos de outros países não compartilham a mesma crença.

A tradição religiosa, no entanto, não exige uma incorporação por escrito. Nenhuma escritura impõe isso aos tlingits do Alasca, porque não existe nada por escrito. Os alevis da região centro-sul da Turquia também parecem não ter qualquer documento por escrito a respeito da crença na reencarnação.[40] Os igbos, da Nigéria, são outro exemplo de um povo que tem grande crença na reencarnação mesmo sem um livro por escrito de referência.[41]

Compreender como uma crença na reencarnação pode passar de uma geração a outra – por meio de escrituras

[40] Escrevi "parece não ter autoridade por escrito" porque não soube de nenhuma. Meus informantes na Turquia demonstraram uma mistura de ignorância e atitude evasiva quando questionados sobre a base de suas crenças.

[41] Descrevi em outro ponto a crença na reencarnação entre os igbos (Stevenson, 1985).

ou de tradição oral – não explica como ela surgiu, em primeiro lugar. Existem muitos caminhos possíveis para que isso ocorra.

Uma pessoa pode passar a acreditar na reencarnação por meio de um argumento filosófico. Diversos filósofos, incluindo Platão, Schopenhauer[42], McTaggart, Broad e Ducasse[43], têm levado a ideia da reencarnação a sério e a defendem.

Em *Meno*, Platão descreve a demonstração de Sócrates de como um menino foi capaz de resolver um problema geométrico que lhe foi apresentado, aparentemente, pela primeira vez. Sócrates atribuiu o sucesso do garoto ao fato de ele ter uma lembrança subliminar da solução, que ele aprendera em uma vida anterior, embora o menino não tivesse lembranças claras de tal vida.

De acordo com Platão, Sócrates falou de modo dogmático a respeito do conhecimento que trazemos de uma encarnação a outra:

> A alma, por ser imortal, por ter nascido várias vezes, por ter visto as coisas daqui, as coisas existentes em Hades, e todas as coisas, não tem nada sobre o qual ela não saiba. Assim, não surpreende o fato de que ela é capaz de se lembrar do que soube... Pois o questionamento e o aprendizado persistem.[44]

---

[42] Schopenhauer (1908) pode não ter chegado a essa conclusão sobre reencarnação apenas por meio do raciocínio filosófico; ele tinha grande conhecimento sobre o hinduísmo e o budismo.

[43] Antólogos de livros sobre reencarnação frequentemente citam David Hume com a implicação de que ele também acreditava na reencarnação ou pelo menos acreditava que ela fazia sentido. A frase que costuma ser citada nessa conexão aparece em seu texto "On the immortality of the soul", no qual ele escreveu: "A metempsicose é, assim, o único sistema desse tipo no qual a filosofia pode se basear" (Huma, 1854, p. 553).

[44] Além do argumento em Meno, Platão expôs a ideia da reencarnação em outros trabalhos, principalmente Phaedo, Timaeus, Phaedrus e The Republic.

De modo parecido, McTaggart disse que a reencarnação pode explicar – e nada mais poderia – essas observações comuns como as fortes atrações que algumas pessoas têm por outras à primeira vista, e as aptidões incomuns e interesses que costumam mostrar, contrários às expectativas de suas famílias.

Outros filósofos se preocupam em como deveríamos definir a identidade pessoal; lidando com esse problema, eles tentaram responder à questão de quais critérios deveríamos ter para dizer que uma pessoa sobreviveu à morte e reencarnou.

Acredito ser justo dizer que os filósofos forçaram um pouco a evidência da reencarnação ou a crença nela. Uma pessoa dividida entre a crença e a descrença pode ficar propensa a acreditar na reencarnação por argumentos filosóficos, como aqueles usados por McTaggart e Ducasse[45], mas não acho que esses argumentos bastariam para estabelecer uma crença que já não tivesse raízes. Mesmo assim, alguns filósofos contribuíram para remover o resto de suposições sem embasamento que parecem tornar a crença na reencarnação irracional para muitas pessoas.

Apesar de não haver comprovação sobre o assunto, a mim parece provável que a crença na reencarnação tenha se originado algumas vezes, e talvez frequentemente, da afirmação de alguém que se lembra de ter vivido antes. Notícias de uma pessoa assim podem ir de um lugar a outro, e um relato dessas lembranças pode passar por gerações diversas. Essa difusão, entretanto, deve ter alguns limites. Os comerciantes notadamente narram belas histórias de locais distantes, porém o entretenimento de quem ouve não exige que eles apresentem evidência convincente e, conforme o ponto de um determinado evento incomum se torna mais distante, quem escuta se torna menos

[45] De todos os filósofos modernos que deram atenção à ideia da reencarnação, McTaggart (1906) e Ducasse (1951, 1961) parecem ser os mais lúcidos e persuasivos. Entre os filósofos mais recentes que levaram a sério a evidência de reencarnação, eu recomendo Almeder (1992), Braude (1992), Lund (1985) e Paterson (1995).

propenso a acreditar em sua veracidade. Não podemos, de forma alguma, explicar a crença em reencarnação difundida entre os inuits – da Groenlândia pelo norte do Canadá ao Alasca – supondo que caçadores e carregadores levaram relatos de casos de reencarnação de acampamento a acampamento pelas vastas tundras e campos congelados.[46] Além disso, quando dois povos vizinhos creem em reencarnação, isso não quer dizer, necessariamente, que um convenceu o outro. Os ancestrais dos índios athabaskan – do nordeste do Canadá e região central do Alasca – e dos inuits parecem ter migrado da Ásia para o continente norte-americano em momentos diferentes, e esses povos falam idiomas ininteligíveis. Apesar de já terem lutado por território, eles parecem ter pouco contato uns com os outros, pelo menos de um tipo que incluísse troca de ideias sobre a natureza do homem e seu destino depois da morte, mas tanto os Athabaskans quanto os inuits creem em reencarnação.

Concluo, assim, que pessoas de culturas que não têm registros por escrito e acreditam em reencarnação podem ter alcançado a crença por meio da exposição a uma pessoa dentro de uma área de comércio que afirmava se lembrar de uma vida anterior.[47] Essa pessoa poderia ter vivido no mesmo vilarejo ou em outro próximo e poderia ter vivido algumas gerações antes, de modo que a tradição de suas lembranças durasse mais que o homem em si. Talvez muitas pessoas assim tenham, independentemente, afirmado se lembrar de uma vida anterior e, consequentemente, estabelecido a crença na reencarnação em diferentes partes do mundo.

---

[46] Referências à crença na reencarnação entre os inuits podem ser encontradas em Birket-Snith (1959/1936), Guemple (1988), Hughes (1962) e Swanton (1908).

[47] Peris (1963), em um texto sobre Pitágoras, sugeriu que a crença na reencarnação e a afirmação de que pelo menos algumas pessoas conseguem lembrar de vidas anteriores podem ser igualmente antigas. Pitágoras deu um exemplo óbvio dessa relação, porque ele ensinava a reencarnação e também afirmava se lembrar de suas vidas anteriores. Da mesma maneira, o Bhagavad-Gita (de Mahabharata), composto entre 200 a.C. e 200 d.C.

Apesar de a crença na reencarnação entre os diferentes povos provavelmente ter sido iniciada por afirmações de lembranças de vidas anteriores, uma vez estabelecida, a crença pode persistir por muitos anos na ausência de comprovação. Por exemplo, apesar de os hindus terem acreditado em reencarnação por milhares de anos, não encontramos sinais de nada correspondente a um caso moderno de reencarnação na Índia até o começo do século XVIII. E esse caso parece não ter tido sucessores – nenhum de meu conhecimento – até os primeiros anos do século XX.[48]

Devemos lembrar, porém, que muitos casos podem ter ocorrido na Índia antes do século XX sem que tenhamos registros deles. Tenho certeza de que os casos sobre os quais tomei conhecimento representam apenas uma pequena parcela de todos os ocorridos naquele século, e nos séculos passados nossos recursos modernos para relatar e disseminar informações sobre casos não existiam. Além disso, as crenças do hinduísmo podem ter feito com que as lembranças de vidas anteriores parecessem tão normais ao ponto de não haver necessidade de serem registradas, ou sequer notadas.

Os cataristas do sudeste da França são outro exemplo de um grupo que acredita fortemente na reencarnação, apesar de não termos visto quase nada em relação a casos. Os cataristas foram uma seita cristã herética durante os séculos XII e XIII.[49] Em meados do século XIII, as forças do rei Luís IX da França e os franceses nobres do norte extirparam os cataristas. Parece que grande parte dos registros do catarismo

[48] No século XVIII, o imperador mongol Aurangzeb, apesar de ser um muçulmano fanático que não acreditava em reencarnação, mostrou-se disposto a examinar fatos que estivessem em conflito com suas crenças. Chamou testemunhas de um caso e as interrogou como um investigador moderno faria (Stevenson, 1974b / 1966, p. 15-16). O próximo caso indiano do qual tive conhecimento ocorreu nos primeiros anos desse século.

[49] As informações, como aquelas que temos, da crença em reencarnação entre os cataristas, podem ser encontradas nos trabalhos de Leroy Ladurie (1975), Madaule (1961), Nelli (1972), Niel (1955) e Runciman (1947).

foram destruídos e a maior parte do que sabemos sobre eles se origina de registros de seus perseguidores, os monges da Inquisição. Aqui, no entanto, a escassez de casos que conhecemos não quer dizer que outros não ocorreram.

Também parece provável que uma crença em reencarnação possa se tornar estabelecida sem a evidência que as lembranças de uma vida anterior podem oferecer. Considero difícil, porém, explicar a frequente crença na reencarnação expressa atualmente por muitas pessoas no Ocidente, especialmente entre jovens. Eles podem ter tido acesso a livros populares sobre religiões asiáticas e teosofia, mas estes – na maior parte do tempo – fazem afirmações, não dão provas; a evidência dos casos investigados tornou-se amplamente disponível há pouco tempo. Talvez eles tenham alcançado a crença na reencarnação por meio de um processo de intuição ou argumento filosófico autoconduzido. Qualquer pessoa, especialmente uma criança atenta, pode julgar inacreditável a doutrina ortodoxa cristã de acordo com a qual Deus cria uma nova alma para cada bebê que nasce. E, se alguém rejeita essa ideia sem rejeitar a questão da alma, pode facilmente supor que cada alma teve uma existência anterior à sua associação com o corpo físico presente e era, assim, associada com um corpo físico anteriormente. Schopenhauer escreveu: "Quem acredita que o nascimento de um homem é seu começo também deve acreditar que sua morte é o fim"[50]. O ensinamento de que temos apenas uma vida, como mencionei no capítulo anterior, também ofende o senso de justiça de muitas pessoas quando elas pensam nas diferentes condições no nascimento de pessoas distintas. Por meio da insatisfação com esse ensinamento, elas podem se inclinar para a ideia da reencarnação.

Se a reencarnação ocorre, as insinuações sobre ela podem surgir de vidas anteriores que não são lembradas em

[50] Schopenhauer (1908).

detalhes.[51] Há mais de dois mil anos, o grande sábio indiano Patanjali explicou o medo quase universal da morte como relacionado a um medo de passar por outra revisão pós-moderna da vida de alguém, como, de acordo com o hinduísmo e outras tradições, cada alma experimenta na morte. A lembrança subliminar dessa experiência – por mais desagradável que possa ser para muitas pessoas – geraria medo de outra morte, uma vez que essa viria antes de outra revisão (e possivelmente igualmente desagradável) das ações de uma pessoa.[52]

A crença na reencarnação, assim como outras crenças, pode ascender e decair em aceitação dentro de determinados países e culturas. Se levarmos em conta a crença por muito tempo, podemos encontrar um exemplo claro da crença crescendo em um povo e desaparecendo entre diversos povos que a mantiveram por muito tempo.

Os tibetanos constituem um exemplo do desenvolvimento de uma crença na reencarnação – ou talvez uma crença em um determinado estilo de reencarnação – entre os quais antes não existia nenhuma. O budismo chegou e se espalhou no Tibete entre os séculos VII e X d.C. A versão do budismo importado para o Tibete incluía a crença em reencarnação. Mas, originada na Índia, não tinha os traços que os tibetanos desenvolveram, torna a crença na reencarnação, e a maioria dos casos do tipo reencarnação, diferente da de outros povos. Eu me refiro à ideia de que monges espiritualmente avançados (*lamas*) podem adquirir a habilidade de controlar suas próximas vidas e, depois do renascimento, podem dar indícios de suas identidades anteriores (tais pessoas são chamadas *tulkus* entre os tibetanos). Esses conceitos se desenvolveram

[51] Eu usei a palavra "insinuações" (intimations) porque acredito que a "Ode: Intimations of Immortality from Recollections of Early Childhood", de Wordsworth, ilustra o que estou tentando descrever.

[52] As pessoas que chegam perto da morte e se recuperam às vezes afirmam ter visto cenas de suas vidas passando por suas mentes. As pessoas que acreditam que a morte envolve indiferença costumam temer a morte e tentar evitá-la.

no Tibete entre os séculos XI e XV d.C. Gradualmente se tornaram codificados e, de certo modo, consolidaram-se e formaram um sistema de sucessão para as condições monásticas de mosteiros por meio da reencarnação. Apesar de o conceito tibetano de reencarnação não ter começado com os dalai-lamas, eles e seus companheiros do Gelupga, ou "Chapéu Amarelo", escola de budistas tibetanos, adotaram-no. Desde então eles se desenvolveram a ponto de os procedimentos do ritual associados com a identificação de cada novo dalai-lama agora servirem de modelo para descobertas parecidas de outros lamas mais velhos.[53]

Entre casos de povos que já acreditaram em reencarnação, mas deixaram de acreditar, os muçulmanos da Índia constituem o exemplo mais interessante. Sabemos que apenas alguns dos milhões de muçulmanos que vivem na Índia descendem dos agressores e invasores muçulmanos que acabaram estabelecendo o império rico, cujos líderes dominaram a Índia por quatro séculos. A maioria dos muçulmanos na Índia hoje é descendente de ancestrais hindus que se converteram ao islamismo.[54] Os ismailis, adeptos da seita xiita que se originou na Ásia Ocidental e se espalhou para outras partes da Ásia e da África, já acreditaram em reencarnação, mas os ismailis modernos (da Ásia Ocidental) não acreditam.[55] Os celtas da

[53] Bell (1931) e Snellgrove e Richardson (1968) descreveram o desenvolvimento do sistema de tulkus, tidos como encarnações sucessivas de lamas avançados.

[54] Spear (1965) descreveu os muitos motivos que influenciam os hindus (e budistas) a se converterem ao islamismo. Alguns foram exagerados. Alguns procuravam por recompensas políticas. Muitos, expostos à pregação e ao exemplo dos sufistas, concluíram que o islamismo era uma religião superior. Um grande número de hindus de baixa casta e sem casta (e budistas) escaparam para o islamismo, vindos das opressões dos brâmanes.

[55] Dei fontes dessa afirmação em outro momento (Stevenson, 1980). As mudanças de crença a respeito da reencarnação entre os ismailis merecem mais estudo. Já me disseram que, apesar de os ismailis não acreditarem em reencarnação, os ismailis modernos do leste africano acreditam. Se estiver correto, os ancestrais, que viviam no oeste da Índia, podem ter sido influenciados pelo hinduísmo em Gujarat e outras partes do oeste da Índia.

Grã-Bretanha acreditavam em reencarnação,[56] assim como os *vikings* da Escandinávia e da Islândia[57]; a maioria de seus descendentes (cristãos em sua maior parte) não acreditam.

Também sabemos que pelo menos alguns cristãos do sul da Europa acreditavam em reencarnação até o século VI. Não fazia parte da norma oficial, contudo líderes da Igreja parecem ter tolerado essa crença como um conceito aceitável até o Concílio de Constantinopla em 553 d.C.[58] Podemos discutir se as ações desse concílio como um todo, e aqueles de um grupo de clérigos de fora do concílio, mas associado a ele, constituíram uma proibição oficial ao ensino da reencarnação. Entretanto, certamente uma diminuição na aceitação da ideia foi estabelecida entre cristãos ortodoxos na mesma época e persiste desde então.

Obtive evidência de queda na crença em reencarnação em minhas viagens ao nordeste da América do Norte, onde estudei casos do tipo reencarnação entre os nativos da área (indianos e inuits) por muitos anos. No fim dos anos 1960, realizei uma pesquisa pequena e informal com inuits a respeito do conhecimento da ideia de reencarnação entre seu povo e a crença nele. Questionei 108 inuits na pesquisa. Das 66 pessoas que tinham 40 anos ou mais, 47 haviam escutado falar da crença em reencarnação; mas, das 42 pessoas que tinham 39 anos ou menos, apenas 13 haviam escutado

[56] Evans-Wentz (1911) encontrou evidência da crença em reencarnação entre os habitantes celtas da Escócia, do País de Gales e da Irlanda nos primeiros anos do século XX. Julio César comentou sobre a crença na reencarnação entre os gauleses que ele estudou. Sobre os druidas, ele escreveu: "A doutrina que eles esperam ensinar é a de que as almas não morrem, mas depois da morte passam de um [corpo] a outro; e essa crença, quando o medo da morte é deixado de lado, eles mantêm como sendo o maior incentivo a ser valorizado" (César, 1917, p. 339).

[57] Minhas fontes dessa afirmação são Davidson (1964) e Ker (1904).

[58] Alguns detalhes sobre os ensinamentos de Origen a respeito da reencarnação (mais precisamente a preexistência) e a posterior condenação podem ser encontrados em Daniélou (1955), MacGregor (1978) e Prat (1907, 1911).

falar dessa crença. Perguntei a 47 pessoas que conheciam essa crença se elas acreditavam que a reencarnação de fato ocorria, e 29 disseram que sim. É uma porcentagem muito maior de crentes do que encontramos entre as pessoas dos 48 estados, por isso a crença na reencarnação persistiu de modo forte entre os inuits da época, apesar de muitas pessoas mais jovens nunca terem escutado falar da crença entre seu povo.[59] Devo mencionar que algumas pessoas jovens entre as tribos do nordeste da América do Norte ainda têm grande interesse na reencarnação, e algumas mães com menos de 30 anos foram minhas melhores informantes na região.

Os processos que promovem descrença a respeito da reencarnação provavelmente lembram, ao contrário, aqueles que simulam a crença nela. Depois que um hindu se convertia ao islamismo na Índia (digamos, no século XVI), os membros de sua família poderiam ter pensado, com nostalgia, sobre a ideia da reencarnação por uma ou diversas gerações, mas então começaria a parecer, a princípio, distante e depois ridículo. Se durante esse período qualquer criança entre os convertidos começasse a dizer que se lembrava de uma vida anterior, podia acabar sendo desestimulada por rejeição ou com medidas mais sérias. E se estou certo em acreditar que os casos e a crença se fortalecem de modo circular, a perda resultante de casos teria retirado apoio empírico para a doutrina entre os novos muçulmanos, que poderiam, então, considerar a ideia da reencarnação uma tola superstição que os crentes no islamismo cultivaram de bom grado. Como um apagador de credibilidade, a distância no tempo funciona tão bem quanto a distância física. O editor de poemas escandinavos sobre o herói Helgi apresenta um exemplo disso: "Acreditava-se, de acordo com o passado, que as pessoas renasciam, mas agora

[59] Publiquei um relato breve dessa pesquisa em um relatório curto sobre a crença e casos relacionados à reencarnação entre os inuits (Stevenson, 1969).

isso é visto como história de gente velha. Dizem que Helgi e Sigrún renasceram; ele se chamava Helgi Haddingjaskati e ela, Kara Hálfdanardóttir, como está relacionado em *Káruljóth*; e ela era uma valquíria".[60]

Quando as pessoas que tomam conhecimento de casos sugestivos de reencarnação que julgam autênticos encontram dúvida, elas se calam, mas não abandonam completamente suas convicções. Desfazendo-se de suas crenças reais, eles podem parecer tê-las mudado quando na verdade isso não ocorreu. Encontrei evidência disso entre os tlingits e os inuits, cujas religiões tradicionais estão na defensiva contra o cristianismo e a ciência ocidental.

Pouco tempo depois de começar minhas pesquisas entre os indianos e os inuits do nordeste da América do Norte (no início dos anos 1960), conheci uma enfermeira que havia trabalhado entre os inuits por muitos anos. Comentei com ela sobre minha pesquisa, e ela me disse que a crença na reencarnação já havia diminuído; segundo ela, eu havia chegado 20 anos atrasado. Ela não tinha razão. Encontrei mais de 170 casos do tipo reencarnação entre os inuits e indianos no nordeste da América do Norte. A doutora Antonia Mills, que continuou essas investigações em British Columbia, encontrou muitos outros. Os casos existem em grande número, mas são revelados apenas a pesquisadores considerados simpáticos.

A enfermeira que conheci não é a única não nativa de quem esses casos permaneceram escondidos. Conheci e me correspondi com seis pessoas profissionalmente treinadas que haviam vivido e trabalhado entre os tlingits por períodos que variavam entre meses e diversos anos. Quatro delas eram antropólogas. Grupos de tlingits haviam dado nomes tribais a duas delas e assim mostraram que eram aceitas no grupo. Menciono isso para enfatizar a proximidade dessas

[60] Ver Ellis (1943, p. 139).

pessoas ocidentais aos nativos que continuavam completamente ignorantes a respeito da crença na reencarnação (com uma exceção). Das seis, apenas uma conhecia algo sobre a crença dos tlingits em reencarnação; ela também havia obtido algumas informações sobre os casos, apesar de não ter investigado nenhum. As outras cinco não sabiam nada sobre a crença nem sobre os casos relacionados à reencarnação entre os tlingits até eu mencioná-los. Elas poderiam ter tomado conhecimento do assunto, como eu, se tivessem perguntado, mas por que seus amigos tlingits arriscariam ser ridicularizados abordando o assunto antes?

Nas primeiras discussões a respeito da crença em reencarnação entre diferentes povos, levei em consideração apenas o que eu chamo de crença principal (ou central) na reencarnação, isto é, se a personalidade (alma ou mente) de uma pessoa pode, depois da morte dessa pessoa, associar-se a um novo corpo físico. Unida a essa crença principal, entretanto, encontramos uma grande variedade de crenças secundárias sobre quem reencarna, como isso ocorre e como as causas em uma vida podem ter efeitos em outra posterior. Acredito que seja importante estudar essas crenças secundárias sobre a reencarnação separadamente da crença principal, e descreverei algumas delas.[61]

Quando os ocidentais que erroneamente pensavam que apenas as pessoas do sudeste da Ásia acreditam em reencarnação ficaram sabendo sobre a crença entre outros povos, eles tenderam a imaginar que esses outros povos devem ter conceitos sobre a reencarnação parecidos com aqueles dos budistas e hindus. Isso não é verdade. Os hindus e budistas acreditam que a conduta

[61] Stevenson (1974b/1966, 1975a, 1977a, 1980, 1983a, 1997a) inclui capítulos de outras partes introdutórias que descrevem as variações entre as crenças sobre reencarnação nos diferentes países onde estudei casos sugestivos de reencarnação. Os leitores podem encontrar mais informações sobre esse assunto em Parrinder (1956), Schmidt-Leukel (1996) e Stevenson (1966, 1975b, 1985).

moral de uma vida influencia as circunstâncias de uma vida posterior; essa é a essência da doutrina de *karma*. Mas muitas pessoas acreditam na reencarnação sem acreditar em carma ou em qualquer outro conceito parecido. Pelo menos três outros conceitos de reencarnação foram ou são mantidos por pessoas que acreditam na reencarnação de modo tão sincero quanto os hindus ou budistas.

Os membros das seitas muçulmanas xiitas da Ásia Ocidental, que acreditam em reencarnação, não acham que o que uma pessoa faz em uma vida tem qualquer efeito sobre o que acontece a ela em outra, mas acreditam que uma alma passa por uma série de vidas em circunstâncias distintas e, em cada uma das vidas, ela deve se esforçar pela retidão moral. O fato de ela ser bem-sucedida ou falhar em uma vida não tem efeito em sua condição em outra posterior. Por fim, no Dia do Julgamento Final, os livros de suas ações são examinados, os relatos de atos bons e ruins reunidos e, de acordo com a avaliação, Deus manda cada pessoa para o Céu ou para o Inferno por toda a eternidade.[62]

Os povos da África Ocidental mantêm uma crença na reencarnação que quase não tem relação com seus valores morais. Não pretendo dizer que os africanos ocidentais tenham conceitos morais não desenvolvidos; pelo contrário, eles têm um sistema complexo de códigos morais e de sanções para cumprir, mas seu conceito de reencarnação tem poucas ligações com esses códigos. Eles veem a vida como agradável e desejável

[62] Os drusos do Líbano e da Síria e os alevis da Turquia mantêm crenças descritas neste parágrafo (Stevenson, 1980). Obeyesekere (1968, 1980) distinguiu tipos "primitivos" e "morais" da crença em reencarnação. De acordo com ele, as pessoas com tipo primitivo de crença não relacionam seus valores morais ao processo de reencarnação; aquelas que mantêm uma crença ética na reencarnação, sim. Obeyesekere citou o povo de Trobriand e os igbos como exemplos de povos com o tipo de crença primitivo; o hinduísmo e o budismo oferecem exemplos óbvios desse tipo moral. Mas Obeyesekere estava errado em afirmar que o resultado de moralizar a crença na reencarnação deve ser uma doutrina como o conceito de carma desenvolvido no hinduísmo e no budismo. Os drusos combinaram seus valores morais com as ideias sobre reencarnação sem chegar a nenhum conceito desse tipo.

(essa atitude se contrasta com a atitude de negar a vida dos hindus e dos budistas). Os africanos ocidentais consideram o estado pós-morte um limbo do qual espíritos desencarnados querem retornar para uma nova encarnação terrena. Esperam por uma melhoria de status ou circunstâncias em outra encarnação, mas não têm expectativa de que isso ocorrerá de uma conduta meritória. Dão mais importância a desejos de melhorias do que uma pessoa pode expressar antes de morrer.[63]

Os tlingits do sudeste do Alasca mantêm crenças parecidas. Assim como os africanos ocidentais, eles não acreditam que a conduta moral em uma vida governe ou tenha o menor efeito no que acontece na próxima; também acreditam que os desejos expressos em uma vida podem moldar as condições da existência seguinte. Assim, nós às vezes encontramos um homem tlingit mais velho, que sabe que pode morrer logo, falando sobre o que gostaria de ter diferente em si na próxima vida. Ele pode dizer, por exemplo, que pretende ser mais forte, mais estudado e não ter mais pés chatos.[64]

Um quarto conceito sobre as maneiras com que uma vida se relaciona a outra pode ser o mais importante; é o único para o qual temos evidências, apesar de não serem muitas. Eu me refiro à ideia de que uma pessoa (antes de sua morte ou em um estado desencarnado) escolhe a família de sua próxima encarnação e, assim, indiretamente também escolhe as condições para começar a vida. Quando eu digo que existem evidências desse conceito, estou pensando em um pequeno número de casos entre os tlingits, alguns entre os lamas tibetanos e outros entre outros povos nos quais uma pessoa indicou, antes de morrer, em qual família gostaria de renascer.

---

[63] Mais informações serão encontradas em Parrinder (1956), Stevenson (1985) e Uchendu (1965). Meu texto sobre a crença na reencarnação entre os igbos da Nigéria tem referências a primeiras discussões sobre o mesmo assunto.

[64] Resumi os conceitos dos tlingits a respeito da reencarnação em outro ponto (Stevenson, 1966; 1974b / 1966).

O indivíduo de tal caso, posteriormente, mostrou evidência, sugerindo o sucesso da intenção da pessoa falecida.[65] Todos os casos com o que chamo de sonho de anúncio também sugerem uma escolha por parte da personalidade desencarnada participando do sonho, principalmente nos casos petitórios de sonhos anunciados, tão comuns entre os birmaneses. A personalidade desencarnada se comunica – e às vezes quem sonha a ouve dizer explicitamente – que ela escolheu uma determinada família, geralmente a de quem sonha, e deseja aprovação para renascer entre eles.

Essa ideia de que podemos escolher as circunstâncias de nossa próxima encarnação também tem um longo histórico na Europa. Ocorreu entre alguns dos gregos antigos, e Platão falou sobre isso. Em *A República*, ele descreveu almas que estavam prestes a renascer, escolhendo as vidas que teriam depois do nascimento.[66] De acordo com essa crença, pessoas que conquistaram essa sabedoria em vidas anteriores podem escolher vidas melhores no futuro do que aquelas que viveram vidas anteriores e não aprenderam nada com elas. Platão, no entanto, não sugeriu que a conduta de uma pessoa em uma vida anterior influencia a vida seguinte, apenas até o ponto no qual a sabedoria necessária para uma seleção prudente daquela vida se origine de esforços anteriores para alcançar tal sabedoria.

Outras diferenças ocorrem entre as ideias que povos diversos têm a respeito da reencarnação. Retornarei a esse assunto no capítulo 8, mas satisfarei meus leitores de modo mais adequado se, em primeiro lugar, descrever a possibilidade de a reencarnação ocorrer.

---

[65] Casos entre os tlingits de sucesso aparente na seleção pré-morte dos pais para a próxima encarnação incluem aqueles de Corliss Chotkin, Jr. e William George Jr.

[66] O trecho relevante ocorre no relato da experiência de Er no décimo livro (Platão, 1935). Em outro ponto, Phaedrus e Timaeus, Platão fez um relato um pouco diferente do processo de reencarnação e sugeriu que a conduta em uma vida podia afetar as circunstâncias em outra.

Capítulo 3

SINAIS DE REENCARNAÇÃO

Muitas pessoas têm tido lembranças aparentes de vidas passadas em diversas circunstâncias. Todas, exceto uma dessas circunstâncias – as experiências espontâneas de crianças muito pequenas –, parecem oferecer pouco como indício de qualquer processo paranormal. Mesmo assim, em cada uma delas um pequeno número de experiências ocorreram que podem surgir de lembranças de vidas anteriores. Consequentemente, discutirei todas elas neste capítulo, tentando explicar minha preferência pelos casos de crianças pequenas que ocorrem espontaneamente em vez daqueles de adultos que são induzidos ou convencidos.

Leituras de pós-vida

Acredito que o indício mais fraco para a reencarnação vem de pessoas que afirmam poder descrever ou "ler" as vidas anteriores de outras pessoas. Certamente essas afirmações são um bom exemplo, pois vemos crenças sustentadas na ausência de provas. Acredito que aqueles indivíduos que pagam por "leituras de pós-vida" confiam no que ouvem, mas não consigo encontrar base para essa fé em nenhum resultado de que tenho conhecimento. Sem sua exploração quase sempre comercial, as leituras de pós-vida causariam mais riso do que tristeza. As "vidas passadas" relatadas quase sempre ocorreram em momentos marcantes da história. Acontecimentos como as Cruzadas, a Revolução Francesa, a Guerra Civil Americana e, acima de tudo, a crucificação de Jesus Cristo aparecem repetidamente

nas leituras das vidas anteriores de outras pessoas. Às vezes, eu penso que, se todos que afirmaram ter visto a crucificação de Jesus Cristo em vidas passadas de fato fizeram isso, os soldados romanos no dia do evento não teriam lugar para ficar.

É surpreendente que a maioria das pessoas que já tiveram uma leitura de pós-vida pareça não ter repetido a experiência. Se testarem um "leitor" em comparação com outros, pode ser que rapidamente queiram seu dinheiro de volta.[67] Receio dizer qualquer coisa positiva sobre as leituras de pós-vida por medo de aumentar a credibilidade do assunto, mas devo mencionar dois exemplos conhecidos para mim em que dois sensitivos, independentemente, deram as mesmas, ou parecidas, informações sobre as vidas anteriores de uma pessoa quando não tiveram oportunidade de trocar comunicação. Também sei de dois outros exemplos em que um sensitivo descreveu detalhes da vida anterior de outra pessoa que correspondiam a lembranças espontâneas que aquela pessoa já havia tido. Nenhum desses exemplos, no entanto, oferece, necessariamente, sinal de reencarnação. Na melhor das hipóteses, eles sugerem telepatia entre o sensitivo e a pessoa cuja vida passada foi "lida", apesar de que não devemos negar a possibilidade de que o sensitivo de fato discerniu informações sobre a vida anterior da outra pessoa.

Regressão hipnótica

Experimentos com regressão hipnótica para vidas passadas oferecem indício levemente mais forte – em alguns instantes – do que aquela de leituras pós-vida. A julgar pelas minhas correspondências e pilhas de livros geradas por tais

[67] Oito pessoas leram minhas supostas vidas anteriores. Nenhuma dessas leituras combinou com as outras. Não rejeito como impossível a rara ocorrência de pessoas que conseguem ler as vidas anteriores de outras pessoas, mas insisto que a maioria das pessoas que afirmaram conseguir fazer isso não têm esses poderes e enganam a si mesmas e a outros indivíduos.

experimentos, porém, muitas pessoas no Ocidente se tornaram convencidas de que a hipnose pode abrir espaço por nossa amnésia e permitir que lembranças reais de vidas anteriores surjam. Se elas parassem de aprender sobre a hipnose, logo se sentiriam menos seguros.

Não tentarei dar uma definição de hipnose, especialmente uma vez que alguns especialistas agora negam que a hipnose constitui um estado especial de consciência. Os experimentos têm demonstrado que pelo menos alguns dos fenômenos da hipnose podem ocorrer sem a indução formal da hipnose, mas simplesmente com uma mudança suficiente na disposição do indivíduo de seguir orientações e reagir a sugestões. Se ele se torna adequadamente motivado a se comportar de modo diferente, pode demonstrar traços mentais e físicos que necessitam de hipnose. Em resumo, apesar de a hipnose poder alterar as capacidades de um indivíduo, a mesma coisa pode ocorrer causada por outros tipos de influência psicológica.

Eu acredito que todos os estudantes de hipnose concordam que, durante esse estado, independentemente da natureza, a atenção do indivíduo hipnotizado se torna notadamente concentrada e sua mente livre de estímulos extremos e pensamentos irrelevantes. Nessa condição, ele pode se concentrar em determinadas cenas do passado com uma clareza nem sempre experimentada por outros meios. Ele pode se lembrar de detalhes de sua infância que continuam ordinariamente esquecidos, como o dia da semana de seu décimo aniversário e seus professores e colegas de classe do ensino fundamental.[68]

---

[68] True (1949) demonstrava maior exatidão ao se lembrar, durante a hipnose, de detalhes da infância comparados com as lembranças durante um estado normal ou "desperto". Reiff e Scheerer (1959) não conseguiram repetir os resultados de True, mas se lembraram mais em relação a diferentes àquelas feitas por True. No entanto, O'Connell, Shor e Orne (1970) não conseguiram repetir os resultados de Reiff e Scheerer. Barber (1961) escreveu um resumo útil e uma análise dos experimentos para testar a lembrança melhorada durante a regressão hipnótica.

Até agora, sem problemas, porém, no processo de adquirir mais poder de concentração, o indivíduo entrega o direcionamento de seus pensamentos ao hipnotizador e assim se torna menos capaz, ou pelo menos mais indisposto a não seguir as instruções do hipnotizador. Estas mostram ao indivíduo que ele deve se lembrar de algo e, quando ele não consegue, faz uma afirmação incorreta de modo a agradar o hipnotizador. A maioria dos indivíduos que fazem isso não percebe que estão misturando verdade e mentira no que contam ao hipnotizador.[69]

Um indivíduo hipnotizado pode se adaptar da mesma maneira às instruções do hipnotizador quando recebe a orientação de retornar a uma vida anterior como quando recebe a orientação de retornar aos cinco anos de idade, ou talvez ainda mais.[70] Quando o hipnotizador diz: "Você voltará para antes de seu nascimento, para outra época e local", o indivíduo tenta obedecer. Vai demonstrar a mesma obediência quando

---

[69] Orne (1951) mostrou que indivíduos regredidos geralmente confabulavam quando não conseguiam se lembrar de informações sobre a infância. Lembranças exatas e inexatas eram misturadas e apresentadas sem que o indivíduo soubesse dos erros que estava cometendo. Os indivíduos às vezes "pegavam emprestadas" lembranças de acontecimentos e incorretamente as colocava no período de regressão. Putnam (1979) e posteriormente Zelig e Beidleman (1981) mostraram que, quando hipnotizados (não regredidos), os indivíduos tinham de responder perguntas sobre um acontecimento que haviam testemunhado e cometiam mais erros durante a hipnose do que no estado desperto. Há muitos anos Stalnaker e Riddle (1932) observaram que os indivíduos conseguiam se lembrar de mais coisas durante a hipnose do que em estado normal; mas, quando estavam hipnotizados, incluíam mais inexatidões nos itens relembrados. Dywan e Bowers (1983) relataram observações parecidas.

[70] Baker (1982) mostrou que as sugestões positivas ou negativas do hipnotizador podiam influenciar se as fantasias da vida anterior ocorreram. Spanos (1991) repetiu as observações de Baker e, em outra série de experimentos, mostrou que os indivíduos que estavam sendo regredidos por meio da hipnose a uma "vida anterior" apresentavam traços da chamada "personalidade anterior" que combinavam com sugestões dadas pelo hipnotizador aos indivíduos, assim, em uma vida anterior, eles podiam ter sido pessoas do sexo oposto ou de uma raça diferente, ou podiam ter sofrido abusos sexuais. Na expressão dos traços sugeridos durante a hipnose, o grupo experimental excedia um grupo de controle cujos membros não receberam qualquer sugestão. Esses experimentos valiosos também são relatados em Spanos (1996).

o hipnotizador fizer orientações de modo menos explícito, por exemplo: "Você vai se lembrar da causa dessas dores de cabeça em algum ponto do passado". Na condição peculiar de conformidade que a hipnose induz, o indivíduo é levado – pode-se dizer quase forçado – a fornecer um passado plausível de algum tipo e, se ele não consegue apresentar um passado da própria vida, pode construir lembranças passadas de uma suposta vida anterior, mesmo que nunca tenha tido lembranças dessa vida que possa usar como elementos. Ele pode, então, lançar mão de outros materiais em sua mente e costuma usar partes da história que até a pessoa menos estudada obteve por meio de leitura, rádio e televisão. Se ele não tem conhecimento da história, e mesmo que tenha, pode começar a contar ficção para não desapontar o hipnotizador.

Além disso, o indivíduo costuma empregar um terceiro traço comum da hipnose: poderes superiores de dramatização. Ele liga os diversos itens latentes de informação em sua mente e os anima em uma "personalidade anterior". Essa personalidade anterior pode demonstrar emoções apropriadas e constância de caráter mesmo quando evocada em momentos diferentes durante muitos meses.

Com respeito à integração de conteúdos mentais normalmente latentes e sua apresentação dramática de uma forma mais ou menos coerente, a hipnose tem muito em comum com os sonhos. Isso torna um tanto surpreendente o fato de algumas pessoas que não dão importância a seus sonhos aceitarem como verdadeiro, sem julgamento, o experimento da hipnose. Essa tolice provavelmente tem origem no *glamour* que os hipnotizadores e as induções drásticas da hipnose, alcançaram. Os hipnotizadores de palco e outros promovedores de afirmações sensacionais relacionadas com a hipnose têm alimentado a ideia enganada de que a hipnose é um modo infalível de recuperar lembranças, apesar de isso estar longe da verdade.

Uma pessoa às vezes pode demonstrar os anacronismos mais absurdos nos relatos de "personalidades anteriores", induzida por meio da hipnose. Em um exemplo publicado, a "personalidade anterior" em questão, que se descreveu como um mensageiro do rei da França na época das Cruzadas, afirmou que levava mensagem da corte de Versalhes a Bordeaux. Na época das Cruzadas (do século XI ao século XIII), entretanto, Versalhes não tinha conexão importante com o governo da França, só adquiriu esse status no século XVII.[71]

Outro indivíduo hipnotizado e regredido recontou uma vida na Inglaterra do século XVII como James, Earl of Leicester (pronunciado por ele como "Lechester"). Ele descreveu como "Lord Cromwell" havia expulsado a ele e a sua família do castelo. Na verdade, o Earl of Leicester da época era *Robert* Sidney (1595-1677), não James; ele nunca foi expulso de seu trono (em Penshurst), e Oliver Cromwell não era conhecido de modo geral – nenhum pouco – como Lord Cromwell, apesar de ser o Lord Protector.[72]

Anacronismos e outros erros do tipo que acabei de mencionar embaraçariam qualquer estudante de ensino médio, mas demonstram outro traço da hipnose – a suspensão de faculdades críticas comuns. Os escritores que publicam detalhes incorretos sem comentar não têm essa defesa, uma vez que eles, presumidamente, gostam da avaliação normal ao escrever seus livros, mas parece que as coisas tolas demais para serem colocadas em romances históricos podem ainda ser vendidas como "vidas anteriores". Os dois exemplos que acabei de dar também mostram, bem como muitas outras "vidas passadas" hipnoticamente induzidas, uma tendência que os indivíduos têm de assumir um papel, nas vidas anteriores,

[71] Bloxham (1958) publicou esse caso de regressão hipnótica a uma "vida anterior".

[72] Há três outros exemplos de erros de história ou geografia em casos publicados de regressão hipnótica a "vidas anteriores" (Stevenson, 1994).

de importância histórica, ou colocar a si mesmos em relação a pessoas e locais bem conhecidos.

Podemos ignorar diversos erros em tais casos e talvez devêssemos fazer isso mesmo, mas essa indulgência não removeria todos os obstáculos para aceitarmos as "vidas anteriores" hipnoticamente induzidas como o que parecem ser. As vidas retratadas ocorreram em um passado de registros imperfeitos, dedicados principalmente a líderes políticos e talvez a outras pessoas notáveis, como grandes artistas e cientistas. De quase qualquer vida antes de meados do século XIX, podemos dizer o seguinte: se registros detalhados dessa vida – necessários para verificação – existem, então o indivíduo poderia, pelo menos a princípio, ter tido acesso a eles, e se a pessoa envolvida levasse uma vida obscura, poderíamos verificar pouco ou nada sobre ela.[73]

Em alguns exemplos de regressão a vidas anteriores, o hipnotizador, depois, pediu ao indivíduo hipnotizado – na mesma sessão ou em outra, posterior – que citasse a fonte do material incorporado antes na suposta "vida anterior". Alguns indivíduos questionados dessa forma lembraram e disseram o nome de um livro ou de outra fonte para algumas das informações incluídas na "vida anterior".[74]

---

[73] Os registros de igrejas de acontecimentos como casamentos, mortes e de patrimônio e de taxas existem há séculos em alguns países europeus, mas quem os registrou deixou falhas. Em primeiro lugar, a umidade, a guerra e a negligência levaram à perda de muitos documentos. Os registros de casamento, nascimento e mortes só passaram a ser emitidos na Inglaterra e no País de Gales nos anos 1830 e, na Alemanha, apenas em 1870. Os registros de civilizações de confiança nos Estados Unidos também são de meados do século XIX. Eu não diria que uma pessoa não existiu antes de 1850 por não termos encontrado registros sobre ela, mas não poderíamos provar sua existência.

[74] Diversos psicólogos relacionaram os elementos de "vidas passadas" hipnoticamente induzidas a informações que os indivíduos haviam obtido normalmente por meio de leituras de anos anteriores sem se lembrar conscientemente que tinham obtido a informação. Exemplos desses casos podem ser encontrados nos relatórios de Björkhem (1961), Kampman (1973, 1976), Kampman e Hirvenoja (1978) e Zolik (1958, 1962). Venn publicou um resumo detalhado com as minúcias de uma "vida anterior" que um indivíduo hipnotizado fez. Descobriu que os detalhes confirmáveis eram de conhecimento geral, ou podiam ser obtidos em outros fontes; os itens obscuros eram falsos.

Além da fama não justificada da hipnose como meio de obter informações reais, os poderes de dramatização da mente que a hipnose libera oferecem ao indivíduo, e às vezes ao observador, uma aparência convincente de realismo. Dois indivíduos a quem hipnotizei ilustram bem o poder de fantasias para apresentar como lembranças.

O primeiro indivíduo regrediu facilmente para três diferentes "vidas anteriores". A única que continha informações verificáveis era a de um padre do final do século XVII na França, que ficava à margem nas controvérsias religiosas da época. Fiquei sabendo que o indivíduo havia tomado conhecimento dessa pessoa por meio de leituras e conversas normais. Em outra "vida anterior", o indivíduo se via como um marinheiro inglês no século XVI. O navio bateu em rochas em uma tempestade, e o marinheiro se viu na água, afogando-se. A representação do afogamento feita pelo indivíduo incluía expressões de medo e dificuldade de respirar. Em uma ocasião em que o indivíduo parecia reviver o afogamento, sua condição física me deixou tão assustado que rapidamente dei sugestões para que ele imaginasse cenas mais tranquilas; e assim imediatamente ficou mais calmo. Apesar de eu estar convencido de que a pessoa que parecia se lembrar dessas três vidas entrou em uma fantasia, usando informação que obteve normalmente, ela mesma acreditou depois que havia se lembrado e revivido vidas anteriores. O realismo aparente das experiências foi mais forte do que outras considerações para ela.

Outro indivíduo que hipnotizei relembrou de uma "vida anterior" na Amsterdã do século XIX. Às vezes, ele parecia estar se esforçando para falar alemão, por isso pedi a um colega que falava alemão para participar da sessão; ele logo percebeu que o indivíduo não era capaz de falar alemão (ele conhecia algumas palavras de turista alemão, mas havia tentado transformá-las em frases corriqueiras). Ele também não demonstrou conhecer as partes principais de Amsterdã

com as quais um residente da cidade teria familiaridade. O fato relevante aqui é a intensa personificação da mulher alemã de que o indivíduo demonstrou durante a hipnose. Pude, facilmente, regredi-lo e trazê-lo de volta dentro da vida da suposta personalidade anterior. No dia de seu casamento, a "personalidade anterior" demonstrou a exuberância alegre de uma noiva. Anos depois, na época da morte de seu marido, ela começou a chorar e demonstrou intenso pesar, que comoveu todos os observadores. Na época, dois colegas estavam comigo, ambos psicólogos experientes, e a expressão de emoções apropriadas do indivíduo os impressionou tanto, que eu tive dificuldade em convencê-los a aceitar a minha opinião de que ele estava apenas representando fantasias.

É justo afirmar que esse indivíduo demonstrou ter um pouco de conhecimento da Holanda do século XIX que não poderia ter adquirido normalmente. Por exemplo, ele corretamente disse o nome de um navio, *Nederland*, ancorado no porto de Amsterdã em 1866. A vida anterior nesse caso pode, assim, ter sido fictícia em grande parte, mas apresentava sinais, que talvez tenham sido obtidos de modo paranormal.

Os defensores da hipnose como meio de recuperar lembranças de vidas anteriores frequentemente citam melhoras nos pacientes depois das sessões hipnóticas. Por exemplo, se um paciente perde uma fobia de água depois de descrever como ele se afogou em uma "vida anterior", o paciente e o hipnotizador podem atribuir a melhora à recuperação da lembrança aparente do afogamento. No entanto, isso mostra um erro comum dos psicoterapeutas: a crença não garantida da melhora de um paciente justifica a teoria preferida e a técnica usada. A melhora e a recuperação das neuroses ocorrem com uma grande variedade de terapeutas e técnicas. O terapeuta bem-sucedido deveria receber crédito depois de outros terem falhado, mas o crédito deveria ir para o terapeuta e o paciente, não para a técnica ou teoria do terapeuta. Como explicarei

depois, as crianças que afirmam se lembrar de vidas passadas (com detalhes confirmados) costumam ter fobias relacionadas ao tipo de morte de que se lembram da vida anterior. No entanto, essa fobia pode se manifestar antes de a criança falar sobre a vida anterior e explicar a origem da fobia; pode continuar se manifestando durante o período em que a criança fala sobre a origem traumática da fobia e, às vezes, continua por muito tempo depois de a criança ter se esquecido de lembranças da vida anterior. Essas fobias não dão base para acreditar que a recuperação de uma lembrança aparentemente relacionada de uma vida anterior acabe com uma fobia derivada de uma vida anterior. Apesar dessas ressalvas, não pretendo negar o efeito benéfico das lembranças de acontecimentos traumáticos que originam uma fobia podem ter.

Embora haja dúvidas sobre os resultados da maioria das experiências com regressão hipnótica a vidas anteriores, não rejeito todas. Em alguns exemplos, o indivíduo comunicou informações obscuras a respeito de um determinado local em um período anterior da história, pois parece pouco provável que ele pudesse ter conhecido de modo normal até onde pude descobrir. Classifico o episódio descrito em *O caso de Bridey Murphy*, de Bernstein, nessa pequena categoria.[75] Além disso, em dois casos que estudei, indivíduos hipnotizados e regredidos se mostraram capazes de falar idiomas estrangeiros que eles não haviam aprendido. Essa habilidade denomina-se *xenoglossia*,

[75] "Uma mentira gira o mundo enquanto a verdade está calçando as botas". Por esse motivo, muitas pessoas mal informadas, de forma errada, acreditam que a criptomnésia seria a explicação correta para o caso de "Bridey Murphy". Mas isso não está certo. Alguns observadores disseram que o indivíduo do caso poderia ter obtido todas as informações que demonstrava ter sobre a vida na Irlanda do século XIX por meio de um vizinho irlandês a quem ele supostamente havia conhecido na infância. Ducasse (1960) examinou cuidadosamente essa afirmação e a evidência que mostra que ela não é verdadeira. O indivíduo se lembrava de ter conhecido os filhos desse vizinho, mas não se lembrava de ter conversado com ele. Este não poderia, de maneira alguma, ter dado ao indivíduo todos os detalhes sobre a Irlanda no início do século XIX que "Bridey Murphy" relatava.

isto é, "a habilidade de falar um idioma desconhecido ou não aprendido". Eles falavam esses idiomas de modo natural, ou seja, realizavam conversas com outras pessoas que falavam o mesmo idioma.[76]

As tolas impossibilidades que desfiguram a maioria das personalidades anteriores hipnoticamente induzidas não devem nos influenciar para ignorar uma pergunta legítima que esses casos trazem à tona: por que o indivíduo de tal experimento, com todos os momentos e locais que pode escolher para sua vida passada, prefere uma determinada época e lugar? Por que, quando recebe o pedido de voltar para qualquer época e local, opta por narrar uma vida, digamos, na Escócia do século XVII, e não na França do século XVIII, ou na Alemanha do século XIX? Se ele teve uma vida anterior na Escócia do século XVII, isso poderia tê-lo influenciado a reconstruir uma vida desse local e época em vez de outra. Então, quando se compromete com a construção de uma vida anterior, ele deve atrair tudo que sua lembrança agora concentrada possa mobilizar de suas fontes de informação normalmente adquirida. Durante esse processo, alguns itens de lembranças da vida anterior podem se tornar deslocados e atraídos, como peças de ferro a um campo magnético, para a vida anterior especialmente fictícia. Isso poderia resultar em um tipo de romance histórico.[77] O indivíduo, mencionado anteriormente, que se lembrava de uma vida anterior em Amsterdã pode ter ilustrado esse processo. Podemos vê-lo com frequência ocorrendo em sonhos. Alguns sonhos

[76] Publiquei, em artigos e livros, relatórios de dois casos de xenoglossia reativa durante a hipnose que me parecem autênticos (Stevenson, 1974, 1976 e 1984).

[77] Da mesma maneira, eu disse que certas desilusões de pessoas mentalmente doentes poderiam ser originadas de lembranças de vidas possadas pouco lembradas. Uma mulher que acreditava ser a imperatriz Josefina poderia ter tido uma vida anterior na França durante a primeira década do século XIX, quando ela pode ter admirado a imperatriz Josefina ou se identificado fortemente com ela.

têm elementos obviamente irreais que se combinam com lembranças corretas e – de modo muito mais raro – informações obtidas por meio de percepção extransensorial.

Pode-se supor que indivíduos que se lembram espontaneamente de uma provável vida anterior podem mobilizar mais detalhes sob a hipnose. Eu esperava que isso ocorresse e tenho tentado usar a hipnose com algumas pessoas que afirmam ter lembranças espontâneas de aparentes vidas anteriores. Apesar de as lembranças dessas pessoas terem podido se originar de uma possível vida anterior, elas não tinham detalhes suficientes, principalmente de nomes certos, para permitir verificações. Eu esperava que, durante a hipnose, os indivíduos pudessem se lembrar de alguns (ou mais) nomes corretos de pessoas e locais, de modo que pudéssemos verificar a existência das pessoas de cujas vidas eles pareciam se lembrar.

Realizei, ou iniciei, treze experimentos desse tipo; em alguns, eu mesmo fui o hipnotizador; em outros, chamei outro hipnotizador para realizar o experimento. Nenhum deles foi bem-sucedido. Talvez esses esforços tenham falhado porque os indivíduos eram todos (com uma exceção) crianças, ou adultos, de idade mais avançada quando realizaram as experiências.[78]

Esses experimentos devem ser repetidos e estendidos a indivíduos mais novos, por exemplo, crianças de cerca de sete ou oito anos. As crianças dessa idade são hipnotizadas com facilidade e, se têm lembranças de vidas anteriores reais, estas podem estar mais próximas à superfície da consciência do que em um momento posterior da vida. Além disso, pode-se obter facilmente mais conhecimento definitivo a respeito da exposição de crianças mais novas a fontes normais de informações sobre os assuntos das vidas anteriores. Por outro

[78] A incapacidade, exceto em casos raros, de recorrer a lembranças de vidas anteriores durante a hipnose provavelmente tenha a mesma causa da amnésia que ocorre por lembranças espontâneas de vidas anteriores no final da infância.

lado, os adultos têm contatos mais longos e abundantes com diversas fontes de informações potencialmente disponíveis para uso em fantasias sobre as vidas anteriores.

A experiência de *déjà vu*

Algumas pessoas passam pela experiência de, ao estar em um local pela primeira vez, sentir que já estiveram ali antes. Os psicólogos chamam essa experiência de *déjà vu* (já visto). Em uma pesquisa, 76% dos entrevistados disseram já ter tido essa experiência.[79]

Alguns jovens indivíduos de casos do tipo reencarnação experimentam o *déjà vu* quando vão a vilas onde dizem já ter vivido em uma vida anterior. Toda a vila, ou grande parte dela, parece familiar para uma criança desse tipo, embora ela também possa comentar mudanças em portas, cômodos, árvores ou construções e ambientes que se alteraram desde a vida da qual ela se lembra.[80] Talvez outras pessoas que tenham experiência de *déjà vu*, mas não tenham lembranças com imagens de uma vida anterior, lembrem-se apenas um pouco dessa vida e não consigam ter mais lembranças.

A maioria dos casos de *déjà vu* provavelmente não exige tal interpretação. Diversas outras razões explicam muitos

---

[79] Algumas das diferenças entre as pesquisas surgem de diversas maneiras com as quais os entrevistados foram questionados sobre as experiências e as diversas maneiras com que podem interpretar as perguntas feitas. Alguns psicólogos e entrevistados incluem como *déjà vu* a experiência de acreditar que um acontecimento, como uma determinada conversa, já foi vivido antes; outros restringem o termo a uma sensação de familiaridade com um local não visitado antes. O questionário de Palmer incluía os dois tipos de experiência de *déjà vu*: por lugares e por acontecimentos. A experiência de *déjà vu* não deveria ser vista como um sinal de anormalidade mental. Muitas pessoas de mente normal tiveram essa experiência. Entre elas estão o escritor Charles Dickens (1877, p. 37) e o poeta A. E. Housman (Graves, 1979, p. 166). Neppe (1983) publicou uma análise detalhada da experiência de *déjà vu*.

[80] Os casos de Parmod Sharma, Prakash Varshnay, Rabih Elawar e Swarnlata Mishra incluíam essas frases.

eventos dessa experiência melhor do que a reencarnação.[81] Por exemplo, alguns fatos podem ser devidos ao tipo de conhecimento não deduzível do futuro que chamamos de precognição. A precognição às vezes ocorre durante os sonhos. Suponha que uma pessoa sonhe com um local que ela nunca viu antes, mas posteriormente vai visitá-lo, mesmo sem saber disso na época. Ela pode então se esquecer do sonho, apesar de restos dele continuarem existindo sob sua consciência. Os experimentos com lembranças mostram que o "reconhecimento é maior do que a lembrança". Isso significa que, apesar de tentarmos, sem sucesso, lembrar um nome, por exemplo, podemos reconhecê-lo se o virmos em uma lista com outros nomes. No exemplo atual, o sonhador, quando visita o local com que sonhou, pode julgá-lo familiar e até pensar que o viu antes, mesmo sem conseguir explicar por que tem essa impressão. Alguns exemplos de *déjà vu* parecem apoiar essa explicação. Neles, a pessoa que tem a experiência posteriormente se lembra de um sonho que teve antes de um local que parecia familiar.

Algumas experiências de *déjà vu* podem ter uma justificativa ainda mais simples. A cena que parece familiar pode lembrar outra anteriormente vista pela pessoa que tem a sensação por não reconhecer essa semelhança. Algo assim acontece quando abordamos um desconhecido e até nos dirigimos a ele pelo nome, a quem confundimos com alguém que conhecemos. Nessa situação, o desconhecido rapidamente explica que

[81] Se a experiência de *déjà vu* surgisse com frequência de lembranças de vidas anteriores de verdade, eu deveria esperar que mais pessoas que tivessem essa experiência teriam, ao mesmo tempo, tido lembranças com imagens. Isso às vezes acontece às crianças indivíduos de nossos casos confirmados. Quando chegam à vila ou cidade onde dizem terem vivido antes, eles podem ter novas lembranças, aquelas evidentemente estimuladas pelas cenas que parecem ser familiares a elas. De vez em quando, adultos que tiveram a experiência de *déjà vu* dizem que também tiveram na época, ou momentos depois, algum conhecimento inesperado sobre o local onde a experiência ocorreu. Eles sabem, por exemplo, que na próxima esquina verão uma casa de ferragens, mesmo que essa loja esteja fora da vista do indivíduo. E isso pode de fato ocorrer.

estamos enganados, isso se não percebermos o erro antes dele. No entanto, um acontecimento não pode apontar nem corrigir nossos erros; por isso, quando eles parecem familiares, algumas pessoas podem insistir em pensar, de modo incorreto, que "já estiveram ali antes".

Uma explicação neurológica também tem sido sugerida para experiências de *déjà vu*. Se os dois hemisférios do cérebro funcionassem um pouco fora de sintonia entre eles, a informação que chega à consciência por meio de um hemisfério seria registrada como nova, enquanto o outro lado do cérebro, um milésimo de segundo depois, pode registrá-lo como velho. Não tenho evidências reais de que isso possa ocorrer e, mesmo se tivesse, isso não explicaria os poucos exemplos de *déjà vu* nos quais a pessoa demonstrou conhecimento de um local que ela não poderia ter alcançado normalmente.[82]

Sonhos e pesadelos

Algumas pessoas têm sonhos nos quais se veem em outro local, vestindo roupas de uma época diferente. Muitos desses sonhos são recorrentes e podem ser levemente desagradáveis, como um pesadelo. Algumas pessoas que têm esses sonhos dizem que eles tiveram início na infância e se tornaram recorrentes a partir de então. Às vezes, os sonhos ficam menos frequentes conforme a pessoa envelhece e podem desaparecer totalmente.

De acordo com minha opinião, quem os tem parece reviver os acontecimentos do sonho, não tem dificuldades para descrever a diferença entre esses sonhos incomuns e os comuns. Pode dizer, no entanto, que seus sonhos comuns parecem desconectados, incongruentes e geralmente fora da realidade, embora só reconheça esses traços quando desperta. Por outro lado,

[82] Efrom (1963) propôs essa explicação.

nos sonhos de "vida anterior", as cenas são completamente realistas e coerentes. Os detalhes do ambiente ao redor são tão vívidos e naturais como percepções do estado de vigília e não têm a bizarrice que os objetos e os ambientes costumam ter em sonhos comuns. Se o sonho for recorrente, cada sonho da série costuma ser exatamente igual a todos os outros, como quem sonha sempre despertando no mesmo ponto – em geral durante uma crise no evento representado. Por fim, os sonhos desse tipo se tornam fortemente fixos na lembrança e não desaparecem como a maioria dos sonhos comuns. Essa fixação na lembrança pode ocorrer mesmo em sonhos não recorrentes, por isso não depende necessariamente de repetição.

Muitas pessoas descreveram esses sonhos para mim. A maioria não tem detalhes verificáveis, apesar de alguns corresponderem a outros aspectos da personalidade de quem sonha, como medos incomuns ou interesses por determinados países.

Em um caso, uma menina norte-americana, Alice Robertson (que nasceu em 1932), sofreu muitos anos – desde o início de sua infância – com pesadelos recorrentes, cujos detalhes vívidos nunca mudavam. Nos pesadelos, ela era uma mulher adulta trajando um vestido até os tornozelos que caminhava tranquilamente por uma estrada com uma menininha que ela sabia ser sua filha. Era quase noite e o sol se aproximava do horizonte. De repente, ela tomava consciência de um rugido ensurdecedor, e a terra parecia se abrir a seus pés. Nesse momento, ela acordava aterrorizada, gritando. Isso fazia com que sua mãe corresse até ela. A criança – que Alice era na época – tentava explicar à mãe que ela realmente havia vivido a cena do pesadelo, mas sua mãe, esposa de um bispo episcopal, dizia que aquilo não era possível e a menina estava "apenas sonhando". Por fim, Alice desistiu de tentar convencer a mãe de que em seus pesadelos ela se lembrava de acontecimentos reais que já tinha vivido. Contudo, os pesadelos continuaram e, com o passar dos anos, tornaram-se menos frequentes.

Quando Alice cresceu, identificou o vestido na altura dos tornozelos que vestia no sonho como um sari. O detalhe combinava com uma forte atração que ela sentia pela Índia. Quando era jovem, assistira a um filme sobre Darjeeling (no nordeste da Índia) que lhe causou uma forte sensação de *déjà vu*. Ela, então, pela primeira vez, leu algo sobre o Darjeeling e ficou sabendo que grandes deslizamentos de terra haviam ocorrido ali diversas vezes entre 1890 e 1920. Assim, ela ficou convencida de que a vida anterior nos pesadelos havia ocorrido em Darjeeling. Não pude confirmar isso, porque Alice não fornecia detalhes suficientes de nomes pessoais e locais para permitir que eu tentasse verificar. Ela foi uma das pessoas, mencionadas anteriormente, com quem foi feito um esforço utilizando hipnose para trazer à tona mais lembranças, durante a hipnose, porém, ela apenas reviveu a experiência familiar aterrorizante do pesadelo sem acrescentar novos detalhes.

Outra moça norte-americana, Mary Magruder, tinha pesadelos igualmente perturbadores, que também começaram a ocorrer no início da infância. Em seus pesadelos, ela parecia ser uma menina perseguida por um índio americano durante uma invasão feita por índios a um acampamento de exploradores brancos. Assim como os sonhos de Alice Robertson, os sonhos de Mary Magruder eram vívidos e os detalhes parecidos a cada ocorrência. No entanto, o sonho nem sempre terminava. Em alguns sonhos, os índios estavam apenas perseguindo-a; em outros, um índio a pegava e a segurava pelos cabelos. Nesse momento, ela acordava, gritando. Às vezes dizia: "Mamãe, eles estão pegando meus cachos". Mary percebeu que, embora seus cabelos fossem macios e lisos, os da menina a quem ela parecia ser no sonho eram castanhos e encaracolados.

Apesar de Mary parecer estar revivendo uma vida anterior nos pesadelos, ela só pensou a sério no assunto quando, por acaso, foi a um lugar na Virgínia Ocidental onde seus ancestrais tinham vivido durante o século XVIII. Ela havia

crescido no meio-oeste e não sabia nada sobre essa região ou sobre seus ancestrais vivendo ali antes de sua visita ao local já na fase adulta. Então, soube que uma parte da propriedade de sua família era conhecida como Cabana Queimada, por ter sido incendiada em um ataque de índios. Visitei a região para aprender mais sobre o local em primeira mão. Um ponto histórico na estrada, a quatro quilômetros do local da "Cabana Queimada", registra que o último ataque indígena na Virgínia ocorreu perto dali em 1764. O atual proprietário da Cabana Queimada, que era primo distante de Mary, confirmou para mim a história de que o local tinha seu nome originado de um ataque indígena, que ele acreditava ter ocorrido entre 1745 e 1750.

Mary não pôde confirmar mais detalhes sobre a possível vida anterior de seus pesadelos, e aqueles que conseguiu reunir continuam sem confirmação, mas eles são historicamente plausíveis.[83]

As lembranças da maioria das crianças cujos casos estudei ocorreram aos indivíduos em estado de vigília comum, porém algumas tiveram sonhos ou pesadelos em que cenas lembradas da vida anterior apareciam a eles.[84] Pode haver distorções em tais sonhos, como ocorrem em sonhos com elementos de origem paranormal e, assim, em sonhos comuns também.

Em um desses casos, uma criança libanesa, Arif Hamed, relembrou uma vida anterior que terminou quando uma grande pedra de construção caiu de uma varanda e acertou a pessoa de cuja vida ele se lembrava. Esse homem estava sentado sob a varanda e morreu na hora com a queda da pedra sobre sua cabeça. De acordo com as lembranças de Arif, alguns bodes ao

[83] Algumas pessoas podem interpretar esse fato como um caso de memória genética, porque é quase certo que alguns dos ancestrais de Mary Magruder estavam envolvidos em uma invasão indígena, fazendo com que ela se lembrasse de seu pesadelo.

[84] Prakash Varshnay, Salem Andary, Sunita Khandelwal, Cemil Fahrici e Suleyman Andary estão entre os indivíduos que tinham lembranças aparentes e despertas da vida anterior durante os sonhos.

redor da casa foram as últimas imagens vistas pelo homem antes de morrer. Arif tinha sonhos recorrentes com bodes escalando pilhas de tijolos e derrubando-os. Também confirmei algumas das lembranças de Arif, mas não confirmei que havia bodes na área da casa da personalidade anterior quando esta morreu. Acredito que, mesmo assim, esse detalhe é correto; os bodes são animais domésticos comuns na área rural do Líbano. Se isso é verdade, então essa informação se incorporou e se distorceu no sonho recorrente de Arif, que parece se originar da maneira pela qual a personalidade anterior desse caso morreu.

Assim, eu acredito que alguns sonhos vívidos e recorrentes possam surgir de lembranças reais de vidas anteriores, porém não conheço nenhum método, ou nenhum detalhe distinto, que justificaria uma afirmação mais positiva sobre os sonhos desse tipo, que não têm detalhes confirmados. A qualidade da clareza de um sonho pode indicar paranormalidade, mas não prová-la: um sonho vívido tem maior chance de ter um componente paranormal do que um sonho não vívido, embora a maioria dos sonhos vívidos não tenha esse componente.[85] Devemos examinar até mesmo aqueles que contêm detalhes confirmados com relação à possível origem em fontes normais da informação incluída.

Eu aconselho a quem tem sonhos recorrentes não interpretá-los precipitadamente. Algumas pessoas que têm sonhos repetidos lançam mão de enciclopédias e procuram informações sobre uma pessoa cuja vida combine com a cena ou o acontecimento do sonho. Uma de minhas correspondentes tinha um sonho bem vívido em que ela aparecia elegantemente vestida com roupas usadas na Europa durante a primeira metade do

[85] A maioria das pessoas que sonham dizem que os sonhos vívidos, em comparação com aqueles que não são vívidos, ocorrem raramente. Parece que, apesar de a maioria dos sonhos não demonstrar informações adquiridas de modo paranormal, um sonho vívido tem mais chances de incluir essas informações em relação a um que não seja.

século XIX. Um aristocrata, igualmente elegante, a cortejava. Acredito que teria sido melhor se ela se satisfizesse em examinar apenas os detalhes no sonho em si. Infelizmente, ela não fez isso e logo concluiu que em sua vida anterior tinha sido a conhecida dançarina Lola Montez, a *femme fatale* que tirou o rei Ludwig I de seu trono. Outra de minhas correspondentes também achava, por diferentes motivos, que *ela* era Lola Montez. Talvez eu devesse ter apresentado essas duas correspondentes uma à outra.

Doenças e drogas

Algumas pessoas tiveram a experiência de, aparentemente, reviver um momento de uma vida anterior sob a influência de drogas, como LSD (dietilamida do ácido lisérgico). Sabemos, por experiências com essa droga, que ela pode fazer uma pessoa reviver de modo muito forte as lembranças de acontecimentos da vida atual, mas estou preparado para acreditar que, se a reencarnação ocorre, o LSD (e drogas similares) pode facilitar a recuperação de lembranças de vidas passadas. Não conheço ninguém, todavia, que tenha se lembrado de detalhes confirmados de uma vida anterior por meio do uso de drogas.[86] Além disso, tais lembranças, como chegam à consciência dessa maneira, podem passar por distorções parecidas com aquelas de sonhos.

O LSD pode causar efeitos colaterais desagradáveis e complicações, às vezes, sérias. Acredito se tratar de uma droga cuja utilidade ainda não estudamos nem exploramos adequadamente, mas creio ser potencialmente danosa se consumida em condições inadequadas, sem supervisão médica principalmente.

[86] Grof (1976) discutiu a possibilidade de que algumas pessoas possam ter lembranças de vidas anteriores durante a intoxicação com drogas alucinógenas. Algumas experiências durante a intoxicação com LSD que Sandinson, Spencer e Whitelaw (1954) descreveram parecem sugestivas de lembranças de vidas anteriores, mas eles preferiram interpretá-las como evidência da liberação de lembranças reprimidas causada pelo LSD.

Assim, não recomendo o seu consumo como meio de induzir possíveis lembranças de vidas anteriores.

Em algumas pessoas, o que parecem ser lembranças de uma vida anterior tornou-se consciente durante uma doença grave – geralmente com febre e delírios. Por exemplo, uma mulher, acometida seriamente por uma doença neurológica conhecida como síndrome de Guillain-Barré, viu imagens vívidas de eventos anteriores em sua vida (atual) e do que parecia a ela acontecimentos de uma vida anterior, talvez na França durante o século XIX. Essas últimas imagens não eram, até onde ela se lembrava, de fatos ocorridos em sua vida desde o nascimento, apesar de estarem misturadas com lembranças de tais acontecimentos. Por estar muito doente, a paciente também estava sob a influência de remédios, por isso seria difícil identificar a causa física imediata das imagens incomuns que ela viu.

Diversas crianças dos casos do tipo reencarnação tiveram um aumento no número de lembranças de uma vida anterior durante uma doença (geralmente com febre) e poucas fizeram as primeiras afirmações sobre a vida anterior durante uma doença.[87]

Meditação

Algumas pessoas parecem recuperar lembranças de vidas anteriores durante a meditação. O *siddhis* (poderes espirituais e paranormais), supostamente alcançado incidentalmente por aspirantes espirituais no hinduísmo e no budismo, inclui a habilidade de se lembrar de vidas anteriores. Em alguns exemplos de que tenho conhecimento, lembranças de aparentes vidas anteriores surgiram de repente e inesperadamente na consciência durante a meditação, mas conheço apenas uma pessoa que obteve lembranças confirmadas

[87] Exemplos podem ser encontrados nos casos de Ma Mu Mu e Vinita Jha.

dessa maneira. Foi Pratomwan Inthanu – uma freira budista da Tailândia – que recuperou, enquanto meditava, algumas lembranças que posteriormente foram confirmadas a respeito da vida de dois bebês que tinham vivido em locais distantes de onde Pratomwan havia nascido e vivido.

Lembranças de uma aparente vida anterior que ocorrem espontaneamente durante a meditação podem ter valor para o meditador, apesar de não serem confirmadas nem contribuírem para a evidência (os meditadores geralmente não procuram evidências).

Acredito que devo alertar as pessoas a respeito de dar importância a supostas lembranças de vidas anteriores evocadas durante a meditação, principalmente quando o meditador decidiu recuperá-las. Isso apenas atrai fantasias que parecem ser lembranças de uma vida anterior. Uma pessoa que procura lembranças de uma vida anterior durante a meditação não está em posição melhor do que alguém sob a influência de um hipnotizador; em ambas as situações há uma tarefa a realizar e a possibilidade de cumprir essa tarefa com uma fantasia.

Mesmo sem essa preparação, as fantasias podem surgir durante a meditação e serem consideradas lembranças reais. Devemos lembrar que muitos praticantes ocidentais de meditação adotam uma técnica de origem asiática; poucos são ingênuos a respeito da possibilidade de reencarnação, e quase todos sabem que a meditação pode levar à emergência de lembranças de vidas anteriores. Isso faz com que eles se tornem capazes de interpretar, sem critérios, qualquer fantasia que por acaso surja na meditação, como lembranças de vidas anteriores.

Forte emoção

Em poucos casos que conheço, adultos tiveram lembranças de aparentes vidas passadas que ocorreram durante

períodos de forte emoção, como pesar. O caso de Georg Neidhart parece ser o melhor exemplo desse tipo. Quando Georg Neidhart, que vivia em Munique, Alemanha, ainda era jovem, sua primeira esposa e sua filha morreram em datas próximas uma da outra. Ele entrou em depressão, estado que durou meses. Deprimido, ele de repente começou a ver uma série de imagens que pareciam ser de uma vida anterior. As cenas se ordenaram em uma sequência de acontecimentos, sobre os quais ele fez anotações. Depois, confirmou alguns dos detalhes e descobriu que outros combinavam com a vida de um homem que havia vivido na parte da Bavária, a nordeste de Munique, durante o século XII. Outros casos desse tipo me chamaram a atenção, apesar de nenhum ter sido tão evidente quanto o de Georg Neidhart.

Diversas experiências de adultos em estado de vigília

Alguns adultos já tiveram, espontaneamente, durante um estado normal de vigília, *flashes* – ou sequências mais longas – do que parecem ser lembranças de vidas passadas. Não sabemos quão comuns tais experiências são porque os relatos sobre elas até então dependem de submissão voluntária de relatos por parte das pessoas que as viveram. Esses *flashes* espontâneos apresentam os mesmos problemas de análise, assim como todos os outros tipos de evidência que mencionei: são pouco importantes mesmo se forem confirmados, a menos que possamos excluir fontes normais de informações para seu conteúdo.[88]

[88] Lenz (1979) publicou uma coleção dessas experiências, mas ele as aceitava da maneira que vinham e não tentava relacioná-las a outros tipos de experiências, fossem elas psicopatológicas ou paranormais. Diversos livros históricos foram publicados por autores que afirmam baseá-los em lembranças reais de vidas anteriores. Podemos reconhecer a boa-fé de alguns desses escritores (Grant, 1937; Hawkes, 1981) sem necessariamente levar seus livros a sério como provas da reencarnação.

Experiências espontâneas de crianças pequenas

Além dos sonhos e pesadelos, que costumam começar na infância, os indivíduos de todos os tipos de evidência até aqui discutidos eram adultos. Quando uma pessoa chega à fase adulta, sua mente já foi tomada por diversas informações de muitas fontes. Grande parte dessa informação fica nos cantos obscuros da mente, e seu dono pode não perceber que a possui, mas a informação continua disponível para ser utilizada em fantasias sobre vidas anteriores. Essa mobilização de arquivos inconscientes de lembrança pode ocorrer quando um esforço proposital é realizado para trazer à tona lembranças de uma vida anterior. Descrevi como isso pode ocorrer em casos de regressão hipnótica e durante a meditação; também parece ocorrer, às vezes, quando drogas alucinógenas são ingeridas.

Os comentários a seguir ajudarão os leitores a entender por que valorizo tanto as expressões espontâneas sobre vidas anteriores feitas por crianças pequenas. Com raras exceções, essas crianças falam por vontade própria; ninguém sugeriu que elas deveriam tentar se lembrar de uma vida anterior. E, quando são pequenas e começam a falar sobre as vidas anteriores, suas mentes ainda não receberam, pelos canais normais, informações sobre pessoas falecidas. Além disso, podemos fazer uma avaliação satisfatória da possibilidade de que elas obtiveram suas informações de modo normal. Nos últimos trinta anos, tenho voltado minha atenção a casos de crianças pequenas e considero justo dedicar quase todo o restante deste livro a elas. No próximo capítulo, apresentarei quatorze casos típicos, cujos indivíduos eram crianças quando começaram a falar sobre vidas anteriores.

Capítulo 4

QUATORZE CASOS TÍPICOS DE CRIANÇAS QUE SE LEMBRAM DE VIDAS PASSADAS

Descreverei agora, de modo resumido, quatorze casos representativos de reencarnação. Escolhi esses casos dentro das nove culturas diferentes que estudei. Para ajudar a corrigir a crença difundida de que casos desse tipo ocorrem apenas entre budistas e hindus, incluí um caso da tribo tlingit do Alasca, um do Líbano, um da Inglaterra, um da Turquia e quatro casos dos Estados Unidos.

Em todos, o indivíduo fez afirmações sobre a vida que afirmava lembrar enquanto ainda era criança, bem como, um ou vários informantes adultos confirmaram que ele havia feito tais afirmações àquela idade.

Publiquei relatórios detalhados de nove desses casos em outro ponto.[89]

O caso de Gopal Gupta

Gopal Gupta nasceu em Délhi, Índia, no dia 26 de agosto de 1956. Seus pais eram de classe média baixa com

[89] Como mencionei anteriormente, o Anexo traz informações sobre as publicações de relatórios detalhados (os casos estão relacionados em ordem alfabética pelo primeiro nome do indivíduo). Os leitores devem se lembrar de que a maioria dos relatórios incluídos neste livro está drasticamente condensada em versões mais detalhadas. Em relatórios de casos, a brevidade e o detalhamento não são compatíveis.

pouco estudo. Não notaram nada de anormal no desenvolvimento de Gopal na infância e no início da vida.

Assim que Gopal começou a falar – mais ou menos aos dois anos –, a família recebeu um visitante em casa, e o pai de Gopal pediu ao filho que retirasse um copo de água que o visitante havia usado. Gopal assustou a todos dizendo: "Não vou fazer isso. Sou um sharma" (os sharmas são membros da casta mais alta na Índia, os brâmanes). Então, ele teve um ataque e quebrou alguns copos. O pai de Gopal pediu a ele que explicasse seu comportamento rude e seu argumento. Então, ele relatou muitos detalhes de uma vida anterior de que ele se lembrava ter vivido na cidade de Mathura, a 160 quilômetros ao sul de Délhi.

Gopal disse que em Mathura ele era dono de uma empresa envolvida com remédios, e o nome da organização era Sukh Shancharak. Disse que tivera uma casa grande e muitos empregados, uma esposa e dois irmãos e havia discutido com um deles, que acabou lhe dando um tiro.

A afirmação de Gopal de ter sido um brâmane na vida anterior explicava sua recusa em pegar o copo de água, porque brâmanes normalmente não tocam em utensílios que um membro de uma casta inferior já tenha tocado. Sua família era bania, membros da casta dos empresários.

Os pais de Gopal não tinham conexões em Mathura, e as afirmações do menino não lhe trouxeram qualquer lembrança. A mãe do menino não queria incentivá-lo a falar sobre a vida anterior de que afirmava se lembrar e, a princípio, seu pai se mostrava indiferente em relação ao assunto. De vez em quando, no entanto, contava a amigos as coisas que Gopal vinha dizendo. Um desses amigos se lembrava vagamente de ter tomado conhecimento de um assassinato em Mathura que correspondia às afirmações de Gopal, mas isso não incentivou o pai do garoto a ir a Mathura confirmar o que Gopal estava dizendo. Por fim, em 1964, ele foi a Mathura para uma festa religiosa e, enquanto estava lá, soube da empresa Sukh Shancharak e fez perguntas

ao gerente de vendas a respeito do que Gopal dizia. O que ele disse impressionou o gerente, porque um dos donos da empresa havia matado um irmão a tiros anos antes. O falecido, Shaktipal Sharma, morrera dias após o ataque, no dia 27 de maio de 1948.

O gerente, é claro, contou à família Sharma sobre a visita do pai de Gopal. Alguns visitaram Gopal em Délhi e depois de conversar com ele o convidaram para visitá-los em Mathura, ele aceitou. Nesses encontros em Délhi e Mathura, Gopal reconheceu diversas pessoas e locais conhecidos por Shaktipal Sharma e fez mais afirmações, indicando considerável conhecimento sobre o que dizia. A família Sharma ficou ainda mais impressionada quando Gopal comentou sobre uma tentativa, realizada por Shaktipal Sharma, de conseguir dinheiro emprestado de sua esposa; ele queria entregar a quantia a seu irmão, que era um sócio da empresa, mas tinha problemas com gastos. Shaktipal Sharma pretendia acalmar o irmão exigente, dando a ele um pouco de dinheiro, mas a esposa não concordou com a ideia e se recusou a emprestar dinheiro ao marido. O irmão ficou enfurecido e atirou em Shaktipal. Os detalhes das brigas nunca foram divulgados e provavelmente nunca chegaram ao conhecimento de outras pessoas que não fossem os familiares envolvidos. O assassinato, sim, havia sido muito divulgado. O conhecimento de Gopal a respeito desses assuntos, suas outras afirmações e alguns dos reconhecimentos de pessoas conhecidas de Shaktipal Sharma convenceram os membros da família Sharma de que ele era Shaktipal Sharma reencarnado.

Além das afirmações sobre a vida anterior, Gopal demonstrava um comportamento que um brâmane rico costumava mostrar, inadequado para sua família. Ele não hesitava em dizer aos outros membros da família que pertencia a uma casta superior à deles. Relutava em fazer qualquer tarefa doméstica e dizia que tinha empregados para isso. Não bebia no copo que outra pessoa tivesse usado.

O doutor Jamuna Prasad, que trabalhou comigo por muitos anos em casos na Índia, deu início à investigação do caso em 1965. Eu assumi a investigação em 1969, quando entrevistei pessoas de ambas as famílias envolvidas, em Délhi e em Mathura. Mantive contato com o caso até 1974.

Gopal nunca expressou um forte desejo de ir a Mathura e, depois de ter ido para lá em 1965, nunca pediu para voltar. Durante alguns anos depois de 1965, às vezes ele visitava as duas irmãs de Shaktipal Sharma, que viviam em Délhi. Então, qualquer contato entre as duas famílias foi interrompido. Conforme Gopal foi ficando mais velho, aos poucos perdeu seu ar de superioridade e ajustou-se às circunstâncias modestas de sua família. Falava cada vez menos sobre a vida de Shaktipal Sharma, mas em 1974 seu pai acreditava que Gopal ainda se lembrava de muitas coisas.

O caso de Gopal me parece muito forte em relação à pequena chance de que ele pudesse ter adquirido esse conhecimento sobre a vida e morte de Shaktipal Sharma de modo normal. É verdade que Shaktipal Sharma pertencia a uma importante família em Mathura, e seu assassinato foi muito divulgado quando ocorreu. No entanto, os Sharma e os Gupta viviam em cidades muito afastadas uma da outra e pertenciam a castas e classes econômicas distintas. Seus círculos sociais eram totalmente diferentes, e eu não hesito em acreditar que os membros de ambas as famílias não se conheciam antes do desenvolvimento do caso.

O caso de Corliss Chotkin Jr.

Este caso teve início com uma previsão feita por um pescador tlingit (do Alasca) idoso, Victor Vincent, que contou à sua sobrinha, Irene Chotkin, que depois de sua morte ele renasceria como filho dela. Mostrou a ela duas cicatrizes de pequenas operações, uma perto da base do nariz, e outra, na

parte alta das costas; ao fazer isso, disse que ela o reconheceria em sua próxima encarnação pelas marcas de nascença em seu corpo correspondentes às cicatrizes.

Victor Vincent morreu na primavera de 1946. Cerca de dezoito meses depois, no dia 15 de dezembro de 1947, Irene Chotkin deu à luz um menino, que recebeu o nome de seu pai. Corliss Chotkin Jr. tinha duas marcas de nascença, que a mãe afirma estarem exatamente nos mesmos pontos das cicatrizes sobre as quais Victor Vincent havia falado. Quando eu examinei essas marcas de nascença pela primeira vez, em 1962, ambas haviam mudado de lugar, de acordo com Irene Chotkin, em relação à posição que tinham quando Corliss nasceu, mas continuavam visíveis, e a marca das costas me deixou muito impressionado. Era uma área na pele de cerca de três centímetros de comprimento e cinco milímetros de largura; em comparação com a pele ao redor, era mais escura e levemente protuberante. Sua semelhança com a cicatriz de uma cirurgia ficava ainda maior com a presença, nas laterais, da marca de nascença principal de diversas marcas pequenas e redondas que pareciam corresponder às marcas feitas por agulhas nos locais dos pontos em cirurgias.

Quando Corliss tinha apenas um ano de vida e sua mãe estava tentando fazer com que ele repetisse o próprio nome, ele respondeu de modo petulante: "Você não sabe quem eu sou? Sou Kahkody", era o nome tribal que Victor Vincent tivera. Quando Irene Chotkin mencionou a afirmação de Corliss de que ele era Kahkody a uma de suas tias, esta disse que havia sonhado, logo depois do nascimento de Corliss, que Victor Vincent voltaria para viver com os Chotkin.[90]

[90] Este é um exemplo de sonho que costuma ocorrer em casos do tipo reencarnação. Uma pessoa falecida aparece a quem sonha e expressa seu desejo de renascer em uma determinada família. Quem sonha geralmente é a mulher que vai se tornar a mãe da criança que vai se lembrar da vida de uma pessoa falecida que apareceu no sonho. Às vezes um parente (como no caso de Corliss) ou um amigo sonha. Eu chamo esses sonhos de "anúncios" e falarei mais sobre eles em capítulos posteriores. Outros seis exemplos ocorrem nos casos deste capítulo.

Irene Chotkin tinha certeza de que não havia contado à tia sobre a previsão de Victor Vincent de que ele retornaria como seu filho.

Quando Corliss tinha entre dois e três anos de vida, espontaneamente reconheceu diversas pessoas a quem Victor Vincent conhecera, incluindo a esposa dele. Irene Chotkin disse que ele também mencionou dois acontecimentos na vida de Victor Vincent sobre os quais ela não acreditava que ele podia ter tomado conhecimento normalmente.

Além disso, Corliss demonstrava diversos traços de comportamento correspondentes a traços parecidos com os que Victor Vincent havia demonstrado: Corliss penteava o cabelo de uma maneira semelhante à de Victor Vincent; tanto Corliss quanto Victor Vincent gaguejavam; ambos tinham interesse em barcos e água; ambos eram religiosos fervorosos e ambos eram canhotos. Corliss também demonstrava interesse em motores e um pouco de habilidade para lidar com eles e consertá-los; sua mãe disse que ele havia aprendido sozinho a controlar barcos motorizados. É pouco provável que Corliss tenha herdado ou aprendido essa habilidade com seu pai, que tinha pouco interesse e nenhuma habilidade com motores.

Depois de completar nove anos, Corliss passou a falar menos sobre a vida anterior de que parecia se lembrar e, em 1972, quando eu o conheci, ele disse que não se lembrava de mais nada. Encontrei Corliss e sua família três vezes no início dos anos 1960 e mais uma vez em 1972. Na época desse último encontro, Corliss já quase não gaguejava, apenas quando ficava ansioso. Seu interesse pela religião havia diminuído, mas mantinha interesse em motores. Durante a guerra do Vietnã, ele combateu como homem de artilharia, e uma cápsula de bala havia prejudicado sua audição, mas, fora isso, quando eu o vi pela última vez em 1972, ele tinha boa saúde e estava trabalhando satisfeito em um moinho perto de sua casa, em Sitka.

O caso de Ma Tin Aung Myo

Ma[91] Tin Aung Myo nasceu no vilarejo de Nathul, Burma, no dia 26 de dezembro de 1953. Seus pais eram U Aye Maung e Saw Aye Tin. Quando Daw Aye Tin estava grávida de Ma Tin Aung Myo, ela sonhou, três vezes, que um soldado japonês atarracado, sem camisa e vestindo calças curtas a seguia e dizia que viria para ficar com ela e seu marido. Ma Tin Aung Myo deu indícios pela primeira vez de que podia estar se lembrando de uma vida anterior quando tinha entre três e quatro anos. Na época, um avião sobrevoou Nathul, e Ma Tin Aung Myo ficou assustada e chorou. Ma continuou demonstrando medo de aviões – fobia, até – durante alguns anos. Em outra ocasião, quando tinha cerca de quatro anos, foi vista chorando e, ao perguntarem o que estava havendo, ela disse que sentia saudade do Japão. Depois, aos poucos, contou que tinha sido um soldado japonês em Nathul durante a Segunda Guerra Mundial, quando o exército japonês ocupou Burma. Ma Tin Aung Myo disse que tinha sido um cozinheiro, e um avião aliado havia chegado ao vilarejo, causando um bombardeio e matando-a.

Ma Tin Aung Myo também deu alguns outros detalhes sobre a vida de que afirmava se lembrar. Disse que havia vindo da parte norte do Japão, onde tinha sido casada e tido filhos. Acreditava ter tido uma pequena loja no Japão antes de entrar para o exército. Afirmava ter sido morta durante a retirada japonesa de Burma (com essa informação, concluiu-se que a morte pode ter ocorrido em 1945). Ela descreveu o que o soldado japonês estava vestindo e fazendo, quando o

[91] Ma é um título dado a meninas em Burma. Quando ficam mais velhas e passam a ser reconhecidas como adultas e assumem uma posição na comunidade (independentemente de se casarem ou não), são chamadas pelo título Daw. Termos similares para homens jovens e mais velhos são Maung e U. Os títulos são tão importantes em Burma, pois se tornaram uma parte quase inseparável do nome; devo usá-los ao me referir a pessoas de Burma mencionadas neste livro.

bombardeio, ocorreu e como havia tentado fugir dos tiros. Disse ter sido atingida na virilha e morreu imediatamente.

Ma Tin Aung Myo não mencionou nomes corretos, exceto o do Japão. Não conseguia se lembrar do nome do soldado japonês nem do local no Japão de onde tinha vindo. Consequentemente, não podemos nem mesmo começar a relacionar uma pessoa japonesa que corresponda a suas afirmações, embora estas combinem com fatos em Nathul de quando o exército japonês evacuou Burma. Daw Aye Tin relembrou que havia conhecido e até tinha tido amizade com um cozinheiro no exército japonês que estava lá, mas não sabia se ele havia sido morto ali.

Ma Tin Aung Myo demonstrava um comportamento incomum para sua família, mas condizente com a conduta de um soldado japonês. Ela não gostava do clima quente de Burma nem da comida apimentada, preferia alimentos adocicados e gostava de comer peixe malpassado, mas não totalmente cru, como fazem alguns japoneses. Frequentemente expressava desejo de voltar ao Japão e às vezes deitava-se de bruços e chorava desconsoladamente de saudade de casa (segundo ela).[92] Ela também expressava raiva de ingleses e americanos quando ouvia falar deles.[93]

O comportamento mais impressionante de Ma Tin Aung Myo era sua atitude extremamente masculinizada. Ela insistia em se vestir com roupas de homens e deixava o cabelo bem curto. Isso acabou causando problemas em sua escola

[92] Muitos indivíduos desses casos demonstram um forte desejo de retornar para a família anterior, a ponto de esse ser um traço recorrente dos casos. As relações da criança com sua família também afetam essas atitudes. No entanto, tenho encontrado casos em que a criança demonstra um grande desejo de voltar para a família anterior, até mesmo quando ela parecia estar tendo mais afeto em sua casa (atual) do que a personalidade anterior recebera.

[93] Soube desse detalhe apenas por meio de questionamentos em fases mais avançadas de meu estudo desse caso. A mãe de Ma Tin Aung Myo não o havia mencionado espontaneamente durante meus encontros com ela.

quando as autoridades insistiram para que ela fosse vestida como uma menina. Ela se recusou, eles não cederam e então ela saiu da escola aos onze anos. Sua falta de estudo limitou a escolha da profissão e, quando a conheci em 1974, ela recebia um salário baixo, trabalhando como vendedora de alimentos em uma estação de trem próxima.

Na infância, Ma Tin Aung Myo brincava de ser soldado. Sempre que seu pai visitava Mandalay, ela pedia a ele que comprasse uma arma de brinquedo. Suas três irmãs e único irmão não brincavam de soldados quando eram jovens. Ma Tin Aung Myo também jogava futebol e outras brincadeiras de meninos.

Os pais de Ma Tin Aung Myo haviam tido três meninas antes de ela nascer. Esperavam que o próximo filho fosse um menino, mas isso não significava que eles incentivavam Ma Tin Aung Myo a se comportar como homem. Na verdade, sua mãe não concordava com a atitude masculinizada da filha no modo de se vestir, apesar de seu pai parecer ter sido mais indulgente. Ele já havia morrido quando assumi o caso, por isso não obtive testemunhos dele.

Conforme Ma Tin Aung Myo foi ficando mais velha, continuou adotando atitudes não femininas em sua orientação sexual. Ainda usava roupas masculinas e não demonstrava interesse em se casar com um homem. Pelo contrário, dizia que gostaria de ter uma esposa. Ela obviamente via a si mesma como homem e não gostava de ser considerada mulher. Quando U Win Maung, meu parceiro em Burma, direcionou-se a ela com o cumprimento feminino "Ma", ele fora advertido para chamá-la de "Maung" (o cumprimento para homens) ou não usar palavra alguma. Durante uma entrevista, ela disse a U Win Maung e a mim que nós poderíamos matá-la de qualquer maneira que quiséssemos se garantíssemos que ela renasceria no corpo de um homem.

A família de Ma Tin Aung Myo aceitava sua explicação do caso, ou seja, que sua orientação sexual tinha origem

em uma vida anterior como homem; simplesmente aceitavam grande parte de seu comportamento como sendo normal na vida anterior de soldado japonês.

Esse é um bom exemplo de um caso não resolvido do tipo reencarnação. Ma Tin Aung Myo não fez afirmações detalhadas que pudessem ser conferidas e permitissem que fosse identificada uma determinada pessoa falecida cuja vida ela parecia lembrar. Mesmo assim, suas afirmações sobre a vida anterior eram plausíveis, e ela demonstrava diversos comportamentos incomuns que combinavam com sua afirmação de ter sido um soldado japonês em uma vida anterior. Falarei posteriormente sobre a possibilidade de esse caso ter se desenvolvido apenas com a influência dos pais dela, ou como a expressão de motivos obscuros por parte de Ma Tin Aung Myo.

O caso de Ma Tin Aung Myo é considerado de "mudança de sexo" e discutirei as causas desse tipo, sobre o qual estudei diversos exemplos, nos capítulos 5 e 9.

Encontrei Ma Tin Aung Myo em 1975, porém, desde então, não mais a vi. No entanto, U Win Maung (que me ajudou em Burma entre 1970 e 1989, ano de sua morte) a encontrou duas vezes mais, em 1977 e 1981.

O caso de Shamlinie Prema

Shamlinie Prema nasceu em Colombo, Sri Lanka, no dia 16 de outubro de 1962. Seus pais viviam em Gonagela, uma cidade a 60 quilômetros a sul de Colombo, e Shamlinie cresceu ali.

Os pais de Shamlinie perceberam que, mesmo antes de conseguir falar, ela demonstrava grande medo de tomar banho, resistia com gritos e esforços de sair da banheira. Também demonstrava, enquanto ainda era bebê, muito medo de ônibus e gritava sempre que seus pais a colocavam dentro de um, ou mesmo quando avistava um ônibus ao longe. As fobias deixavam

seus pais confusos, mas eles não pensavam que elas podiam ser fruto de acontecimentos traumáticos de uma vida anterior.

Quando Shamlinie começou a falar, aos poucos comentou com os pais e outras pessoas interessadas a respeito de uma vida anterior da qual ela afirmava se lembrar. Essa vida tinha acontecido em um vilarejo próximo chamado Galtudawa, cerca de dois quilômetros de Gonagela. Shamlinie mencionou os nomes dos pais que ela afirmou ter tido ali, e ela sempre se referia a sua "mãe em Galtudawa". Ela também falava de irmãs e de duas colegas de escola. Descreveu a casa da vida anterior, e o local e suas características eram bem diferentes da casa em que sua família estava morando. Ela descreveu a morte em sua vida anterior. Disse que saiu para comprar pão de manhã antes de ir à escola. A estrada estava molhada. Um ônibus passou espirrando água nela, que caiu em uma poça de lama. Esticou os braços e gritou: "Mãe". Depois disso, adormeceu.

Uma menina chamada Hemaseelie Guneratne, que tinha vivido em Galtuawa, havia morrido afogada no dia 8 de maio de 1961, em circunstâncias que combinavam com a descrição de Shamlinie (parece que ela dera um passo atrás para desviar de um ônibus que passava ali e caiu em uma enorme poça.) Hemaseelie era uma estudante de apenas onze anos quando se afogou. Os pais de Shamlinie tinham vínculo familiar distante com os Guneratne, mas os conheciam pouco e nunca tinham visto Hemaseelie. Eles se lembravam de ter tomado conhecimento da morte de Hemaseelie na época e de ter ficado muito tristes na época, mas depois se esqueceram totalmente do incidente e, quando Shamlinie começou a falar como se lembrasse de ter morrido afogada em uma vida anterior, não associaram suas afirmações com o acidente de Hemaseelie. No entanto, com cerca de três anos, Shamlinie reconheceu um dos primos de Hemaseelie quando o viu em uma rua em Gonagela. Mais de um ano depois, ela reconheceu uma das irmãs de Hemaseelie, também em Gonagela. Enquanto isso, Shamlinie

pedia para ser levada a Galtudawa, especialmente para visitar sua "mãe de Galtudawa", e ela comparou sua própria mãe de modo desfavorável com a "mãe de Galtudawa".[94]

O pai de Shamlinie por fim a levou à casa dos Guneratne em Galtudawa. Uma grande multidão se reuniu ali quando soube que uma criança que afirmava ter renascido estava visitando o vilarejo. A presença de muitos estranhos pode ter inibido Shamlinie, de modo que ela fez menos reconhecimentos do que poderia ter feito em um ambiente mais relaxado. O pai de Shamlinie disse que ela havia reconhecido a mãe de Hemaseelie, W. L. Podi Nona, mas os Guneratne não tiveram certeza disso. A visita, no entanto, permitiu que fossem confirmadas as afirmações de Shamlinie, e quase todas correspondiam a fatos da vida de Hemaseelie. Além disso, as duas famílias trocaram informações sobre as meninas envolvidas e ficaram sabendo que Hemaseelie e Shamlinie tinham alguns traços em comum, como preferências por certos alimentos e estilos de roupa.

Comecei a investigar esse caso em 1966, algumas semanas depois da primeira visita de Shamlinie a Galtudawa. Assim, pude entrevistar os informantes enquanto suas lembranças – tanto do que Shamlinie afirmara ter dito e feito e da vida de Hemaseelie – ainda estavam vívidas. Nos anos seguintes, fiz outras visitas a ambas as famílias para poder obter mais informações sobre detalhes a fim de testar a veracidade do que os informantes diziam e observar o desenvolvimento de Shamlinie. Exceto por poucas discrepâncias em pequenos detalhes, os informantes fizeram afirmações iguais, e o que eles disseram em entrevistas posteriores combinava com o que haviam dito antes.

Depois de sua primeira visita a Galtudawa, Shamlinie voltou a visitar os Guneratne algumas vezes, porém essas visitas foram ficando mais raras com o passar dos anos. A diminuição

[94] As crianças desses casos costumam comparar seus pais com os pais anteriores de quem afirmam se lembrar, nem sempre para enaltecer os primeiros.

das visitas coincidiu com a redução gradual das lembranças de Shamlinie sobre a vida anterior. Ela parou de falar espontaneamente sobre o assunto quando tinha entre cinco e sete anos, e parecia ter se esquecido de tudo aos onze anos, talvez antes. Havia perdido a fobia de água aos quatro anos e aos oito já tinha menos medo de ônibus, um pouco do medo ainda persistia. Em todos os outros aspectos, Shamlinie, quando a encontrei pela última vez em 1973, estava se desenvolvendo normalmente como uma garota cingalesa.

O caso de Shamlinie parece apresentar pequena possibilidade de ela ter obtido o conhecimento que tinha sobre a vida de Hemaseelie pelos meios normais. Tinha o ponto fraco, indubitavelmente, de que as famílias envolvidas viviam a dois quilômetros uma da outra e haviam se conhecido antes de o caso se desenvolver. A meu ver, no entanto, os raros contatos que as famílias tinham não podiam explicar o conhecimento detalhado de Shamlinie a respeito da vida de Hemaseelie ou o comportamento incomum que combinavam com suas afirmações sobre isso.

O caso de Suleyman Andary

Suleyman Andary nasceu em Falougha, Líbano, no dia 4 de março de 1954. Sua família era composta por drusos, membros de uma religião originada do Islã. Essa religião se distanciou muito dos ensinamentos islâmicos ortodoxos e seus membros a consideram separada. A reencarnação é um ponto central na religião drusa.[95]

Na infância, Suleyman parecia se lembrar de alguns detalhes de uma vida anterior. Algumas das informações pareciam chegar por meio de sonhos. Ele se lembrava de ter tido filhos e

[95] Mais informações sobre a religião drusa podem ser encontradas em Betts (1988), Makarem (1974) e Najjar (1973).

sabia alguns de seus nomes. Ele lembrava ser de um local chamado Gharife e havia possuído uma prensa a óleo lá. Diferentemente da maioria das crianças destes casos, ele não se lembrava de outros detalhes e só o fez quando já estava bem mais velho.

Quando tinha cerca de sete anos, um determinado acontecimento parece ter estimulado mais lembranças. Ele vivia, na época, com sua avó paterna, pois seu pai havia morrido quando ele tinha dois anos de idade. Sua avó materna foi à sua casa e pediu emprestado um dos livros sobre a religião drusa. Suleyman não atendeu ao pedido dela, perguntando se ela não tinha o livro em casa (aparentemente, ele não parou para pensar que, se ela tivesse o livro, não o teria pedido emprestado). Sua avó paterna escutou a resposta rude dada à avó materna e pediu a ele que se retratasse. De repente, ele se lembrou de que tivera livros religiosos em uma vida anterior e não permitia que eles saíssem de sua casa. Os drusos que têm cópias de livros religiosos praticamente veneram esses livros e os mantêm cuidadosamente em casa; assim, a atitude de Suleyman, apesar de mal-educada por vir de um menino, combinava bem com o que podia ser esperado de um homem druso mais velho.

Após esse incidente, Suleyman fez um esforço para recuperar mais detalhes da vida anterior de que ele parecia se lembrar. Então, relembrou ter sido um *mukhtar* (líder) de Gharife. Também se lembrou do nome do *mukhtar*, Abdallah Abu Hamdan, e outros detalhes de sua vida. A partir daí Suleyman passou a ter medo de ser provocado se contasse às pessoas que tinha sido um *mukhtar* em uma vida anterior. Sua família e amigos, ele pensou, acabariam acusando-o de ser arrogante ou o ignorariam. Por isso, ele manteve as lembranças em segredo por quase dois anos. Depois desse tempo, falou um pouco sobre elas, primeiramente com outras crianças e depois com adultos.

Alguns dos parentes adultos de Suleyman propuseram que ele fosse levado a Gharife para que pudessem ser confirmadas as coisas que ele dizia sobre uma vida anterior ali.

Gharife fica a uns trinta quilômetros de Falougha, mas em uma região diferente do Líbano. Apesar de estradas ligarem os dois vilarejos, é preciso um pouco de esforço, além de uma boa razão especial, para passar de um lado a outro, como descobri. Com uma exceção, os membros da família de Suleyman não tinham contatos em Gharife. Um dos parentes estava trabalhando ali temporariamente, porém não podia confirmar o que Suleyman estava dizendo. Posteriormente, esse parente fez perguntas em Gharife e conseguiu confirmar algumas das afirmações do menino. Enquanto isso, outras pessoas também haviam confirmado a exatidão de algumas dessas afirmações.

Como costuma ocorrer nesses casos na Ásia, rumores sobre as afirmações de Suleyman se espalharam. Um primo da família encontrou na Arábia Saudita alguns moradores de Gharife e contou a eles sobre o que Suleyman afirmava. Eles confirmaram que as lembranças de Suleyman tinham a ver com fatos da vida de um homem chamado Abdallah Abu Hamdan, que havia possuído uma prensa a óleo e tinha sido o *mukhtar* de Gharife por muitos anos antes de sua morte – provavelmente de ataque cardíaco – em 1942, aos 65 anos. Os moradores de Gharife que deram essa informação convidaram Suleyman para visitá-los. A princípio ele se recusou, mas no final do verão de 1967 ele foi duas vezes a Gharife.

Suleyman se mostrou tímido e inibido em Gharife. A viúva de Abdallah Abu Hamdan e dois de seus filhos ainda viviam ali, mas Suleyman não os reconheceu, tampouco os membros da família por meio de fotografias.[96] Entretanto, reconheceu três outras pessoas e alguns locais em Gharife. Talvez o reconhecimento mais importante tenha ocorrido

[96] Vinte e cinco anos haviam passado entre a morte de Abdallad Abu Hamdan e as visitas de Suleyman a Gharife. As pessoas e os locais que ele tinha de reconhecer tinham mudado muito durante aqueles anos. Os reconhecimentos fornecem o tipo mais fraco de evidência nesses casos, mas devemos revelar alguns pontos em razão das dificuldades às vezes impostas a um indivíduo que recebe o pedido de fazer reconhecimentos que sustentem sua afirmação de ter renascido.

quando ele apontou para uma estrada antiga, que não era mais usada e já estava praticamente fechada em 1967, para chegar à casa onde Abdallah Abu Hamdan vivera. No entanto, a importância do caso de Suleyman não está em seus poucos reconhecimentos, origina-se de suas afirmações sobre a vida anterior e de alguns comportamentos incomuns que ele demonstrava.

Antes de ir a Gharife, ou durante sua primeira visita ao local, Suleyman fez dezessete afirmações sobre a vida anterior, que incluíam os nomes da maioria dos filhos de Abdallah Abu Hamdan e alguns outros detalhes de sua vida. Suas afirmações eram todas corretas, com duas exceções: ele deu o nome de Salim como sendo de um dos filhos de Abdallah Abu Hamdan, quando, na verdade, Salim era irmão dele. Disse também que Salim era cego, quando na verdade um filho de Abdallah Abu Hamdan, chamado Naseeb, era cego.

Comecei a investigar esse caso em março de 1968 e continuei trabalhando nele até 1972. Entrevistei dezenove informantes em Falougha e Gharife. Tempos depois Suleyman emigrou para passar um tempo na Arábia Saudita, e eu não o encontrei entre 1972 e 1997.

Quando ainda era criança, Suleyman se comportava como um adulto. Ele preferia a companhia de adultos à crianças e, mesmo em um grupo de adultos ele costumava se destacar como uma pessoa importante. Ele reclamava se alguém o reprimia e, quando isso acontecia, ele dizia algo do tipo: "Ninguém pode me repreender. Sou adulto".

Os medos de Suleyman de que as pessoas ririam dele se soubessem que afirmava ter sido um *mukhtar* em uma vida anterior se concretizaram; a família e os amigos o provocavam por sua pretensão, e o apelidaram de "Mukhtar". Isso não o deixava totalmente incomodado, principalmente porque alguns membros da família pareciam usar o apelido de modo carinhoso, como se dissessem: "Acreditamos em

você". E de fato acreditaram nele depois que confirmaram as suas afirmações sobre a vida de Abdallah Abu Hamdan.

Suleyman também demonstrava mais preocupação com a religião do que outros membros da família. Isso combinava com o grande interesse de Abdallah Abu Hamdan em religião. Ao fim de sua vida, ele havia se tornado um xeque, o que envolvia fazer a promessa de manter um padrão muito mais alto de comportamento do que as pessoas comuns.

Mencionei antes que Suleyman não pretendia visitar Gharife e, quando foi convidado para fazer isso pela primeira vez, recusou-se. Sua família compreendeu essa decisão quando, em Gharife, ficaram sabendo das tragédias na vida de Abdallah Abu Hamdan. Os filhos haviam dado pouco conforto a ele; muitos tinham anormalidades congênitas, um havia emigrado para os Estados Unidos e outro tivera um relacionamento ruim com o pai. Então, outros acontecimentos deixaram mais sombrios os últimos dias de sua vida. Para poder ajudar um amigo, Abdallah Abu Hamdan havia falsificado um documento. Logo que a falsificação foi descoberta, ele foi despedido de seu cargo como *mukhtar*. Por fim, investiu mais do que podia em uma prensa a óleo. Os pagamentos por ela foram maiores do que ele esperava e, de acordo com sua esposa, a preocupação com essa dívida piorou sua doença terminal. Assim, ninguém se surpreendeu com o fato de que, tendo as lembranças de Abdallah Abu Hamdan, Suleyman não quisesse ir a Gharife.

Abdallah Abu Hamdan morreu em 1942, ou seja, doze anos antes do nascimento de Suleyman. Se Abdallah Abu Hamdan havia reencarnado como Suleyman, onde passou o intervalo? Suleyman respondeu a essa pergunta dizendo ter alcançado uma vida intermediária da qual nada se lembrava. Essa é a resposta dos drusos quando um intervalo – mesmo que seja apenas de um dia – ocorre entre a morte de uma personalidade anterior identificada em um caso e o nascimen-

to do indivíduo. Ocasionalmente, uma pessoa pode encontrar leves evidências dessas vidas intermediárias, mas geralmente elas se mantêm totalmente conjecturais.[97]

Com relação às lembranças de Suleyman a respeito da vida de Abdallah Abu Hamdan, porém, não acredito que elas se originem da informação que ele obteve por meios normais de comunicação. A distância entre os vilarejos envolvidos nesse caso era grande e também não devemos medir a acessibilidade à informação apenas em quilômetros. Devemos avaliar todas as possibilidades por meio das quais um indivíduo possa ter obtido normalmente a informação sobre a personalidade anterior. Fazendo a avaliação dessa maneira, considero o caso de Suleyman mais forte do que de Shamlinie, no qual as duas famílias envolvidas se conheciam antes de o fato se desenvolver.

Em novembro de 1997, fui a Falougha e encontrei Suleyman de novo, agora com 43 anos. Como seu pai havia morrido quando tinha apenas dois anos, a família não tinha dinheiro suficiente para pagar pelos estudos de Suleyman, que abandonou a escola aos 11 anos, ao concluir a quinta série. Na fase adulta, trabalhou como ferreiro, condutor de maquinário e motorista. Na época de nosso encontro em 1997, ele estava desempregado.

Suleyman disse que àquela época ele não tinha lembranças espontâneas de sua vida anterior em Gharife, mas se lembrava de algumas coisas quando conversava sobre o assunto. Em 1988, ele foi a um casamento em Gharife. Enquanto estava lá, percebeu que uma certa casa, que ele não havia visitado antes, havia sido alterada, e suas afirmações a respeito das alterações estavam corretas. Ele não havia retornado a Gharife desde 1988.

---

[97] Já fiz relatórios de alguns casos ilustrativos e uma discussão da evidência de vidas "intermediárias" (Stevenson, 1980).

Suleyman disse que, apesar de sua vida anterior ter sido agradável – certamente enfatizando a prosperidade e poder de Abdallah Abu Hamdan e não os problemas de seus últimos anos de vida –, ele sabia que ela "não voltaria". É difícil, segundo ele, manter relacionamentos com duas famílias e era melhor "deixar tudo no passado".

O apelido de "Mukhtar" continuava existindo, e todos no vilarejo o chamavam assim. Ele ainda se interessava pela política da região. Amigos o estavam incentivando a candidatar-se ao posto de *mukhtar* de Falougha, e ele estava pensando nisso seriamente.

O caso de Bongkuch Promsin

Bongkuch Promsin nasceu no vilarejo de Don Kha na Província de Nakhon Sawan, Tailândia, no dia 12 de fevereiro de 1962. Seu pai, Pamorn Promsin, era diretor de uma escola perto de Don Kha. Era uma pessoa de certa educação, apesar de ter recursos financeiros extremamente modestos.

Assim que Bongkuch começou a falar de modo coerente, ou até antes, ele começou a fazer referências a uma vida anterior e aos poucos revelou detalhes sobre ela a sua família. Ele afirmava ser de Hua Tanin (um vilarejo que ficava a nove quilômetros de Don Kha). Ele disse o nome da pessoa cuja vida afirmava lembrar, Chamrat, além dos nomes dos pais de Chamrat. Ele também descreveu alguns objetos que possuíra, como uma faca e uma bicicleta, e também fez menção sobre dois animais que a família possuía. E o principal: ele descrevia como dois homens o haviam assassinado em uma festa que os moradores de Hua Tanon tinham organizado. Os assassinos o esfaquearam em diversos pontos, levaram seu relógio de pulso e corrente e depois arrastaram seu corpo em um campo. Bongkuch revelou esses detalhes aos dois anos de idade.

Bongkuch disse que, depois da morte de Chamrat, ele havia ficado em uma árvore perto do local do assassinato por cerca de sete anos. Um dia, quando estava chovendo, ele havia visto seu pai (atual) e o acompanhado até em casa num ônibus. O pai de Bongkuch posteriormente relembrou que havia ido a Hua Tanon um pouco antes de sua esposa engravidar de Bongkuch; ele havia ido a uma reunião ali, e estava chovendo.

Sua mãe, Sawayi Promsin, havia saído à procura de bambu na área onde o assassinato havia ocorrido antes de ficar grávida de Bongkuch, mas eu não soube quanto tempo antes da gravidez. Ela disse que não tinha ido à parte de Hua Tanon onde a família de Chamrat vivia.[98]

Pamorn Promsin tinha alguns conhecidos entre professores de Hua Tanon, graças a seu trabalho profissional, mas não tinha parentes nem conhecidos ali. Ele e a esposa me contaram que nunca tinham escutado falar de Chamrat, a pessoa assassinada, que tinha apenas dezoito anos na época de sua morte. As notícias sobre um assassinato em uma vila como Hua Tanon poderiam ter chegado a vilarejos próximos, incluindo Don Kha; por outro lado, a área tinha um alto índice de assassinatos e não era de se esperar que um morador se lembrasse de todos os crimes ocorridos. Além disso, Chamrat havia sido morto mais de dez anos antes de Bongkuch falar sobre ele. Acredito ser possível que os pais de Bongkuch tenham ouvido falar sobre o assassinato de Chamrat, mas haviam dado pouca atenção ao caso e o esquecido rapidamente.

Os boatos sobre as revelações de Bongkuch chegaram à família de Chamrat, e alguns de seus membros foram ver

[98] Em alguns outros casos nos quais as duas famílias envolvidas não tinham qualquer conhecimento uma da outra, um membro da família do indivíduo visitou, pouco antes de o indivíduo ser concebido, a área na qual a personalidade anterior havia vivido ou morrido. Em outros casos, um membro da família da personalidade anterior havia visitado ou se mudado para a região da família do indivíduo logo depois de o indivíduo ter sido concebido.

Bongkuch em Don Kha (ele tinha cerca de dois anos e meio na época). Mais tarde, ele foi a Hua Tanon com membros de sua família. Essas visitas confirmaram quase tudo que Bongkuch havia dito sobre a vida anterior. Meus informantes e eu mesmo, posteriormente, não pudemos confirmar as afirmações dele sobre o assassinato de Chamrat, não houve autópsia. Um dos assassinos fugiu correndo e o outro, apesar de ter sido preso e julgado, foi solto por falta de provas. Mesmo assim, alguns policiais a quem entrevistei se lembravam do assassino e confirmaram ser corretas algumas afirmações de Bongkuch sobre o caso, como os nomes dos suspeitos do crime.

Notícias sobre o caso apareceram nos jornais da Tailândia em março de 1965 e foram enviadas a mim por um correspondente. O doutor Sophon Nakphairaj – diretor do Hospital do Governo em Nakhon Swan – realizou uma investigação preliminar do caso em 1965. Comecei a estudá-lo em 1966. Entrevistei membros de ambas as famílias envolvidas em Don Kha e Hua Tanon. Continuei estudando o caso nos anos seguintes e encontrei Bongkuch e seus pais em março de 1980.

O comportamento incomum de Bongkuch chamava tanto a atenção dos membros de sua família – e a minha atenção, posteriormente – quanto suas afirmações sobre a vida anterior. Durante o período em que ele falou mais sobre o assunto, demonstrou o que sua família considerava hábitos ruins, como sua mania de lavar as mãos e o uso de diversas palavras que seus pais não conseguiam entender. Também demonstrava gosto por alimentos que sua família não consumia ou dos quais não gostavam. A família de Chamrat era laosiana (a quem os tailandeses consideram menos preocupados com limpeza do que eles) e as palavras estranhas eram laosianas. Não pretendo sugerir que este seja um caso forte de xenoglossia (a capacidade de falar um idioma não aprendido); mesmo assim, nenhum outro membro da família de Bongkuch usava as palavras laosianas que ele usava,

e acredito ser pouco provável que ele as tenha aprendido normalmente, mesmo porque não havia moradores em Don Kha com quem ele pudesse ter aprendido a falar o idioma. O alimento de que Bongkuch gostava era arroz empapado, muito apreciado pelos laosianos; os tailandeses comem esse alimento só de vez em quando, mas as preferências de Bongkuch combinavam muito mais com a família laosiana de Chamrat do que com as de sua família tailandesa.

Bongkuch demonstrava uma atitude imperdoável em relação aos assassinos de Chamrat e durante anos prometeu se vingar deles quando pudesse. Às vezes, ele praticava golpes com uma pequena ripa de madeira que servia de arma imaginária, enquanto o poste representava os assassinos de Chamrat, cujos nomes ele gritava durante os golpes.

Como muitos indivíduos desses casos, Bongkuch às vezes se via como um adulto preso no corpo de uma criança. De vez em quando ele experimentava o que chamava de "ataques de adulto". Ele escovava os dentes como um adulto (as crianças não costumam escovar os dentes na Tailândia), e pelo menos em uma ocasião pediu ao barbeiro da região que fizesse sua barba. Ignorava meninas de sua idade, no entanto paquerava jovens na adolescência, e elas ficavam surpresas e até assustadas. Uma das meninas que tinha ido visitar os Promsin havia planejado ficar por mais tempo, mas partiu precipitadamente depois que Bongkuch tentou acariciá-la. Bongkuch não era apenas malicioso, às vezes ele dizia que queria entrar para a ordem dos monges budistas e pedia uma roupa de monge, ou se vestia como tal com os tecidos de que dispunha. Esses dois aspectos, de certa forma opostos, da natureza de Bongkuch combinavam com a atitude que podemos relacionar a Chamrat. Na época de sua morte, Chamrat tinha uma namorada com quem ele era um pouco comprometido; ao mesmo tempo, tinha muito interesse no budismo e expressava a intenção de se tornar um monge (esses interesses não são

incompatíveis; na Tailândia, muitos jovens se tornam monges por alguns meses ou mais e depois retomam a vida de homem comum e se casam).

Conforme Bongkuch foi ficando mais velho, suas lembranças da vida anterior desapareceram. Em seu vilarejo, algumas crianças o perturbavam, dizendo que ele era o "menino com duas vidas", e isso pode ter feito com que ele dissesse que tinha esquecido mais do que de fato se esquecera. De qualquer modo, ele parou de falar sobre as lembranças e acredito que aos dez anos ele havia se esquecido de quase tudo. Seu comportamento incomum também diminuiu com as lembranças imaginadas, e ele aos poucos se desenvolveu de modo totalmente normal. Em 1980, quando o encontrei pela última vez, ele era um jovem de dezoito anos e estava frequentando uma escola em Nakhon Swan. Um resíduo de seu comportamento laosiano persistiu: seu gosto pelo arroz empapado.

Doutor Jürgen Keil estudou esse caso novamente em 1995. Enquanto isso, alguns de meus informantes, principalmente o pai de Bongkuch e os pais de Chamrat, morreram, mas outros ainda estavam vivos e capazes e dar informações; entre eles, a mãe de Bongkuch e o filho adotivo mais velho de Chamrat. Os relatos que eles fizeram do caso do doutor Keil não diferem nos detalhes essenciais do que soube quase trinta anos antes.

O doutor Keil fez uma longa entrevista com Bongkuch, que tinha 33 anos na época. Depois de terminar o ensino médio, Bongkuch havia frequentado uma faculdade por dois anos e se formado em educação física. Ele havia se casado aos 25 anos e ele e a esposa tinham uma filha de seis anos. Ele estava trabalhando em um escritório da empresa de Correios e Telégrafos e vivia em uma cidade da Província de Nakhon Sawan.

Como eu disse, Chamrat se interessava muito pelo budismo, assim como Bongkuch, e falou para o doutor Keil

que tinha um quarto em sua casa com muitas estátuas e muitos amuletos budistas. Além disso, Chamrat meditava com frequência.

Em 1995, Bongkuch disse que, quando era jovem, conseguia se lembrar de 60% da vida de Chamrat, mas depois (em 1995) ele só conseguia se lembrar de 2% e para isso tinha de estar relaxado. Ele citou três ocasiões que estimulavam suas lembranças na infância: escutar alguém falar o dialeto do nordeste da Tailândia (que se parece com o laosiano), ser repreendido pelo pai e passar pelo vilarejo de Hua Tanon, onde Chamrat havia vivido.

O caso de Gillian e Jennifer Pollock

Gillian e Jennifer Pollock (gêmeas idênticas) nasceram em Hexham, Northumberland, Inglaterra, no dia 4 de outubro de 1958. Quando tinham entre dois e quatro anos de idade, fizeram diversas afirmações que sugeriam que se lembravam das vidas de suas irmãs mais velhas, Joanna e Jacqueline. No dia 5 de maio de 1957, um motorista descontrolado subiu propositalmente com o carro na calçada de uma rua em Hexham, onde Joanna e Jacqueline estavam caminhando e matou as duas na hora. Joanna tinha onze anos e Jacqueline seis quando morreram.

O pesar causado por essa tragédia fez com que seus pais, John e Florence Pollock, não quisessem falar sobre o ocorrido. John Pollock acreditava piamente em reencarnação, mas sua esposa não. Quando Florence ficou grávida no início de 1958, ele disse que as duas irmãs mortas renasceriam como gêmeas. Apesar de os médicos afirmarem o contrário, ele insistia em dizer que sua esposa teria gêmeas, o que de fato ocorreu. O nascimento delas provou que a afirmação dele tinha sido correta, pelo menos quanto ao nascimento das gêmeas.

Sua certeza logo recebeu mais apoio, porque ele e a esposa perceberam que Jennifer, a irmã mais jovem, tinha duas marcas de nascença que correspondiam no local e no tamanho às duas marcas no corpo de Jacqueline. Uma marca na testa de Jennifer, perto da base de seu nariz, combinava com uma cicatriz que ficara na testa de Jacqueline depois de ela ter caído e se cortado, e uma marca marrom no lado esquerdo da cintura de Jennifer combinava com uma marca parecida (congênita) de Jacqueline.

Além de fazer afirmações sobre as vidas das irmãs falecidas, elas reconheciam alguns objetos, como brinquedos, que suas irmãs possuíram ou conheceram. Os pais afirmaram posteriormente que as gêmeas não tinham como ter conhecimento desses objetos de modo natural. Os Pollock nunca haviam falado às gêmeas sobre as irmãs mais velhas e falecidas, e estas não podiam ter visto os objetos que reconheceram antes. Quando as gêmeas tinham menos de um ano, a família se mudou de Hexham, e as gêmeas não retornaram até seus pais as levarem para lá, aos quatro anos de idade. Nessa ocasião, as gêmeas mencionaram de modo espontâneo dois lugares – uma escola e alguns balanços em um parque – antes de os virem. Apesar de as gêmeas terem sido levadas ao parque em seus carrinhos quando eram bebês – elas haviam deixado Hexham quando tinham nove meses de vida –, seus pais não acreditavam que elas pudessem ter tomado conhecimento sobre a escola ou os balanços no parque.

Gillian e Jennifer também demonstravam comportamento correspondente ao das irmãs mais velhas falecidas. Jennifer era um tanto dependente de sua irmã mais velha (gêmea) Gillian, assim como Jacqueline era da irmã mais velha, Joanna. Quando as gêmeas aprenderam a escrever, Gillian prontamente aprendeu a segurar um lápis entre os dedos e o polegar, mas Jennifer segurava o lápis com a mão fechada. Joanna conseguia escrever corretamente alguns anos antes de

sua morte, enquanto Jacqueline (que tinha apenas seis anos quando morreu) ainda persistia em segurar o objeto com a mão fechada.

Estudei esse caso pela primeira vez em 1964 e mantive contato com os Pollock até 1985. A crença de John Pollock em reencarnação pode diminuir a força do caso entre pessoas que não conseguem acreditar que ele e sua esposa ou alguns outros membros da família não falaram sobre as irmãs falecidas na presença das gêmeas. Em resposta à insinuação de que sua crença em reencarnação pode enfraquecer o caso, ele prontamente respondeu que, apesar de essa objeção ter seu valor, sua sinceridade a respeito da reencarnação permitiu a ele perceber e lembrar de comentários e comportamentos de suas filhas gêmeas que a maioria dos pais ocidentais teria ignorado ou dos quais teriam rido.

Em 1978, consegui marcar exames de sangue que mostrariam, por meio da análise dos tipos e subtipos sanguíneos de Gillian e Jennifer e de outras pessoas da família, se os corpos das meninas derivaram de um ou dois óvulos. Os testes mostraram que elas eram gêmeas "idênticas" ou de um só óvulo (monozigóticas); isso significa que elas tinham o mesmo material genético. Uma vez que as marcas de nascença do tipo que Jennifer tinha podem ser hereditárias, seria de esperar que, se as marcas de nascença de Jennifer fossem de origem genética, Gillian teria marcas parecidas. Como não tinha, podemos supor que alguma aberração biológica durante a gestação das gêmeas criou as marcas de nascença de Jennifer, mas essa hipótese não explicaria a correspondência delas em tamanho e localização em relação às marcas no corpo de Jacqueline.

Gillian e Jennifer Pollock se tornaram jovens normais. Muito antes disso, no final da infância, elas se esqueceram totalmente das lembranças que tinham das vidas anteriores. Nos encontros que tivemos mais tarde, elas duvidavam de

seu caso. Com isso quero dizer que, por não terem lembranças persistentes das vidas anteriores, elas não diziam ser provas, mas não negavam as evidências que seus pais haviam obtido, observando as duas na infância.

O caso de Samuel Helander

Samuel Helander nasceu em Helsinki, Finlândia, no dia 5 de abril de 1976. Quando tinha entre um e dois anos, começou a fazer afirmações e reconhecimentos sugestivos de que ele estava se lembrando da vida do irmão mais novo de sua mãe, Pertti Häikiö. Posteriormente, Samuel demonstrou um comportamento incomum em sua família, mas correspondente ao de Pertti. Estudei esse caso em Helsinki em 1978 e 1981; meus informantes foram até a mãe de Samuel e sua avó paterna, que também era a mãe de Pertti.

Pertti Häikiö nasceu no dia 8 de junho de 1957, também em Helsinki, e morreu lá mesmo de diabetes melitos grave e não controlada no dia 10 de junho de 1975, quando tinha apenas dezoito anos. Durante alguns meses antes de sua morte, ele havia demonstrado um dos mais fortes sintomas de diabetes sem controle – bebia muita água – porém ninguém na época percebeu como ele estava doente. A mãe de Pertti, Anneli Lagerqvist (que havia se casado de novo após se separar do pai de Pertti) e sua irmã, Marja Helander (mãe de Samuel), sofreram muito após a morte dele. Quando Marja estava na décima semana de gravidez, esperando Samuel, ela sonhou com Pertti. Na época, ela estava pensando em fazer um aborto, mas no sonho escutou Pertti dizer: "Mantenha a gravidez".

Samuel tinha apenas cerca de um ano e meio de idade quando, ao perguntarem seu nome, ele dizia: "Pelti" (na época e por algum tempo depois, ele não conseguia pronunciar o som de *r* de "Pertti"). As tentativas de convencer Samuel de que seu nome era "Samuel" costumavam falhar; ele insistia

em se chamar "Pelti" e posteriormente "Pertti". Ele continuava afirmando que seu nome era "Pelti" com seis anos de idade, mas não se recusava a responder ou a se aproximar de sua mãe quando ela o chamava de "Samuel".

Samuel fez apenas algumas afirmações diretas sobre a vida anterior que ele parecia lembrar, e quase todas ocorriam quando ele reconhecia uma pessoa – geralmente em uma fotografia – ou objeto familiar a Pertti.

As fotografias de Pertti com menos de dez anos de idade pareciam causar os comentários de Samuel; as fotos de Pertti mais velho não tinham o mesmo efeito. Ao ver uma fotografia, Samuel disse se lembrar de que um cão o havia mordido na perna. Um cachorro havia mordido a perna de Pertti quando ele tinha três anos, mas Samuel nunca tinha sido mordido por um cão nem havia recebido informações sobre a mordida em Pertti. A fotografia também não dava qualquer sinal.

Em outra ocasião, Samuel viu uma foto de Pertti quando criança usando um andador. Ele disse que era ele na fotografia e estava no hospital com gesso na perna. Quando eu estava estudando esse caso em Helsinki, pude ver a fotografia que havia gerado esse comentário, mostrava Pertti usando um andador e qualquer pessoa poderia dizer que ele havia machucado a perna, mas nada na fotografia indicava que sua perna havia sido envolvida com gesso, como havia ocorrido antes de aquela fotografia ser tirada. As pernas de Pertti tinham sido feridas em um acidente quando ele tinha quatro anos de idade. Quando Samuel fez o comentário, ele tinha entre três e quatro anos.

A afirmação de Samuel de que as fotografias de Pertti eram dele mesmo não foi feita nas ocasiões que mencionei. A família mantinha algumas dessas fotos em um álbum e eles de vez em quando olhavam as fotos, e todas as vezes que Samuel via a fotografia de Pertti, dizia: "Sou eu".

Quando Samuel viu uma foto de Pentti Häikiö, pai de Pertti, disse: "Este é meu pai". Como o segundo marido de Anneli Lagerqvist tinha um pouco de ciúme de seu primeiro marido, a fotografia de Pentti Häikiö costumava ficar escondida, e ela tinha certeza de que Samuel nunca a tinha visto antes da ocasião em que reconheceu a foto como sendo de "seu pai".

Samuel também identificou diversos objetos que haviam pertencido a Pertti: um violão, uma jaqueta de veludo e um relógio velho. Os ponteiros tinham se perdido, e o relógio foi guardado em uma gaveta cheia de coisas velhas, mas, quando Samuel o viu, pegou o objeto, disse que era dele e insistiu em ficar com ele. Às vezes, ele dormia com o relógio embaixo do travesseiro; outras, ele o colocava em uma gaveta embaixo de sua cama.

Samuel nunca falou diretamente sobre a morte de Pertti, mas fez dois comentários que sugeriam lembranças de acontecimentos ocorridos depois disso. Ele disse que estivera em um local onde havia diversos caixões e alguns estavam abertos (Samuel nunca tinha ido a um mortuário, porém o corpo de Pertti tinha sido levado a um depois de sua morte). Samuel também comentava que a mãe de Pertti (avó de Samuel) havia chorado muito depois de sua morte; no entanto, ele pode ter obtido essa informação de modo normal ou mesmo ter feito uma suposição.

Quando Samuel foi levado ao cemitério onde Pertti tinha sido enterrado, ele olhou para o túmulo de Pertti e disse: "Este é meu túmulo".

A mãe e a avó de Samuel mencionaram diversos comportamentos incomuns dele que correspondiam ao comportamento parecido com o de Pertti. Quando Pertti era pequeno, ele havia engolido água enquanto estava na banheira; isso o assustara, mas ele não havia passado a sentir fobia de água. Mais tarde, aos 15 ou 16 anos, ele caiu de um píer, passou pelo gelo fino e caiu dentro do mar. Quase morreu afogado. Depois desse

acidente, passou a ter medo de água e não queria mais nadar. Samuel demonstrava medo ao ser submerso, relutava para tomar banho e sua avó disse que ele resistia tanto, que lhe dar um banho era um "pesadelo".

Quando Samuel começou a falar, chamava os pais pelos primeiros nomes: Pentti e Marja. Também chamava a mãe materna, Anneli Lagerqvist, de "mãe". Era inflexível com essas identidades e dizia a Marja Helander: "Você não é minha mãe". Samuel demonstrava forte apego a Anneli Lagerqvist e, quando ele tinha dois anos, tentou mamar em seu seio (ele já estava desmamado nessa época, mas Pertti, com a mesma idade, não havia sido desmamado). Samuel parou de chamar Anneli Lagerqvist de "mãe" aos cinco anos.

Pertti tinha o bonito costume, no Natal, de passar de pessoa em pessoa da família dando beijos. Esse não era costume da família e todos ficaram surpresos, no Natal de 1978, quando Samuel, que tinha apenas dois anos e meio, percorreu a sala beijando cada pessoa presente, assim como Pertti fazia.

Samuel também tinha dois comportamentos físicos que faziam lembrar Pertti. Ambos tinham o costume de ficar em pé, com um pé para a frente, geralmente com uma mão no quadril e ambos costumavam caminhar com as duas mãos nas costas, de vez em quando. Nenhum outro membro da família tinha esses costumes.

O caso de Roberta Morgan

Tomei conhecimento desse caso em fevereiro de 1971, quando a mãe de Shirley Morgan telefonou para mim na Universidade da Virgínia. Ela estava em Minnesota, onde vivia. Disse que sua filha, Roberta, muitos anos antes, falava insistentemente sobre ter tido "outra mãe e outro pai" a quem ela deseja visitar – de modo quase desesperado. Roberta dizia que ela (supostamente na vida anterior de que se lembrava)

havia prometido isso a seus "outros pais"; disse que voltaria para eles e queria cumprir a promessa.

Roberta nascera no dia 28 de agosto de 1961 e, assim, em fevereiro de 1971 ela tinha nove anos e meio de idade. Ela havia começado a falar sobre a vida passada quando tinha dois anos e meio (mas em 1971 ela já havia parado de fazer isso, por motivos que descreverei posteriormente). Shirley Morgan explicou que, na época em que Roberta falava muito sobre a vida anterior, ela não sabia nada sobre reencarnação e acreditava que Roberta estava dizendo bobagens. Posteriormente, por meio de leituras e reflexão, ocorreu a ela que Roberta poderia estar se lembrando de uma vida anterior, mas ela (Shirley Morgan) havia errado em suas responsabilidades, reprimindo a filha quando esta falava sobre o assunto. A partir daí, Shirley Morgan passou a ter outra postura e, em 1971, ficou muito preocupada em localizar a família anterior de Roberta para que a filha pudesse visitá-la. Então, ela decidiu entrar em contato comigo.

Quando Shirley Morgan me deu as informações que incluí nestes parágrafos, pedi a ela que escrevesse um relato do que Roberta havia dito sobre o que parecia se lembrar. Shirley Morgan fez isso, e ela também respondeu mais perguntas a mim em outras cartas. Em julho de 1972, visitei Roberta e sua mãe na casa delas em Minnesota (não conheci o pai de Roberta durante a visita). Roberta foi simpática comigo, mas, quando nos conhecemos, ela já havia se esquecido completamente da vida anterior. Assim, todas as informações sobre o caso foram dadas pela mãe. Durante nossa conversa e em cartas, ela me passou os seguintes dados:

No ápice de seus relatos sobre a vida anterior, Roberta se comportava "às vezes como uma criança adotada que se lembrava totalmente de seus pais [biológicos] e da casa deles". Ela dizia que era possível chegar à sua antiga casa atravessando uma longa estrada; ficava em um monte sem outras casas

por perto. Roberta ainda descreveu a casa e a terra de que ela afirmava se lembrar, mas sua mãe posteriormente conseguira relembrar pouco da descrição da filha, apenas que a família anterior vivia em uma fazenda onde havia cavalos e cães. Certa vez, quando tinha quatro anos, a menina foi a uma fazenda, dirigiu-se diretamente aos cavalos e os acariciou. Quando alguém perguntou se ela não tinha medo de cavalos, ela respondeu: "Não, já montei em cavalos muitas vezes". Roberta também falava de um automóvel que seu pai possuíra (não ficou claro se era um automóvel de passeio ou caminhão). Às vezes ela apontava para um veículo e dizia: "Ali está um carro [ou caminhão] parecido com o que meu pai tinha".

Roberta dizia que seus outros pais viviam na mesma cidade onde ela e sua família viviam (era em uma cidade diferente daquela onde nos encontramos). Certa vez, Roberta estava em um carro com a mãe e apontou para uma estrada, dizendo que era ali que vivia; apontou para uma estrada de terra que se ligava à autoestrada. Ela queria descer a estrada para ver sua família anterior. Sua mãe não quis fazer isso, evidentemente porque na época ela não acreditava que a filha estava correta. Roberta ficou brava com a mãe durante dias depois disso por não tê-la levado para ver a família anterior quando elas tiveram a chance de visitá-los.[99]

Roberta pediu à mãe que comprasse brinquedos parecidos com aqueles que ela dizia ter; quando a mãe disse não saber quais brinquedos eram, a menina ficou irritada com o que considerava como ignorância da mãe. Em outras ocasiões, ela repreendeu a mãe por achar que se lembrar da sua vida anterior era sua obrigação. Roberta evidentemente se lembrava claramente da aparência dos pais de sua vida anterior. Referindo-se à mãe anterior, ela disse à mãe atual: "Você age

[99] Veja a anotação 4 deste capítulo.

como ela, mas vocês não são parecidas".[100] Roberta preferia o comportamento da mãe anterior em diversas tarefas domésticas, incluindo na hora de cozinhar. Quando sua mãe (atual) preparava algum prato diferente para o jantar, Roberta dizia aos pais que já havia comido aquilo muitas vezes. Certa vez, sua mãe preparou milho cozido para surpreender a família. Ao colocar o milho na mesa, Roberta disse: "Já comi isso muitas vezes. Vocês não se lembram que minha outra mãe fazia isso?" Então, ela se referiu ao milho cozido com outro nome, mas Shirley Morgan não se lembrava mais. Shirley Morgan perguntou a Roberta como sua "outra mãe" preparava o prato, e então Roberta explicou pacientemente a maneira de cozinhar da "outra mãe". Roberta também achava que a mãe era tola por não lavar as janelas de modo mais eficiente, como sua mãe anterior. Também se metia na conversa dos pais e fazia comentários de acordo com a opinião da mãe anterior, sobre coisas que ela não poderia ter sabido de modo natural.

Roberta dava sinais da época em que a vida anterior havia ocorrido. Por exemplo, não se referia ao uso de roupas que obviamente pertenciam a décadas anteriores. Sua familiaridade com automóveis sugeria que a vida anterior havia ocorrido pelo menos depois de eles terem passado a ser comprados por fazendeiros americanos normalmente. Ela sugeria mais do que expressava abertamente que seus pais da vida anterior ainda estavam vivos e podiam ser encontrados se seus pais tentassem localizá-los.

Roberta gostava de usar roupas de menino e reclamava por ser menina, mas não afirmava ter sido menino na vida anterior. Seus pedidos de brinquedos sugeriam que a pessoa de quem ela afirmava se lembrar havia morrido cedo, porém Roberta nunca tinha dito nada sobre como a pessoa morrera. Na verdade, negava ter morrido. Quando Shirley Morgan certa vez

[100] Veja a anotação 6 deste capítulo.

fez uma pergunta direta sobre isso, Roberta respondeu: "Eu não morri. Precisei deixá-los [os outros pais] por um tempo. E eu disse a eles que voltaria". Ela nunca dizia amar os pais anteriores e, de fato, Shirley Morgan acreditava que, em uma competição entre ela mesma e a mãe anterior, ela (Shirley) ganharia, por pouco. A pressão que Roberta fazia a fim de voltar para a família anterior parecia ter mais a ver com a promessa que fizera de retornar do que com laços de afeto. Contudo, uma vez que ela nunca dissera seu nome ou de membros de sua família anterior, Shirley Morgan não tinha como procurá-los, mesmo que ela quisesse fazer isso na época, o que estava longe de ser o caso.

Shirley Morgan e seu marido eram cristãos – ela era membro da Assembleia de Deus; ele, da Igreja Católica Romana; a reencarnação não tinha espaço nos ensinamentos de ambas as religiões. Shirley Morgan nada sabia sobre reencarnação quando a filha começou a falar de uma vida anterior. Não estava preparada para esse tipo de conversa e menos ainda para os pedidos de Roberta para ser levada à "outra mãe" e para as comparações constantes e desfavoráveis entre Shirley e a "outra mãe". Todo pai tem um limite de tolerância para tais avaliações, e Shirley Morgan chegou ao seu limite depois de seis meses de insistência de Roberta. Começou a castigar a menina sempre que ela fazia menção a sua vida anterior. Batia na filha nessas ocasiões. Isso, aos poucos, fez com que Roberta parasse de tocar no assunto (exceto em lapsos ocasionais, como quando ela tinha quatro anos e afirmava ter andado a cavalo).

Não sei quando Roberta de fato se esqueceu da vida anterior. Pode ter lembrado por um tempo depois que sua mãe começou a puni-la por falar no assunto. Aparentemente, entretanto, ela se lembrava menos do que a mãe nos anos que se seguiram aos esforços da mãe em reprimir essas lembranças. Esse assunto não deixou de perturbar Shirley Morgan, de modo latente e depois abertamente. Por fim, como expliquei, ela ficou "obcecada" – foi a expressão que ela mesma usou – com a ideia de que devia

localizar a família anterior de Roberta e permitir que eles se encontrassem. Ela começou a se culpar também por não permitir que a filha falasse abertamente sobre a vida anterior, pois tinha certeza de que Roberta, na época, poderia ter dito alguns nomes que permitissem a confirmação de suas lembranças.

Infelizmente, essa mudança de atitude ocorreu tarde demais. Roberta, nessa época, tinha nove anos e meio, e não havia dado pistas adicionais sobre a identidade da família anterior desde suas alusões a cavalos, aos quatro anos; não disse nomes. Shirley Morgan aparentemente pensou em percorrer as fazendas com cavalos da região onde os Morgan viviam, mas isso parecia impossível sem pistas que pudessem ter limitado a área de buscas. No entanto, não compreendo por que ela não tentou descer a estrada rural que Roberta indicara cerca de seis anos antes.

Logo depois de minha visita a Roberta e sua mãe no início do verão de 1972, perdi contato com elas e não consegui encontrá-las desde então. Por isso, não posso dizer mais nada sobre seu desenvolvimento posterior.

O caso de Susan Eastland

Tomei conhecimento desse caso em 1968, quando recebi uma carta de Charlotte Eastland que, após ler sobre minha pesquisa em uma revista, forneceu informações sobre as afirmações e o comportamento de sua filha Susan. As cartas sugeriam que Susan tinha lembranças fragmentadas da vida de sua irmã mais velha e falecida, Winnie. Troquei cartas com Charlotte Eastland durante 1968 e no início de 1969 e, no verão de 1969, eu a visitei em sua casa em Idaho. Ali também conheci Susan, a pessoa estudada neste caso, e a filha mais velha de Charlotte Eastland, Sharon. No entanto, não conheci Robert Eastland, padrasto de Sharon e Susan, que, segundo disse Charlotte Eastland, tinha sido testemunha de algumas das afirmações de Susan sobre a vida anterior.

Winnie era uma menina adorável de seis anos que foi atropelada e morta por um veículo em 1961. Sua morte repentina arrasou os membros de sua família. Sua mãe sofreu muito e desejava ter Winnie de volta à família de alguma forma. Na época, ela sabia muito pouco sobre reencarnação; Charlotte contou-me posteriormente que havia tomado conhecimento da crença mantida na Índia de que os seres humanos podem renascer como animais – o que ela considerava impossível –, mas nunca havia ouvido falar sobre reencarnação no corpo de outro ser humano.

De qualquer modo, os membros da família tinham a esperança de que Winnie pudesse retornar para eles de alguma maneira. Cerca de seis meses após a morte de Winnie, sua irmã mais velha, Sharon, sonhou que Winnie estava voltando para a família. E, quando Charlotte Eastland engravidou dois anos depois, ela sonhou com Winnie voltando para a família. Em 1964, na sala de parto para o nascimento de seu bebê, seu primeiro marido – pai de todos os seus filhos – acreditou ter escutado a voz de Winnie dizendo com clareza: "Papai, estou voltando para casa". A bebê, Susan, chegou à família que havia acabado de perder uma menina alguns anos antes e tinha expectativas de que essa mesma menina renasceria entre eles. Temos de nos lembrar desses fatos quando avaliamos os comentários de Susan relacionados à vida de Winnie.

Quando Susan tinha cerca de dois anos, ela fez diversas afirmações que pareciam referências à vida de Winnie. Quando perguntavam a sua idade, ela respondia que tinha seis anos – a idade que Winnie tinha quando foi morta. A afirmação de que era mais velha persistiu até, pelo menos, os cinco anos de idade, porque na época ela insistia ser mais velha do que seu irmão Richard, que tinha onze anos. Winnie era mais de três anos mais velha do que Richard, por isso o comentário de Susan condizia com Winnie, porém, obviamente, estava errado com relação a sua idade e a de Richard.

Susan expressava um interesse fora do comum por duas fotografias de Winnie e disse sobre elas: "Essa era eu". Charlotte Eastland acreditava que podia ter dito a Susan que as fotos eram de Winnie, contudo não havia dito a Susan que acreditava que ela (Susan) era Winnie renascida. Susan não só identificava as fotografias como sendo dela, mas também insistia em guardá-las. Mantinha uma delas na cabeceira de sua cama e carregou a outra consigo por semanas, às vezes repetindo que aquela era uma foto dela.

Susan nunca pediu para ser chamada de Winnie, porém, em uma ocasião, quando ainda mal conseguia engatinhar, ela pegou um giz e escreveu letras na porta da cozinha que formavam a palavra "WINNI". Omitiu o *E* final de *Winnie* e deixou o segundo *I* de lado, em vez de colocá-lo na vertical.

Durante esse mesmo período, Susan perguntava com frequência: "Quando vou à escola?" e falava sobre brincar em balanços na escola. Susan ainda não tinha ido para a escola. Winnie, por outro lado, havia começado a estudar antes de ser morta e costumava brincar em balanços na escola.

Durante o tempo de vida de Winnie, Charlotte Eastland manteve um vidro de biscoitos que tinha um gato na tampa. Ela costumava brincar com seus filhos e, nessa brincadeira, quando um deles queria um biscoito do vidro, ela perguntava ao gato quantos biscoitos o filho poderia comer. Então, imitava a voz do gato respondendo com a voz esganiçada: "Miau, pode pegar um". Depois da morte de Winnie, Charlotte Eastland guardou o vidro de biscoitos e se esqueceu dele; o vidro continuou guardado por muitos anos. Quando Susan tinha cerca de quatro anos, Charlotte Eastland pegou o vidro e voltou a enchê-lo com biscoitos.

Susan pediu um biscoito. Sem perceber que a filha sabia sobre a brincadeira do gato, sua mãe, sem pensar, perguntou: "O que o gato vai dizer?". Susan a surpreendeu respondendo: "Miau, pode pegar um". Charlotte Eastland, ao

contar esse acontecimento para mim, sabiamente comentou que uma criança tão inteligente quanto Susan pode ter adivinhado a resposta; e eu também diria que ela pode ter obtido a resposta de sua mãe por meio da telepatia. Sua resposta espontânea também combinou com a interpretação de que Susan, de alguma forma, teve acesso às lembranças de Winnie.

Depois disso, Susan contou sobre diversos outros acontecimentos dos quais Winnie havia participado. Descreveu uma ocasião em que ela e outros membros da família tinham ido à praia e pegado um caranguejo, e ela disse o nome de familiares presentes nesse passeio. Charlotte Eastland relembrou que a família havia ido à praia no Estado de Washington um ano antes da morte de Winnie. Eles haviam brincado na água e na areia, encontraram conchas e procuraram mariscos, mas Charlotte Eastland não se lembrava de que eles tinham pegado um caranguejo. Susan disse corretamente o nome de três das quatro pessoas que estavam presentes, porém incluiu uma pessoa, seu padrasto, que não estava presente. Posteriormente, no entanto, ela se corrigiu e disse que o pai de Winnie (e dela) estava presente.

Susan também contou sobre brincar em um campo com sua irmã, Sharon. Disse que ela não havia sentido medo dos cavalos e chegou a passar por baixo de um deles. Tudo isso condizia com Winnie, que havia brincado em um campo com Sharon, não tinha medo de cavalos e já tinha passado por baixo de um.

Charlotte Eastland certa vez perguntou a Susan se ela se lembrava do menininho chamado Gregory que vivia do outro lado da rua. Susan respondeu: "Sim, eu me lembro de Greggy. Eu costumava brincar com ele". "Greggy" era o apelido de Gregory. Charlotte Eastland não o havia mencionado antes de Susan.

A mãe de Susan também perguntou se ela se lembrava do tio George, que vivia na rua de cima da deles. Susan não se lembrava de como era a casa do tio George, mas disse que se lembrava dele e acrescentou: "Costumávamos visitá-lo antes de ir para a escola e brincávamos por um tempo". Esse,

na verdade, era um costume de Winnie; ela havia parado na casa do tio para brincar no dia em que foi morta. Devo dizer que Gregory e o tio George viviam na cidade onde a família viveu durante a vida de Winnie. Susan nasceu e havia passado a vida toda em uma cidade menor de Idaho.

Os leitores devem ter percebido que a mãe de Susan tentava, às vezes, estimular suas lembranças, fazendo perguntas sobre acontecimentos que haviam ocorrido durante a vida de Winnie. Esse tipo de conversa tinha certo risco de, sem querer, revelar informações para a criança e poderia incentivar uma identificação com a pessoa falecida que não teria ocorrido de outra maneira. Mesmo assim, esse questionamento, se realizado por uma pessoa observadora e inteligente como Charlotte Eastland parecia ser, pode trazer à tona mais lembranças sem prejudicar a comunicação normal.

Mais um exemplo. Charlotte Eastland certa vez disse a Susan que Winnie havia perdido alguns sapatos em um campo. Com isso, Susan riu e disse que ela não tinha se importado com a perda dos sapatos. E acrescentou: "E você teve de ir à cidade comprar outros para mim". Esse fato havia acontecido com Winnie, que havia perdido em um campo o único par de sapatos que tinha.

Pensei que, ao final de 1969, eu tivesse aprendido tudo que podia sobre esse caso; no entanto, ao me corresponder com Charlotte Eastland em 1977 – para verificar alguns detalhes e fazer perguntas sobre o desenvolvimento posterior de Susan –, fiquei sabendo que Susan havia se lembrado de mais um incidente da vida de Winnie. Minha carta para a mãe dela, sobre a qual Charlotte Eastland conversou com Susan, evidentemente estimulou mais lembranças da vida anterior. Ela então contou à sua mãe sobre uma ocasião em que ela (como Winnie) havia ido com a mãe a uma pista de boliche. Enquanto sua mãe jogava boliche, Winnie ficou em uma área onde eram vendidos alimentos e doces, mas ela não parava

de correr entre essa área e o local onde sua mãe estava. Um menino que também estava ali corria com Winnie, e ele a beijou. Charlotte Eastland se lembrava bem desse incidente, principalmente porque o menino que beijara Winnie havia deixado o marido de Charlotte irritado com essa atitude.

Susan nunca dizia diretamente nada do tipo: "Eu fui Winnie", ou "Eu sou Winnie". Aproximava-se mais de uma afirmação assim quando dizia que as fotos de Winnie eram dela própria. Tinha lembranças que, segundo sua mãe, pareciam ser de "muito tempo atrás". Ela se lembrava de ter feito coisas que Winnie fizera, mas Susan não. As lembranças de Susan sobre a vida de Winnie não eram organizadas em um padrão mais ou menos coerente, como são as lembranças de muitos outros indivíduos desses casos. Podemos dizer que, apesar de Susan ter tido lembranças de uma vida passada, ela não parecia ter uma ideia explícita de que vivera antes.

Susan aprendeu rapidamente, tanto que Charlotte Eastland escreveu em uma de suas cartas para mim: "Às vezes, eu tenho a sensação de que, quando ela aprende algo novo, já sabia disso e só precisava ser relembrada".

Charlotte Eastland percebia dois traços de personalidade nos quais acreditava que Susan e Winnie eram parecidas. Ela disse que ambas eram meninas um pouco agressivas e obedientes. Ela distinguia as duas de sua outra filha, Sharon, que, segundo ela, era mais tímida e menos obediente.

Susan não se parecia com Winnie fisicamente. Winnie tivera cabelo ruivo e olhos muito escuros; Susan tinha cabelo loiro e olhos azuis. Susan e Winnie tinham muitos pelos nas costas. O pai delas tinha muitos pelos nas costas, mas os outros filhos não possuíam essa característica.

Susan tinha uma pequena marca de nascença no lado esquerdo do quadril. Era uma área de pigmentação mais forte, com um centímetro. Sua localização correspondia ao

local do ferimento mais grave que Winnie sofreu quando foi atropelada e morta (consegui uma cópia dos relatórios médicos da história sobre onde ela foi levada após o atropelamento e onde faleceu). Nenhuma outra pessoa da família tinha uma marca parecida.

Esse caso é um, entre um número considerável de casos norte-americanos, nos quais a formação religiosa de uma pessoa não era, de modo algum, favorável à crença na reencarnação. Charlotte Eastland frequentava uma igreja cristã que nega a possibilidade de reencarnação. Quando eu a visitei, ela me contou que acreditava que sua congregação pudesse querer expulsá-la da igreja se suspeitassem que ela havia se interessado pela ideia de reencarnação. Ela gostava da ideia, mas também conseguiu manter-se em conformidade com sua igreja em outros assuntos doutrinais.

Charlotte Eastland garantiu que até a época de minha visita, no início do verão de 1969, ela não havia contado aos filhos sobre sua crença de que Susan era Winnie renascida, mas ela contou a eles posteriormente, talvez em reação à curiosidade compreensível que eles podem ter demonstrado acerca do motivo de minha visita.

O caso de Michael Wright

Minhas investigações sobre esse caso, assim como as de Roberta Morgan, começaram com um telefonema da mãe do indivíduo, Catherine Wright. Uma de minhas colegas, doutora. Emily W. Kelly, conversou com ela primeiro e percebeu que ela estava um tanto perturbada por causa de algumas afirmações feitas pelo filho, que sugeriam – na verdade já a tinham convencido – de que ele se lembrava da vida do namorado que ela tivera antes de se casar com o marido. Esse rapaz, Walter Miller, havia morrido em um acidente de carro, quando o automóvel que dirigia saiu da estrada e bateu.

A ideia de reencarnação não perturbava Catherine Wright. Pelo contrário, ela acreditava nisso piamente e também em diversos outros fenômenos paranormais. Não pretendo descrever suas experiências físicas pessoais, mas não posso deixar de mencioná-las aqui e também me pareceu que Catherine acreditava muito nelas. Essas experiências – do ponto de vista de alguns leitores – podem diminuir a confiança nela como testemunha das afirmações de seu filho sobre uma vida anterior. Entretanto, eu não tenho essa opinião; se tivesse, não apresentaria um relato do caso de Michael, sobre o qual Catherine Wright ofereceu quase todos os testemunhos.

Alguém pode considerar estranho, dado o fato de Catherine Wright acreditar em experiências físicas, que ela tenha telefonado para a Universidade da Virgínia em setembro de 1978 com tanta urgência. Eu só entendi o motivo no mês seguinte, quando conversei com ela no Texas. Na época de minha entrevista, fiquei sabendo que Catherine Wright e a mãe acreditavam em reencarnação. Eu também fiquei sabendo que o marido dela não tinha a mesma crença. Além disso, Catherine Wright o conhecia bem o suficiente para saber que ele não ficaria feliz em saber que o filho apresentava indícios de ser o ex-namorado da esposa renascido. Ela sabia que ele se lembraria, sem qualquer dificuldade e sem gostar de que só havia se casado com ele porque Walter Miller havia falecido em um acidente de carro. Walter Miller então não estava totalmente morto, invadindo agora o lar de seu sucessor?

No caso, os medos que Catherine Wright tinha da reação do marido eram infundados. Entre a ocasião de seu telefonema para mim em setembro de 1978 e a visita que fiz a ela no final de outubro, ela contou que temeu a raiva do marido e contou a ele sobre o que estava pensando sobre as afirmações de Michael. Soube, então, para sua surpresa, que ele já havia percebido que ela podia estar pensando que Michael fosse a reencarnação de Walter Miller, e ele parecia encarar esse fato sem problemas.

Não tive informações suficientes da relação entre Catherine Wright e o marido para saber se o que ele sabia era fruto de telepatia entre eles ou de uma transferência de informações dela para ele que havia ocorrido sem que ela se desse conta.

Voltando ao namorado de Catherine Wright, Walter Miller, ele ainda não tinha dezoito anos quando morreu no verão de 1967. Artista amador promissor e estudante popular do ensino médio, ele esperara com ansiedade pelo último ano de estudo, que começaria no outono. Ele e Catherine se conheciam havia três anos e mantinham um relacionamento sério e se consideravam noivos, mesmo sem oficializar essa condição. Certa noite, Walter foi a um baile com o amigo Henry Sullivan e provavelmente ingeriu mais álcool do que deveria. Ao voltar do baile, aparentemente adormeceu ao volante, saiu da estrada e sofreu o acidente. Walter morreu um pouco depois, e o amigo saiu ileso.

Catherine sofreu muito com a morte do namorado, mas conseguiu se reerguer e, cerca de um ano depois, em 1968, casou-se com Frederick Wright, por quem ela nutria um interesse secundário. Eles tiveram uma filha e depois Michael nasceu. Antes de isso acontecer, entretanto, e um pouco mais de um ano depois da morte de Walter, Catherine Wright teve um sonho. Nele, Walter dizia que não estava morto como as pessoas pensavam, disse que voltaria e faria desenhos para ela de novo. Na ocasião do sonho e mesmo depois do nascimento de Michael, que só ocorreu em 1975, Catherine Wright acreditou que Walter retornaria como filho de outra pessoa – talvez como a filha da irmã de Walter, Carole Miller Davis, que estava grávida quando o sonho aconteceu. Menciono isso porque o sonho preparou Catherine Wright de modo geral para o renascimento de Walter, mas não criou nela expectativas de que ele retornaria como seu filho.

O nascimento e desenvolvimento de Michael ocorreram normalmente, apesar de, na infância, ele apresentar certas dificuldades para respirar, algo que ele logo superou. Ele tinha três anos quando começou a demonstrar sinais de que

conhecia pessoas e fatos. Assustou a mãe, certa vez, dizendo o nome "Carole Miller". Catherine Wright mantivera contato com Carole Miller depois da morte de Walter, mas Carole havia se casado dez anos antes, e Michael, que a vira apenas uma vez, só conhecia seu nome de casada, Carole Davis.

Esse fato não preparou a mãe de Michael para a descrição detalhada que ele fez logo depois do acidente em que Walter Miller havia sofrido e morrido. Após começar falando sobre uma moto, Michael se corrigiu e disse, de acordo com a mãe: "Um amigo e eu estávamos no carro, que saiu da estrada e capotou diversas vezes. A porta se abriu, eu caí e morri". Michael também comentou outros detalhes, mas não sei se ele os incluiu em seu primeiro relato ou depois. Ele disse, por exemplo, que o vidro do carro havia se quebrado e ele havia sido carregado por cima de uma ponte (depois do acidente). Também contou que ele e o amigo haviam parado na estrada e ido ao banheiro antes do acidente. Michael também mencionou o nome da cidade onde havia ocorrido o baile.

Catherine Wright sabia que a maioria das afirmações era condizente com o acidente de Walter, e uma notícia de jornal com uma foto do carro amassado que ela mostrou a mim confirmou o relato dos principais acontecimentos do acidente. O impacto da batida jogou Walter para fora do carro, e ele morreu quase instantaneamente porque quebrou o pescoço. A ambulância que transportou seu corpo passou por uma ponte perto do local do acidente.[101] Catherine Wright não sabia dizer se Walter e seu amigo haviam parado para usar o banheiro antes do acidente e, por saber que era quase a única pessoa a acreditar em reencarnação em uma comunidade de descrentes, sentiu-se

[101] A afirmação de Michael sobre ser levado sobre a ponte sugere que ele tinha lembranças de eventos após a morte de Walter Miller. As lembranças desse tipo são extremamente raras nos casos da maioria das culturas, mas frequentemente ocorrem entre os casos de Burma e da Tailândia – o caso de Bongkuch Promsin é um exemplo.

constrangida de comentar o assunto com a única pessoa que poderia confirmar esse detalhe: o amigo de Walter, Henry Sullivan, sobrevivente do acidente. Ela também não permitiu que eu fizesse isso; nenhum de nós imaginava que eu seria capaz de esconder o verdadeiro propósito das perguntas que pudesse fazer em uma cidade pequena do Texas, mesmo que eu quisesse, o que não era o caso.

Michael fez outras afirmações sobre os assuntos que Walter sabia, mas ele próprio não teria como saber, segundo sua mãe. Ele sabia de alguns detalhes da casa de Walter e da de Henry Sullivan. Por fim, mas apenas depois de Catherine Wright fazer a pergunta, Michael disse o sobrenome de Henry Sullivan. Também disse (com um pequeno engano) o apelido de Henry.

A mãe de Catherine Wright, Margaret Carpenter, participou de minha entrevista e confirmou o relato da filha sobre o que Michael falou acerca do acidente, o qual repetiu em sua presença. Infelizmente, não temos confirmações do relato de Catherine Wright a respeito de outros detalhes contados por Michael. Quando a doutora Kelly visitou a família de Michael, entrevistou o pai dele, Frederick Wright, mas ficou sabendo que ele não se lembrava de quase nada que seu filho dissera acerca de sua vida passada. Não sei se essa falta de informações derivava do fato de ele não ter prestado atenção ao que o filho dizia, ou por ele não estar presente quando Michael falava sobre a vida anterior, o que costumava fazer com a mãe.

Catherine Wright e a doutora Kelly conversaram ao telefone em 1985. Na época, Michael, que tinha dez anos, estava se saindo bem na escola. Ele não mais falava sobre a vida anterior, mas não soubemos quantos anos ele tinha quando parou de fazer tais comentários.

Apesar de não ter ficado satisfeito com minha compreensão do caso, acreditei que seria interessante apresentá-lo porque ilustra traços encontrados em muitos casos americanos do tipo de reencarnação e em alguns casos de outros países. Seu

ponto fraco encontra-se no interesse um tanto exagerado da mãe de Michael em suas afirmações e em nossa incapacidade de confirmar as afirmações de Michael de modo independente com a família ou amigos de Walter Miller. Normalmente não publico um relatório de um caso sobre o qual não tenha feito, pessoalmente, confirmações, mas outras considerações me influenciaram a estabelecer essa regra nesse caso. Como base para isso, incluí determinados pontos fortes que, sem dúvida, o caso tem. Ele se desenvolveu em uma subcultura não condizente com a ideia de reencarnação. Também não são encontrados motivos para que os membros da família Wright tenham criado, ou mesmo incentivado, um caso desse tipo de triângulo familar.[102] No mundo fantasioso dos psiquiatras que inventam razões como bem querem, alguém poderia pensar que Catherine Wright criou esse caso para atormentar o marido, ou Michael tenha passado a tocar nesse assunto para torturar os pais. Talvez seja isso que tenha acontecido, mas não acredito. A doutora Emily Kelly, que conhece o caso tão bem quanto eu, acredita ser totalmente possível que um motivo mais bem intencionado, como saudade de um ente querido falecido, poderia ter levado Catherine Wright a incentivar a identificação do filho com Walter Miller e assim ter visto mais coisas do que existiam.

O caso de Erin Jackson

Tomei conhecimento desse caso em 1980, quando a mãe de Erin Jackson, Marilyn Jackson, escreveu-me contando que, quando Erin, que havia nascido em uma cidade de Indiana em 1969, tinha três anos, ela falava com

[102] Investiguei dois casos, os de Asha Rani, na Índia, e de Ma Tin Tin Myint, em Burma, no qual o indivíduo disse que em sua vida anterior tinha sido a primeira esposa de seu pai. No caso de Taru Järvi, na Finlândia, Taru disse que (na vida anterior de que se lembrava) ela tinha sido o primeiro marido de sua mãe. Seu caso era típico de "mudança de sexo".

frequência sobre uma vida anterior de que parecia se lembrar. Após trocar cartas com Marilyn Jackson, combinei de encontrar-me com ela e Erin na cidade em que elas viviam. Tivemos uma longa conversa no verão de 1980. O pai de Erin não participou dessa reunião, pois alegava não saber dizer nada além do que ela se lembrava.

Marilyn Jackson tinha de se lembrar de fatos de alguns anos anteriores, porque Erin havia parado de falar da vida anterior quando tinha quatro anos. Suas referências a ela continuaram sendo feitas durante apenas um ano, um período mais curto do que a maioria das pessoas falam sobre as vidas de que aparentemente se lembram.

Durante o período em que Erin falou sobre a vida anterior, ela fez referências frequentes à época de "quando eu era menino" e "meu nome era John". Essas alusões faziam parte de frases do tipo: "Quando meu nome era John, fomos a um lago e eu usei meu barco inflável", ou "Quando eu era menino, tínhamos um cachorro preto e um gato branco". Erin disse que tinha uma madrasta que a amava e a tratava bem, e um irmão chamado James. O irmão, segundo ela lembrava, gostava de usar roupas pretas, até mesmo as roupas íntimas eram pretas.

Erin não mencionou onde essa vida havia ocorrido, nem deu indicações diretas sobre o período, mas fazia alusões frequentes à feiura das estradas americanas com seus *outdoors*, postes telefônicos e trânsito pesado. Às vezes, resmungava sozinha pela perda da beleza rural (e urbana), e sua mãe a ouvia fazer comentários, como: "Era muito melhor quando havia cavalos. Estes carros são horríveis. Arruinaram tudo". Os danos à zona rural americana demoraram muitas décadas. Podemos dizer que começaram em 1910, com o desenvolvimento de Henry Ford e seus métodos de produção automobilística em massa, que por sua vez levou à construção de estradas modernas. Se não estou enganado, os comentários de Erin se referiam a uma época anterior a 1930, no mínimo.

Mantendo a convicção de que tinha sido um menino, Erin desejava se vestir como menino e participar de atividades típicas de garotos. Assim que ela passou a ter idade para perceber que meninos e meninas se vestiam de modo diferente, insistiu em usar roupas de meninos. Quando começou a aprender a nadar, sua mãe comprou para ela um biquíni, mas Erin só vestia a parte de baixo. Para evitar essa atitude, sua mãe posteriormente comprou um maiô. Erin parecia se sentir humilhada quando a mãe insistia que ela vestisse um vestido; ela preferia calças *jeans*. Mesmo aos dez anos, quando eu a conheci, ela usava vestido apenas três vezes ao ano e exigia que os vestidos não tivessem características femininas fortes, como laços ou babados. Ela também queria manter o cabelo curto e só permitiu que ele crescesse quando tinha cerca de nove anos.

Erin não se interessava por bonecas parecidas com seres humanos e, quando ganhava uma boneca, arrancava as roupas dela e as vestia em um bichinho de pelúcia. Suas atividades favoritas dentro de casa eram desenhar, ler e construir com blocos. Entre as atividades externas, suas preferidas eram nadar, subir em árvores e pescar. Demonstrava grande vontade de aprender a jogar beisebol e queria se tornar uma escoteira; ficou irritada quando soube que meninas não podiam ser escoteiras. Marilyn Jackson escreveu para mim dizendo que às vezes Erin dizia, suspirando: "Gostaria de ser menino. Por que não nasci menino?".

Erin era uma criança muito inteligente. Sua mãe dizia que ela parecia saber ler aos três anos de idade, antes que ninguém a ensinasse. Erin sabia desenhar – como comprovei após ver rascunhos de seus desenhos – muito bem, de modo incomum para uma criança de sua idade. Ela também compunha poemas dos quais uma pessoa muito mais velha se orgulharia.

Durante um ano Erin falou frequentemente – em média, uma vez por semana – sobre a vida anterior. A partir dos quatro anos, ela começou a falar cada vez menos, até parar. Eu a conheci quando ela estava com quase onze anos, Erin

parecia se lembrar pouco do que havia dito quando tinha três ou quatro anos, por isso, quando eu estava conversando com sua mãe, Erin às vezes interrompia com comentários a respeito deles. Seu comportamento masculinizado persistiu quatro ou cinco anos depois de ela parar de falar de modo espontâneo sobre a vida anterior. Resíduos desse comportamento continuavam presentes na época em que a conheci, mas ela estava se desenvolvendo normalmente.

Os pais de Erin tinham recebido uma criação cristã protestante, não acreditavam em reencarnação na época em que ela começou a falar sobre uma vida anterior. Marilyn Jackson parecia não saber quase nada sobre o assunto até então. Posteriormente, ela leu algo sobre o assunto e passou a acreditar em reencarnação, mas o pai de Erin continuava sem acreditar. Em 1980, Marilyn Jackson havia lido alguns livros sobre o assunto, porém não fazia divulgação sobre o tema. Não acredito que possa ser dito, nesse caso, que os pais de Erin a incentivaram a ter lembranças de uma vida anterior. Marilyn Jackson disse que ela demonstrava um interesse contido no que Erin dizia sobre a vida anterior e nunca a ridicularizava quando se referia a isso. Entretanto, nunca incentivou a filha a falar mais sobre o que, na época, considerava simples "fantasia". Esta última palavra ela usou para caracterizar sua primeira opinião do que Erin havia dito sobre a vida anterior.

O caso de Hanumant Saxena

Hanumant Saxena nasceu em um pequeno vilarejo do estado de Uttar Pradesh, Índia, em 1955. Seus pais, Faujdar e Gainda Wati Saxena, eram moradores da região e extremamente pobres. Um pouco antes de Gainda Wati ficar grávida de Hanumant, ela sonhou que um homem falecido recentemente em seu vilarejo, Maha Ram Singh, aparecia a ela e dizia: "Estou indo para você". Quando Hanumant nasceu, seus

pais perceberam que ele tinha uma marca de nascença proeminente na parte baixa do peito, perto da cintura. Era uma área de formato irregular de pigmentação mais clara. Os pais de Hanumant sabiam que Maha Ram tinha sido morto por alguém com uma arma de fogo um ano antes do nascimento de Hanumant. Também sabiam que ele tinha levado um tiro no peito. Gainda Wati estava entre os diversos moradores que tinham ido ver o corpo de Maha Ram.

O sonho de Gainda Wati e a marca de nascença de Hanumant prepararam Gainda Wati e Faujdar para acreditar que Maha Ram havia renascido como Hanumant. Maha Ram tinha sido vizinho – sua casa ficava a 250 metros da deles – e eles o conheciam bem e gostavam dele. Ele era um fazendeiro e cultivava a própria terra. Seu assassinato ocorreu à noite, e o assassino escapou no escuro. Maha Ram era uma pessoa gentil, sem inimigos. A polícia não tinha suspeitos e não prendeu ninguém. Meus informantes acreditavam que o assassino confundira Maha Ram com outra pessoa a quem pretendia matar.

Hanumant começou a falar quando tinha um ano e, aos três, começou a falar e agir como se lembrasse a vida de Maha Ram. Por exemplo, ele dizia ser Maha Ram e, apontando para a marca de nascença, afirmava ter levado um tiro. Ele fez algumas outras afirmações que condiziam com Maha Ram e também reconheceu algumas pessoas e objetos relacionados a Maha Ram, como a esposa, a casa e os bois. Ele demonstrava forte identificação com Maha Ram na maneira com que às vezes utilizava o tempo presente. Por exemplo, ele disse a respeito da mulher de Maha Ram, ao vê-la: "Ela *é* a minha esposa". Ele gostava de ir à casa de Maha Ram e demonstrava muita afeição pela mãe de Maha Ram, às vezes até a acompanhava quando ela ia aos campos. Ela, por sua vez, aceitava Hanumant como seu filho renascido e ia visitá-lo com frequência. Um dos filhos de Maha Ram concordava com ela, mas outro não. Ele reclamava que Hanumant não o

havia reconhecido e declarou que o caso era uma farsa. A esposa de Maha Ram não queria colaborar com nossas investigações, e não sei como ela reagiu às afirmações de Hanumant. A mãe de Maha Ram havia morrido antes de eu investigar o caso. Um ex-líder do vilarejo estava convencido de que o caso era autêntico. Ele disse que alguns moradores haviam começado a dizer que Hanumant era Maha Ram renascido, com base em suas marcas de nascença, antes mesmo de Hanumant ter começado a falar sobre a vida de Maha Ram.

Tomei conhecimento desse caso em 1964, mas ocorreu onde, para mim, era uma parte distante e rural de Uttar Pradesh, e só o estudei em 1971 e 1972. Nessa época, Hanumant tinha 16 anos e havia se esquecido completamente das lembranças da vida de Maha Ram que expressara na infância. A doutora Satwant Pasricha e eu voltamos ao vilarejo para uma visita de acompanhamento em 1979.

Esse foi um dos primeiros casos dos quais obtive um relatório dos ferimentos da personalidade anterior envolvida. Mostrava que Maha Ram tinha sido ferido gravemente com tiros na altura da cintura. A maioria das balas havia entrado em seu corpo próximo do local da marca de nascença de Hanumant.

O filho dissidente de Maha Ram dava muito mais importância ao fracasso de Hanumant em reconhecê-lo do que eu. Além disso, ele tinha um motivo para isso. Os Singh tinham terra e propriedades, o pai de Hanumant era um trabalhador sem bens, e o filho de Maha Ram podia ter suspeitado – injustamente, creio eu – que Hanumant e seu pai estavam tentando ter direito sobre a propriedade dos Singh. Na verdade, nunca vi um caso em que os pais de um indivíduo fizessem isso, mas dúvidas acontecem quando as duas famílias envolvidas pertencem a diferentes classes socioeconômicas.

Mesmo que consideremos esse caso autêntico, e eu o considero, nossas dificuldades para interpretá-lo não terminam. Longe disso, precisamos considerar se a marca de nascença de

Hanumant pode ter se originado de impressão maternal. É um conceito de influência psicossomática da mãe sobre um feto em gestação do qual falarei posteriormente. Aqui precisamos lembrar que Gainda Wati viu o corpo morto de Maha Ram com o grande ferimento no peito e deve ter guardado uma imagem disso em algum ponto de sua mente enquanto estava esperando Hanumant. Então o que devemos pensar da afirmação de Hanumant de que era Maha Ram? Uma pessoa cética diria que seus pais, acreditando que Maha Ram estava renascendo na família, impuseram essa identificação a ele. Considero essa combinação de dados resumida de interpretação insatisfatória, mas não posso negar que são plausíveis.

O caso de Semih Tutusmus

Semih Tutusmus nasceu no vilarejo de Sarkonak, na província de Hatay, Turquia. Seus pais eram Ali e Karanfil Tutusmus. O pai de Semih era vigilante de uma pequena loja no vilarejo. Dois dias antes do nascimento de Semih, Karanfil havia sonhado que um homem com o rosto coberto de sangue se aproximava dela. Ele dizia ser Selim Fesli, que havia levado um tiro no ouvido e desejava ficar com ela. Karanfil nunca conhecera Selim Fesli, mas sabia pouco sobre ele, especialmente que havia morrido com um ferimento a bala alguns meses antes.

Semih nasceu com uma má-formação séria na orelha direita. A orelha esquerda era normal, mas do lado direito da face ele tinha, em vez da orelha comum, apenas uma elevação estreita e linear de pele onde a orelha deveria existir.

Selim Fesli, um agricultor do vilarejo vizinho de Hatun Köy, havia sido ferido fatalmente apenas por ter se deitado em um campo para descansar depois de um dia de trabalho. Uma vizinha, Isa Dirbekli, estava caçando coelhos e, na escuridão, confundiu Selim com um coelho e acertou-lhe um tiro

à queima-roupa. O tiro entrou no lado direito da cabeça de Selim, e ele morreu de hemorragia cerebral dias depois.

O sonho de Karanfil e o defeito de nascença de Semih a levaram e o marido a pensar que Semih era a reencarnação de Selim Fesli. Assim, não ficaram surpresos quando Semih, com um ano e meio, começou a falar como se ele fosse Selim Fesli. Suas primeiras palavras, na verdade, foram o nome de Isa Dirbekli. Semih fez diversas afirmações sobre a vida e a morte de Selim Fesli. Por exemplo, ele disse corretamente os nomes da esposa de Selim e de outros seis de seus filhos. Ele se lembrava de ter levado um tiro no ouvido direito, dado por Isa Dirbekli. Apesar de Karanfil não conhecer Selim, seu marido, Ali, conhecia-o bem. Assim, é improvável que Semih tenha feito afirmações sobre a vida de Selim em relação a assuntos não conhecidos por Ali Tutusmus. A importância do caso está na identificação de Semih com Selim e em seu defeito de nascença incomum.

A identificação de Semih com Selim foi particularmente forte. Quando Semih tinha menos de quatro anos de idade, caminhou sozinho até Hatun Köy (dois quilômetros de Sarkonak), foi até a casa de Selim Fesli e apresentou-se como "Selim". Ele reconheceu nessa ocasião diversos membros da família Fesli, por nome ou por outras afirmações de identificação. Depois, fez visitas frequentes aos Fesli, às vezes indo sozinho para Hatun Köy sem permissão. Quando era punido por se comportar mal, ameaçava ir embora para "seu" vilarejo. Ele esperava que a família Fesli o consultasse sobre assuntos importantes da família e ficou irritado quando – possivelmente por engano – os Fesli não o convidaram para o casamento de um dos filhos de Selim. Para o noivado e casamento de outro filho, Semih juntou dinheiro de seu pai e o entregou ao filho. Quando Semih soube que a viúva de Selim, Kâtive, estava interessada em outro homem, ele foi a Hatun Köy e enfrentou esse homem por sua audácia. Ele perguntou a Kâtibe como

ela podia ter se casado com alguém que não fosse ele. Quando Kâtibe morreu, anos depois, Semih ficou claramente triste.

Acima de tudo, Semih nutria rancor por Isa Dirbekli, a quem ele acusava de ter atirado nele de propósito. Isa Dirbekli insistia que o tiro tinha sido acidental. Ele foi condenado a dois anos de prisão. Depois de sair da prisão, retornou para Hatun Köy, onde passou a vender raki (uma bebida alcoólica destilada muito consumida na Turquia) nas ruas. Semih costumava ameaçar matar Isa Dirkebli e, quando o via na rua, jogava pedras nele.

Fiquei sabendo desse caso em 1966 e o investiguei por meio de diversas entrevistas com Semih, seus pais, e doze outros informantes entre 1967 e 1977. Pude reunir e estudar o relatório pós-morte de Selim Fesli; o relatório confirmava que ele havia sido morto a tiros no lado direito da cabeça. Ao longo de grande parte desses anos, Semih continuou a ter ressentimento de Isa Dirbekli. Entre as idades de dezesseis e dezoito anos, ele fez parte do Exército Turco, realizando serviço militar obrigatório; durante esse período, um cirurgião plástico operou sua orelha esquerda e fez para ele uma orelha direita aparentemente normal. Os penteados também mudaram nessa época, e Semih deixou o cabelo crescer por cima das orelhas. Independentemente de ter sido por causa dessas mudanças ou pela maturidade – ou ambos – Semih, quando eu o encontrei pela última vez em 1977, disse que havia desistido de se vingar de Isa Dirbekli. Ele disse que ainda se lembrava da vida de Selim Fesli, e Karanfil (sua mãe) disse para mim que ele ainda falava sobre isso "de vez em quando".

Como mencionei anteriormente, não podemos relacionar nenhuma das afirmações de Semih a respeito da vida de Selim Fesli a um processo paranormal. Por outro lado, e ao contrário de minha falta de confiança em reconhecimentos, considerei os relatórios de alguns dos reconhecimentos de Semih bastante impressionantes. Ainda mais impressionante foi

sua grande identificação com Selim Fesli. Acredito que os pais de Semih não podiam e não teriam, se pudessem, imposto tal identificação a ele.

O defeito de nascença de Semih é raro – um a cada 20 ou 30 nascimentos. Além disso, Semih tinha mais do que um defeito na orelha direita. O lado direito todo de sua face era menos desenvolvido em comparação com o lado esquerdo, um problema chamado hipoplasia facial. A relação entre a orelha malformada de Semih e as feridas na cabeça de Selim era precisa. A extensão da anormalidade de Semih em toda a face sugere um efeito longo. Retornarei a esse assunto no próximo capítulo.

Esses resumos mostram alguns dos pontos fortes e fracos desses casos, considerados de acordo com a evidência de os indivíduos terem informações sobre uma pessoa falecida que não poderiam ter obtido de modo normal. Nos próximos capítulos vou descrever os métodos que tenho usado para investigar os casos e as maneiras com que os analisei e interpretei. Antes desses capítulos, porém, apresentarei algumas observações de traços recorrentes em um grande número de casos.

Capítulo 5

CARACTERÍSTICAS DE CASOS TÍPICOS DE REENCARNAÇÃO

Os quatorze resumos de casos do último capítulo oferecem uma base para que identifiquemos um caso típico. Os leitores devem ter percebido, por exemplo, que, em pelo menos nove dos quatorze casos, a morte na vida anterior havia sido violenta. Neste capítulo apresentarei outros traços recorrentes de casos típicos[103] e também chamarei a atenção para as variações mais importantes entre eles. Em primeiro lugar, vou mostrar onde os casos são encontrados com mais frequência e mencionar a base social e econômica das pessoas envolvidas neles.

Onde os casos são encontrados

As pessoas que afirmam se lembrar de uma vida anterior podem ser facilmente encontradas em determinadas áreas do mundo norte da Índia, Sri Lanka, Burma, Tailândia,

[103] Na maioria dos casos, o indivíduo faz a identificação com a pessoa falecida fazendo afirmações a que ele se refere como lembranças da vida dessa pessoa. Tais indivíduos costumam mostrar outros traços comuns dos casos, que serão descritos neste capítulo. No entanto, eu aceitei para ser investigado e concluído em nossa reunião de casos um pequeno número no qual o indivíduo não fez qualquer afirmação que indicasse que teve lembranças com imagens de uma vida anterior. Nesses casos, outras pessoas identificaram o indivíduo como a reencarnação de uma pessoa falecida específica com base em: uma previsão por parte da pessoa falecida de que ele renasceria; um sonho de anúncio; uma marca ou defeito de nascença; algum comportamento incomum por parte do indivíduo; ou uma combinação de dois ou mais desses traços. Se o indivíduo não fez qualquer afirmação, exigimos que o caso tenha pelo menos dois outros desses traços antes de incluí-lo em nossa série.

centro-sul da Turquia, Líbano, Síria, oeste da África e região nordeste da América do Norte (entre povos tribais). Também conheci e estudei muitos casos na Europa e América do Norte (além das tribos da região nordeste). Também encontrei casos na América do Sul, mas com bem menos abundância do que nos outros países e regiões que mencionei.

O Tibete pode ter sido um país onde diversos casos do tipo ocorreram, se eu puder julgar pela ocorrência bastante comum entre os refugiados do Tibete que agora vivem na Índia. Eu estudei alguns casos entre os tibetanos, mas a dispersão de membros da família e outros informantes primários tornam a investigação difícil.

Tenho motivos para crer que casos também podem ser encontrados com facilidade em partes do Japão e da Indochina (ou seja, Laos, Camboja e Vietnã). Tomei conhecimento de alguns casos nesses países, e os correspondentes me disseram acreditar que mais casos podem ser encontrados, basta procurá-los. Eu não procurei, não tive tempo, nem dedicação para isso, e acreditei ser melhor concentrar-me nos esforços de um número menor de países com as culturas que me familiarizei mais.

O aspecto mais óbvio da relação de localizações geográficas que acabei de dar é a correlação entre um grande número de casos relatados e a crença na reencarnação. Falarei sobre possíveis interpretações dessa correlação posteriormente, mas aqui pretendo enfatizar que os casos também ocorrem – e com muito mais frequência do que as pessoas do Ocidente percebem – em países ocidentais, como Europa e América do Norte. No entanto, encontramos alguns casos na Ásia entre os grupos de pessoas que não acreditam em reencarnação (por exemplo, os cristãos do Líbano e do Sri Lanka, e os muçulmanos sunitas, da Índia).

Posso dizer com muito mais confiança onde podemos encontrar facilmente casos de real incidência. Meus colegas e eu só podemos investigar um caso depois que alguém nos

informa, e existem muitos filtros entre o desenvolvimento de um caso e as notícias que chegam a nós. Existem muitos motivos pelos quais não tomamos conhecimento de casos tão logo eles ocorram ou não ficamos sabendo nada sobre eles.

Um número desconhecido de casos é observado discretamente apenas dentro de um pequeno círculo familiar e talvez por alguns amigos mais próximos. Geralmente existem casos em que o indivíduo é identificado como um membro falecido e renascido na mesma família. Eu, às vezes, refiro-me a esses casos como "casos particulares". Como fui realizando minhas investigações e me tornei mais familiarizado com os informantes de vários países, muitos deles confiaram em mim e contaram sobre os casos particulares, permitindo até que eu os investigasse de modo detalhado.

Entretanto, um número desconhecido de casos é reprimido, até mesmo dentro da família do indivíduo. Isso costuma acontecer em culturas, como as dos países ocidentais, onde a maioria das pessoas não acredita em reencarnação. Os pais da criança envolvida em um desses casos podem pensar que ela está dizendo bobagens, ou contando mentiras e costumam tentar calá-la. Um motivo parecido explica a repressão de casos entre os muçulmanos sunitas da Índia e os cristãos do Líbano e do Sri Lanka.

Mesmo em culturas com uma forte crença na reencarnação, os pais podem simplesmente não querer que o filho fale sobre uma vida anterior e podem tentar impedi-lo de fazer isso. Eles podem tentar repreender o filho se acreditam que tal atitude é danosa e pode ser fatal uma criança ter essas memórias – e nisso muitas pessoas da Índia e de Burma acreditam. Também em muitos casos os pais não gostam do que o filho diz ou do comportamento do filho que combina com suas afirmações. Assim, se uma criança fala sobre um assassinato cruel da vida anterior ou se afirma ter pertencido a uma família claramente superior (ou inferior) à sua, seus pais podem tentar impedi-la de falar.

Às vezes, tomamos conhecimento de casos reprimidos nos quais o indivíduo simula amnésia a respeito da vida anterior quando, na verdade, têm lembranças, o que revela posteriormente a pessoas mais compreensivas do que as de sua família. O caso do monge tailandês Ven. Chaokhun Rajsuthajarn oferece um bom exemplo disso. Na infância, ele tinha lembranças claras da vida de seu tio por parte de mãe. Sua família aceitava totalmente suas afirmações como indicativas de que ele era seu tio renascido, mas ele insistiu em um determinado estado de adulto e, por exemplo, referia-se à sua mãe de modo familiar como se ela fosse sua irmã, não sua mãe. Sua família, consequentemente, tomou diversas medidas para reprimir as referências que ele fazia à vida de seu tio, incluindo descrições de brincadeiras, como quando eles o deixavam zonzo após girá-lo em uma máquina de fazer vasos.[104] Para evitar qualquer tratamento pior, o menino fingia ter se esquecido de sua vida anterior, apesar de isso não ser verdade. Quando ele cresceu, começou a falar de suas lembranças com outras pessoas, escreveu e publicou, na Tailândia, um relato autobiográfico delas.

Se um caso não é particular e não é reprimido, eu posso tomar conhecimento dele por meio de muitos colegas e assistentes que têm me ajudado – primeiramente como intérpretes – em diferentes partes do mundo. Na Índia, no Sri Lanka e na Tailândia, os casos são relatados em jornais de vez em quando. Por outro lado, os casos raramente são divulgados em jornais em Burma, Turquia e Líbano. Na Índia, os jornais costumam publicar relatórios de casos apenas se eles

[104] Os pais asiáticos recorrem a diversas medidas para reprimir as lembranças de vidas anteriores dos filhos. Girar o filho em uma roda até ele ficar zonzo é prática comum. Outras medidas são lavar a boca do indivíduo com água suja; colocar comida previamente mastigada dentro da boca da criança; colocar uma vassoura em cima da cabeça da criança duas vezes por semana; bater levemente na cabeça da criança com a sola de um sapato; colocar amuletos na criança. Os pais de Burma têm muita confiança em fazer a criança comer ovos de pato. As surras são um último recurso, mas podem acontecer. Os pais do Ocidente às vezes também maltratam seus filhos.

têm alguma característica dramática, como o caso de Gopal Gupta, que incluía os detalhes – atraentes para muitos leitores de jornal – de um homem que atirou no próprio irmão, uma pessoa influente na comunidade em que vivia. Os jornais do Sri Lanka e da Tailândia são menos discriminatórios e publicaram relatos de diversos casos comuns, além de alguns com traços sensacionalistas. Nos primeiros dias de minhas investigações, eu dependo muito de reportagens de jornais para minhas primeiras investigações sobre um caso. Nos últimos anos tenho feito isso cada vez menos, porque alguns de meus colegas e assistentes se tornaram especialistas em encontrar casos não publicados e também porque agora os informantes de um caso que investigamos nos falam sobre outros casos, e assim montamos uma agenda para estudo posterior.

Estou certo de que a incidência de casos é muito mais alta do que o número de casos relatados.[105] Soube disso especialmente por meio do trabalho de meus colegas e das pessoas a quem chamo de subagentes; são as pessoas que, por terem se tornado interessadas nesta pesquisa, mantiveram a atenção voltada para casos ocorridos nas vizinhanças dos casos investigados. Quando prendemos percevejos em um mapa para marcar os casos de que temos conhecimento, vemos grandes concentrações ao redor de cidades onde esses admiráveis agentes viviam.[106]

Em 1978, dois de meus parceiros, o doutor David Barker e a doutora Satwant Pasricha, realizaram uma pesquisa

[105] Em meu primeiro livro de relatos de casos (Stevenson, 1974 b/1966), fiz algumas estimativas sobre a incidência de casos em diversas áreas nas quais os encontrei em abundância.

[106] Tailândia e Burma são países vizinhos com muitos traços em comum: quase todos os habitantes são budistas theravadinos que acreditam em reencarnação. Assim, podemos esperar que a incidência real de casos nos dois países seja parecida; no entanto, os números de casos relatados se diferenciam muito nos dois países. Investiguei casos na Tailândia durante 20 anos e nesse período tomei conhecimento de 45 casos. Em Burma, investiguei casos durante 16 anos e tomei conhecimento de mais de 500.

detalhada de casos com algumas pessoas que viviam em uma parte do Distrito de Agra, em Uttar Pradesh, na Índia. Descobriram uma incidência de aproximadamente dois casos a cada mil habitantes. Precisamos de pesquisas parecias em outras regiões da Índia e também em outros países.

A base social e econômica dos indivíduos

Na Ásia, a maioria dos casos que investiguei ocorreu entre moradores de pobres e com pouca educação, mas essa é a condição da maioria das famílias asiáticas e, por isso, não há nada de memorável a respeito da base desses casos. No entanto, devo dizer que também encontramos casos asiáticos entre moradores de bom poder aquisitivo e educativo. Uma análise mais abrangente de nossos dados pode revelar padrões nas situações sociais e econômicas das famílias envolvidas nesses casos que eu ainda não distingui.

Devo fazer um comentário sobre esse assunto em relação a casos nos Estados Unidos (eu me refiro a esses casos e não àqueles encontrados entre as tribos do nordeste da América do Norte). Tenho percebido que os informantes desses casos – geralmente as mães dos indivíduos – costumam ser moradores de cidades pequenas e vilarejos. Eles costumam ter pouca educação além do ensino médio. Geralmente são cristãos mais voltados aos ensinamentos de Jesus e não às diversas doutrinas das igrejas fundadas em seu nome. Com frequência regular leem uma ou mais revistas populares que tratam das experiências paranormais ou do "oculto". Desse modo, eles podem ter ouvido falar de reencarnação e de minha pesquisa. Tais qualificações tornam essas pessoas protestantes no sentido original da palavra; eles não precisam de intermediários entre eles e os assuntos envolvendo a crença religiosa. A maioria deles, assim, permite que uma criança fale sobre uma vida anterior sem demonstrar surpresa.

As características recorrentes dos casos

Um caso totalmente desenvolvido tem cinco traços principais. Começa com uma pessoa – geralmente idosa – prevendo que vai renascer depois de sua morte; ela costuma indicar a quais pais ou em que lugar gostaria de retornar. Posteriormente ela morre e então alguém – não necessariamente um membro da família – sonha com seu retorno a uma determinada família. O bebê nasce e encontram-se nele diversas marcas ou defeitos de nascença que correspondem a ferimentos ou outras marcas no corpo da pessoa falecida, cuja reencarnação era esperada. Logo depois que o bebê começa a falar, ele faz afirmações – simples no começo e mais detalhadas posteriormente – a respeito da vida da pessoa falecida. Por fim, a criança se comporta de modo incomum em sua família, mas os informantes afirmam combinar com o comportamento que a pessoa falecida demonstrava ou que podia ser esperado.

Assim, o caso totalmente desenvolvido tem uma previsão de renascimento, um sonho, uma marca ou defeito de nascença, afirmações sobre a vida anterior, feitas pela criança, e comportamento incomum associado.[107] No entanto, poucos casos apresentam esses cinco traços. Previsões específicas sobre a reencarnação ocorrem raramente. Além disso, mesmo quando três ou quatro dos outros traços ocorrem em um caso, alguns elementos podem parecer muito mais proeminentes do que outros. A seguir, abordarei cada um desses traços.

Previsões de reencarnação feitas antes da morte

Como eu disse, as previsões específicas sobre onde uma pessoa vai renascer ocorrem raramente na maioria das

[107] As características que tornam um caso "totalmente desenvolvido" não nos dizem nada sobre seu valor de evidência. Um caso rico em fenômenos pode ter poucas evidências.

culturas nas quais encontramos esses casos. No entanto, elas ocorrem com frequência notável nos casos de dois povos: os tlingits do nordeste da América do Norte e os tibetanos. Descobri que em 10 (22%) de 46 casos de tlingits, a personalidade anterior envolvida havia expressado, antes de morrer, sua escolha de pais para sua próxima encarnação.

Muitos tlingits também expressam desejos para melhorias físicas e pessoais em sua próxima vida. Tais aspirações por vezes representam esperanças mais do que previsões, mas um pequeno número de casos sugere a realização em uma vida posterior de desejos expressos em uma vida anterior. Os tlingits às vezes também preveem o aparecimento, em seu próximo corpo, de marcas de nascença que correspondem a cicatrizes ou outras marcas em seu corpo (atual). Eles mencionam essas marcas para ajudar na posterior identificação de que eles reencarnaram.[108]

Os lamas do Tibete também fazem previsões sobre suas vidas futuras.[109] Suas previsões costumam ser mais sutis e ilusórias do que as dos tlingits; mesmo assim, elas também podem mostrar, ou indicar, onde esperam renascer. A tais indicações, eles podem acrescentar outras, como a marca de nascença, por exemplo. No entanto, a falta de detalhes nas dicas dadas por um lama a respeito do local e das circunstâncias de sua próxima encarnação pode deixar seus discípulos confusos sobre como interpretar os indícios para encontrar a próxima encarnação do lama.

---

[108] O caso de Corliss Chotkin Jr. ilustra a seleção de pais para a próxima geração e a previsão de marcas de nascença no próximo corpo da pessoa reencarnada. O caso de William George Jr. é outro exemplo de ambos os traços.

[109] Norbu e Turnbull (1969) oferecem algumas informações sobre previsões de renascimento de lamas tibetanos. Nos casos tibetanos conhecidos por mim quase todos têm como indivíduos lamas que, na infância, falavam de vidas anteriores de outros lamas. Eles representam um pequeno grupo entre os tibetanos. São capazes, por meio da espiritualidade avançada, de controlar – pelo menos até certo ponto – o local e as circunstâncias de sua reencarnação. As previsões feitas por lamas idosos antes de sua morte expressam sua confiança nessa habilidade.

Entre outras culturas, as previsões de renascimento, quando ocorrem, costumam ser um traço de casos nos quais uma pessoa idosa diz que vai renascer em sua própria família. Já estudei diversos casos desse tipo na Turquia e na Índia. Nesses países, casos de reencarnação afirmada dentro da mesma família são exceções, mas, quando uma criança se lembra da vida de um membro falecido da própria família, essa pessoa geralmente previu sua reencarnação dentro da família.

Sonhos

Em muitos casos, alguém ligado ao (futuro) indivíduo tem um sonho no qual uma pessoa falecida aparece e expressa seu desejo ou intenção de reencarnar. Quem sonha costuma ser uma mulher casada e uma mãe em potencial para a próxima encarnação da pessoa que vai renascer. Às vezes, o marido da mulher, outro parente ou um amigo podem ter um sonho desse tipo. Eu chamo esses sonhos de "sonhos de anúncios", porque eles ocorrem, com poucas e raras exceções, antes do nascimento e, às vezes, antes da concepção do indivíduo.[110] Sete exemplos ocorreram entre os quatorze casos que resumi no capítulo 4.

Os sonhos de anúncios foram relatados em todos os países nos quais encontramos esses casos, mas ocorrem com maior frequência entre as pessoas de Burma, os alevis da Turquia,e as tribos do nordeste da América do Norte.

Percebemos que, entre os habitantes de Burma, os sonhos costumam ocorrer antes da concepção do indivíduo. Entre as tribos do nordeste da América do Norte eles ocorrem

[110] Relatos dos seguintes casos descrevem sonhos de anúncio: William George Jr., Ismail Altinkiliç, Cevriye Bayri, Nastir Toksoz, Corliss Chotkin Jr., Susan Eastland, Ma Tin Aung Myo, Vem. Sayadaw U Sobhana, Maung Yin Maung, Erkan Kiliç, Ma Tin Tin Myint, Michael Wright, Samuel Helander e Ornuma Sua Ying Yong.

quase sempre durante o último mês de gravidez e especialmente dentro dos últimos dias ou horas antes do nascimento do indivíduo.

Os sonhos variam. Entre os tlingits, a personalidade desencarnada que aparece no sonho de anúncio costuma expressar sua intenção de reencarnação de modo simbólico. Por exemplo, no sonho, a pessoa pode entrar em uma casa com sua mala e colocá-la em um dos quartos, ou pode entrar no quarto dos pais e se deitar entre eles. Na verdade, os sonhos de anúncios entre os burmeses costumam representar a personalidade desencarnada como pedindo para reencarnar na família escolhida. Isso sugere que a pessoa que sonhou tem a opção de recusar tal pedido.

Contratempos divertidos podem ocorrer juntamente com esses sonhos. Uma esposa burmesa cujo marido estava fora de casa em uma longa viagem teve um sonho em que um amigo falecido parecia estar pedindo permissão para renascer como seu filho. Ela não gostou da proposta e, no sonho, disse que ele não deveria vir. Quando seu marido retornou da viagem, ele contou à esposa que havia sonhado com o mesmo amigo e havia dito a ele – no sonho *dele* – que o amigo podia renascer na família. Tempos depois de a criança nascer (Maung Aung Than), ela fez afirmações sugerindo que a aceitação do pai havia valido mais do que a tentativa de veto da mãe. Sua mãe aceitou a situação com o bom humor característico dos burmeses.

Muito menos frequentes do que os sonhos de anúncios são o que eu chamo de *sonhos de partida.* Em um sonho desse tipo, um membro de uma família de alguém falecido – a viúva, por exemplo – sonha que a pessoa falecida índica a família na qual pode ser encontrada depois da reencarnação.

Alguns casos ocorreram quando um membro da família de uma pessoa falecida experimenta uma aparente comunicação em um sonho depois do nascimento do bebê em

cujo corpo ela supostamente reencarnou. Em um desses casos, a mãe de um homem que havia morrido sonhou que seu filho aparecia para ela e dizia: "Ajude-me! Estou em uma família pobre. Venha me salvar". Ela obteve informações suficientes no sonho para identificar a criança, que posteriormente teve lembranças da vida de seu filho. Em dois outros casos, a suposta personalidade anterior de uma criança comunicava em um sonho (de um membro da família anterior) sua insatisfação com a situação do bebê. Em um desses, a personalidade anterior reclamava que o pai do bebê vivia embriagado; em outro, a personalidade anterior afirmava que a mãe do bebê o estava alimentando quando ela queria e não no momento que ele precisava ser alimentado, assim, o bebê ficava com fome.

Na maioria dos sonhos de anúncios, quem sonha reconhece a pessoa que aparece para comunicar sua intenção de renascer, embora não consiga identificar a pessoa em alguns sonhos, mas depois do nascimento do filho acaba percebendo que o bebê se parece com o indivíduo do sonho. Por exemplo, a mãe de Neip Ünlütaskiran, antes de engravidar dele, sonhou com um homem desconhecido que tinha diversos ferimentos sangrando. Quando Necip nasceu, ele tinha grandes marcas de nascença identificadas como correspondentes às feridas fatais no corpo do homem de cuja vida Necip posteriormente disse se lembrar, mas sua mãe não sabia nada sobre esse homem ou seu assassinato quando teve o sonho.

Em alguns casos relatados, a ligação entre o sonho e o indivíduo parece ser tênue ou apenas simbólica. Entre os cingaleses, os sonhos nos quais uma pessoa identificada aparece ocorrem raramente, mas os cingaleses às vezes interpretam sonhos com serpentes, elefantes e outros animais como tendo ligação com um caso que se desenvolverá depois. Eu dou pouca importância a tais sonhos, principalmente àqueles que recebem importância apenas após o desenrolar de um caso. O tipo mais comum de sonho de anúncio que

ocorre antes do nascimento da criança ou mesmo antes de sua concepção costuma diminuir o valor de outras evidências que podem surgir posteriormente. Tal sonho quase sempre faz com que os pais da criança ajam de modo diferente em relação à criança do que o fariam em outras circunstâncias, e eles podem influenciar a criança a adotar as atitudes da pessoa falecida, mesmo sem estar conscientes de que estão fazendo isso.

Marcas, deficiências de nascença e outros traços biológicos

Marcas e deficiências de nascença ocorrem em cerca de 35% dos indivíduos desses casos. Quase todos correspondem a ferimentos, geralmente fatais, ou outras marcas da personalidade anterior. Por dois motivos eles oferecem um tipo de evidência muito superior para o relato dos informantes dos casos. Em primeiro lugar, as marcas ou deficiências de nascença podem ser vistos, rascunhados e fotografados. Em segundo lugar, os relatórios médicos, geralmente relatórios pós-morte, dão prova objetiva da localização dos ferimentos na personalidade anterior.

Os leitores que tomam conhecimento dessas marcas e deficiências de nascença provavelmente os consideram mais fáceis de entender e associar se já souberem das relações psicofisiológicas que a maioria dos médicos já reconhecem e levam em consideração no caso de seus pacientes. Quase todo mundo deve ter consciência da mudança em sua frequência cardíaca e respiratória que ocorre com fortes emoções. Menos conhecida é a observação feita pelo doutor Bernard Lown e seus colegas, de que 20% das mortes repentinas causadas por doenças cardíacas (arritmias fatais ou ataque cardíaco) foram imediatamente precedidas por algum acontecimento que o paciente considerou estressante.

Outros fenômenos psicofisiológicos, apesar de serem menos familiares do que aqueles que afetam o coração, tam-

bém são relevantes para a compreensão desses casos. Estou pensando aqui no *stigmata* que aparece nas mãos e nos pés de algumas pessoas que pensam muito na crucificação de Jesus.

Mais próximos do tema deste livro são os fenômenos chamados impressões. O conceito das impressões maternais supõe que, em determinadas mulheres grávidas, a visão de um ferimento ou outra anormalidade física em outra pessoa pode, de alguma forma, gerar uma anormalidade correspondente no bebê. O conceito foi amplamente aceito por médicos, e ainda mais pela maioria dos leigos, até o final do século XIX. Aos poucos deixou de ser uma explicação aceitável para as marcas ou defeitos de nascença. Mesmo assim, alguns exemplos ocorreram e relatórios foram publicados recentemente. Em 1992, eu publiquei uma crítica da literatura das impressões maternais e relatei dois casos que havia investigado. Uma análise de 113 casos publicados mostrou com forte importância estatística que a futura mãe havia sido exposta ao estímulo de geração com mais frequência no primeiro trimestre da gravidez do que no segundo ou no terceiro. Esse é o trimestre no qual o embrião fica mais suscetível a substâncias teratogênicas, como vírus e drogas. Toco nesse assunto aqui porque a ideia de uma impressão maternal se tornou compreensivelmente um forte oponente da reencarnação na interpretação dos casos de crianças que afirmam se lembrar de vidas anteriores e têm marcas ou defeitos de nascença relacionados. Falarei novamente sobre isso no capítulo 7.

Em 1997, publiquei uma monografia na qual incluí relatórios – a maioria detalhada – de 225 casos com defeitos, marcas de nascença ou outros traços físicos incomuns. Nesse trabalho questionei se devemos atribuir importância a marcas de nascença que correspondem a ferimentos da pessoa falecida, uma vez que quase todo mundo tem alguma marca de nascença. Isso poderia não acontecer apenas por acaso? Minha resposta a essa pergunta é que a maioria das marcas de nascença que ocorrem nesses casos não são como as marcas de nascença "comuns"

que quase todo mundo tem. Estas são quase sempre pequenas áreas com maior pigmentação; costumam ser lisas, apesar de algumas serem elevadas acima da pele ao redor. Algumas marcas de nascença que descrevi nesses casos são desse tipo, mas a maioria não é. São livres de pelos, fora de áreas com cicatrizes e costumam ser localizadas na cabeça e nas pernas, onde as marcas de nascença "comuns" raramente ocorrem. Costumam ser maiores do que as marcas de nascença "comuns". Muitas (como as de Hanumant Saxena) têm uma cor mais fraca. Algumas apresentam pus e até sangram durante alguns dias ou durante mais tempo depois do nascimento da criança. Com relação às deficiências de nascença, devo enfatizar que tais deficiências dos casos quase sempre são incomuns. Alguns deles são extremamente raros, senão únicos. Apenas alguns são malformações familiares, como os lábios leporinos.

Obtive e examinei relatórios médicos, geralmente certidões de óbito, de 48 casos que também tinham informações suficientes para ser incluídas em uma análise. Em 43 encontrei uma correspondência muito próxima entre ferimentos na personalidade anterior e as marcas ou deficiências de nascença nos indivíduos. Em 1998, o doutor Pasricha publicou um relatório de mais 10 casos com a característica de uma deficiência ou marca de nascença. Em 7, um documento médico, como uma certidão de óbito, demonstrou uma correspondência clara entre a marca ou deficiência de nascença e um ferimento na personalidade anterior (nenhum relatório médico existia para os outros três casos desse grupo).

Eu calculei, a partir da área da superfície da pele de uma pessoa adulta de tamanho normal, que uma correspondência entre um único ferimento em outro e uma marca de nascença em outra pode ocorrer uma a cada 160 vezes. As possibilidades de correspondência da localização entre dois ferimentos de uma pessoa e duas marcas de nascença em outra são bem menores: uma em menos de 25 mil.

Além da correspondência na localização anatômica entre os ferimentos e as marcas ou defeitos de nascença, muitas mostravam detalhes incomuns que combinavam com a ferida verificada ou outra marca na personalidade anterior. Por exemplo, um indivíduo que se lembrasse da vida e a menina que morreu durante uma cirurgia cardíaca tinha uma marca de nascença linear de menor pigmentação no meio da parte inferior do peito e na parte superior do abdome. No capítulo 4, descrevi as marcas de nascença de Corliss Chotkin Jr. Uma tinha uma aparência parecida com uma cicatriz e ao lado dela havia marcas de pontos, também presentes no nascimento; esse grupo de marcas de nascença correspondia ao ferimento de uma biópsia cirúrgica que tinha sido costurada (nesse caso, obtive um relatório médico que mostrava que a personalidade anterior tinha um problema para o qual a biópsia podia ter sido indicada, mas eu não verifiquei se ela foi realizada). Em outro caso, um indivíduo que se lembrava da vida de um homem que havia morrido depois de uma operação na região do fígado tinha uma marca de nascença horizontal, parecida com uma cicatriz na pele, acima do fígado. Outro indivíduo tinha uma marca de nascença crescente atrás da orelha direita que correspondia em forma e também em localização à operação cirúrgica de mastoidectomia (um tipo de operação geralmente feita para infecções não tratáveis do ouvido antes de os antibióticos passarem a ser comercializados). Como um exemplo final de detalhes nas marcas de nascença, menciono o caso de uma mulher burmesa que tinha pequenas marcas de nascença redondas de diversas tamanhos em seu seio esquerdo; elas correspondiam aos ferimentos à bala de diversos tamanhos no corpo da pessoa de cuja vida ela afirmava se lembrar.

Os patologistas forenses sabem que as balas, ao entrarem no corpo, costumam deixar ferimentos pequenos e arredondados, e os ferimentos causados pela saída dos projéteis costumam ser maiores e de formato mais irregular. Em seu percurso

pelo corpo, a bala encontra resistência e segue adiante, atravessando ossos e outros tecidos, e tudo isso torna o ferimento maior na saída. As marcas de nascença correspondentes aos ferimentos de entrada e saída ocorreram em quatorze casos que investiguei e em outros quatro que meus colegas estudaram. A marca de nascença menor geralmente era redonda ou arredondada, e a maior tinha um formato irregular. Em diversos casos não conseguimos saber qual dos dois ferimentos na personalidade anterior era o ferimento de entrada e qual era o de saída. Houve, no entanto, nove casos em que a marca de nascença pequena e redonda correspondia ao ferimento de entrada, e a marca maior, ao ferimento de saída.

No caso de Corliss Chotkin Jr., a personalidade anterior previu que seria reconhecida, quando renascesse, por duas marcas de nascença, correspondentes a cicatrizes em seu corpo, que ele mostrou quando fez essa previsão. Em um pequeno número de outros casos uma pessoa viva ou falecida que aparece em um sonho previu o surgimento de uma marca de nascença em um bebê nascido posteriormente. Muito mais comuns do que essas são as previsões feitas no grupo de casos que chamamos de *marcas de nascença experimentais*. Nesses casos, alguém coloca uma marca em uma pessoa que está morrendo ou acabou de morrer, com a expectativa de que um bebê que nasça posteriormente na família tenha uma marca de nascença no local da marca na pessoa falecida e também tenha lembranças da vida dessa pessoa. A substância para a marca costuma ser a cinza escura ou a gordura do fundo de uma panela, mas quem marca pode usar outras substâncias, como ocre ou batom. Casos de marcas de nascença experimentais podem ser encontrados com facilidade em Burma e na Tailândia, mas também ocorrem em outros países, como o Líbano e a Índia. Publiquei relatórios de vinte casos desse tipo, e meus colegas (doutor Jürgen Keil e doutor Jim Tucker) investigaram mais

de vinte outros exemplos. A maioria das marcas de nascença não têm forma distinta, apesar de serem muito maiores e mais proeminentes do que quase todas as marcas de nascença comuns. Algumas ficam em locais incomuns. Um garoto de Burma tinha uma grande marca de nascença que cobria a sola de um de seus pés. Algumas das crianças nascidas com tais marcas posteriormente expressam lembranças da pessoa falecida e com a marca, outras não.

Os indivíduos às vezes apresentam características biológicas que não são marcas nem deficiências de nascença. Especialmente interessantes para mim como médico são os casos em que um indivíduo tem uma doença interna, como de fígado, da qual uma personalidade anterior também sofria. Em um caso desse tipo que investiguei, uma garota da Turquia tinha doença no fígado e também uma grande marca de nascença (a famosa mancha vinho do porto) na área do fígado. Este e outros casos sugerem a existência de um campo de distúrbios que pode influenciar os tecidos longe de seu centro.

Outros traços biológicos dos indivíduos que às vezes correspondem a aspectos parecidos aos da personalidade anterior são: pigmentação da pele e cabelo, aparência facial, psique, postura e modo de caminhar. Eu tomei consciência da importância desses e de outros aspectos dos casos tarde demais para estudá-los completamente como espero que meus sucessores façam. Contudo, eu os discuti em profundidade em minha monografia de 1997.

Os traços biológicos que eu descrevi brevemente nesta seção afirmam que, se a reencarnação ocorre, a pessoa falecida envolvida em um caso desempenha uma grande influência no bebê em gestação, cujo corpo será ocupado por essa pessoa. Os casos de defeitos de nascença, especialmente aqueles que afetam as extremidades, sugerem um paralelo entre os processos biológicos construtivos do embrião em

desenvolvimento e os destrutivos que a força psíquica da personalidade anterior gera. A anormalidade dos anéis de constrição sugere esse esforço. Nessa anormalidade, sulcos profundos às vezes são encontrados no bebê nas extremidades ou em partes delas, como nos dedos das mãos e dos pés. Os sulcos ou anéis, como costumam ser chamados, parecem corresponder (nos casos das crianças) à pressão de cordas ou cortes com espadas e facas que feriram as personalidades anteriores.[111]

As afirmações da criança a respeito da vida passada

Aqui pretendo falar sobre a idade e a maneira de a criança falar sobre a vida passada e os temas comuns das afirmações que a criança faz. Também devo mencionar brevemente reconhecimentos atribuídos à criança a respeito de pessoas, locais e objetos familiares à personalidade anterior.

Idade e modo de falar sobre a vida anterior. Uma criança que vai se referir a uma vida passada quase sempre faz isso pela primeira vez entre os dois e cinco anos de idade. Se uma criança mais nova tem lembranças com imagens de uma vida anterior, como algumas afirmam ter tido, ela quase sempre não tem as habilidades verbais para expressar o que quer dizer. Ainda assim, alguns começam a falar sobre as vidas anteriores antes de suas habilidades verbais terem se desenvolvido o suficiente para a comunicação adequada das imagens em sua mente.

As crianças que começam a falar muito cedo costumam pronunciar as palavras de modo errado e usar gestos para

[111] Cinco dos casos que resumi (Corliss Chotkin Jr., Jennifer Pollock, Susan Eastland, Hanumant Saxena e Semih Tutusmus) tinham marcas de nascença e um defeito de nascimento relacionados à personalidade anterior. O resumo desses traços biológicos é extremamente breve, mas espero que seja suficiente para estimular os leitores a consultar minha monografia sobre o assunto (Stevenson, 1997a).

compensar o vocabulário deficiente. Os pais, surpresos, podem levar um ano ou mais para entender tudo. A melhoria da fala da criança oferece uma imagem inteligível da idade em que a criança começa a expressar suas lembranças. Imad Elawar (no Líbano) queria dizer que na vida da qual se lembrava ele tinha uma espingarda de cano duplo, ele esticava dois dedos juntos para representar os dois canos da arma. Quando Kumkum Verma (na Índia) quis contar à família a respeito da profissão do filho da personalidade anterior em seu caso – ele era ferreiro – ela fazia um gesto para imitar os movimentos usados para bater um martelo em uma bigorna. Pushpa, outro indivíduo da Índia, queria dizer que seu marido tinha uma oficina de conserto de bicicletas; ele se deitava de costas com as pernas para cima e fazia movimentos como se pedalasse uma bicicleta.

Uma análise que realizamos com 383 casos na Índia mostrou que a idade média em que uma criança começava a falar sobre a vida anterior de que se lembrava era com um pouco mais de três anos. A idade média da primeira descrição sobre a vida anterior era menor – perto dos três anos – nos casos do Sri Lanka, Turquia e Líbano. Por outro lado, a idade era mais alta – três anos e meio – em 115 casos americanos (fora de tribos).[112]

Algumas crianças só se lembram de uma vida anterior quando estão mais velhas, ou não contam a outras pessoas sobre as lembranças que têm até então. Algumas crianças, mesmo nas culturas em que quase todos acreditam em reencarnação, não falam sobre o que lembram por medo de que a família e os amigos façam piadas ou reprimendas (Suleyman Andary ilustra tal inibição).

[112] Em 693 casos de seis culturas diferentes, a idade da primeira revelação sobre a vida anterior equivale a 37 meses de vida. Dados completos sobre a idade do indivíduo ao contar pela primeira vez sobre a vida anterior podem ser encontrados em Cook (1983b) e Stevenson (1983d).

De modo geral, tenho dúvidas a respeito do valor de um caso como evidência de qualquer coisa paranormal quando tomo conhecimento de que o indivíduo teve as primeiras lembranças de uma vida anterior no final da infância ou na fase adulta, mas reconheço que alguns indivíduos parecem ter tido lembranças importantes pela primeira vez na fase adulta. Na maioria desses casos as lembranças ocorreram primeiramente depois de um choque emocional, como no caso de Georg Neidhat, ou durante ou após meditação, como nos casos de Pratomwan Inthanu e Uttara Huddar.

Os detalhes das descrições das lembranças variam muito de criança para criança. Algumas se lembram pouco da vida anterior; outras podem falar muito sobre ela. Um garoto de Délhi provavelmente se lembra menos de uma vida anterior: ele dizia ser de Bombaim e só se lembrava de muita fumaça e de pessoas chorando (sua afirmação sobre muita fumaça e pessoas chorando poderia ter se originado de uma imagem em uma cerimônia de cremação, mas isso não foi verificado). No outro extremo, o de abundância de detalhes nas lembranças, encontramos casos como os de Edward Ryall, Marta Lorenz e Swarnlata Mishra. Edward Ryal escreveu um livro repleto de detalhes extraordinários: alguns eram errados e alguns não foram confirmados, mas a maioria estava certa. Perguntas justificáveis podem ser levantadas sobre a fonte de muitos detalhes corretos que ele afirmou ser lembranças, porém aqui estou levando em conta apenas a quantidade deles. O pai de Marta Lorenz (uma pessoa de um caso no Brasil) anotou 120 afirmações que ela fazia sobre uma vida anterior quando era pequena. Infelizmente, alguém jogou fora tais anotações acidentalmente, e menos de um terço do que Marta havia dito foi registrado novamente. Swarnalata Mishra (da Índia) afirmava se lembrar de quase tudo. Apesar de isso provavelmente ser um exagero, e nunca foi verificado, ela tinha mais lembranças do que tem a maioria

dos indivíduos que conheço. Infelizmente – e dessa vez a causa foi minha própria experiência quando estudei o caso de Swarnlata – apenas uma pequena parte de suas lembranças foi corretamente registrada.

Mais indivíduos podem pertencer à classe daqueles com muitas lembranças do que imaginamos. Infelizmente, chegamos a poucos indivíduos na época em que eles mais falam sobre uma vida anterior, geralmente nós os encontramos apenas mais tarde, quando poucas, ou nenhuma, lembranças restaram Os pais de algumas crianças dizem ter esquecido o que a criança costumava dizer, mas, seja como for, na maioria dos casos que estudei, os informantes se lembravam de cinco a cinquenta afirmações distintas que a criança fazia sobre a vida anterior.

São muito distintos também o desejo e a aparente necessidade, por parte das crianças, de falar sobre a vida anterior. Algumas, como Mallika Aroumougam, falam sobre a vida anterior apenas quando alguém ou algum acontecimento faz com que se lembrem de um traço parecido da vida anterior. Outras não param de falar sobre isso e passam a ser vistas como inconvenientes. Elas falam tanto sobre a vida anterior, mesmo depois de muitos anos, que os outros membros da família chegam a ponto de desejar uma refeição tranquila, sem ter de escutar a criança dizer que sua vida anterior era melhor do que a atual. O número de detalhes das lembranças de uma criança pode se relacionar pouco com seu desejo de falar sobre eles. Mahes de Silva, por exemplo, lembrava-se de poucos detalhes de uma vida anterior, mas atormentava seus pais – principalmente a mãe – com suas histórias, que era de se estranhar eles não o reprimirem. Outros pais foram menos tolerantes.

Varia também a intensidade das lembranças. Algumas pessoas usam o tempo presente em suas afirmações. Podem dizer, por exemplo: "Eu *tenho* uma esposa e dois filhos", ou "Minha casa *é* muito maior do que esta" (podem falar dessa

maneira mesmo depois de aprender a distinguir o passado e o presente com palavras adequadas). Outras crianças procuram distinguir as duas vidas em seus comentários. Começam a fazer uma referência da vida anterior com frases como: "Quando eu era grande...".

Às vezes, as crianças agem como se tivessem sido arrancadas, sem aviso, do corpo de um adulto e jogadas dentro do corpo de uma criança indefesa.[113] Quando Celal Kapan, um indivíduo da Turquia, começou a falar, praticamente suas primeiras palavras foram: "O que estou fazendo aqui? Eu estava no porto". Quando se tornou capaz de dizer mais coisas, passou a descrever detalhes da vida de um estivador que havia adormecido em um navio que estava sendo carregado. Infelizmente, um funcionário que não sabia que ele estava ali, permitiu que um pesado barril de óleo caísse sobre ele, causando morte instantânea. Pela evidência do caso, pode-se dizer que esse homem, que estava dormindo, recobrou a consciência no corpo de uma criança de dois anos. Esses casos me fazem lembrar do caso de uma mulher que teve um derrame e ficou inconsciente enquanto jogava *bridge*. Quando recobrou a consciência, diversos dias depois, suas primeiras palavras foram: "o que é naipe?"

O que eu disse até aqui deve ter preparado os leitores para o fato de que as crianças demonstram expressões diferentes de emoções quando falam sobre as vidas anteriores. Algumas falam delas com distanciamento, como se estivessem falando de coisas remotas, mas a maioria demonstra um envolvimento forte e contínuo com as pessoas e acontecimentos. Algumas choram ao falar da vida anterior. Outras denunciam, com raiva, assassinatos que colocaram fim à vida delas. Adultos ou irmãos

[113] Entre as crianças que comentaram sobre uma mudança no tamanho do corpo ou sobre outros traços físicos em comparação com aqueles da vida anterior estão: Marta Lorenz, Michael Wright, Sukla Gupta, Parmod Sharma, Vias Rajpal, Ramoo e Rajoo Sharma, Lalitha Abeyawardena, Ruby Kusuma Silva, Bongkuch Promsin, Rabih Elawar, Dulcina Karasek e Ven. Chaokhun Rajsuthajarn.

que queriam irritar a pessoa fizeram-na chorar, contando que um cônjuge, outro parente ou um amigo próximo da personalidade anterior estava doente ou havia morrido.[114]

Alguns indivíduos passam de estar totalmente absorvidos nas lembranças de uma vida anterior para o comportamento comum de uma criança pequena. Por exemplo, um menino pode falar com seriedade sobre sua esposa e filhos em um momento e no instante seguinte sair para brincar com seus irmãos menores.

Algumas crianças se tornam distraídas de seu ambiente imediato ao falarem da vida anterior. Elas podem falar sobre isso sozinhas. Às vezes, para quem as observa, podem passar a impressão de estarem em um transe parcial, mas a palavra "transe" pode ser inapropriada, porque essas crianças podem ser levadas rapidamente à realidade de seu ambiente. Casos como o de Uttara Huddar, em que uma mudança aparentemente de personalidade ocorre, são extremamente raros.

A maioria das crianças têm lembranças apenas quando estão acordadas. No entanto, estudei alguns casos nos quais o indivíduo definitiva ou provavelmente tinha lembranças da vida anterior durante sonhos ou pesadelos.[115] Além disso, algumas crianças costumavam falar sobre as lembranças, principalmente quando se preparavam para dormir (e talvez já sonolentas) ou logo depois de acordar.

Apesar de a maioria das crianças ter comunicado suas lembranças apenas com palavras, talvez complementadas com gestos, algumas também fizeram desenhos onde mostravam pessoas ou acontecimentos da vida anterior.

---

[114] Essa pequena crueldade foi praticada com Sukla Gupta e Imad Elawar. Disna Samarasinghe chorava quando era chamada de "Babanona" de modo provocativo (Babanona era a senhora de cuja vida Disna se lembrava). Testemunhei uma das reações chorosas de Disna.

[115] Exemplos podem ser encontrados nos casos de Wijanama Kithsiri, Prakash Varshnay, Suleyman Andary, Salem Andary, Bongkuch Promsin, Cemil Fahrici e Semih Tutusmus.

As crianças quase sempre param de falar sobre as vidas anteriores entre cinco e oito anos de idade. Alguns indivíduos afirmam preservar todas as lembranças na fase adulta, e outras fingem ter esquecido tudo, mesmo que aparentemente ainda se lembrem de muito. Os pais geralmente afirmam ter reprimido o filho de falar sobre uma vida anterior por diversos meios adotados para "ajudá-lo" a esquecer. Mas, ainda assim, o filho parece esquecer as lembranças na mesma idade, independentemente de os pais o terem incentivado a se lembrar ou a esquecer. O doutor Narendar Chadha e eu descobrimos, em uma análise de 46 casos na Índia, que em 29 os pais reprimiram a criança. Também descobrimos que as medidas de repreensão não tiveram efeito; as crianças reprimidas continuavam falando sobre uma vida anterior assim como as não reprimidas.[116]

A idade em que geralmente as crianças se esquecem de tudo parece coincidir com o aumento de atividades dela fora do ambiente físico e social da família. Independentemente de ela ir para a escola, esse é um período em que uma criança deixa de controlar a vida controlando outros membros de sua família; ela deve se adaptar a outras pessoas menos tolerantes. Acredito que esse ajuste traz novas experiências, e as lembranças delas cobrem e parecem apagar as da vida anterior. Outra ocasião para o começo do esquecimento, que os pais sempre mencionam, é sua primeira visita à família da personalidade anterior. Às vezes,

[116] As meninas parecem mais capazes de esconder quaisquer lembranças que ainda possam ter na adolescência. Uma coisa é uma criança de três anos falar sobre seu marido e expressar o desejo de vê-lo, e outra completamente diferente é uma menina de quinze anos fazer isso. Sukla Gupta (na Índia) foi uma menina que se sentiu prejudicada quando, depois da puberdade, ela se sentia envergonhada em dizer que tivera um marido, algo sobre o qual ela falava livremente com qualquer pessoa interessada em escutar quando ela era criança. Alguns indivíduos conseguem diferenciar suas lembranças originais, sobre as quais podem ter se esquecido, e as lembranças do que os outros dizem que eles diziam na infância sobre uma vida anterior.

depois dessa visita, o que antes parecia um fluxo constante de conversa sobre a vida anterior vai diminuindo até desaparecer.[117]

A atenção dada a uma criança que fala sobre uma vida anterior parece influenciar o quanto ela fala sobre isso; é assim que eu interpreto nossa constatação de que as crianças que falam sobre as vidas de determinadas pessoas falecidas continuam falando mais do que as crianças que falam sobre as pessoas que não podem ser encontradas. As crianças que se lembram de vidas anteriores confirmadas continuam a falar sobre elas em média até os seis anos de idade. Quando as afirmações da criança não podem ser checadas, membros da família costumam perder o interesse por elas; e sem qualquer incentivo dos adultos que a cercam a criança logo pode parar de mencionar essas lembranças. Por outro lado, se as afirmações forem confirmadas – especialmente se a criança tiver a atenção adicional de outra família, a da pessoa falecida a quem ela se refere –, ela tem incentivos e estímulos para continuar falando sobre a vida anterior.[118]

---

[117] O quase repentino desaparecimento da tensão na criança depois de se encontrar com a família pela primeira vez às vezes lembra o alívio sentido por um paciente com neurose crítica, quando ele se lembra de um acontecimento traumático que o causou. Quando um paciente traz um acontecimento esquecido à consciência, ele pode associá-lo com outras experiências posteriores, cujo processo neutraliza sua influência. Uma emoção forte ocorre durante a realização da dissociação (o isolamento de diferentes lembranças dentro da mente), mas essa emoção acompanha a recuperação da lembrança esquecida, que não é um fator no processo de cura (Davis, 1958; McDougall, 1926; Marks, 1978). Smith, Hain e Stevenson (1970) oferecem mais referências e uma discussão desse ponto importante.

[118] Dados sobre as diferentes idades do esquecimento em casos resolvidos e não resolvidos podem ser encontrados em Cook e outros (1983b). O simples passar do tempo não faz com que as lembranças desapareçam. Elas se tornam inacessíveis por meio do efeito de interferência de experiências posteriores. Os leitores interessados em saber mais sobre alguns dos fatores envolvidos no desaparecimento das lembranças podem julgar útil uma discussão do assunto e referências de pesquisa relevante que já publiquei (Stevenson, 1975a, próprio. 25-29). Parking (1987) e Baddeley (1998) ofereceram análises mais recentes.

Apesar de fatores sociais terem importância em trazer a amnésia, eles provavelmente são menos importantes do que os fatores que se desenvolvem dentro do indivíduo. O início da amnésia coincide com o rápido desenvolvimento da linguagem verbal e a perda associada de imagens mentais da criança. Lembranças da vida anterior parecem ocorrer na mente da criança na forma de imagens visuais.[119] Então, conforme a criança aprende a falar, ela encontra palavras para comunicar o conteúdo dessas imagens à sua família. Em contrapartida, o desenvolvimento da linguagem leva, na maioria das pessoas, a uma sobreposição às imagens mentais, que aos poucos se tornam menos acessíveis. Até mesmo a habilidade de ter imagens mentais se torna muito prejudicada depois da primeira infância, poucos adultos preservam a habilidade de pensar normalmente com imagens mentais.

Antes dos dois ou três anos, ela não tem o vocabulário nem a habilidade verbal para expressar o que quer comunicar. E a partir dos cinco anos, as informações verbais abafam as imagens de suas lembranças. A amnésia para as lembranças de uma vida anterior se estabelece e impede mais comunicação da parte delas.

Os *principais temas das lembranças*. As lembranças da criança costumam se aglomerar sobre eventos do último ano,

[119] Autores que já escreveram sobre o assunto descreveram dois tipos de lembranças cognitivas. Koestler (1989) se referiu ao "fragmento vívido" ou "tipo de memória de tira", que ele distinguiu do tipo "abstrativo". O primeiro tipo exige a linguagem. Tulving (1972) se referiu a esses mesmos tipos de lembranças como episódicas e semânticas. (Bérgson [1959/1896] fez a mesma distinção anteriormente). Coloquei esses dois tipos dentro do que eu chamo de lembranças imaginadas para poder distingui-los das lembranças comportamentais. Richardson (1969) em seu estudo sobre imagens escreveu: "Conforme nos tornamos adultos em uma sociedade moderna e industrializada, espera-se que os modos verbais da experiência de códigos tenham procedência em relação aos modos com imagens do início da infância" (p. 137). O mesmo processo ocorre em sociedades não industriais, apesar de que talvez isso ocorra mais lentamente.

mês e dias da vida lembrada.[120] Grande parte dos indivíduos afirmam se lembrar de como a pessoa da vida anterior morreu, principalmente se a morte foi violenta.

Além da causa da morte da personalidade anterior e dos eventos que imediatamente a precederam, os indivíduos podem se lembrar de diversas pessoas e objetos que faziam parte da sua vida.. A associação recente com a pessoa ou objeto parece mais importante do que o tempo de associação na influência das lembranças. Por exemplo, Sukla Gupta se lembrava de diversos detalhes da vida de casada de Mana (a personalidade anterior), mas quase não tinha lembranças da família na qual Mana havia passado quase toda a sua vida antes do casamento.

Os indivíduos costumam se lembrar dos nomes da personalidade anterior e de alguns membros de seu círculo familiar, de amigos e inimigos. Nos casos em que a personalidade anterior foi assassinada, o indivíduo costuma se lembrar do nome do assassino. Entretanto, muitas variações ocorrem – não só de um caso a outro dentro de uma cultura, mas também entre casos de diferentes culturas. Por exemplo, as crianças dos casos na Índia, em Burma e na Tailândia costumam se lembrar do nome da personalidade anterior, porém as do Sri Lanka e da América do Norte, não.

Eu atribuo a incapacidade geral de se lembrar de nomes entre os indivíduos do Sri Lanka a uma relutância comum da parte de pessoas cingalesas de usar nomes adequados no dia a dia. Elas preferem se referir umas às outras por títulos ou relacionamentos em vez de pelos nomes corretos.[121] Uma vez que a repetição fortalece as lembranças, a incapacidade de usar nomes adequados nas atividades do cotidiano de uma vida poderia causar pouca retenção deles em outra.

---

[120] Um indivíduo pode ter a lembrança de um acontecimento que ocorreu muitos anos antes da morte da personalidade anterior. As análises mostram que as lembranças desse tipo costumam ter origem em acontecimentos que estão associados com emoção forte, como um presente de casamento ou um ferimento. Já dei exemplos nos relatórios dos casos de Kumkum Verma e Lalitha Abeyawardena.

[121] Falei sobre o assunto com mais atenção na Introdução de meu livro sobre os casos no Sri Lanka (Stevenson, 1977a).

Para a deficiência correspondente nas lembranças de crianças americanas para nomes adequados devemos encontrar outra explicação, porque os norte-americanos não demonstram relutância em usar nomes em suas comunicações comuns com os outros. Até agora, não conseguimos encontrar uma explicação satisfatória. Durante um tempo pensei que as crianças americanas tinham menos lembrança de vidas anteriores do que qualquer criança na mesma situação de outras culturas. Isso significaria que o fracasso na lembrança de nomes adequados não era apenas um aspecto de escassez geral de lembranças. Uma comparação do número de afirmações que as crianças norte-americanas fazem com o número feito pelas crianças indianas não apoia essa ideia. Mesmo assim, as crianças norte-americanas não fazem tantas afirmações confirmadas como as crianças indianas; é possível que muitas dessas afirmações tenham origem em fantasias com as quais preenchem lacunas nas lembranças reais. Essa questão é uma das muitas que esperam pesquisa.

Muitos indivíduos não têm nada a dizer sobre os acontecimentos entre a morte da pessoa de cuja vida eles se lembram e seu próprio nascimento. Esse período costuma ser uma grande lacuna. Parmod Sharma, o indivíduo de um caso indiano, expressou esse intervalo com uma única frase ao dizer: "Eu estava dentro de uma banheira, e meus pés se tornaram pequenos" (isso foi uma referência a banhos naturopáticos de banheira que o homem de cuja vida ele se lembrava havia tomado antes de morrer).

Mesmo assim, alguns indivíduos afirmam se lembrar de acontecimentos que ocorreram entre a morte da personalidade anterior e seu nascimento posterior. Essas lembranças são de dois tipos: de acontecimentos terrenos (principalmente na família da personalidade anterior) e de experiências em um "plano" desencarnado.

No primeiro tipo, o indivíduo se lembra de fatos que ocorreram para as pessoas vivas depois da morte da

personalidade anterior. É como se a personalidade anterior tivesse, de alguma forma, ficado perto de onde ela vivia e morreu, e tivesse monitorado as atividades das pessoas vivas enquanto estava desencarnada; na verdade, alguns indivíduos afirmam ter feito isso. Eu mencionei no capítulo 4 que Bongkuch Promsin se lembrava de que os assassinos de Chamrat haviam arrastado seu corpo para um campo, e ele (o então desencarnado Chamrat) havia ficado em um bambuzal perto do local do assassinato até ver o pai de Bongkuch. Disna Samarasinghe (um indivíduo do Sri Lanka) lembrou que o corpo de Babanona (personalidade anterior) havia sido enterrado perto de um formigueiro; o local do enterro tinha sido escolhido depois da morte de Babanona. De modo parecido, Dellâl Beyaz afirmou que seu corpo anterior tinha sido enterrado embaixo de uma oliveira.

Veer Singh, na Índia, afirmou que depois da morte na vida anterior ele havia permanecido perto da casa da família anterior. Como prova disso ele fez um relato dos alimentos consumidos em ocasiões familiares sociais, como casamentos. Não havia nada de especialmente notável a respeito de sua descrição dos alimentos nos casamentos, que é um cardápio bastante previsível em qualquer lugar do mundo. Mais impressionante foi a afirmação de que ele havia acompanhado membros da família que saíram da casa sozinhos. Isso combinava com um sonho que a mãe da personalidade anterior (Som Dutt) havia tido. Ela sonhou que Som Dutt, desencarnado, dizia a ela que estava acompanhando seu irmão mais velho, que estava saindo escondido da casa à noite para participar de feiras realizadas na região (quando questionado, o irmão confessou que vinha fazendo aquilo, mas outros membros da família não sabiam de nada, até sua mãe ter o sonho). Veer Singh também demonstrava conhecimento de assuntos particulares da família que ocorreram depois da morte de Som Dutt e antes do nascimento de Veer Singh, como processos envolvendo a família, um camelo que eles haviam comprado e as crianças nascidas nesse intervalo.

O monge tailandês Ven. Chaokhun Pajsuthajarn, cujo caso eu me referi anteriormente, lembrava-se de que, depois de morrer na vida anterior, ele havia ido a um funeral da pessoa cuja vida ele lembrava. Nessa época, ele tinha uma sensação de leveza e parecia se mover com facilidade de um ponto a outro. Ele acreditava ser o responsável pela cerimônia e estava recebendo os convidados; mas, na verdade, era invisível aos participantes, que deram prosseguimento à cerimônia sem suspeitar de sua presença.

Algumas pessoas afirmam ter entrado em atividade sobrenatural enquanto estavam desencarnadas. Veer Singh disse que havia quebrado a tábua de um balanço onde pessoas estavam brincando, e Tinn Sein disse que havia atirado uma pedra no homem que em sua próxima encarnação tornou-se seu pai.

O segundo e mais comum tipo de lembrança do período entre a morte e o suposto renascimento é aquele de outro plano, onde o indivíduo afirma ter residido temporariamente – geralmente sem saber por quanto tempo – depois da morte na vida anterior e antes de seu nascimento na atual. Disna Samarasinghe fez uma descrição circunstancial de sua estada em um local como esse depois da morte de Babanona, a mulher idosa de cuja vida e morte Disna se lembrava. As roupas que ela usava eram elegantes e finas, segundo ela, e não precisavam ser lavadas. Era possível comer quando quisesse, embora não existisse a necessidade de comer. Ela conheceu um "governante" gentil que a aconselhou a renascer, mas não disse onde.

Indivíduos de Burma e Tailândia que têm lembranças de um plano desencarnado podem descrever um encontro com um homem sábio com quem fazem amizade e posteriormente os guia para uma família de seu próximo renascimento. O monge burmês, Ven. Sayadaw U Sobhana, fez uma das mais completas descrições que eu tenho de um encontro com

um conselheiro desencarnado. Ele lembrava que o sábio que o havia levado de volta à vila, onde sua personalidade anterior havia vivido, o levara antes para a casa daquela pessoa e, por fim, para outra casa a poucos metros de distância e o deixou ali. Era a casa dos pais do Ven. Sayadaw U Sobhana, onde ele nasceu.[122]

A exatidão das afirmações dos indivíduos. Uma análise feita pelo doutor Sybo Schouten e por mim, de 103 casos na Índia e no Sri Lanka, mostrou que os indivíduos na Índia estavam corretos em 80% das afirmações que fizeram; aqueles do Sri Lanka estavam corretos em 74% das afirmações que faziam. Em nenhum dos dois grupos havia diferença importante entre os subgrupos com e sem registros por escrito feitos antes de as duas famílias envolvidas se conhecerem.

Reconhecimentos. Os indivíduos frequentemente afirmam que, se alguém os levasse ao vilarejo ou cidade da vida anterior, eles poderiam encontrar e reconhecer pessoas e locais. Os relatórios de reconhecimentos por parte de pessoas, locais e objetos com os quais a personalidade anterior era familiarizada figuram no testemunho de muitos casos. Esses reconhecimentos costumam ocorrer quando os pais da criança a levam para visitar a família anterior, ou quando os membros da família anterior a visitam pela primeira vez.

Os informantes desses casos dão muito mais importância do que eu a tais reconhecimentos, o que raramente ocorre em condições parcialmente controladas. Quando a criança encontra membros da família anterior, ela quase sempre se vê cercada por um grupo. Elas costumam perguntar à criança questões que levam a uma resposta do tipo: "Está vendo sua esposa aqui?" e olha na direção da esposa da personalidade anterior, o que pode induzir a resposta.

[122] Mais informações sobre os sábios a quem alguns indivíduos afirmam ter encontrado no plano desencarnado estão em meu livro que trata dos casos na Tailândia e em Burma (Stevenson, 1983a).

Devo dizer que os reconhecimentos por parte da criança em dois tipos de circunstâncias merecem crédito. Em primeiro lugar, uma criança pode, inesperada e espontaneamente, reconhecer alguém que vê, por exemplo, caminhando na rua. Corliss Chotkin Jr. reconheceu espontaneamente a enteada de Victor Vincent (que ele se lembrava). Ela estava em Sitka, onde Corliss por acaso estava com sua mãe. Corliss, percebendo sua presença, disse animado: "Aquela é Susie". Nesse caso, a mãe de Corliss conhecia Susie, apesar de não tê-la percebido antes de Corliss. No melhor desses reconhecimentos espontâneos, o indivíduo identifica alguém completamente desconhecido para qualquer pessoa que está com ele. Ampan Petcherat, um indivíduo da Tailândia, espontaneamente reconheceu, na rua da pequena cidade onde vivia, uma tia (Joy Ruang Gun) de Chuey, o garoto de cuja vida ela se lembrava. A mãe de Ampan, que estava com ela, não conhecia Joy Ruang Gun. Ismail Altinkiliç, da Turquia, espontaneamente reconheceu dois vendedores de sorvete que passavam pela rua de sua casa. Membros da família de Ismail provavelmente conheciam essas pessoas de vista, uma vez que eles foram para a região para vender sorvete, mas não sabiam seus nomes, o que Ismail confirmou. Nos poucos incidentes desse tipo, pode não haver pergunta que leve ao reconhecimento por parte dos membros da família do indivíduo.[123]

Em segundo lugar, em um pequeno número de situações, adultos responsáveis conseguiram controlar condições de modo que as pessoas a quem a criança pode reconhecer fossem apresentadas a ela em um ambiente seguro e tranquilo, e a única pergunta feita era: "Você reconhece esta pessoa?" Gnanatilleka Baddewithana, indivíduo de um caso do Sri Lanka, fez diversos reconhecimentos nessas condições quando seu

[123] Outros exemplos ocorreram nos casos de Ratana Wongsombat, Cevriye Bayri, Nasir Toksoz, Jasbir Singh, Imad Elawar, Mounzer Haidar, Rabih Elawar, Maung Aye Kyaw e Necip Unlutaskiran.

caso foi estudado pela primeira vez. Eu não os testemunhei, mas já vi, em outras situações, outros reconhecimentos similarmente controlados, incluindo um último por Gnanatilleka. Eu levei à sua casa um amigo de Tillekeratne (o menino – o caso de Gnanatilleka foi outro caso de mudança de sexo – cuja vida era lembrada) e outra pessoa que Tillekeratne não havia conhecido. Quando perguntaram a Gnanatilleka se ela conhecia aquelas pessoas, ela deu o nome do amigo da personalidade anterior (com um pequeno erro, dizendo "Dora" em vez de "Lora"), mas não reconheceu o outro visitante. Quando perguntaram se ela conhecia o visitante, ela corretamente disse o nome da cidade (Talawakele); talvez tenha suposto o nome da cidade a partir das circunstâncias de receber o pedido para fazer esse reconhecimento, mas não o nome do amigo de Tillekeratne, creio eu.

Em outra situação, sem anúncio prévio, eu levei a um indivíduo em Burma, Ma Choe Hnin Htet, uma amiga íntima da menina cuja vida Ma Choe Hnin Htet se lembrava. Quando Ma Choe Hnin Htet foi questionada quanto a conhecer ou não aquela pessoa, ela disse o nome da garota corretamente. Mas Ma Choe Hnin Htet não reconheceu o cirurgião que realizara uma operação cardíaca na personalidade anterior (essa menina havia morrido durante a operação).

Outra característica comum dos reconhecimentos merece ser mencionada. Alguns indivíduos, depois de fazer um reconhecimento que por si só não tem importância especial, fazem mais comentários pertinentes espontaneamente. Por exemplo, eles podem mencionar um apelido que a pessoa tinha, ou fazer algum comentário pessoal revelador, como: "o que aconteceu com seus dentes?".

Jasbir Singh, da Índia, é um exemplo do uso de um apelido. Quando um homem chamado Birbal Singh entrou na sala onde Jasbir estava, ele disse espontaneamente: "Entre, Gandhiji". Alguém que estava presente o corrigiu dizendo:

"Este é Birbal". Jasbir respondeu: "Nós o chamamos de 'Gandhiji'". Birbal Singh, na verdade, era chamado de "Gandhiji" porque tinha orelhas grandes e lembrava um pouco Mahatma Gandhi.

Swarnlata Mishra, outro caso na Índia, reconheceu um amigo de Biya (a mulher de cuja vida ela se lembrava) e comentou que ele estava usando óculos, o que não fazia durante a vida de Biya. Disna Samarasinghe (cuja descrição do plano desencarnado eu mencionei antes) reconheceu um menino passando na rua da casa da família. Ela disse a seus pais: "Vocês conhecem aquela criança? É o menino que roubou meus feijões verdes". Os pais de Disna posteriormente ficaram sabendo que o menino em questão era o neto de Babanona (de cuja vida Disna estava se lembrando) e na infância ele havia comido e derrubado alguns feijões verdes que Babanona estava cozinhando.

A espontaneidade com que muitos indivíduos dizem apelidos ou fazem referências a casos pequenos e geralmente esquecidos há muito tempo na vida da personalidade anterior é, para mim, uma das mais impressionantes características dos casos. Prejudica a crítica mostrada de que os indivíduos antes desses encontros haviam obtido muitas informações sobre a personalidade anterior.

O comportamento da criança no que diz respeito à vida passada

Os indivíduos desses casos costumam mostrar um ou ambos os tipos de comportamento incomuns em suas famílias.

Em primeiro lugar, a criança pode demonstrar emoções, em relação à família da vida anterior, apropriadas às lembranças que ela afirma ter. Se a vida anterior foi feliz ela pode pedir – ou até implorar – para visitar os membros da família. Quando os encontra, pode demonstrar alegria, familiaridade, desprezo ou rejeição; essas reações quase sempre combinam

com o que pode ser aprendido ou suposto a respeito do relacionamento da personalidade anterior com essas pessoas.

O caso de Ratana Wongsombat (na Tailândia) é um exemplo excelente das reações discriminantes de um indivíduo aos membros da família da personalidade anterior. Ratana ficou muito feliz por encontrar Anan Suthavil, a filha da senhora Kim Lan, de cuja vida Ratana se lembrava; mas ela se mostrou indiferente e até mal-educada com o marido de Kim Lan, pois Kim Lan quase não conversava com ele nos últimos anos de seu triste casamento. O comportamento de Gnanatilleka Baddewithana em relação à família do garoto (Tillekeratne), de cuja vida ela se lembrava, ilustrava a mesma capacidade de diferenciação. Gnanatilleka era muito amiga das irmãs de Tillekeratne e de uma de suas professoras, mas ela era quase ofensivamente fria com o irmão dele. Tillekeratne mantivera um bom relacionamento com as irmãs e adorava a professora da escola, mas não gostava do irmão, que parecia ser cruel com Tillekeratne.[124]

As atitudes posteriores da criança e os comportamentos em relação à família anterior dependem, até certo ponto, de como seus membros recebem o indivíduo. Em alguns casos, a criança recebe total aceitação por parte da família anterior; é convidada para visitá-los e recebe presentes ou apoio.[125] Em outros casos, a família anterior rejeita a criança, e a primeira visita se torna a última. Isso acontece na maioria das vezes quando a família da personalidade anterior é muito mais rica do que a do indivíduo, e seus membros temem algum tipo de

[124] Outros exemplos de como o indivíduo adota atitudes em relação a membros da família anterior que correspondem às atitudes que a personalidade anterior demonstrava em relação às mesmas pessoas podem ser encontrados nos casos de Lalitha Abeyawardena, Disna Samarasinghe, Pushpa e Gamini Jayasena.

[125] Exemplos de famílias de personalidades anteriores que demonstram completa aceitação e apoio aos indivíduos são: Swarnlata Mishra, Rabih Elawar, Ram Prakash, Chanai Choomalaiwong e Indika Ishwara.

golpe.[126] Na maioria dos casos em que pude fazer observações, as duas famílias se visitaram na base da amizade por alguns anos e depois diminuíram o contato conforme suas vidas foram tomando rumos diferentes.

O segundo tipo de comportamento incomum tem a ver com traços – como medos, preferências, interesses e habilidades –incomuns na família da criança, mas correspondem a traços que a personalidade anterior costumava ter. Os outros membros da família não mostram traços parecidos ou os mostram de modo menos intenso, e o desenvolvimento dos traços não pode ser atribuído a nenhum acontecimento enfrentado pela criança antes de o traço se apresentar.

Fobias, com frequência, mostram reações que parecem generalizadas do estímulo original. Assim, Ravi Shankar Gupta, que lembrava ter sido assassinado por um barbeiro, demonstrava fobia não apenas pelo assassino (que ainda estava vivo), mas de todos os barbeiros. Um indivíduo da Turquia, estudado pelo doutor Canis Polat,, que se lembrava da vida de um homem que havia sido morto por alguém chamado Hasan, tinha medo de todas as pessoas com esse nome (bastante comum na Turquia).

Às vezes, a criança manifesta uma fobia antes de aprender a falar e poder explicar a causa aparente da fobia na vida anterior. Ao resumir o caso de Shamlinie Prema, mencionei que, logo depois de ter nascido, ela demonstrava um medo muito grande de ser imersa em água quando sua mãe tentava banhá-la; quando aprendeu a falar, descreveu como tinha morrido afogada na vida anterior. Outro exemplo parecido ocorreu no caso de um menino do Sri Lanka, Lal Jayasooria. Ele visivelmente reagia ao ver policiais antes de conseguir falar, por isso se escondia deles da melhor maneira que conseguia; posteriormente, descreveu uma vida anterior

[126] Exemplos podem ser encontrados nos casos de Dolon Champa Mitra e Sunil Dutt Saxena. Em ambos os casos, as famílias eram ricas e provavelmente temiam que a família do indivíduo esperasse, ou até exigisse, dinheiro.

como um insurgente.[127] A polícia do Sri Lanka havia reprimido uma insurgência em 1971 com violência desnecessária.

Preferência por determinados alimentos e aversão a outros representam outra grande categoria de comportamentos incomuns que os indivíduos demonstram. Anteriormente mencionei a preferência de Bongkuch Promsin – quase um desejo – por arroz empapado, um alimento para o qual sua família não dava importância, mas tinha sido o alimento favorito do jovem Chamrat, de cuja vida Bongkuch se lembrava.

Muitos dos indivíduos exibem atitudes incomuns à sua família. Com isso, quero dizer que não tivemos um modelo óbvio dentro da família do indivíduo ou vizinhança. A possibilidade de um modelo dentro do alcance do indivíduo me levou a excluir os exemplos de momentos de brincadeiras da criança na qual se passava por soldado e ao empinar pipa, de que as crianças gostam no mundo todo. Uma análise de 40% dos indivíduos demonstrava imitações da vocação, profissão e modo de morte da personalidade anterior. Vou dar exemplos de cada um desses tipos.

Wijanama Kithsiri sempre começava a brincar quando voltava para casa depois da aula, e a mãe de Parmod Sharma reclamava que Parmod havia passado um ano brincando de fazer chá. Esses dois indivíduos se lembravam de suas vidas como donos de lojas. Dois indivíduos que se lembravam das vidas anteriores como professoras, Lalitha Abeywardena e Chanai Choomalaiwong, brincavam de escolinha. Vias Rajpal, que se lembrava da vida de um médico, costumava brincar fingindo ser um. Ele "prescrevia" remédios para seus colegas e às vezes "media a temperatura" com um galhinho que ele balançava como um adulto

[127] Outro exemplo ocorreu no caso de Sujith Lakmal Jayaratne (Sri Lanka). Ele também mostrava medo da polícia e também de um dos caminhões antes de começar a falar sobre a vida anterior. A personalidade anterior em seu caso tinha sido um vendedor ilegal de bebidas alcoólicas que havia tido passagens desagradáveis pela polícia; e ele tinha sido morto por um caminhão em alta velocidade.

faria com um termômetro de mercúrio. Daniel Jirdi, que se lembrava da vida de um mecânico de carros, ficava deitado embaixo de um sofá e brincava que estava consertando a parte de baixo de um automóvel. Erkan Kiliç se lembrava da vida de um dono de casa noturna, brincava de gerenciar uma boate. Na brincadeira, ele montava caixas para o bar com garrafas em cima delas para as bebidas e uma haste para servir de microfone, como o palco para o cantor da boate, e para esse papel ele chamava sua vizinha.

Duas crianças que brincavam de ser os pais – Itidal Abul-Hisn e Sukla Gupta – lembravam-se das vidas de mulheres que haviam morrido deixando um bebê.

Duas das crianças que brincavam de ser soldados não tinham nenhum modelo para tal comportamento em suas famílias. Uma delas era Ma Tin Aung Myo, cujo caso resumi no capítulo 4. A outra era Bajrang B. Saxena, um indivíduo da Índia, que afirmava se lembrar da vida anterior de um oficial do Exército inglês, morto durante a Primeira Guerra Mundial. Na infância, ele brincava de ser soldado, praticando exercícios e dando comandos militares. Ele fingia que um galho era sua arma. Também fazia brincadeiras, como saltos e agachamentos. Seus pais eram indianos, não sabiam falar inglês e tinham pouco contato com os britânicos que viviam na cidade. O pai de Bajrang B. Saxena era escrevente sem qualquer interesse em questões militares.

Judith Krishna era uma criança da Índia que se lembrava da vida de um varredor de rua. Ela reunia ramos que unia na forma de uma vassoura e com eles varria o quintal todo, além de gostar de lavar as fraldas sujas da irmã. Outra jovem menina indiana, Swaran Lata, também se lembrava da vida de um varredor. Ela tinha hábitos particularmente anti-higiênicos, mas limpava a sujeira das crianças menores da família com aparente prazer. Às vezes, ela vestia roupas parecidas com as usadas por varredores e brincava de varrer. Esses dois últimos indivíduos eram filhos de pais de classe

média em cujas famílias o comportamento de um varredor era tão inesperado quanto indesejado.

Diversos indivíduos realizavam brincadeiras ou gostavam de atividades conhecidas como sendo prazerosas para personalidades anteriores de cujas vidas eles se lembravam. Kumkum Verna era uma criança desse tipo. Ela gostava muito de brincar com bolinhas de gude que lembravam outro jogo chamado *andi*, jogado com sementes de rícino. A mulher de cuja vida anterior ela se lembrava gostava de *andi* e jogava com frequência. Duas crianças que se lembravam de vidas anteriores de pessoas que gostavam de brincar de interpretar apresentavam tais performances quando eram pequenas.

Em dois casos, os de Sukla Gupta e de Sleimann Bouhmazy, o indivíduo dava a bonecas ou a outros brinquedos o nome dos filhos da personalidade anterior.

Outros indivíduos reviveram na brincadeira a maneira com que a personalidade anterior morreu. Ramez Shams, que se lembrava de uma vida que terminou em suicídio, às vezes segurava um graveto apontado para sua garganta como se quisesse atirar em si mesmo. Outra criança, Maung Win Aung, que se lembrava de uma morte suicida por enforcamento, tinha o hábito macabro de caminhar por seu vilarejo com uma corda em volta do pescoço. Três outros indivíduos que se lembravam de vidas anteriores que terminaram em afogamento suicida costumavam brincar de afogamento. As crianças que interpretam a morte da vida anterior dão a impressão aos pais de sofrerem de distúrbio de estresse pós-traumático (DEPT) que revivem, às vezes na brincadeira, uma situação estressante que viveram. A única diferença óbvia entre os dois grupos é que os pacientes com DEPT sobreviveram a um acontecimento traumático desta vida, não da anterior.

Para as crianças que demonstram o comportamento incomum que descrevi, parece totalmente natural. De fato, isso é quase automático, como se a criança fosse naturalmente levada a repetir a atividade familiar.

Individualmente, poucos desses comportamentos são específicos; muitas crianças os demonstram e também muitos adultos. Mas, coletivamente, eles se tornam impressionantes. Os indivíduos costumam demonstrar uma síndrome de comportamentos que as diferencia de outros membros da família, mas caracterizam a pessoa que o indivíduo afirma ter sido. Os próximos exemplos ilustram esses grupos de comportamento incomum. Ma Ting Aung Myo demonstrava traços masculinizados, medo de avião, brincava de ser soldado e diversos comportamentos típicos de japoneses; Sujith Lakmal Jayaratne manifestava, desde pequeno, vontade de beber álcool e de fumar, e tinha medo de caminhões e policiais; Shamlinie Prema tinha medo de ônibus e de ser submerso, até mesmo no banho, e também tinha gostos incomuns por determinados alimentos; Erkan Kiliç demonstrava medo de avião, gosto por álcool e brincava de gerenciar boates. Todos esses comportamentos eram relacionados aos das personalidades anteriores envolvidas.

Indivíduos de uma classe social diferente daquela da personalidade anterior costumam demonstrar comportamento incomum e especialmente vívido. Assim, um filho de pais pobres que afirma se lembrar de ter pertencido a uma família rica e de classe alta pode se revoltar e repreender seus pais pela pobreza e hábitos de classe baixa. Descrevi no capítulo 4 como Gopal Gupta se recusava a fazer tarefas domésticas, afirmando ter empregados para isso. Outro indivíduo indiano, Bishen Chand Kapoor, que se lembrava da vida de um jovem rico, olhava com desdém para as roupas baratas que sua família pobre lhe dava e dizia que não daria aquelas roupas nem a seus escravos.

Ao mesmo tempo, uma criança que se lembra de uma vida anterior em uma família de circunstâncias inferiores à sua pode se comportar de modo que os membros da família julguem ruim. Swaran Lata, o indivíduo que

brincava de varrer, como mencionei anteriormente, nasceu em uma família brâmane. Tinha traços adoráveis, mas os hábitos pessoais eram para sua família repulsivamente sujos, e ele aterrorizava a família vegetariana pedindo para comer carne de porco. Algumas crianças que se lembram de vidas em circunstâncias sociais inferiores também demonstram prazer e gratidão quando comparam sua situação com a da vida anterior. Por exemplo, Anusha Senewardena, do Sri Lanka adorava marmelada, comum em sua família abastada; ela se lembrava da vida de uma estudante de um vilarejo pobre que só comia um pão no almoço e, ainda assim, tinha de dividi-lo com outra criança.[128]

A maioria dos comportamentos incomuns que descrevi exemplifica o tipo de lembrança que descrevi no capítulo 1 como lembrança comportamental. As lembranças comportamentais costumam persistir por mais tempo do que as imaginadas. Quando isso acontece, a criança pode continuar a demonstrar um comportamento, mesmo depois de não se lembrar de detalhes da vida da personalidade anterior. Por exemplo, Bishen Chand Kapoor me disse que ele continuou a comer carne – sempre que estava longe de sua família vegetariana – muitos anos depois de ter se esquecido quase completamente das lembranças da vida de uma pessoa que comia carne. Ravi Shankar Gupta, da Índia, cujo medo de barbeiros mencionei anteriormente, continuou sentindo medo dos assassinos de Munna (o menino de cuja vida ele se lembrava) depois de não mais se lembrar da origem de seu medo, mas compreendia pelo que outras pessoas contavam a ele.

[128] Descrevi outros indivíduos que se lembravam de uma vida anterior em uma família de classe socioeconômica mais alta e demonstravam comportamento esnobe em meus relatórios dos casos de Jasbir Singh, Veer Singh, Indika Guneratne e Jagdish Chandra. Disna Samarasinghe é outro exemplo de um indivíduo que se lembrava de uma vida anterior em uma família de classe socioeconômica mais baixa do que a dela.

Mantendo seu status de adultos, muitos indivíduos parecem, aos olhos dos mais velhos, mais maduros do que outras crianças de sua idade. Adotam uma personalidade adulta e às vezes um ar de condescendência em relação a outras crianças e até em relação a alguns adultos.[129] Afinal, o que mais podemos esperar de um homem casado com esposa e filhos, mesmo se ele for um menino de apenas quatro anos? Mas algumas dessas crianças podem combinar comportamento e afirmações; a mãe de uma menina pode descobrir, por exemplo, que pode dar tarefas domésticas para sua filha em uma idade muito anterior a de suas outras filhas.

Um dos tipos mais interessantes e importantes de comportamento incomum demonstrado pelos indivíduos é aquele sempre observado em crianças que afirmam terem sido membros do sexo oposto na vida anterior. Esses eu chamo de casos de mudança de sexo. Muitas dessas crianças demonstram, com intensidade variável, hábitos de vestimenta, maneiras de falar, de se comportar e outros comportamentos apropriados para o sexo da vida lembrada. Os casos de Ma Tin Aung Myo e Erin Jackson, que eu resumi no capítulo 4, ilustram esses comportamentos.[130]

O intervalo entre a morte da personalidade anterior e o nascimento do indivíduo

Com exceção de um pequeno número de discrepâncias em casos com dados que não conferem, o intervalo entre a morte da personalidade anterior e o nascimento do

[129] Suleyman Andary, Kumkum Verma, Hair Kam Kanya, Bongkuck Promsin, Thiang San Kla e o Ven. Chaokhun Rajsuthajarn estão entre os indivíduos que demonstraram essas atitudes adultas.

[130] Outros exemplos de crianças que se lembram de vidas anteriores como pessoas do sexo oposto podem ser encontrados nos casos de Gnanatilleka Baddewithana, Paulo Lorenz, Ruby Kusuma Silva, Ampon Petcherat, Khin Ma Gyi, Tin Hla, Sivanthie e Sheromie Hettiaratchi, Dulcina Karasek e Myint Muint Zaw.

indivíduo costuma ser menor do que três anos. O intervalo mediano[131] para 616 casos de 10 culturas diferentes era de 15 meses.

Existe uma crença muito difundida sobre a reencarnação de que uma morte violenta leva a uma reencarnação mais rápida do que a morte natural. Nossos casos podem endossar essa crença. O doutor Chadha e eu analisamos 326 casos de 8 culturas diferentes e descobrimos que os casos envolvendo morte violenta tinham um intervalo significativamente menor entre a morte e o nascimento do que os de morte natural.

As atitudes dos adultos envolvidos nos casos

Quando os pais e outros adultos escutam a criança falar sobre uma vida anterior, a reação inicial depende das convicções acerca da reencarnação. Os pais no Ocidente não apenas não acreditam na reencarnação, mas também pensam ser impossível. Para esses pais, uma criança que afirma se lembrar de ter vivido antes fica suscetível a fantasias bizarras, se não for, de fato, uma mentirosa. Esses pais pensam principalmente como podem limitar o escândalo se o fato for espalhado na comunidade. Os casos ocidentais que chamaram minha atenção ocorreram em famílias em que os pais não tiveram essa atitude, ou a superaram.

Na Ásia e em outras partes do mundo onde as pessoas simpatizam com a ideia da reencarnação, um caso começa em vantagem. Os pais da criança não consideram que ela ficou maluca, aceitam que ela pode, realmente, estar se lembrando dos fatos de uma vida anterior. Na Índia e em Burma, entretanto, os pais acreditam ser pouco saudável e talvez até mortal para a criança se lembrar de uma vida anterior. Isso pode fazer com que eles tentem reprimi-la.

[131] Publiquei alguns desses dados (Stevenson, 1986).

Se a criança estiver falando sobre uma vida que parece ter sido comum, seus pais não precisam se preocupar muito com o assunto. No entanto, muitas não foram comuns. Muitas terminaram em assassinato, e a atitude dos assassinos precisa ser levada em consideração; eles podem ainda estar na vizinhança e não gostar das acusações sobre eles. Os pais dessa criança podem achar primordial fazê-la se calar.

Muitos indivíduos rejeitam seus pais com a ideia de que eles não são pais "de verdade". Essas atitudes causam muitos problemas mesmo nos pais mais carinhosos. Nenhum pai quer que seu filho o rejeite e, às vezes, uma reação negativa por parte do pai em relação às comparações da criança a isolam em sua família. Felizmente, nos locais onde os casos costumam ocorrer com mais frequência, a crença na reencarnação se tornou uma maneira de diminuir o impacto da rejeição da criança nos pais. Uma vez que os pais acreditam em reencarnação, eles pensam que um processo maior os uniu (aos pais e à criança) em uma nova unidade familiar; mesmo se a situação não for feliz, ela provavelmente tem algum bom propósito.

Os filhos de pais pobres que afirmam ter vivido em casas de classe alta, luxuosas, encontram outra dificuldade. Os pais dessa criança podem ver a tolerância ser substituída por uma sensação de vergonha enquanto a criança continuar a denegrir a situação em que vive. Eu sempre me pergunto se a superstição amplamente difundida na Índia, segundo a qual uma criança que fala sobre uma vida anterior está destinada a morrer jovem, pode não ter surgido como uma boa desculpa para reprimir uma criança inconveniente. Seja como for, muitos pais podem recorrer a diversos meios de repressão. Como já mencionei, mesmo na Índia, os pais haviam tentado reprimir os indivíduos em mais de 40% de uma série que analisamos. A doutora Pasricha descobriu, em outra série de casos indianos, que 27% dos indivíduos e 23% dos pais tomavam

medidas, geralmente violentas, para reprimir o indivíduo[132] Esses são números de casos dos quais tivemos conhecimento; não sabemos da frequência com que a repressão totalmente bem-sucedida nos impede de tomar conhecimento desse tipo.

Os pais não reprimem os casos apenas na Índia, entre os tlingits do sudeste do Alasca, uma criança pode começar a falar sobre um assassino relacionado a uma briga entre seitas, e seus pais, sem querer começar uma briga, podem calá-la. Quando eu estava com os igbos da Nigéria, escutei muitas vezes que os pais consideram prejudicial para uma criança falar sobre uma vida anterior que terminou de modo violento.

Ao contrário da repressão de casos, estão os raros momentos em que um pai exagera a existência de um caso. Apesar de muitos indianos acreditarem que se lembrar de uma vida anterior é ruim e possivelmente fatal a uma criança pequena, alguns acreditam que crianças que se lembram de vidas anteriores são gênios, talvez até deuses. Eles podem pensar que uma criança que se lembra de uma vida anterior tem muitos poderes paranormais. Às vezes, muitas pessoas se aproximam da família apenas para ver a criança. A maioria dos pais se mantém afastada dessa atenção, pode acontecer de subir à cabeça de um ou outro e isso pode aumentar a evidência e a importância do caso.

Já vi alguns pais tentando convencer uma criança hesitante a falar conosco. Isso certamente não é o desejável, mas é uma atitude inocente. O pai escutou a criança fazer uma afirmação sobre um determinado fato, talvez o escutou muitas vezes. Quando a criança gagueja ou esquece de mencioná-lo, o pai impaciente repete o que disse anteriormente. O comportamento parece corrupto, mas não é.

---

[132] Tirei esses números da tese de doutorado da doutora Satwant Pasricha (National Institute of Mental Health and Neurosciences, Bangalore, Índia, 1978). A doutora Pasricha publicou seus dados em 1990 (Pasricha, 1990). Ela não disse quantos pais e mães tinham cônjuges que também pudesssem fornecer informações sobre as medidas de repressão, mas fica claro que a repressão dos casos é prática comum no norte da Índia.

Mesmo assim, casos de autoengano e até mentiras ocorrem ocasionalmente. Em 1998, dois de meus colegas – doutora Parischa e Godwin Samararatne – e eu publicamos relatórios de sete desses casos. Pode haver outros, mas devem ser extremamente raros.

Jornalistas e escritores populares de livros algumas vezes mancham a credibilidade de um caso, apresentando detalhes falsos para tornar o caso mais sensacionalista. Em compensação, os jornalistas responsáveis têm sido amigos solícitos em nossas investigações; tomamos conhecimento de alguns casos a partir do relatório de um jornalista.

Independentemente de os pais tentarem reprimir a criança, as coisas que ela diz vazam para a comunidade. Os vizinhos começam a analisar os pontos fortes e fracos do caso; às vezes eles, até maliciosamente, sugerem ter havido exploração por parte dos pais, e isso pode estimular os pais a tentar defender a criança, o que eles conseguem apenas confirmando o que foi dito. Isso satisfaz os desejos do indivíduo, porque geralmente ele pede para ser levado à família anterior. Com esse incentivo, além da importunação da criança ou a própria curiosidade dos pais, eles quase sempre tentam localizar a família à qual a criança parece estar se referindo.

O menos importante de todos os motivos entre os adultos envolvidos em um caso é o de convencer outras pessoas de uma crença na reencarnação. Os moradores simples das vilas – entre quem, na maior parte do tempo, esses casos ocorrem – não se importam se as outras pessoas compartilham de suas convicções sobre reencarnação. Às vezes, eles mesmos tiveram dúvidas a respeito de sua realidade, mas, mesmo se um caso ajudou a aliviar essas dúvidas, não parece enchê-los de fervor missionário a ponto de influenciar outras pessoas. Os críticos que acreditam no contrário ficariam impressionados com a dúvida que moradores de vilas relativamente sem estudos podem demonstrar ao avaliar as afirmações de um in-

divíduo de que é uma determinada pessoa falecida renascida. Pessoas com mais educação podem expressar mais interesse na relevância de um caso a suas crenças tradicionais; alguns deles demonstram uma satisfação compreensível ao pensar que um determinado caso confirma o que as pessoas mais velhas as ensinaram a acreditar. Nenhuma dessas pessoas, porém, tentou tornar público um caso para divulgar uma religião.

O desenvolvimento posterior dos indivíduos

Já mencionei que as crianças desses casos geralmente se esquecem de suas lembranças – ou pelo menos param de falar sobre elas – entre os cinco e oito anos de idade. A maioria se esquece completamente da vida anterior até os oito anos ou até menos. As lembranças comportamentais costumam diminuir com as lembranças imaginadas, no entanto, podem persistir durante muitos anos depois de as lembranças imaginadas desaparecerem por completo.

Enquanto a criança se esquece de suas lembranças imaginadas da vida anterior, e suas lembranças comportamentais ficam sob a influência de novas experiências, seu desenvolvimento posterior costuma ser totalmente normal. Já pude acompanhar até a fase adulta muitos indivíduos que conheci quando eram crianças. Alguns se casaram e agora têm filhos. Quase todos têm posições dignas na sociedade e características próprias de comportamento que os distinguem de seus semelhantes.

Esse último comentário inclui o comportamento dos indivíduos de casos de mudança de sexo que, quando jovens, demonstravam características do sexo oposto. A maioria deles, ao envelhecer, aceitava sua anatomia. Nesse aspecto, Ma Tin Aung Myo foi excepcional, e não um caso típico.

Paulo Lorenz, do Brasil, foi outro indivíduo excepcional de um caso de mudança de sexo. Ele se lembrava da vida

de sua irmã, Emília, que cometeu suicídio no início da vida adulta. Emília tinha traços masculinizados, nunca se casou e previu que, se reencarnasse, seria um homem. Paulo Lorenz tinha trejeitos femininos quando era pequeno e, apesar de ter se tornado mais masculinizado no final da infância e da fase adulta, nunca se casou. Ele também era uma pessoa solitária e deprimida, e cometeu suicídio aos quarenta anos.

Rani Saxena, da Índia, foi outro caso de mudança de sexo que manteve algumas atitudes masculinizadas na meia-idade. Apesar de ter se casado e tido filhos, ela ainda usava formas verbais típicas de homens (com quase quarenta anos, quando eu a conheci). Híndi é um idioma no qual algumas formas verbais identificam o sexo da pessoa que fala, e o uso de formas verbais masculinas por parte de Rani transmitia sua forte identificação com um advogado de cuja vida ela se lembrava.[133]

Alguns outros indivíduos tiveram problemas em suas vidas por motivos que vão além da mudança de sexo. Às vezes, a dificuldade parece surgir da incapacidade de deixar para trás a vida anterior e seguir adiante com a vida atual. Jasbir Singh, que nasceu em uma família jat (de baixa casta) da Índia, lembrava-se da vida de um brâmane (de alta casta). Na infância, ele exibia uma atitude esnobe em relação à família que quase o fez morrer de fome, porque se recusava a comer os alimentos servidos, os quais considerava sujos. Esse comportamento fez com que ele levasse surras de seu irmão mais velho. Conforme foi crescendo, ele aparentemente perdeu um pouco do ar de superioridade, mas, apesar de comer os alimentos da família, ainda se considerava um brâmane; por exemplo, ele

[133] As crianças norte-americanas que não se lembram de vidas anteriores, mas demonstram comportamento do sexo oposto na informação, também se desenvolvem sexualmente de maneiras diferentes conforme envelhecem. R. Green (1979) acompanhou um grupo dessas crianças e descobriu que algumas se tornavam homossexuais na juventude e fase adulta, enquanto outros se tornavam heterossexuais.

colocava o nome brâmane do homem de quem dizia se lembrar no nome de sua família jat. Quando se tornou um rapaz, teve muitas dificuldades para encontrar um emprego que considerasse apropriado para uma pessoa de sua condição. Por fim, um de meus colegas na Índia conseguiu um emprego que Jasbir aceitou, mas as notícias seguintes que tivemos foram de que ele havia parado de trabalhar por causa de sua natureza humilde, que ele considerava indigno para um brâmane.

Ocasionalmente, os indivíduos ficam tão tomados das lembranças da vida anterior que deixam de estudar. Isso aconteceu com Parmod Sharma, outro indiano, que brincava de gerenciar uma loja que vendia biscoitos e refrescos. Sua mãe me contou que ele passava muito tempo nesse tipo de brincadeira a ponto de perder um ano na escola, e ele nunca se recuperou totalmente desse atraso. Posteriormente, teve mau rendimento na universidade e, quando eu o encontrei pela última vez (com trinta e poucos anos), ele ocupava uma posição de pouco destaque no governo, que parecia muito aquém de suas capacidades.

Eu não sei dizer por que as lembranças comportamentais persistem por tantos anos em alguns indivíduos, mas não em outros. Por exemplo, em oposição ao apego de Jasbir à sua identidade como brâmane, podemos citar o desenvolvimento mais feliz de Jagdish Chandra. Ele nasceu em uma família de Kayasths (uma casta de nível médio), lembrava-se da vida anterior como uma criança brâmane. Quando era jovem, tinha traços brâmanes, mas, conforme foi crescendo, perdeu grande parte deles. Mencionei acima três indivíduos de casos de mudança de sexo que continuaram demonstrando alguns traços do sexo oposto na fase adulta. Ao contrário deles, Ampan Petcherat, o indivíduo de outro caso de mudança de sexo, demonstrava comportamento masculinizado na infância, mas apresentou uma orientação feminina normal na adolescência e início da fase adulta. Daw Tin Hla,

outro indivíduo desse grupo, teve comportamentos parecidos para a feminilidade. O caminho diferente de desenvolvimento nesses indivíduos pode ocorrer em razão de idades distintas das personalidades anteriores quando morreram. Jagdhish Chandra e Ampan Petcherat lembravam-se da vida anterior de meninos, que talvez não tivessem vivido tempo suficiente para desenvolver atitudes firmes de bramanismo ou masculinidade, uma vez que essas atitudes podem ter se desenvolvido pelas personalidades anteriores adultas dos casos de Jasbir Singh, Ma Tin Aung Myo, Paulo Lorenz e Rani Saxena. Essa, no entanto, não parece uma resposta completa. Ma Myint Zaw se lembrava da vida anterior de seu irmão, que havia morrido antes dos quatro anos. Na infância, Ma Myint Myint Zaw era muito masculinizada em seu modo de vestir; mesmo assim, no final de sua adolescência, mudou sua identidade sexual. Casou-se, teve filhos e, quando o doutor Keil a encontrou em 1996, ela estava feliz como esposa e mãe. Ele só percebeu um traço discreto de masculinidade na sua maneira de falar.

Devemos levar em consideração pelo menos dois outros fatores que podem influenciar o desaparecimento ou a persistência de lembranças comportamentais. Em primeiro lugar, os pais do indivíduo podem incentivar o comportamento incomum, ou se opor a ele e afetar sua persistência, ou não. O pai de Jagdish Chandra ria quando seu filho assumia ares de superioridade como um brâmane, e ele provavelmente contribuiu para que Jagdish Chandra abandonasse suas atitudes de brâmane. Por outro lado, as duas famílias envolvidas no caso de Veer Singh (a que eu me referi ao descrever as lembranças do período entre a morte e o nascimento) reagiam de modo a prolongar o conflito que ele possuía sobre as diferenças de castas entre as famílias. Assim como Jasbir Singh, Beer Singh nasceu em uma família jat e se lembrava da vida de um brâmane. Esse brâmane era uma criança, Som Dutt, que havia morrido de

maneira natural aos quatro anos. Veer Singh exibia a soberba brâmane quando era pequeno, mas era de se esperar que ele perdesse essa característica quando ficasse mais velho, uma vez que as atitudes brâmanes não poderiam ter se desenvolvido intensamente em Som Dutt quando ele morreu. A família de Veer Singh, porém, permitiu que ele passasse bastante tempo com a família de Som Dutt, e enquanto estava com eles, naturalmente vivia como brâmane. Como a família não o aceitava totalmente, no início de sua vida adulta ele era meio jat e meio brâmane em suas atitudes.

O caso de Bir Sahai ilustra ainda mais as possibilidades de envolvimentos no sistema de castas indiano, pelo menos em sua época. Ele viveu de 1912 a 1979. Nasceu em uma casta chamar, uma das mais inferiores, e na infância se lembrava da vida anterior de um thakur, uma casta de segundo nível. Ele dizia se chamar Megh Singh e dizia o nome do vilarejo, Nardauli, onde afirmava ter vivido. Recusava-se a aceitar o baixo status de um chamar. A família de Megh Singh soube das afirmações de Bir Sahai e, depois de satisfazê-los a respeito de sua autenticidade, eles o convidaram a se unir a eles em Nardauli. Ele permaneceu ali até morrer. Infelizmente, os pais thakur de filhas legítimas não permitiam que elas se casassem com um chamar, como continuavam se referindo a Bir Sahai. Não se trata de um exemplo de influência de pais ou falta dela, mas mostra a força do envolvimento ao status afirmado de uma vida anterior.

Outro fator que pode contribuir para a persistência dos traços de comportamento consiste em uma série de encarnações em circunstâncias parecidas. Uma pessoa que teve, por exemplo, seis encarnações sucessivas em corpos de homens antes de ter um corpo de mulher pode ter mais dificuldade em se ajustar à vida como uma mulher do que uma pessoa que tenha tido apenas uma encarnação anterior como homem. Nós poderíamos estender esse princípio a muitos outros traços que

podem persistir com intensidade incomum. O chauvinismo de todos os tipos – social, sexual, religioso, nacional – pode ter certa intensidade de encarnações repetidas no mesmo tipo de corpo, nas mesmas circunstâncias ou no mesmo país.

No início desta seção, falei sobre a tendência das circunstâncias externas de uma vida para consolidar hábitos (nesse caso, considero o sexo do corpo de uma pessoa como uma das condições externas de uma vida). Considero provável, no entanto, que o fator mais importante na persistência de traços comportamentais que pode ser levada de uma vida a outra é a inflexibilidade da atitude – a incapacidade de se adaptar a diferentes circunstâncias.

Alguns tipos variantes de casos

Antes de terminar este capítulo, falarei de dois tipos de casos que se afastam bastante do caso "padrão".

Xenoglossia

No capítulo 3 eu me referi brevemente à xenoglossia – a capacidade de algumas pessoas demonstrarem falar um idioma estrangeiro que não aprenderam normalmente. Casos autênticos de xenoglossia contribuem bastante para a comprovação de sobrevivência humana depois da morte.[134] Entretanto, a xenoglossia não figura de modo decisivo no caso comum do tipo reencarnação, mesmo quando o indivíduo

[134] Alguns casos de xenoglossia que eu considero autênticos e importantes são aqueles de Swarnlata Mishra, Jensen (Stevenson, 1974 com), Gretchen (Stevenson, 1976, 1984) e Uttara Huddar. O doutor Erlendur Haraldsson e Godwin Samararatne contaram os casos de duas crianças pequenas no Sri Lanka que se lembravam das vidas de monges budistas e espontaneamente recitavam stanzas em pali, o idioma das antigas escritoras budistas, estudadas e conhecidas pelos monges. Parece quase improvável que as crianças tivessem aprendido aquelas stanzas em pali normalmente (Haraldsson e Samararatne, 1999).

afirma se lembrar de uma vida anterior como uma pessoa que falava outro idioma.[135] Poucos indivíduos desse grupo parecem capazes de falar o idioma da personalidade anterior, apesar de os informantes afirmarem que diversos deles aprenderam o idioma com mais rapidez do que seus irmãos. Outros indivíduos desse grupo pareciam aprender a língua materna mais lenta e imperfeitamente, uma condição a qual chamei de glossofobia.[136]

Casos com datas irregulares de morte e nascimento

Em um pequeno número de casos, o indivíduo nasceu antes de a pessoa de cuja vida ela se lembrava ter morrido (os intervalos podem variar entre um ou dois dias, ou muitos anos). Em um caso desse tipo, aparentemente o corpo do indivíduo estava totalmente formado e supostamente ocupado por uma personalidade antes de a outra assumi-lo. Podemos falar aqui de um tipo de roubo de corpo, geralmente chamado de *possessão*.

A maneira mais rápida de se livrar de casos tão estranhos é supor que erros foram cometidos no registro de datas e, em alguns casos, as datas são vagas demais para chegar a uma conclusão. Eu me satisfiz, no entanto, imaginando que em pelo menos dez casos desse tipo obtivemos datas corretas e a diferença persiste.[137]

---

[135] A princípio, parece surpreendente que uma criança na Índia pudesse se lembrar de que era um inglês chamado Arthur, morto na Primeira Guerra Mundial, e não se lembrar também de como falar inglês (esse exemplo é do caso de Bajrang B. Saxena [Stevenson 1997a, 1997b]). A explicação pode estar nas diferentes imagens disponíveis para as palavras faladas e para acontecimentos, como ser morto violentamente.

[136] Em meu livro sobre casos em Burma e a na Tailândia (Stevenson, 1983a), eu falo sobre a resistência ao aprendizado do burmês demonstrada por algumas crianças burmesas que se lembravam de vidas anteriores como soldados japoneses mortos em Burma durante a Segunda Guerra Mundial. Outro exemplo de glossofobia ocorreu no caso de Nawal Saw, no Líbano.

[137] Publiquei relatórios de três casos desse tipo: os de Jasbir Singh, Ven. Chaokhum Rajsuthajarn e (com colegas) Sumitra Singh. Pretendo publicar relatórios de três outros casos desse grupo em outro livro.

O número de casos é pequeno e qualquer generalização sobre eles é danosa. Mesmo assim, uma característica comum em quase todos os casos desse grupo até então investigado é que o primeiro "ocupante" do corpo é um bebê, ou o corpo está tão doente que pode ser considerado morto ou quase.

Após resumir quatorze casos típicos do tipo reencarnação e descrever o que observamos como traços recorrentes em um número muito maior de casos, vou descrever meus métodos de investigação e como os analiso e interpreto.

Capítulo 6

MÉTODOS DE PESQUISA

Começo este capítulo com uma história curta da investigação de casos do tipo reencarnação. Como agora trabalhamos em equipe, com a contribuição de meus colegas e também com a minha, é apropriado descrever o que nós fazemos e não o que eu faço.

A investigação e relatório de casos anteriores a 1960

Algumas afirmações de vidas anteriores lembradas chegaram a nós de épocas antigas. Destas, as mais notáveis são as de Pitágoras[138] e Apolônio[139], mas poucos detalhes autênticos sobre suas afirmações foram registrados. O primeiro relato de um caso com traços reconhecidamente parecidos com os dos casos modernos que eu estudei é provavelmente um indiano, que o imperador Aurangzeb investigou no início do século XVIII.[140] Depois desse, eu não soube de nenhum caso parecido até conhecer o de Katsugoro, um menino japonês do início do século XIX que se lembrava da vida de um filho de fazendeiro.[141] E, depois do caso de Katsugoro, outro

[138] Minha fonte é Iamblichus (1965).

[139] Minha fonte é Philostratus (1912).

[140] Tenho uma cópia do texto urdu de um relatório desse caso (um livro do século XVIII) e uma tradução em inglês do trecho, mas ainda não analisei o livro todo do qual este relatório foi copiado. É Khulasat-ut-Tawarikh e escrito por Munshi Subhan Rai.

[141] Hearn (1897) publicou traduções dos documentos japoneses originais do caso, que ocorreu nos anos 1820. Publiquei um resumo curto do caso (Stevenson, 1960).

grande intervalo ocorreu até a publicação de resumos de seis casos de Burma em 1898.[142]

Entre 1900 e 1960, muitos casos (a maioria na Índia) foram relatados em jornais, revistas sobre espiritismo, um jornal francês de pesquisa psíquica e livros e panfletos avulsos.[143] Como a maioria foi publicada como relatórios de um único caso, ou de apenas poucos casos, foi fácil considerar todos eles aberrações sem importância e não prestar atenção a traços comuns nos casos que incentivariam uma análise mais atenta de casos parecidos. Nos anos 1950, comecei a reunir e a comparar os relatórios publicados que consegui encontrar. Assim que comecei a procurar por eles, consegui encontrar 44 que eram razoavelmente bem detalhados e pareciam autênticos. Em 1960, publiquei um artigo com resumos de sete desses casos e uma

[142] Eles foram publicados por Fielding Hall (1898).

[143] Dentre eles o mais memorável é o de Sunderlal (1924) e Sahay (c. 1927). Sunderlal relatou quatro casos, e Sahay, sete. Além disso, eles reconheceram a importância do registro cuidadoso dos relatos. Sunderlal contou um acontecimento (o de Prabhu), e Sahay contou dois casos (os de Jagdish Chandra e de Bishen Chand Kapoor) nos quais um registro por escrito do que o indivíduo havia dito sobre a vida anterior foi feito antes de qualquer tentativa de confirmar suas afirmações. Gupta, Sharma e Mathur (1936) publicaram um notável relatório do caso de Shanti Devi. Eles não registraram as afirmações de Shanti Devi a respeito da vida anterior de que ela se lembrava antes de levá-la a Mathura, a cidade da vida anterior, mas eles formaram um comitê (independente das famílias envolvidas) para investigar o caso e publicaram um relatório muito detalhado dele logo depois de seu desenvolvimento.
Em 1957, B. L. Atreya, um estudioso do que na época era a Benarus Hindu University, publicou um livro pequeno sobre parapsicologia e incluiu nele um relato do caso de Parmod Sharma. Foi um dos primeiros casos que eu investiguei na Índia (Stevenson, 1974 b / 1966). Nenhuma história dos primeiros estudos de casos sugestivos de reencarnação pode omitir a menção à compilação interessante de Delanne (1924). Ele deu a seu livro o modesto título de Documents pour servir à l'étude de la réincarnation. Ele é formado em grande parte por uma antologia de relatórios de casos que ele reuniu de diversas fontes; os relatórios são, assim, de valor inestimável. Alguns artigos de revistas e jornais quase não têm valor, mas Delanne também incluiu em seu livro relatos mais compridos e detalhados de alguns casos, como os de Alessandrina Samonà e de Laure Raynaud. Seu trabalho, acima de tudo, é mais do que um livro de registros, inclui seus comentários sobre os casos. Nunca foi traduzido para o inglês e não influenciou, até onde sei, nenhum investigador falante de inglês, além de mim mesmo, mas devo muito a ele.

discussão de diversas interpretações possíveis.[144] Minha principal conclusão, que pareceu bastante surpreendente na época, era a de que a evidência desses casos parecia, por mais inconsistente que fosse, justificar a investigação cuidadosa de quaisquer outros casos desse tipo que pudessem surgir. Eu não tive de esperar muito. Em 1961, fiquei sabendo de um caso novo na Índia, recebi incentivo de pesquisa para ir até lá e assim comecei minhas investigações de campo.

Primeiras investigações nos anos 1960

Nada havia me preparado para a abundância de casos que encontrei na Índia quando fui lá pela primeira vez em 1961. Os 18 relatórios da Índia que concluí, entre os 44 que analisei em meu primeiro trabalho sobre esse assunto, tinham sido publicados ao longo de um período de 35 anos, mas logo em minhas primeiras cinco semanas na Índia, fiquei sabendo de 25 casos. Imediatamente me pareceu claro que apenas uma parte pequena havia atravessado as barreiras para a comunicação e gerado um relatório publicado. Desde 1961 meus colegas e eu investigamos mais de 400 casos na Índia, e ainda não sabemos se chegamos perto do número total de casos que ocorreram ali.[145]

Havia outros aspectos desses casos para os quais eu também não estava preparado. Os relatórios publicados que estudei tinham a ver quase exclusivamente com as afirmações que um indivíduo havia feito a respeito da vida anterior; elas às vezes se referiam a reconhecimentos pertinentes do indivíduo, mas apenas poucos o descreviam demonstrando um comportamento incomum em sua família e afinado com

[144] Resumi e analisei esses casos (Stevenson, 1960).

[145] A pesquisa realizada por Barker e Pasricha (1979) dá um indício da predominância de casos em uma região do norte da Índia. Eles encontraram a prevalência de dois casos a cada mil habitantes.

o que poderia ser aprendido ou assimilado sobre a personalidade anterior. Fiquei surpreso e impressionado pelo que os informantes me disseram em 1961 sobre o comportamento notável de Jasbir Singh, cujo caso estava entre um dos primeiros que investiguei. No capítulo anterior, mencionei que ele recusava os alimentos oferecidos pela família, afirmando ser um brâmane.

No entanto, minha surpresa por esse comportamento incomum não me levou a fazer perguntas adequadas; precisei de mais tempo do que gostaria de admitir para perceber o significado de tal comportamento. Agora, anos depois, parece-me que, quando avaliamos os casos, esse comportamento incomum deveria receber tanto estudo quanto as afirmações do indivíduo, e possivelmente mais. Explicarei o motivo dessa minha opinião mais tarde.

A lista de traços aos quais prestei atenção insuficiente em minhas primeiras investigações incluía um que – agora acredito – pode ser o mais importante de todos: anomalias físicas do indivíduo que correspondem a feridas, outras marcas ou traços físicos na personalidade anterior. A omissão parece ainda mais notável, até mesmo passível de acusação, porque durante minhas primeiras investigações no Sri Lanka (então Ceilão) em 1911 estudei o caso extraordinário de Wijeratne, que tinha uma grave má-formação de um braço (síndrome Polônia), que ele atribuiu a ter assassinado sua noiva na vida anterior de que se lembrava. E menos de um mês depois, no outro lado do mundo, estudei três casos entre os tlingits do Alasca, cujos indivíduos tinham marcas de nascença supostamente correspondentes aos ferimentos ou outras marcas em vidas anteriores. Mesmo assim, lentamente percebi que as marcas e defeitos de nascença sugerem um tipo de evidência objetiva não existente nas afirmações dos informantes, e eu só comecei a tentar obter relatórios médicos de comprovação após ter estudado esses casos por mais de uma década.

Minha análise de 1960 dos relatórios mais antigos chamou a atenção para alguns traços recorrentes, como a idade extremamente tenra de muitos dos indivíduos quando começaram a falar sobre uma vida anterior e a tendência a lembranças aparentes que sumiram conforme a criança crescia. Meus primeiros estudos de campo com novos casos nos anos 1960 confirmaram a frequência desses traços e logo começaram a mostrar outros, como a alta incidência de morte violenta entre as pessoas de cujas vidas as crianças envolvidas se lembravam.

A abundância dos casos e a ocorrência repetida de certos traços me levaram a um dilema. Devo estudar um número pequeno de casos intensamente para poder dizer depois qual foi a interpretação mais provável de cada um deles? Ou devo estudar um grande número de casos de modo detalhado (suficientemente para ter uma certeza razoável de sua autenticidade)[146] para analisá-los em busca de traços recorrentes? Com a segunda opção, o número maior supostamente permitiria conclusões mais bem embasadas (desde que poucos casos com fatos duvidosos entrassem). No fim, não consegui descartar nenhuma dessas estratégias e tentei adotar ambas. Como consequência, tenho muitos dados de um número menor de casos totalmente investigados e menos dados de um número maior de casos que estudei de modo não tão completo.

Agora investiguei intensamente cerca de 400 casos (na Índia e em outros países) e pelo menos mais mil deles

[146] Quando dizemos que um caso é autêntico, queremos dizer que os relatos de informantes e outras evidências que obtemos deram uma descrição correta dos acontecimentos. No entanto, um caso pode ser autêntico e ainda assim não ter evidência de paranormalidade. Essa é a situação de muitos casos nos quais o indivíduo e a personalidade anterior são da mesma família. Os informantes podem ser pessoas totalmente confiáveis, e o indivíduo pode ter feito afirmações sobre detalhes da vida da personalidade anterior dos quais ele não teria como conhecer normalmente, mas, uma vez que a criança era membro da família da personalidade anterior, ela pode ter tido oportunidades de saber muito sobre esse parente falecido por meio de outros membros da família.

de modo mais geral, ainda assim suficientemente bons para saber se merecem ser incluídos em nossa análise de traços recorrentes. O restante dos casos na coleção da Universidade de Virgínia foi investigado por meus colegas e assistentes ou, em alguns casos, por outras pessoas nas quais confio. Também concluímos em nossa série que o pequeno número de casos cujos relatórios foram publicados entre 1890 e 1960 estimulou meu interesse nesta pesquisa.

Principais avanços nos métodos de pesquisa desde 1960

Alguns dos melhores relatórios de casos anteriores a 1960 podem ser comparados com os melhores que podemos oferecer hoje. Na maior parte, porém, eles não oferecem informações suficientes para uma boa avaliação se o indivíduo poderia ter obtido esse conhecimento sobre uma vida anterior pelos meios normais. Muito neles é resumido; com poucas informações sobre a ordem cronológica dos acontecimentos, sobre exatamente o que, quando e para quem o indivíduo disse, e sabemos pouco ou nada sobre quem confirmou suas afirmações. Para remediar esses problemas, os métodos que adotei enfatizam os seguintes procedimentos: entrevistas com muitos informantes primários; entrevistas repetidas com os mesmos informantes para checar a coerência de seus relatórios e para estudar detalhes previamente ignorados; verificação independente, sempre que possível, das afirmações do indivíduo com informantes que não conheciam a personalidade anterior nem tinham informações sobre ela; localização e cópias de todos os documentos por escrito, como registro de datas importantes, relatórios de hospitais e certidões de óbito.

Esses métodos não são novos. Os advogados e historiadores os usam há séculos, assim como os pesquisadores psíquicos, desde seus primeiros dias no último quarto do século XIX. Temos alguns equipamentos, como gravadores cassete, que eles

não têm, mas não avançamos a respeito da origem na investigação de casos que parecem mostrar processos paranormais.

Minhas adaptações desses métodos e a participação de alguns de meus parceiros não se desenvolveram de modo tranquilo e sem esforços. Levamos anos para criar um relatório adequado no qual registramos os principais traços demográficos das famílias envolvidas em um caso e também tem um *aide-mé-moire* que nos lembra dos muitos detalhes a respeito dos quais devemos saber. Além disso, em minhas primeiras entrevistas, as anotações continham falhas deploráveis, pois a princípio não reconheci a importância de registrar por escrito o que os informantes diziam literalmente ou quase; foi apenas perto de 1970 que começamos sistematicamente a fazer um registro por escrito das perguntas que fizemos e também as respostas dadas.

Descreverei agora as principais características de nossos métodos atuais, começando com a entrevista, que é, de longe, o mais importante a respeito deles.[147]

Métodos atuais de pesquisa

Métodos de entrevista

As pessoas entrevistadas. Nosso informante mais importante, caso quisesse conversar conosco, é o indivíduo do caso. As crianças nem sempre se dão bem com desconhecidos, e os intérpretes com quem trabalhei nem sempre têm tato para ajudar as crianças a ficarem mais à vontade e conversarem conosco.

Depois do próprio indivíduo, os pais costumam ser os principais informantes e, se o indivíduo não quiser conversar conosco ou não mais se lembrar da vida anterior, seus pais se tornam os informantes mais importantes. Depois dos pais, gostamos de escutar o testemunho de outras pessoas envolvidas,

[147] Publiquei um relato mais detalhado de meus métodos de investigação em Stevenson (1975a e 1997a).

como os avós, irmãos, vizinhos e outros membros da comunidade. Exigimos que todas as pessoas que entrevistamos sejam informantes primários[148], não interessados em divulgar fatos. Infelizmente, essas pessoas às vezes atrapalham as entrevistas. Na Ásia e na África, onde raramente encontramos um local privado para conversar, elas precisam ser colocadas de lado de modo gentil. Membros inteligentes da comunidade – que não sejam membros da família do indivíduo –, como líderes do vilarejo e professores que escutaram o indivíduo falar sobre a vida anterior, costumam fornecer informações importantes. Eles são mais afastados do caso do que os pais do indivíduo e conseguem escutá-lo com menos emoção – seja por entusiasmo ou vergonha. Essas pessoas costumam nos ajudar a avaliar a veracidade dos principais informantes, como o indivíduo e seus pais. Quando alguém lhe conta sua opinião a respeito de outra pessoa, ele costuma falar mais sobre si do que sobre outra pessoa, mas diz algo sobre a outra pessoa, e acredito que um informante às vezes pode ajudar em minha avaliação do valor de outro.

Depois de registrarmos (geralmente em anotações por escrito, mas às vezes gravações em fita) o que o indivíduo e sua família podem nos dizer, procuramos a família da personalidade anterior (caso identificada) e começamos uma série nova e parecida de entrevistas com os membros dessa família e da comunidade.

Na maioria dos casos, só chegamos à cena de um caso depois de o indivíduo e sua família terem encontrado a família de quem ele está falando. Se eles não tiverem identificado essa família, tentamos fazer isso por nossa conta sempre que existe uma chance de sucesso e, às vezes, até mesmo quando o sucesso parece improvável, vale a pena tentar. Assim, mesmo quan-

[148] Um informante primário é aquele que descreve o que escutou ou viu diretamente: é uma testemunha. Se ele narra apenas o que outra pessoa disse a ele, então é uma testemunha secundária – em termos legais, um contador ou relator – e ele é pior do que isso se conta coisas que nunca escutou de ninguém.

do a criança não dá muita informação sobre a família anterior, podemos procurar uma família correspondente às afirmações. Acredito que esse esforço justifica qualquer tempo gasto, porque como já registramos o que o indivíduo disse, se tivermos sucesso, poderemos acrescentar ao pequeno número de casos dos quais podemos excluir a possibilidade de que os informantes posteriormente não se lembrem bem do que e de quanto o indivíduo disse antes de as famílias se conhecerem. Como explicarei depois, erros nas lembranças dos informantes parecem para mim, agora, a explicação mais provável para muitos desses casos.

Como as entrevistas são realizadas. No início de uma entrevista com um informante adulto, fazemos perguntas comuns a todos os casos: "Conte-nos como o caso começou"; "O que você percebeu primeiro?" ou "Conte-nos tudo o que sabe sobre o caso". Depois disso registramos as informações iniciais e só interrompemos para conferir discordâncias irrelevantes. Após essa coleta de dados inicial, voltamos para afirmações específicas ou acontecimentos que o informante mencionou e aí, sim, pedimos mais detalhes e esclarecimentos. Então, nós nos voltamos para perguntas sobre assuntos que consideramos importantes, mas podem ter sido omitidos.

Certos informantes são tímidos demais ou não têm desenvoltura suficiente para fazer uma descrição espontânea. Tentamos ajudar essas pessoas fazendo perguntas específicas. De modo parecido, na fase de explicação das entrevistas, precisamos fazer perguntas diretas e até mesmo guiá-las. Não tenho medo de perguntas que induzam a uma resposta, mas anotamos quando elas são feitas.

A maioria dos informantes não entende a importância da diferença entre testemunho primário e secundário; muitos sequer sabem que existe uma diferença. Consequentemente, alguns de nossos esforços consistem em lembrar ao informante de que ele deve dizer apenas o que testemunhou pessoalmente.

De modo geral, não prestamos atenção à testemunha secundária, mas, às vezes, elas insistem em falar e precisam ser afastadas das verdadeiras testemunhas. Ocasionalmente, usamos a informação secundária somente para endossar e avaliar as primárias.

Como a informação é registrada. Preferimos fazer anotações a gravações, pois estas perdem muitos traços não verbais das entrevistas. Conseguimos perceber as mais importantes na escrita conforme a entrevista avança. Também podemos rever anotações escritas com mais facilidade do que uma gravação em fita quando precisamos tomar conhecimento rapidamente de possíveis omissões e discrepâncias; às vezes, é importante perceber isso antes de sair da área de um caso para podermos remediar as discrepâncias e questionar sobre as omissões em uma segunda entrevista no dia seguinte. No entanto, gostamos de registrar em fita o que o indivíduo nos conta que lembra sobre a vida anterior. Além disso, às vezes usamos gravadores quando um informante parece ter pouco tempo para nós, ou se nos sentimos pressionados a deixar o local de uma entrevista mais cedo do que queríamos.

Sempre que possível, dois membros de nossa equipe fazem anotações durante uma entrevista. Quando isso é feito, um assistente ou colega age como o principal intérprete; um segundo assistente faz anotações no idioma do informante e, ao mesmo tempo, monitora a veracidade da tradução do primeiro assistente; eu faço anotações em inglês das perguntas e respostas. Na noite depois das entrevistas, costumamos revisar os dois conjuntos de anotações do dia de trabalho. Ao fazer isso, percebemos e discutimos as discrepâncias e omissões e podemos decidir se precisamos de outra entrevista para esclarecer questões duvidosas. Se necessário, comparo a exatidão de minhas anotações com a gravação de uma entrevista.

Sendo meticuloso a respeito da gravação correta do que os informantes nos contam, tento transferir para eles a responsabilidade por quaisquer imprecisões de meus relatórios.

Já tive de usar intérpretes para muitas entrevistas, principalmente na Ásia. Isso traz à tona a questão das competências dos intérpretes e da possível influência de discrepâncias que elas podem ter na informação expressa e registrada. Alguns erros de tradução ocorrem de vez em quando, como eu percebi em meus relatórios detalhados de casos, mas não era nada relevante a ponto de ser prejudicial. Em diversos países, tive a sorte de ter os mesmos intérpretes trabalhando comigo por uma década ou mais. Eles se acostumaram com meus métodos, e juntos identificamos algumas palavras e frases nos idiomas usados particularmente suscetíveis a traduções equivocadas. Além disso, gravando as perguntas e as respostas, posso observar se o intérprete está fazendo *minhas* perguntas ou seguindo sua própria linha de investigação. Os intérpretes mais experientes formulam perguntas de maneira muito eficiente e também podem sugerir mais perguntas para investigar um ponto que lhes pareça importante. Assim, tornam-se mais colaboradores do que assistentes nas entrevistas.[149]

A informação obtida durante as entrevistas com a família do indivíduo. A informação que gostamos de obter se encaixa em cinco principais categorias. São elas: (1) o que a criança disse sobre a vida anterior; (2) as possibilidades existentes de a informação ter sido transmitida de maneira normal à criança; (3) observações de qualquer comportamento incomum apresentado pela criança que aparentemente tenha a ver com a vida anterior; (4) informação sobre a gravidez da mãe e sobre o desenvolvimento do indivíduo; (5) informações variadas sobre tais fatores, como a ordem de nascimento do indivíduo na família, avaliações de sua inteligência, as circunstâncias sociais e econômicas da família, e as atitudes dos adultos envolvidos em relação ao caso.

[149] Apesar de eu não achar que os intérpretes distorçam o relato nos casos, acredito que a necessidade de um relato cause uma importante perda de informação. Além disso, essa perda não é apenas em termos de informação verbal comunicada, ocorre também na incapacidade até do mais experiente investigador de entender totalmente uma cultura que não seja a sua própria – mesmo que ele seja capaz de falar o idioma usado nessa cultura.

Mencionei acima que preferimos registrar o próprio testemunho do indivíduo sobre suas lembranças, isso se ele ainda as tiver e estiver disposto a compartilhá-las. No entanto, geralmente o indivíduo é muito tímido – pelo menos no início – para falar livremente conosco, ou os pais desejam contar seus relatos antes de permitir que a criança fale. Nesses casos, pedimos aos pais que nos contem o que puderem sobre as afirmações da criança a respeito da vida anterior. Dou especial importância às lembranças deles a respeito das primeiras comunicações feitas pela criança de modo articulado. Desejamos saber o que a criança disse espontaneamente, e não o que pode ter dito em resposta a questionamentos. Tentamos separar o que ele disse antes de as duas famílias envolvidas se encontrarem, caso isso ocorra. Qualquer coisa que ele disse depois de elas se encontrarem – ou mesmo na época do primeiro encontro – perde valor quando passamos a avaliar a evidência de que a criança tinha conhecimento sobre a vida anterior que ela não poderia ter obtido de modo normal, mas mesmo assim são registradas.

Alguns pais confundem as próprias inferências sobre as afirmações da criança e temos de avaliar a partir das antigas até chegar às recentes. Os pais de Elawar fizeram diversas inferências sobre suas afirmações, e como o caso dele foi um dos primeiros que investiguei, eu não sabia, a princípio, que eles haviam feito isso. Uma mulher, a quem Imad sempre se referia e eles pensavam ser a esposa do *sheik*, era, na verdade, a amante da personalidade anterior. Os pais de Imad me contaram que ele havia mencionado um parente chamado Amin que era juiz e vivia em Trípoli (Líbano). Na verdade, Imad havia dito apenas que Amin trabalhava no tribunal em Trípoli; o cargo de juiz foi atribuído pelos pais por mera dedução.

Em 1986, observei no Sri Lanka um dos exemplos mais extremos de inferências paternas enganadas que já vi. O indivíduo era uma menina, Wimalawathie Samarasekera (seu apelido era Wimala). A mãe de Wimala nos disse que ela havia dito que na

vida anterior seu pai tinha sido um médico chamado Wijesekera, que ela havia vivido em Colombo 3 (um distrito particular da cidade de Colombo), que frequentara a St. Thomas's College e havia morrido em um acidente de carro quando sua mãe (anterior) saiu da estrada com o veículo. Após pacientemente repetir pedidos para saber exatamente o que Wimala havia dito, soubemos que ela parecia ter muito conhecimento de medicina (algo incomum em sua família) e ela havia mencionado o nome Wijesekera; assim, sua mãe supôs que o pai anterior era médico. Wimala havia dito que viveu em Colombo e mencionou o número 3; sua mãe supôs que ela estava se referindo a Colombo 3, mas ela podia estar apenas tentando dar o número de uma casa em uma rua. Wimala havia feito diversas referências a "Bebê Jesus" e isso fez com que sua família (formada por budistas) pensassem que a personalidade anterior era cristã. Daí foi simples supor que a personalidade anterior frequentou uma escola cristã, a St. Thomas's College, mas Wimala não disse isso. Por fim, apesar de Wimala ter mencionado um acidente de carro no qual a mãe anterior perdeu o controle do carro e caiu numa ribanceira, ela, de fato, não disse que havia morrido naquele acidente. A família de Wimala acreditava que seria fácil encontrar uma família correspondente às suas afirmações, e isso até poderia ser verdade, mas, como as informações foram pouco específicas, seu caso continua sem solução.

Obter informação sobre a possibilidade para comunicação normal entre as duas famílias exige grande atenção a detalhes e mais paciência – da parte dos informantes e dos investigadores – do que qualquer outro aspecto da investigação. Os informantes costumam não saber das sutis oportunidades que podem existir para a comunicação normal de informações, eles esperam que aceitemos suas afirmações de não serem anteriormente conhecidos da outra família sem questionamentos. Porém, às vezes, detectamos contatos entre as famílias que elas mesmas não perceberam.

Por exemplo, no caso indiano de Pushpa, descobri que, apesar de as duas famílias envolvidas no caso nunca terem se encontrado, elas compravam legumes no mesmo mercado, local onde a família do indivíduo pode ter escutado alguma coisa sobre o terrível assassinato de uma menina sikh por seu marido, ao qual Pushpa se referiu em suas afirmações. Não acredito que isso tenha acontecido, mas era uma possibilidade.

Em outro caso indiano, o de Sunita Khandelwal, soube que o tio do indivíduo conhecia o pai da personalidade anterior. As duas famílias imediatamente envolvidas nesse caso viviam em cidades localizadas a 250 quilômetros de distância, e uma foi totalmente honesta com a outra quando disseram que nunca tinham ido às cidades uma da outra, muito menos tomado conhecimento da existência dela. No entanto, o tio do indivíduo e o pai da personalidade anterior haviam se encontrado em razão de seus negócios – ambos eram joalheiros – na cidade onde a personalidade anterior havia vivido.

Em um terceiro caso indiano (já mencionado muitas vezes), de Pamod Sharma, fiquei sabendo que o tio do indivíduo comprava biscoitos em uma indústria gerenciada por membros da sua família anterior quando o caso se desenvolveu.

Nos três casos, concluí que as famílias não tinham tomado conhecimento, por meios normais, dos detalhes das vidas anteriores, mas foi necessário examinar e concluir as possibilidades que descobrimos para a comunicação normal entre as famílias para os casos ficarem mais convincentes.

A informação obtida a respeito do comportamento do indivíduo se divide em duas categorias. Primeiro, tomamos conhecimento de tudo o que podemos sobre a maneira de a criança falar sobre a vida anterior e sobre as circunstâncias que parecem estimular suas afirmações a respeito dele. Ele mostra emoções fortes ao falar de sua vida anterior? Em que ponto ele pede para ir à família que parece se lembrar? Faz comparações entre a família atual e a anterior? Em segundo

lugar, tomamos conhecimento das observações que os membros da família do indivíduo podem ter feito a respeito da vida anterior. Esse comportamento pode incluir medos incomuns, preferências, aptidões e habilidades, preferências por alimentos ou roupas, ou atitudes de humildade ou arrogância em relação às outras pessoas.

A seguir, comparamos o indivíduo com seus pais e irmãos, para que possamos tentar estimar quanto é incomum seu comportamento na família. Também procuramos modelos dele em seu ambiente e experiências específicas que possam explicá-lo.

A informação obtida durante entrevistas com a família da personalidade anterior. Quando conhecemos membros da família sobre a qual a criança falou, pedimos a eles que avaliem a exatidão de todas as afirmações da criança a respeito da vida anterior. Seus pais costumam dizer terem checado os mais importantes e talvez todos, mas dou muita importância ao fato de fazermos verificações independentes. Em muitas ocasiões, os pais afirmam que a afirmação de um filho estava correta, quando na verdade não estava. Isso pode ser inocência, durante a excitação comum associada com as primeiras reuniões entre as famílias, é fácil para os participantes dessas reuniões negligenciarem ou não compreenderem os detalhes como deveriam. Além disso, de vez em quando, os informantes da família da personalidade anterior podem nos contar sobre afirmações corretas que a criança havia feito que a família não teve conhecimento ou não havia mencionado enquanto conversaram conosco.

Da família da personalidade anterior, também aprendemos o que podemos sobre seu caráter. Ao fazer isso, geralmente vamos contra a tendência quase universal de engrandecer as qualidades dos mortos e abafar seus pontos fracos. Felizmente, muitos atributos humanos relacionados a esses casos são moralmente neutros e assim podemos esperar que os informantes sejam sinceros.

Os parentes da pessoa falecida também costumam harmonizar seus relatórios da personalidade dela com o que sabem sobre o comportamento incomum por parte do indivíduo e assim "enfeitar" seus relatos a fim de torná-los mais próximos do comportamento da personalidade anterior. É um erro pensar que os principais informantes desses casos se entusiasmem com eles e estejam sempre tentando melhorar seus depoimentos. Pelo contrário, é difícil encontrar ambas as famílias defendendo um caso com vigor; uma ou a outra pode – por diversos motivos – fazer afirmações negativas ou com indiferença, e às vezes as duas famílias fazem isso. Aqui também os observadores mais afastados do caso, como vizinhos, geralmente podem ajudar mais do que as pessoas próximas do indivíduo e da personalidade anterior.

Segunda e última entrevista

Eu costumo me distrair nas entrevistas e esquecer que os informantes – principalmente as donas de casa ocupadas – costumam ter outras coisas a fazer, mas eu tento terminar as entrevistas antes de os informantes ficarem exaustos ou irritados. Em qualquer caso, um período de reclusão por parte da família do indivíduo é desejável até que tenhamos entrevistado informantes do lado da personalidade anterior e comparado a informação já obtida. Além disso, depois de deixar a cena da entrevista, eu sempre penso em mais perguntas que deveria ter feito. Se as perguntas pensadas depois de uma entrevista parecem importantes, acabo visitando a família novamente.

Um relatório de caso requer uma organização que não podemos esperar que os informantes nos deem quando falam conosco, geralmente sem parar; eu tenho de separar todas as informações obtidas e organizá-las da maneira mais coerente possível. O rascunho de um depoimento frequentemente traz mais perguntas que não fiz e, assim, estimula a realização de outra entrevista.

Tenho outros motivos para voltar além da intenção de obter mais informações. Entrevistas posteriores nos permitem checar a coerência do que os informantes dizem. Eles podem ter se lembrado de mais detalhes depois de nossa partida; podem ter passado a pensar de modo diferente sobre um detalhe mencionado antes; ou uma maneira mais habilidosa de fazer uma pergunta da segunda vez pode trazer uma resposta mais coerente. Na segunda e terceira visitas também podemos encontrar informantes que não estavam presentes na primeira. Pode-se comparar o acúmulo de informações sobre um caso com a construção de um mosaico; muitos itens, alguns aparentemente insignificantes, gradualmente se unem e permitem que seja vista uma imagem geral.

Questionários

Durante essas investigações, meus parceiros e eu desenvolvemos questionários úteis para a concentração em determinados aspectos das perguntas.

Um desses questionários explora em detalhes as crenças de um informante sobre reencarnação, questões como, quando e de que forma pode ocorrer, a quem e para qual propósito.[150]

Usamos outro questionário para fazer perguntas sistemáticas para comportamento masculino e feminino em casos de mudança de sexo. Com outros questionários, tentamos sistematizar as perguntas que fazemos sobre os comportamentos incomuns que muitos indivíduos demonstram em relação às suas afirmações sobre vidas anteriores. Usamos um desses questionários para perguntar sobre traços "japoneses" demonstrados por

[150] L. V. Thomas (1968) desenvolveu o protótipo desse questionário e o usou no Senegal. Depois de algumas análises e um teste do questionário na Turquia (realizado por Resat Bayer e eu), a Doutora Satwant Pasricha aprimorou o questionário e o usou na Índia. Ele também foi utilizado na Tailândia.

indivíduos em Burma que afirmam ter sido, em vidas anteriores, soldados japoneses mortos lá. Outro questionário pergunta sobre a dominação em gêmeos.

Traços psicológicos

As crianças que se lembram de vidas anteriores são diferentes em relação às outras por terem essas lembranças? Nos primeiros dias de estudo desses casos, eu estava preocupado em examinar a evidência de um processo paranormal que os casos dessas crianças podiam oferecer. Outros aspectos importantes dos casos – até marcas e defeitos de nascença, como eu expliquei – chamaram pouco a minha atenção.

Meu primeiro intérprete de longa data no Sri Lanka, o falecido E. C. Raddalgoda, costumava dizer que entre os filhos da família, o indivíduo era o mais inteligente e o mais esperto. Os irmãos do indivíduo costumavam se reunir ao redor de nosso grupo durante as entrevistas, e E. C. Raddalgoda conversava com eles e com o indivíduo. Minha falta de conhecimento de cingalês me impede de analisar o assunto. Aos poucos, essa questão ganhou mais importância e resolvi tentar obter evidência mais objetiva de traços distintos nas personalidades de nossos indivíduos.

Assim, em 1973, eu organizei uma colaboração para implementar testes psicológicos nos indivíduos na Índia. O doutor Erlendur Haraldsson e o doutor L. P. Mehrotta (colegas de longa data na Índia) começaram a trabalhar como equipe no teste de indivíduos no norte da Índia. Crianças da mesma idade e sexo que não se lembravam de uma vida anterior eram comparadas com os indivíduos. O projeto começou bem e a equipe testou diversos indivíduos e seus colegas quando o doutor Haraldsson se feriu com gravidade em um acidente de carro. Ele levou anos para se recuperar totalmente e, quando se recuperou, envolveu-se completamente em outros projetos.

Eu também me afastei do projeto de testes psicológicos. O máximo que eu fazia nesse aspecto era aplicá-lo aos indivíduos de alguns casos de tipo de mudança de sexo, o teste Draw-a-Person.[151] Isso pode trazer informações úteis sobre a identificação sexual do indivíduo. A informação principal que o teste dá vem da seleção da criança, com duas opções livres, do sexo da pessoa que ele retira e das características sexuais representadas naquelas pessoas.

Nos anos 1990, o doutor Haraldsson voltou ao projeto de testes psicológicos. Dessa vez ele escolheu estudar crianças do Sri Lanka, onde já tinha investigado casos novos durante cinco anos, depois de eu ter interrompido minha pesquisa naquele país em 1987.

As crianças, nos anos de maior expressão de suas lembranças, são pequenas demais para a atenção concentrada que quase todos os testes psicológicos exigem. As crianças a serem entrevistadas deveriam ter entre sete e treze anos. Para um grupo de tamanho razoável, o doutor Haraldsson não tinha crianças suficientes da idade certa nos casos que havia investigado. Assim, ele incluiu no teste um número suficiente de crianças cujos casos eu havia investigado quando elas eram mais jovens. A princípio, ele testou 23 crianças e seus semelhantes; posteriormente, aumentou o grupo para 30.

A Escala de Sugestibilidade de Gudjonsson, as Matrizes Progressivas de Haven e o Vocabulário de Imagens de Peabody foram aplicados às crianças. A escala permite uma avaliação da suscetibilidade de uma criança a perguntas guiadas e informações erradas; os outros dois testes indicam a habilidade da criança de pensar com clareza e a extensão de seu vocabulário.

A mãe de um indivíduo recebia o pedido de preencher a Lista de Comportamento da Criança, um questionário

[151] Usei a modificação desse teste publicado por Whitaker (1961).

feito para registrar observações das habilidades e qualquer problema comportamental da criança. Os professores da criança preenchiam um questionário parecido, o Questionário dos Professores a Respeito do Comportamento da Criança.

Os resultados publicados em dois trabalhos do doutor Haraldsson confirmaram as afirmações de E. C. Raddalgoda sobre a inteligência acima da média dos indivíduos. Em comparação com seus semelhantes, os indivíduos tinham memórias melhores, maior habilidade verbal e melhor rendimento na escola. Entretanto, os testes mostraram muito mais. Os indivíduos não eram mais sugestionáveis que seus semelhantes. Os pais dos indivíduos acreditavam que eles tinham mais problemas de comportamento do que os pais das outras crianças. Em relação a isso, os professores não concordavam. Diziam que os indivíduos eram perfeccionistas, mas socialmente ativos e se relacionavam bem com outras crianças. Em casa, os indivíduos tinham destaque na família porque afirmavam se lembrar de uma vida anterior. Isso e o comportamento incomum associado de muitas crianças podem ter feito com que seus pais considerassem que elas tinham problemas de comportamento, mas para os professores os indivíduos pareciam "ter um dom".

Talvez o resultado mais importante da pesquisa do doutor Haraldsson com testes psicológicos surja da comparação dos indivíduos e seus semelhantes com relação à sugestibilidade. O fato de os indivíduos não serem mais sugestionáveis do que outras crianças enfraquece o argumento por vezes indicado de que os indivíduos contam fantasias das quais outras crianças fogem.

Documentos escritos e impressos

No estudo desses casos, os registros escritos e impressos têm especial importância, apesar de serem raros,

infelizmente. Eles oferecem lembrança e costumam corrigi-la. Assim, tentamos examinar (e copiar, se preciso) diários, horóscopos (para sabermos datas de nascimento), relatórios de hospitais, certidões de nascimento e morte, relatórios de pós-óbito e qualquer outro material escrito ou impresso que tenha registrado detalhes antes de o caso ter se desenvolvido, ou o tenha fixado com mais certeza do que a lembrança sozinha consegue. Em alguns casos, os pais ou outros parentes do indivíduo escreveram seus relatos do que a criança disse enquanto estava na fase da fala sobre a vida passada ou logo depois. Esses registros são documentos especialmente preciosos para nosso estudo.

Entrevistas de acompanhamento

Nos últimos anos, demos mais atenção à observação de mais desenvolvimento dos indivíduos, e isso nos dá outra razão para visitas posteriores. Nas entrevistas posteriores, tentamos responder às seguintes perguntas: a criança parou de falar espontaneamente sobre a vida anterior? Em caso afirmativo, quando parou? O que pareceu influenciá-la a parar de falar sobre isso? Ela se esqueceu ou simplesmente parou de expressar o que ainda se lembra? Ela continua a demonstrar comportamento incomum relacionado à vida anterior, mesmo que pareça ter se esquecido das lembranças imaginadas? Até que ponto suas lembranças da vida anterior influenciaram a relação com outros membros da família e com as pessoas de fora? As lembranças que ele tinha da vida anterior ajudaram ou prejudicaram sua adaptação geral na vida atual?

O leitor da descrição dos métodos de realização dessa pesquisa pode trazer à tona a pergunta do valor dos métodos. Isso me leva ao tópico final deste capítulo, investigações feitas por investigadores independentes.

Estudos múltiplos

Os métodos para investigar esses casos que adotei e descrevi receberam críticas.[152] Alguns não têm boa base e demonstram ignorância acerca das técnicas para entrevistar e a respeito das circunstâncias desses casos. Afirmou-se, por exemplo, que minha dependência de intérpretes invalida ou até anula minhas observações. Se esses críticos já tivessem trabalhado com intérpretes, eles saberiam que um investigador pode facilmente monitorar e, se preciso, corrigir o que um intérprete disse, comparando a resposta dada com a pergunta feita pelo investigador. Quando a resposta ou a pergunta não corresponde satisfatoriamente, a pergunta.é reformulada até que a resposta não deixe dúvidas.

Críticas mais racionais enfatizam a possibilidade de que a criptomnésia e a paramnésia (lembranças falhas) por parte dos informantes pode explicar os casos. Durante muitos anos eu tive intérpretes e assistentes muito capacitados. Infelizmente, todos tinham empregos e outras obrigações. Eles me ajudaram quando eu estava em campo, mas podiam fazer pouca coisa quando eu não estava. Durante uma década procurei algum colega ou assistente que pudesse trabalhar comigo (ou de modo independente) na investigação dos casos. Por fim, a doutora Satwant Pasricha se uniu a mim em 1974, primeiramente como intérprete, enquanto ainda estava na faculdade, e depois como colega. Mais de uma década depois, a doutora Antonia Mills começou a investigar os casos, primeiramente em British Columbia e depois na Índia. Quase ao mesmo tempo, o doutor Jürgen Keil e o doutor Haraldsson também começaram a investigar os casos. O doutor Keil os estudou na Tailândia, Burma e Turquia; o doutor Haraldsson os estudou no Sri Lanka e no Líbano. Nenhum desses colegas conseguiu dedicar tempo integral à pesquisa.

[152] Usei a modificação desse teste publicado por Whitaker (1961).

Esses quatro investigadores usaram os métodos que eu descrevi, mas cada um os modificou e aperfeiçoou como acreditaram ser apropriado. Os resultados que obtiveram e suas conclusões são mais bem estudadas em suas publicações, que eu relacionei nas referências deste livro. Basta dizer aqui que os quatro, nas palavras do doutor Haraldsson, "chegaram à conclusão de que alguns deles [os casos] exigem uma interpretação paranormal".[153] O doutor Haraldsson então fez a seguinte pergunta: "Que interpretação paranormal?"

Aqui, desejo dizer que os investigadores estenderam a pesquisa além do simples acúmulo de mais casos do mesmo tipo. Cada um procurou, de modo diferente, enriquecer nossa compreensão dos casos e dos processos que os geram. A doutora Pasricha comparou os casos no norte da Índia com casos mais raros no sul da Índia, e investigou novos casos com marcas e defeitos de nascença. O doutor Mills também investigou casos com marcas de nascença em British Columbia e fez um estudo abrangente dos relacionamentos entre parentesco e reencarnação aparente entre as tribos do norte de British Columbia. O doutor Keil fez um estudo especial de "casos silenciosos" na Turquia, e iniciou um projeto abrangente para observar o modo e a influência dos pais nos bebês que ainda não falam, identificados (por sonhos e marcas de nascença) como uma pessoa falecida renascida. O doutor Keil e o doutor Jim Tucker também estenderam a investigação dos casos, tendo o que chamamos de "marcas de nascença experimentais". Por fim, o doutor Haraldsson usou alguns testes psicológicos e questionários para saber sobre os traços de personalidade nos quais as crianças que afirmam se lembrar de vidas anteriores diferem de outras crianças da mesma idade, sexo e comunidade.

[153] A frase ocorre em Haraldsson (1997, p. 334).

No início deste capítulo expliquei que, quando comecei a estudar esses casos, logo encontrei um grande número, que continua abundante desde então, mas também fiquei sabendo, no mesmo período, que descobrir e investigar os casos era muito mais fácil do que decidir como explicá-los.

Capítulo 7

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS CASOS

Ao descrever meus métodos para a realização dessa pesquisa, mencionei minha incapacidade para escolher entre a investigação detalhada de um pequeno número de casos individuais e um estudo mais superficial de um número maior. Se essa indecisão não foi inteligente, pelo menos nos levou a conseguir analisar os casos de duas maneiras. Podemos analisar casos individuais e tentar encontrar para cada um a melhor interpretação, mas também podemos procurar em muitos casos traços recorrentes e perguntar a nós mesmos a respeito do significado de qualquer um que encontremos. Farei esses dois tipos de análise de modo sucessivo. Antes de chegar a eles, devo explicar por que acredito que temos dados que merecem ser analisados.

A exatidão dos testemunhos

Já expliquei que, dando muita atenção à identificação e ao controle de erros de tradução e ao registro cuidadoso do que os informantes dizem, tenho tentado passar responsabilidade à exatidão dos dados para os informantes. Apenas um pequeno número de nossos dados surge de fontes por escrito,[154] e não podemos observar diretamente

[154] Um registro por escrito não é melhor do que a exatidão da pessoa que oferece a informação e da pessoa fazendo o registro. Uma pessoa não deve se deixar impressionar por registros por escrito, e eles devem ser conferidos, pelo menos às vezes, em comparação a outras provas. Certa vez, descobri que no túmulo estava gravado o ano incorreto da morte de uma personalidade anterior.

muito nesses casos por nós mesmos.[155] Obtemos pelo menos 90% de nossas informações, escutando o testemunho oral dos informantes. O valor do que aprendemos dessa maneira depende da exatidão das afirmações dos informantes. Isso, por sua vez, quer dizer que devemos avaliar a exatidão das lembranças e avaliar as tendências que possam ter para distorcer, em suas comunicações conosco, o que quer que se lembrem.

Precisamos avaliar a habilidade de um informante em se lembrar bem de acontecimentos que ocorreram dias, semanas, meses e até anos antes da data em que ele contou a mim e a meus parceiros. Até que ponto podemos depender de um testemunho desse tipo? Diversos experimentos mostraram como algumas pessoas conseguem ser pouco observadoras. Os experimentos que demonstram isso geralmente têm cenas interpretadas, algumas até violentas, em que as testemunhas recebem o pedido de escrever relatórios "de cabeça" depois. Os indivíduos desses experimentos podem não conseguir observar nem lembrar importantes detalhes, e podem ainda confundir as outras pessoas. Esses mesmos experimentos, no entanto, também mostram que as testemunhas podem estar enganadas sobre alguns detalhes, e corretas em relação a outros. Além do mais, como os principais acontecimentos, uma cena de violência, por exemplo, ocorrem, a confusão de detalhes nos relatórios sobre eles não pode ser usada para negá-los. Os advogados podem reconhecer isso em sua avaliação do relato da testemunha. Uma testemunha pode estar enganada a respeito de qual entre dois carros envolvidos em um acidente tinha o direito de trafegar ali, mas correta em dizer que ambos

[155] A criança às vezes fala diretamente a nós sobre suas lembranças. Geralmente também podemos observar na criança alguns dos comportamentos incomuns que seus pais destacam. E, raramente, testemunhamos reconhecimentos adequadamente controlados por parte da criança (descrevi no capítulo 5 o que testemunhei dos reconhecimentos que Gnanatilleka Baddewithana e Ma Choe Hnin Htet fizeram; também observei Imad Elawar fazer diversos reconhecimentos, apesar de as condições para eles não serem as ideais.

estavam correndo e bateram juntos. Os críticos de plantão podem, por conta disso, sugerir que um evento sobre o qual uma testemunha não revelou alguns detalhes pode nunca ter ocorrido.[156]

Tenho mais um motivo para considerar as experiências no relato da testemunha como sem exatidão de dados nos casos que investiguei. Essas experiências exigem que o observador perceba e se lembre de detalhes sobre um acontecimento que ocorreu uma vez e durante apenas alguns minutos. Uma única ocorrência e uma duração breve são traços também de um tipo de evidência nesses casos: os reconhecimentos geralmente atribuídos aos indivíduos que ocorrem rapidamente e apenas uma vez. Mas não me surpreendo – e reiteradamente menciono isso em meus relatórios – que as testemunhas de reconhecimentos costumem discordar a respeito do que ocorreu quando se diz que um indivíduo reconheceu uma pessoa conhecida da personalidade anterior em um caso. A ocorrência frequente de perguntas que guiem as respostas e outros tipos de "dicas" dos adultos reduzem o valor como evidência da maioria dos reconhecimentos.

Outros tipos de acontecimentos nesses casos, no entanto, não são parecidos com as cenas que mostraram defeitos

[156] Os primeiros pesquisadores psíquicos do final do século XIX ficaram cientes das limitações dos relatos das testemunhas oculares e começaram a considerar seus pontos fracos alguns anos antes de os psicólogos e advogados fazerem isso. No início dos anos 1970, analisei interessantes experimentos a respeito da memória, especialmente a memória de testemunhas oculares (Stevenson, 1971, 1975a). Loftus (1979) e Baddeley (1998) publicaram avaliações mais recentes do assunto. Marshall, um advogado, realizou experimentos cuidadosos sobre o relato de testemunhas oculares e publicou uma avaliação equilibrada dos resultados (Marshall, 1969). Rollo (1967) analisou a relevância dos erros das testemunhas a respeito dos detalhes a julgamentos a respeito da credibilidade em geral. Os indivíduos de experimentos típicos de testemunho ocular são estudantes, e em muitos experimentos certamente têm pouco incentivo para se lembrarem de algo, muito menos de detalhes. Um relatório de Yuille e Cutshall (1986) a respeito do testemunho de observadores de um acontecimento real – um tiroteio entre um ladrão e sua vítima na rua – mostrou que as lembranças de tais acontecimentos podem ser muito exatas, mesmo depois de muitos meses.

no relato da testemunha em tais circunstâncias. Por exemplo, o indivíduo de um caso quase sempre repete suas afirmações sobre a vida anterior, geralmente ao longo de muitos anos e com tanta frequência que se torna irritante para a família. Da mesma forma, o comportamento incomum associado – de exigir alimentos especiais, de se vestir como alguém de outra classe ou sexo, ou seja lá o que for – costuma se estender ao longo dos anos e geralmente por mais tempo do que as afirmações da criança. Essas repetições e prolongamentos de afirmações e comportamentos incomuns costumam fixar as lembranças de tais acontecimentos na mente daqueles que as observam.

Não nego que as inexatidões ocorrem com frequência, e os relatórios de casos detalhados que eu publiquei estão repletos de anotações sobre contradições no testemunho de diferentes informantes. Minha principal defesa contra esses erros tem sido o uso, sempre que possível, do depoimento de dois ou diversos informantes para o mesmo evento. Dessa maneira, acredito que sou capaz de entender muitas das discrepâncias. Mais importante ainda, creio eu, é que consegui um relato satisfatoriamente correto dos principais acontecimentos do caso, mesmo quando os informantes cometeram erros sobre alguns detalhes.

Gostaria de tentar acabar com um preconceito ocidental comum a respeito das lembranças dos informantes, e por isso as lembranças de pessoas sem instrução, como os moradores de vilas asiáticas, são piores do que as de pessoas com instrução. Tenho certeza de que essa opinião é errada. A exatidão da lembrança surge de muitos fatores, mas a instrução não foi identificada como um deles.

Os comentários são apenas preliminares. Considerarei ainda a exatidão do relato dos informantes ao apresentarem diferentes explicações para os casos individuais.

Antes, porém, de chegar a essas explicações, quero abordar a importante questão de como decidimos quando acreditamos ter identificado a única pessoa falecida a quem os comentários do indivíduo poderiam se aplicar.

A identificação correta da personalidade anterior

Uma das primeiras questões a definir sobre um caso é se as afirmações do indivíduo foram checadas ou se podem ser comprovadas. Em resumo, se uma pessoa falecida foi encontrada, ou se uma pessoa assim pode ser encontrada, os fatos da vida de quem correspondem às afirmações e ao comportamento do indivíduo? Nesse aspecto, os casos parecem se encaixar em três grupos.

Primeiro, há casos nos quais o indivíduo dá poucas informações específicas sobre a personalidade anterior, especialmente nomes corretos de pessoas e locais, de modo que nenhuma pessoa pode ser encontrada. Esquecemos que, sem nossos nomes, não perdemos nossa identidade, mas as outras pessoas perdem a capacidade de nos identificar. Pense, por exemplo, na diferença da especificação entre "Sir William Robertson, um general britânico da Primeira Guerra Mundial," e "um soldado chamado Robertson". É possível encontrar o primeiro Robertson, mas não o segundo. Deste não sabemos nem mesmo se pertencia ao Exército inglês, canadense, australiano ou norte-americano, ou se pertencia à legião estrangeira francesa, e também não sabemos em qual período ele pode ter vivido. A menos que tivéssemos mais detalhes, provavelmente nem mesmo tentaríamos encontrar esse homem, porque o resultado inevitável seria a descoberta de muitos soldados chamados Robertson, qualquer um deles podendo ser a pessoa que estamos tentando encontrar. O caso de

um indivíduo que não poderia dar mais informações de identificação sobre a vida anterior de que ele se lembra continuaria sem solução.[157]

Entretanto, se o indivíduo de um caso consegue dar a localização geográfica exata da pessoa da vida anterior e fazer duas ou três outras afirmações com detalhes específicos, podemos resolver o caso, mesmo sem os nomes. Estudei um caso assim no Sri Lanka em 1986. Um menino chamado Sidath Wijeratne não dizia nenhum nome, mas dizia viver em Balapitiya, onde trabalhava com algo relacionado a peixes e tinha um jipe verde. Balapitiya é uma pequena cidade costeira que fica a cem quilômetros de onde Sidath vivia. Apenas uma pessoa em Balapitiya tinha um jipe verde, e era um vendedor de peixes. As outras poucas afirmações de Sidath sobre a vida anterior se encaixavam na vida do homem, e eu considero o caso resolvido.

O caso do indiano Dolon Champa Mitra é outro que considero adequadamente resolvido, apesar da incapacidade de Dolon em citar nomes entre as diversas afirmações de uma vida anterior. Ela deu o nome da cidade, Burdwan, onde disse ter vivido, deu muitos detalhes corretos sobre a vida de um jovem que vivia ali e por fim localizou a casa da família desse homem. Dentro da casa ela fez diversos reconhecimentos, alguns deles em condições consideradas satisfatórias.

---

[157] Meus parceiros e eu publicamos relatórios resumidos de sete casos não resolvidos, incluindo relatos de nossos esforços vãos nesses casos para encontrar uma pessoa falecida correspondente às afirmações do indivíduo (Cook et al., 1983a, 1983b). Publiquei relatórios detalhados de outros casos não resolvidos, incluindo os de Ranjith Makalanda (Sri Lanka), Wijanama Kithsiri (Sri Lanka), Ornuma Sua Ying Yong (Tailândia), Ma Tin Aung Myo (Burma) e Duran Incirgoz (Turquia). Todos os casos de crianças de Burma que afirmam ter sido soldados japoneses ou membros britânicos (ou norte-americanos) da aeronáutica, mortos durante a Segunda Guerra Mundial, continuam sem solução. Em um grupo especialmente assustador de casos não resolvidos, o indivíduo dá nomes suficientes – geralmente de modo confiante –, mas ainda assim não podemos encontrar correspondências de suas afirmações. Husam Halibi e Maung Soe Ya foram esses indivíduos.

No segundo grupo de casos, temos confirmação, mas restam algumas dúvidas sobre se encontramos a pessoa morta certa. Nesse grupo, o indivíduo oferece informações específicas suficientes para permitir a localização da pessoa falecida que se encaixa em suas afirmações. Quanto mais específicas e numerosas forem as afirmações da criança, mais confiantes podemos nos tornar do fato de termos encontrado a pessoa certa; mas, por um motivo ou outro, algumas dúvidas podem permanecer.

A respeito da identificação da pessoa falecida correta, no caso de Indika Guneratne, fiquei muitos anos em dúvida. Indika, como Dolon, deu o nome da cidade da vida anterior (em seu caso Matara, no Sri Lanka), mas ele mencionou apenas um outro nome correto, o de um empregado chamado Premadasa. Felizmente, ele se referia à riqueza e à possibilidade de possuir elefantes, pormenores que estreitavam a pesquisa consideravelmente. Mesmo assim, dezessete detalhes que Indika havia mencionado se aplicavam corretamente a dois cidadãos ricos de Matara que possuíam elefantes. Outros itens que Indika havia afirmado estavam incorretos para um desses homens, porém correspondiam ao segundo; um detalhe importante era que um candidato havia tido um empregado chamado Premadasa, enquanto o outro candidato, não. Apenas uma avaliação cuidadosa das vidas dos dois homens me permitiu sentir confiança por aquele a quem as afirmações de Indika se aplicavam e, assim, sentir-me confiante em considerar o caso resolvido.

Mencionei que muitas afirmações de Indika podem se aplicar a dois homens diferentes, e com isso quis mostrar a armadilha na qual os pais e investigadores desavisados podem cair se pensarem com muita precipitação que as afirmações de um filho se aplicam a uma determinada pessoa quando podem ser aplicadas a muitas outras. Acredito que isso ocorra quando os pais se apressam em querer determinar a quem as afirmações do filho sobre uma vida anterior se aplicam.

Podemos observar tais atitudes entre os drusos do Líbano. Apesar de os pais de indivíduos na Índia geralmente não terem pressa de procurar pela família sobre quem a criança está falando – podem adiar isso o máximo possível –, os pais no Líbano costumam se sentir pressionados a encontrar a família da pessoa sobre quem o filho está falando, e isso pode levar a erros, assim como o desejo igualmente forte de muitos drusos pesarosos de encontrar onde um membro falecido da família renasceu. Assim, é importante reconhecer casos nos quais a identificação da pessoa falecida correta deve se manter em dúvida.

Nos casos pertencentes ao terceiro grupo, o indivíduo afirmou tantos nomes e tantas informações detalhadas que podemos afirmar, com confiança, que suas afirmações se referem a uma pessoa falecida e podem não se referir a outra. As crianças de Burma parecem particularmente dispostas a estabelecer a identidade da pessoa de cuja vida elas se lembram. Elas costumam dizer o nome da pessoa juntamente com os nomes de seu cônjuge, pais e assassino, no caso de haver um. Entre muitos casos, porém, o registro para a citação de nomes corretos é mantido, não pela criança, mas por Suzanne Ghanem do Líbano. Registrei uma lista (provavelmente incompleta) de 59 itens que ela havia dito sobre a vida anterior de que ela ainda se lembrava. Suas afirmações incluíam o nome de 23 membros da família a qual ela se referia e dois conhecidos. Além disso, relacionava apenas uma dessas pessoas com Saada, a mulher de cuja vida ela se lembrava.

Análise de casos individuais

Ao considerar os casos individuais, precisamos nos perguntar: o indivíduo do caso poderia ter obtido essa informação sobre a vida anterior normalmente? Se, além de suas afirmações, a criança demonstra comportamento incomum aparentemente relacionado a eles, também precisamos perguntar se ele

pode ter desenvolvido esse comportamento como resultado da imitação de outros membros da família ou como resultado de experiências que tem tido desde seu nascimento.

Quando fazemos a primeira dessas perguntas, podemos ver imediatamente que, em dois grandes grupos de casos, as afirmações da criança raramente dão evidência de processos paranormais; são casos nos quais nenhuma pessoa foi encontrada cuja vida correspondesse bem às afirmações do indivíduo (casos não resolvidos) e aqueles nos quais a pessoa identificada como tendo essa relação viveu na família do indivíduo ou perto de onde ela vivia (casos de "mesma família" ou "mesmo vilarejo"). Em casos não resolvidos, raramente surge a questão de nós decidirmos que a criança tem informações que não poderia ter obtido normalmente, porque suas afirmações se mantêm sem confirmação.[158] Nos casos de mesma família e de mesmo vilarejo, quase nunca consegui obter evidências convincentes de que a criança não foi exposta normalmente aos detalhes dos quais ela tinha conhecimento. É importante frisar que os casos desses dois grupos podem ter traços que não sejam as afirmações da criança – comportamento incomum ou marcas de nascença, por exemplo – que chamem nossa atenção.

Assim, devo, no restante desta seção, discutir a avaliação de casos em que as duas famílias vivem em duas comunidades diferentes e seus membros afirmam não ter se conhecido antes do desenvolvimento do caso. Chamamos esses

[158] Às vezes, os indivíduos de um caso não resolvido fazem afirmações sobre acontecimentos ou outros detalhes de um local (onde eles dizem ter vivido) que não acreditamos que possam ter aprendido normalmente. Um exemplo ocorreu no caso de Thusori Wijayasinghe (do Sri Lanka) que disse que "um deus foi incendiado" em Panadura, onde ela afirmou ter vivido. Essa afirmação aparentemente se referia ao incêndio de um templo hindu e seu ídolo durante uma confusão na comunidade em 1958. Thusari só nasceu em 1969, e ela viveu em Colombo, 25 quilômetros ao norte de Panadura. Ela começou a falar sobre a personalidade anterior quando tinha cerca de dois anos de idade. É muito improvável que ela tenha tomado conhecimento normalmente do incêndio do templo hindu em Panadura

de casos de longa distância, mas essa frase não quer dizer que estamos medindo o valor de um caso apenas com o número de quilômetros que separa as famílias. Em um país como a Índia, por exemplo, as famílias que vivem em vilarejos vizinhos, mas pertencem a castas distintas, podem ficar mais isoladas socialmente do que as famílias da mesma casta vivendo a cem quilômetros uma da outra.

No caso de duas famílias envolvidas que vivem em comunidades separadas, devemos avaliar as possibilidades para a comunicação normal entre as famílias envolvidas. Existem muitos tipos de casos nos quais uma criança pode demonstrar um comportamento incomum a respeito de uma família distante, apesar de o conhecimento ter sido obtido por meios normais.

A possibilidade mais óbvia para a aquisição normal da informação é a fraude. Casos assim ocorrem de vez em quando. Estudei dois casos na Índia que certamente eram fraudulentos e soube de outros dois casos, um no Líbano e outro em Israel.[159]

Talvez eu tenha sido enganado em alguns casos sem saber. Não posso negar que isso possa ter ocorrido, mas creio que tenha sido raro. Minha confiança nessa afirmação vem da familiaridade com as circunstâncias e os motivos das pessoas entre as quais esses casos são encontrados. O morador típico de um vilarejo na Ásia ou na África não tem tempo de criar ou manter uma fraude. Ele às vezes se ressente do tempo que separamos para nossas entrevistas; uma fraude e suas mentiras demorariam muito mais tempo. Não se tem lucro em dinheiro em meu trabalho ou muito pouco em fama regional. Além disso, com as diversas entrevistas que costumo realizar, uma

[159] Meus parceiros e eu publicamos relatórios de três casos fraudulentos e de quatro outros nos quais concluímos que os pais e outros informantes adultos tinham se enganado (Stevenson, Pasricha e Samararatne, 1988). Norbu e Turnbull (1969, p. 235-36) descreveram um caso fraudulento no Tibete.

fraude exigiria a cooperação de diversas testemunhas, qualquer uma delas poderia deixar alguma coisa escapar. A criança designada como indivíduo do caso também teria de ser treinada, porque escutamos os indivíduos repetindo, com mais ou menos exatidão, as afirmações que seus pais disseram que eles haviam feito. Já escutei adultos incentivando crianças, mesmo sabendo que a criança poderia dizer aos meus parceiros e a mim o que eles sempre a escutam falar.

Eliminando a fraude, a seguir levaríamos em consideração o autoengano no desenvolvimento de um caso. Estudei alguns casos nos quais parece que ele todo se desenroloa partir dos desejos das pessoas envolvidas. Nessas ocasiões, a personalidade anterior costuma ser uma pessoa conhecida na comunidade, no país ou no mundo. Durante os dias que passamos investigando casos na região sul e central da Turquia, Resat Bayer e eu tomamos conhecimento de nada menos do que três crianças alevis identificadas como sendo as reencarnações do presidente John F. Kennedy. O pai de uma dessas crianças, Mehmet Alkan, havia sonhado com o presidente Kennedy algumas horas antes do nascimento do filho (em novembro de 1965) e deu à criança o nome de "Kenedi". Em novembro de 1967, Resat Bayer e eu conhecemos o Kenedi de dois anos, e seu pai nos disse que ele estava dizendo ser o presidente Kennedy. Tenho certeza de que Mehmet Alkan estava consciente da probabilidade de estar impondo outra identidade a seu filho; isso não foi uma fraude, apesar de Mehmet Alkan e, posteriormente, Kenedi terem conseguido popularidade em seu vilarejo. Na época Kennedy era o presidente norte-americano mais conhecido e respeitado entre os estrangeiros desde Franklin D. Roosevelt.

Em 1985, o doutor Can Polat ficou sabendo do caso de Kenedi Alkan e o conheceu. Na época, ele era um jovem de vinte anos. Acreditava piamente que tinha sido o presidente Kennedy em uma vida anterior. Afirmava se lembrar de alguns

detalhes sobre a vida de Kennedy, como: ele tinha sido rico, casado e tinha dois filhos. Ele mostrou ao doutor Polat uma marca de nascença – no peito, o local errado do ferimento de morte, para qualquer pessoa que afirmasse ser a reencarnação de John F. Kennedy. A morte de Kennedy foi transmitida pela televisão e todos viram que ele levou um tiro na cabeça. Casos desse tipo são relativamente incomuns em minha experiência, e acredito que eles são muito fáceis de expor.

Se excluirmos a fraude e o autoengano, como acredito que podemos fazer em quase todos os casos, ainda ficamos com mais duas maneiras sutis por meio das quais os observadores podem, incorretamente, dizer que uma criança tem um conhecimento incomum de uma pessoa que viveu longe.

O primeiro deles envolve uma transmissão não observada da informação para a criança por pessoas que conheciam a personalidade anterior. Por exemplo, um visitante de outra comunidade pode ir à casa da criança quando seus pais não estavam e, enquanto o indivíduo está brincando sem prestar atenção, o visitante pode contar ao empregado da família sobre um homem que tinha sido morto onde o visitante vive. A criança poderia absorver essa informação e mais tarde incorporá-la em uma vida anterior fantasiada. Podemos imaginar com facilidade variações desse processo. Os pais da criança tomaram conhecimento da pessoa falecida e esquecem depois que eles tinham feito isso; mas nesse intervalo a criança pode ter obtido a informação dos pais normalmente, ou por meio da telepatia.

Uma pessoa que obtém informações de modo normal e mais tarde se esquece disso demonstra "criptomnésia" ou "amnésia de fonte". Levo em consideração a possibilidade da criptomnésia em quase todos os casos que estudo. Os resultados de perguntas ocasionalmente me surpreenderam. Ao estudar um caso mais a fundo, às vezes descubro que, apesar de as duas famílias imediatas não terem se conhecido antes do desenvolvimento dos

casos, elas tinham maior possibilidade de comunicação indireta uma com a outra do que antes. No último capítulo, mencionei três casos (de Sunita Khandelwal, Pushpa e Parmod Sharma) nos quais as duas famílias envolvidas tiveram – ou podem ter tido – pouco contato. Não encontrei evidências em nenhum desses casos de que a informação sobre a personalidade anterior havia passado de uma família à outra, mas não descarto a possibilidade de que isso tenha acontecido.

Tenho certeza de que a criptomnésia não é a explicação correta para a maioria dos casos de longa distância. Em primeiro lugar, em muitos casos nos quais fiz questionamentos, como nos casos de Parmod, Pushpa e Sunita, não encontrei a menor relação entre as famílias.[160]

Existem, no entanto, outras objeções à criptomnésia como explicação desses casos. Em primeiro lugar, não acredito que uma criança pequena consiga assimilar, de uma única conversa, a informação necessária para compor um conjunto crível de lembranças de vida anterior. Acredito que essa exposição à informação ocorreu apenas uma vez; caso contrário, se tivesse acontecido repetidas vezes, os pais da criança teriam sabido. Na idade em que os indivíduos começam a falar sobre a vida anterior, eles costumam não ter o vocabulário de que precisam para comunicar as imagens que parecem ter. Assim, é de duvidar, mesmo que não seja impossível, que uma criança pequena possa entender as palavras que o adulto comum usaria para descrever, por exemplo, um assassinato de que a família tenha tido conhecimento.

[160] Poucos exemplos bem investigados de criptomnésia foram relatados. Minha avaliação dos indivíduos se refere a quase todos os casos publicados (Stevenson, 1983b). Realmente, mais casos podem ocorrer do que os relatados, mas aqueles que simpatizam com a explicação da criptomnésia têm certa obrigação de relatar mais casos dela. Tenho confiança de que podemos excluir a criptomnésia em um caso: o de Suleyman Zeytun. Ele nasceu surdo e mudo e diziam que ele não conseguia ouvir um tiro de canhão a seu lado. Alguém pode realmente sugerir que ele tomou conhecimento normalmente a respeito do homem sobre cuja vida e morte ele tinha conhecimento na infância?

Outra objeção à criptomnésia como uma explicação vem do conhecimento demonstrado por alguns indivíduos de casos particulares que não eram conhecidos fora da família da personalidade anterior e assim não podiam ter sido espalhados como os detalhes publicamente conhecidos, como ocorre em um assassinato. Já dei um exemplo desse assunto quando mencionei o conhecimento de Gopal Gupta a respeito da tentativa de Shaktipal Sharma de pegar dinheiro emprestado de sua esposa. Dois excelentes exemplos surgem nos casos de Swarnalata Mishra e Erkan Kiliç. Swarnalata mencionou uma ocasião em que a personalidade anterior em seu caso e outra mulher tinham ido a um casamento no qual tiveram dificuldades em encontrar um banheiro. Erkan Kiliç sabia de um relógio que a personalidade anterior desse caso havia dado a um amigo que tinha marcas de dentes.[161]

Minha última objeção à criptomnésia parece ainda mais fraca do que qualquer uma daquelas que já mencionei. Esses casos consistem em muito mais do que uma amostra das informações comunicadas em palavras, e qualquer interpretação delas deve incluir o comportamento incomum que a maioria das crianças demonstra em relação ao que dizem sobre a vida anterior. No caso de Pushpa, por exemplo, vamos supor que no mercado ela escutou falar sobre a apunhalada mortal da menina sikh de cuja vida ela afirmava se lembrar. Esse fato pode explicar o conhecimento que ela tinha sobre a menina sikh, mas não explicaria sua forte identificação com essa garota, nem seu interesse incomum na religião sikh – uma vez que sua família era hindu –, seu medo de facas e o apego à família da menina assassinada. Esse comportamento faz parte de um papel todo; é

[161] Outros exemplos de assuntos particulares conhecidos apenas por membros da família sobre os quais os indivíduos demonstravam conhecimento ocorreram nos casos de Ismail Altinkiliç, Maung Yin Maung, Imad Elawar, Rabih Elawar, Ratana Wongsombat e Brijendra Singh (ao citar esses exemplos, não me restringi a casos de longa distância; muitos dos indivíduos mencionados viviam nas mesmas comunidades que as personalidades anteriores dos casos).

um aspecto de personalidade que transcende o conhecimento verbal simples. Pode-se dizer que, se Pushpa passou a acreditar que tinha sido apunhalada em uma vida anterior, uma fobia de facas se tornaria uma expressão natural. Uma pessoa pode, da mesma maneira, tentar explicar seu outro comportamento como expressões de sua forte crença de que ela realmente havia vivido a vida anterior de que afirmava se lembrar.

Apesar de eu pensar que a criptomnésia é uma explicação improvável para os casos, não posso dizer a mesma coisa sobre a *paramnésia*, que é a palavra técnica para distorções e inexatidões nas lembranças dos informantes. Acredito que, se fosse fazer uma avaliação desses casos, eu pediria a ele que se concentrasse em qualquer evidência que pudesse encontrar da inexatidão das lembranças dos informantes.

Para entender como a paramnésia funciona, precisamos considerar de novo as primeiras expressões de uma criança sobre uma vida anterior que ela parece lembrar. Vamos supor que os pais dela, ao escutarem-na fazendo algumas afirmações, comecem a dar a elas uma coerência que talvez não tenham. Eles pensam no tipo de pessoa sobre quem uma criança pode estar falando. Depois, eles começam a procurar essa pessoa. Encontram uma família com um membro falecido cuja vida parece corresponder às afirmações da criança. Isso explica a essa família o que a criança tem falado. Eles explicam a essa família o que o filho tem dito sobre a vida anterior. A segunda família concorda que as afirmações da criança podem ter relação com o ente querido falecido deles. As duas famílias trocam informações detalhadas sobre a pessoa falecida e sobre o que a criança tem dito. Por entusiasmo e falta de cuidado, eles podem dizer que a criança citou diversos detalhes sobre a pessoa falecida quando na verdade ela disse muito pouco, e talvez nada específico, antes de as duas famílias se conhecerem. Dessa maneira, um mito pode se desenvolver e passar a ser aceito por ambas as famílias. Até onde essa explicação vai nos levar?

Certamente parece ser a melhor para alguns casos. Mencionei acima que o forte desejo de muitas pessoas drusas de encontrar uma pessoa falecida em uma nova encarnação ou tomar conhecimento da identidade antiga de uma pessoa viva pode levar as pessoas a encerrar prematuramente a questão da identificação de um caso. Quando um druso morre, sua família quase sempre deseja saber onde ele renasceu e, quando um bebê druso nasce, sua família quase sempre quer saber quem ele era em sua vida anterior. Assim, a família interessada de um bebê que mal fala pode conhecer a família igualmente interessada de uma pessoa falecida cujos membros ainda estão em luto por sua morte. Seria de surpreender se essas duas famílias discordassem de leves evidências de que eles encontraram o bebê e a pessoa falecida corretos, quando na verdade isso não ocorreu. Posteriormente, eles podem sinceramente acreditar que a criança havia dito muito mais sobre a vida anterior antes de as famílias se encontrarem do que de fato disse. Os detalhes adicionais ligados ao caso dariam a eles a impressão de ter evidências mais fortes do que de fato têm.

Mesmo assim, quando testamos essa explicação em muitos casos, incluindo em alguns drusos, parece inadequada. Em primeiro lugar, ela não poderia ser aplicada àqueles casos em que alguém fez um registro por escrito do que a criança havia dito antes de suas afirmações serem checadas e antes de as duas famílias envolvidas terem se conhecido. Em casos assim, sabemos que a criança de fato disse antes de as famílias se encontrarem o que afirmam que ela disse. Infelizmente, esses casos ainda são poucos (menos de 1,5 % de todos os casos) em comparação com o grande número no qual nenhum registro foi feito.[162]

Em outros casos, meus assistentes e eu chegamos à cena do caso poucas semanas ou meses depois da primeira

[162] Em 1975, eu publiquei uma lista com poucos casos (doze) desse tipo (Stevenson, 1975a). A lista tem aumentado lentamente desde então. Havia 20 casos nela em 1987. Em 1999, havia 33 casos na lista.

reunião entre as famílias envolvidas,[163] e provavelmente as lembranças dos informantes haviam diminuído um pouco durante esse intervalo.

É possível dizer que os motivos para moldar o caso de determinada maneira podem ser fortes o bastante para causar distorções nas lembranças da magnitude exigida. Não existe dúvida de que esses motivos ocorrem em alguns casos. Os pais costumam desejar provar as afirmações de um filho sobre a vida anterior, e uma família que perdeu um ente querido pode demonstrar engano ao avaliar as afirmações de uma criança, com o desejo de acreditar que a pessoa falecida voltou a viver, pelo menos em outra família.

Contra casos desse tipo, no entanto, podemos enumerar muitos outros nos quais as famílias envolvidas são indiferentes ou adotam atitudes negativas em relação a ele. Já disse que muitos pais julgam as afirmações da criança ruins por acreditar que essas lembranças podem prejudicá-la; podem temer perdê-la para a outra família; podem relutar em permitir que alguma pessoa cheque as afirmações que a criança fez sobre outra vida que foi, em comparação com a deles, vivida em circunstâncias de pobreza ou de muita riqueza; ou podem não gostar de incentivar qualquer comportamento de que não gostem na criança e a confirmação de suas afirmações pode melhorar o seu modo de agir.[164]

---

[163] O termo principais acontecimentos aqui se refere ao período em que as duas famílias se encontraram pela primeira vez. Publiquei um quadro com esse intervalo para quatorze casos da Índia e do Sri Lanka (Stevenson, 1975a, p. 27). O intervalo médio nesses casos era de três meses e meio.

[164] Os exemplos são: Prakash Varshnay, Bajrang B. Saxena, Ravi Shankar Gupta, Puti Patra e Jasbir Singh. Membros da família de um indivíduo podem adotar diferentes atitudes em relação às afirmações do indivíduo e seu comportamento; um membro pode querer que o caso tenha publicidade, enquanto outro pode querer que a criança seja reprimida. Por exemplo, o pai de Gopal Gupta ficou (por fim) entusiasmado com o caso de Gopal, mas sua esposa desaprovava os problemas que ele causava à vida familiar e aos estudos de Gopal.

Quanto a eles, os membros da família da personalidade anterior podem não estar prontos para afirmar o caso, com base em suas crenças e no luto considerado por si só. Já mencionei que especialmente as pessoas ricas têm medo de que a família do indivíduo tenha a intenção de explorá-las. Outros temem revelações ruins que o indivíduo possa fazer sobre a família. Outras ainda – talvez de modo paradoxal – temem que a exposição ao indivíduo faça ressurgir o pesar que eles continuam tendo pela pessoa falecida.[165]

Por uma dessas razões, costuma ocorrer que uma das famílias envolvidas não tenha vontade de confirmar as afirmações do indivíduo. Em resumo, a paramnésia, seja pelo esquecimento comum com a passagem do tempo, seja pela distorção motivada de lembranças, pode afetar a exatidão dos relatórios de alguns informantes, mas não acredito ser a explicação adequada para a maioria dos casos.[166]

Três análises que realizamos oferecem a confirmação de que podemos, em geral, contar com as lembranças dos informantes para obter traços essenciais dos casos.

Na primeira análise, estudei dezenove grandes discrepâncias que encontrei ao comparar o que um informante disse a respeito da localização dos ferimentos na personalidade anterior com um documento médico adequado ou as afirmações de um ou mais informantes que eu considerei mais confiáveis. Metade dos erros ocorreu em razão da confusão

[165] Exemplos ocorreram nos casos de Sunil Dutt Saxena, rabih Elawar, Dolon Champa Mitra, Puti Patra, Lalitha Abeyawardena, Ismail Altinkiliç, Cevriye Bayri, Suleyman Zeytun (apenas no começo), e Erkan Kiliç.

[166] Barker (Pasricha e Barker, 1981) interpretou o caso de Rakesh Gaur como um exemplo de paramnésia, mas Pasricha não concordou com ele, e por isso ele não é um exemplo direto do processo. Para ler uma discussão dos pontos fortes e fracos da paramnésia como explicação para esse caso, os leitores devem examinar o relatório de Parischa e Barker e um relatório mais detalhado sobre o caso feito por Pasricha (1983). A hipótese sociopsicológica supõe que podemos explicar os casos normalmente com a combinação de influências culturais e lembranças falhas por parte dos informantes (Brody, 1979; Chari, 1962; Schouten e Stevenson, 1998).

entre esquerda e direita. Em alguns casos, o erro não era importante; em outros, era.

Na segunda análise (capítulo 5), o doutor Sybo Schouten e eu comparamos duas séries de casos na Índia e no Sri Lanka. A primeira série era formada por 21 casos nos quais alguém, geralmente um membro de uma equipe de investigação, havia feito um registro por escrito das afirmações do indivíduo antes de serem checadas. Chamamos esses casos de "A" (Antes). Comparamos as afirmações registradas para os indivíduos desses casos com aqueles de 82 casos comparáveis para os quais foi feito um registro por escrito apenas depois de as famílias envolvidas terem se conhecido. Chamamos esses casos de "D" (Depois). Descobrimos que os casos "D" tinham um número total significativamente maior de afirmações do que os casos "A". Esses resultados vão contra a hipótese de que, depois que as famílias se encontram, os informantes ficam confusos em relação ao que o indivíduo disse antes de elas se encontrarem e costumam dar mais crédito a ele por estar certo do que ele deveria receber.

Em outro estudo, o doutor Jürgen Keil e eu comparamos as informações que ele obteve sobre quinze casos com as informações que eu tinha obtido dos mesmos, quando eu os estudei, em média, mais de vinte anos antes. Aplicamos com eles o que chamamos de "escala de avaliação de paranormalidade", que mede nossas avaliações sobre a possibilidade de que o indivíduo não tenha obtido a informação correta sobre a personalidade anterior por meios normais. Com uma exceção, descobrimos que os informantes não haviam alterado os elementos essenciais do caso com a passagem do tempo, de modo que eles pareciam, na época, mais paranormais do que antes. A exceção não foi necessariamente uma maneira de torná-lo mais interessante; pode ter resultado do fato de os informantes não terem me contado um detalhe importante do qual eles se lembraram depois de eu completar meu estudo do caso.

Apesar de essas análises trazerem verificação sobre a credibilidade da maioria dos informantes, mesmo quando eles recontam acontecimentos passados anos antes de nossas entrevistas, a confirmação é apenas geral; não ficamos livres da necessidade de avaliar a exatidão de cada informante da melhor maneira possível.

A fraude, a criptomnésia e a paramnésia são as três principais explicações que podemos dar para esses casos que não supõem um processo, como a telepatia ou a sobrevivência à morte, que seja considerado paranormal em sociedades ocidentais. A palavra "paranormal" se refere a conceitos que ainda não são assimilados na essência da ciência ocidental. Pretendo, brevemente, avaliar uma explicação mais normal que costuma ser avançada para esses casos. Eu me refiro à "lembrança herdada" ou à "lembrança genética".

Quando o intervalo entre a morte da suposta personalidade anterior e o nascimento do indivíduo é suficientemente longo, o indivíduo pode ser um descendente da personalidade anterior e assim poderia, em princípio, herdar lembranças de sua vida. As imagens detalhadas que a maioria dos indivíduos desses casos descreve, no entanto, ultrapassam o tipo de lembrança que costuma ser creditada à herança. Quando usamos a expressão "memória herdada" ou a palavra "instinto", estamos pensando geralmente em aranhas que tecem teias e aves que constroem ninhos sem aprender a fazer isso. Nosso conceito de um comportamento tão instintivo geralmente não supõe que a aranha ou a ave tenham imagens conscientes de teias anteriores tecidas e de ninhos construídos. Tais atividades são mais bem categorizadas no que eu chamo de lembranças comportamentais. No entanto, talvez os sons de comunicação de animais, como as canções dos pássaros, tenham uma leve semelhança com as lembranças de acontecimentos passados que os indivíduos desses casos demonstram. Se for assim, podemos aceitar que os indivíduos podem herdar lembranças de imagens e também comportamentais.

Entretanto, há objeções mais graves à memória genética como explicação para a maioria desses casos. Em primeiro lugar, o intervalo entre a morte e o nascimento costuma ser muito curto e raramente maior do que cinco anos.[167] Um indivíduo nascido em uma família diferente apenas alguns meses ou anos depois da morte da personalidade anterior não poderia ser descendente da personalidade anterior.

Além disso, as memórias geneticamente transmitidas nunca poderiam incluir a memória de um acontecimento que ocorreu depois da concepção dos filhos da personalidade anterior por meio de quem as lembranças podem surgir. Acontece que as lembranças da morte de uma pessoa não poderiam ser transmitidas geneticamente, e ainda assim a maioria das crianças desses casos lembra como a personalidade anterior morreu. Isso pode ajudar o leitor a levar em consideração o caso de Mary Magruder (capítulo 3), que tinha sempre o mesmo pesadelo, no qual era perseguida por um índio norte-americano que parecia querer feri-la. Eu disse antes que podemos explicar o caso dela por meio da memória herdada, mas existe uma condição essencial para o uso dessa interpretação. Se a garota atacada pelo índio escapasse do agressor e mais tarde tivesse filhos, eles poderiam ter herdado as memórias de seu momento ruim e poderiam ter continuado a passar, a outros descendentes, esse mesmo medo, até chegarem a Mary Magrudrer. Se o índio a pegasse e matasse, no entanto, tais lembranças não teriam passado a nenhum de seus filhos já nascidos.[168]

---

[167] Já publiquei em outro livro (Stevenson, 1986) o intervalo médio entre a morte da personalidade anterior envolvida e o nascimento do indivíduo para casos de dez culturas diferentes. Esse intervalo variava de 4 a 141 meses.

[168] Um de meus parceiros sugeriu que as crianças nascidas antes da morte de um dos pais saberiam os detalhes dessa morte e poderiam, a partir disso, transmitir informação sobre ela geneticamente a seus descendentes. Como, pelos propósitos desta discussão, entendemos que qualquer lembrança com imagem pode ser transmitida geneticamente, não podemos excluir essa possibilidade. Mas a sugestão não explica a forte emoção que costuma acompanhar as narrações do indivíduo acerca da morte da personalidade anterior. Duvido que possamos passar pela morte de outra pessoa como passamos pela nossa.

Voltando agora para explicações que incluem processos paranormais, eu reconheço três principais que merecem atenção: a percepção extrassensorial, a possessão e a reencarnação. Expliquei no capítulo 3 que quase não temos evidência independente de reencarnação, além dos casos que meus colegas e eu investigamos; e assim eu não a aceitaria como explicação para nenhum caso até ter eliminado, o máximo que pudesse, todas as outras explicações, incluindo as paranormais.

Durante os primeiros anos de minha pesquisa sobre esses casos, levei a percepção extrassensorial mais fortemente como uma explicação plausível para eles do que agora. Acredito que ainda se trata de uma possibilidade importante, mas não mais atribuo a ela o peso que lhe atribuía antes.

Tenho dois principais motivos para essa mudança de opinião. Em primeiro lugar, os indivíduos crianças quase nunca demonstram, ou seus familiares afirmam, que têm qualquer evidência de percepção extrassensorial diferente das lembranças de uma vida anterior. Perguntei a muitos pais sobre tais capacidades em seus filhos. A maioria negou que a criança em questão tivesse alguma; alguns disseram que o filho demonstrava uma forma de percepção extrassensorial, mas era pouca. Não consigo entender como uma criança pode adquirir pela percepção extrassensorial os acúmulos consideráveis de informações sobre uma pessoa falecida sem demonstrar – senão frequentemente, pelo menos de vez em quando – poderes paranormais parecidos em outros contextos.[169]

A maioria dos indivíduos reage com grande emoção e de modos adequados a estímulos relacionados à personalidade anterior. Por exemplo, Ismail Altinkiliç bateu palmas de alegria

[169] Entre os indivíduos que demonstraram leves evidências de percepção extrassensorial estão Gnanatilleka Baddewithana, Shamlinie Prema, Ratana Wongsombat, Nirankar Bhatnagar e Dulcina Karasek. Braude (1992) defendia a percepção extrassensorial de um tipo extraordinário como a melhor explicação para os casos.

quando soube que os assassinos do homem de cuja vida ele afirmava se lembrar tinham sido condenados à forca. Outros, como Imad Elawar e Sukla Gupta, choraram apenas com a menção de um acontecimento da vida de uma pessoa a quem as personalidades anteriores de seus casos eram próximas. Pode-se dizer que as emoções individuais podem ser comunicadas por meio da percepção extrassensorial, e de fato existe evidência disso, mas muito mais está em questão nas reações comportamentais que estou discutindo. A criança demonstra uma síndrome de comportamentos que nos casos mais desenvolvidos são cópias do caráter da personalidade anterior. Não temos base para pensar que os processos de reconhecimento paranormal podem produzir, em efeito, uma personalidade inteira transportada para outro corpo físico. A parapsicologia experimental certamente não oferece evidência de percepção extrassensorial do tipo exigida, e outros tipos de casos espontâneos raramente têm paralelos.[170]

Deixando de lado a questão da incomunicabilidade por processos paranormais de um grupo complexo de reações comportamentais, a imitação de um indivíduo de outra pessoa exige um motivo forte de sua parte, mas na maioria dos casos não conseguimos encontrar uma motivação. O comportamento incomum do indivíduo, como eu mostrei, frequentemente o coloca em conflito com sua família sem trazer-lhe nenhum benefício. Já foi sugerido que meu conhecimento a respeito das personalidades dos indivíduos é pequeno demais para revelar motivos tão obscuros. Isso pode ser possível, mas a exigência por mais perguntas de investigação pode ser insaciável. Aqueles que fazem essa sugestão devem expor os motivos obscuros nos casos reais em vez de assumi-los abstratamente.

[170] Reuni aqui argumentos que desenvolvi de modo mais complexo em outro texto (Stevenson, 1980). Hodgson (1897-98) usou argumentos parecidos ao mostrar por que acreditava que o comunicador G. P., por meio do médium senhora Leonora Piper, não poderia ter se comunicado por telepatia com a senhora Piper e suas empregadas.

Não consigo encontrar, na maioria dos pais dos indivíduos, qualquer motivo pelo qual eles desejariam impor uma personalidade diferente em seus filhos, supondo que eles tivessem, de alguma forma, obtido a informação necessária – normalmente, ou por meio da percepção extrassensorial.

A variante de reconhecimento paranormal, conhecida como retrocognição, não aponta agentes vivos como fontes de informação do indivíduo; na verdade, ele tira isso de uma "memória universal" hipotética sobre a qual todos os acontecimentos são originados de alguma forma. No entanto, a retrocognição tem pontos fracos, quando aplicada a esses casos, de outras formas de percepção extrassensorial. Por exemplo, não explica por que o indivíduo demonstra um talento paranormal tão notável apenas em uma situação: aquela de aparentemente se lembrar de uma vida anterior.

Os defensores da percepção extrassensorial precisam incluir em suas explicações as marcas, os defeitos de nascença e outras anormalidades físicas que figurem proeminente e relevantemente em muitos casos. Eles podem fazer isso, talvez, buscando o conceito de impressões maternas.

Ao combinar a percepção extrassensorial e as impressões maternas, é possível obter uma interpretação dos casos que tornariam a ideia de sobrevivência supérflua. Deixando de lado o peso do assunto, parece insuficiente explicar a intensa identificação do indivíduo com a personalidade anterior.

Agora cheguei à possessão. Durante muitos séculos a ideia de que uma personalidade desencarnada possa assumir ou "possuir" uma pessoa viva tem sido descartada em círculos intelectuais ocidentais, mas de vez em quando essa ideia é proposta como explicação de casos sugestivos de reencarnação.[171] A possessão parece ser uma importante

[171] Esse interpretação para lembranças ostensivas de uma vida anterior vem de pelo menos Swedenborg (1906/1758) e tem tido muitos defensores desde então.

explicação alternativa para os casos com datas irregulares (de morte e de nascimento) às quais me referi no capítulo 5. Também há alguns casos, como os de Ravi Shankar Gupta e Sujith Lakmal Jayaratne, nos quais a mãe do indivíduo estava grávida de dois ou três meses quando a personalidade anterior morreu. Se acreditarmos que a concepção e o começo do desenvolvimento embrionário exigem a associação de uma mente ou alma desencarnada com o corpo físico desenvolvido, também podemos categorizar esses casos como possessão.

Eu não defendo, contudo, a interpretação da possessão para casos padrões sugestivos de reencarnação. Digo isso por diversos motivos. Em primeiro lugar, o conceito de possessão não leva em conta a amnésia quase universal que domina os indivíduos entre as idades de quatro ou cinco e sete ou oito anos. Por que as personalidades possuidoras deixariam suas vítimas quando as crianças têm aproximadamente a mesma idade? Em segundo lugar, o frequente estímulo das lembranças do indivíduo por visitas à família e à comunidade da personalidade anterior parece ser mais bem explicado com as associações mentais do que pela possessão. Em terceiro lugar, os indivíduos geralmente não tomam conhecimento das mudanças que ocorrem nas pessoas e nas construções desde a morte da personalidade anterior. Em quarto lugar, a interpretação da possessão não leva em conta a ocorrência de marcas e defeitos de nascença aparentemente relacionados a vidas anteriores. Independentemente de qual seja a origem delas, claramente são de antes do nascimento do indivíduo; se dissermos que a possessão começa na concepção, ou mesmo durante a vida embrionária, não consigo ver como o conceito difere do de reencarnação.

A reencarnação, como eu disse, é a última interpretação que deveríamos aceitar para os casos, e deveríamos

adotá-la apenas depois de eliminar todas as explicações alternativas, para as quais temos evidência independente. Todos os casos que eu investiguei têm falhas, e alguns têm muitas. A situação lembra a de diversas pessoas que julgam o líquido dentro de uma garrafa. Algumas dizem que a garrafa está metade cheia, e outros dizem que ela está metade vazia.[172]

Essa não é uma solução sem esperança de resolução. Uma investigação mais abrangente pode mostrar evidência em relação a uma interpretação correta. Por exemplo, podemos encontrar mais casos nos quais alguém fez um registro por escrito das afirmações do indivíduo antes de eles serem confirmados. Acredito que estou animado por encontrar casos assim ou desapontado por ter encontrado tão poucos até agora. Mesmo assim, há outros passos que podemos dar nessa empreitada.[173]

Também podemos obter melhores dados de mais investigações de casos com marcas e defeitos de nascença, e talvez de alguns outros tipos de casos, como os de mudança de sexo e aqueles que ocorrem entre gêmeos.

Talvez seja meu dever dizer quais interpretações eu defendo. Não tenho uma interpretação preferida para todos os casos, e não acho que apenas uma ofereça evidência clara de reencarnação. Mas eu posso dizer que acredito

---

[172] Até um caso que eu considerava um dos mais fortes já registrados foi julgado por um crítico (Nicol, 1976).

[173] Apesar da dificuldade de chegar a esses casos antes de as duas famílias envolvidas terem se encontrado, tivemos certo sucesso nos últimos anos. Meus colegas, parceiros e eu investigamos dez casos desse grupo desde a publicação da primeira edição deste livro; sete foram no Sri Lanka e três na Índia. Com Godwin Samararatn, publiquei relatórios de três deles (Stevenson e Samararatne, 1988a; Stevenson e Samararatne, 1988b). O doutor Erlendur Haraldsson relatou outros três casos do grupo, todos eles no Sri Lanka (Haraldsson, 1991; Mills, Haraldsson, e Keil, 1994). Dois outros casos, um na Turquia e um no Sri Lanka, ainda estão sendo investigados.

que a reencarnação é, em alguns casos, a melhor interpretação. Não a única, mas parece ser a melhor entre todas que citei.[174]

Tenho a esperança mais modesta de que leve alguns leitores a estudar meus outros livros nos quais mostro relatórios detalhados. Se você, leitor deste livro, procurar por outros, peço que dê atenção aos detalhes dos casos. "Mais detalhes. Mais detalhes. A originalidade e a verdade são encontradas apenas em mais detalhes", Stendhal afirma por meio de um de seus personagens.[175] Eu concordo com a ideia de que os detalhes oferecem mais do que apenas o interesse dos casos; eles têm o segredo de sua interpretação.

Após ler meus relatórios detalhados, não acho que você dirá que não existe evidência de reencarnação, apesar de certamente poder dizer que julga o que temos pouco convincente. Se chegar a esse ponto, considero justo perguntar: "Que evidência, se é que existe, convenceria você a respeito da reencarnação?"

Análise de um grande número de casos

Mais de um século e meio atrás, Whately afirmou as vantagens de procurar relatos de diferentes testemunhas dos mesmos acontecimentos.

É certo que o relato, positivo ou negativo, de diversas testemunhas, quando não houve combinação... traz um peso

[174] Eu incluiria em uma lista assim todos os casos com as duas famílias anteriormente desconhecidas e dos quais um registro por escrito foi feito a respeito das afirmações da criança antes de serem confirmados. Incluiria os dois casos de gêmeos univitelinos (provados), quando ambos tinham algumas lembranças de uma vida anterior e demonstravam comportamento incomum correspondente. Também incluiria todos os casos, nos quais um relatório médico mostrava uma próxima correspondência entre as marcas e os defeitos de nascença de um indivíduo e as feridas na personalidade anterior envolvida.

[175] A frase é de Stendhal (1926, 4:169).

independente do que cada um pode ter separadamente, pois, em um caso, por mais que as testemunhas não fossem merecedoras de crédito, são poucas as chances de que todas pudessem ter combinado a mesma mentira.

No trecho acima, Whately se referia ao valor de testemunhos separados a respeito do mesmo acontecimento. Como ele disse, no entanto, o princípio se aplica bem a testemunhos separados a respeito de acontecimentos diferentes, mas parecidos.

O comentário feito anteriormente, a respeito da veracidade de relatos simultâneos, mesmo que cada um tenha poucos ou nenhum, mas cujo acordo com base na mentira seria extremamente improvável. Pode ser estendido a muitas discussões de outros tipos também... Se um entre cem homens lança uma pedra que derruba um certo objeto, existe uma pequena probabilidade, apenas desse fato, de que ele tenha mirado no objeto em questão; mas, se todos os cem homens lançassem pedras que acertassem o mesmo objeto, ninguém teria dúvidas de que a mira tinha sido nele.[176]

Os escritores de uma geração anterior de investigadores usavam uma metáfora diferente para descrever a força combinada de uma série de casos. Era, segundo eles, como um ramo de gravetos; os gravetos podem ter pontos fracos individuais, mas essas fraquezas existem em partes diferentes dos gravetos e, quando são reunidos, eles ficam mais fortes do que qualquer graveto sozinho.[177]

Aplicando o princípio dos gravetos aos casos atuais, podemos procurar muitos deles para encontrar traços parecidos. Se encontrarmos recorrências, teremos a confiança na

[176] As frases são de Whately (1858).

[177] Não vejo originalidade na aplicação do princípio de Whately ao estudo de uma grande série de casos investigados na pesquisa psíquica. Gurney, Myers e Podmore (1886) deram uma contribuição muito valiosa à metodologia de estudar grandes números de casos – aparições, em seu trabalho – de traços recorrentes.

autenticidade dos casos vistos como um todo. A concordância nos relatos de informantes sem comunicação uns com os outros aponta para um fenômeno natural como responsável pelas semelhanças nos casos. Assim, podemos delinear um caso ou tipo padrão.[178] Casos individuais podem se desviar mais ou menos do padrão, mas podemos ter como não autêntico qualquer caso que se distancia dos casos considerados verdadeiros.

Se os casos de crianças que afirmam se lembrar de vidas passadas são um fenômeno natural, devemos observar traços parecidos não apenas entre culturas, mas dentro de uma única cultura ao longo de um período. A doutora Satwant Pasricha e eu estudamos duas séries de casos na Índia cujos indivíduos tinham nascido com duas gerações de diferença. Posteriormente, o doutor Keil e eu comparamos duas séries de casos na Turquia cujos indivíduos tinham nascido com uma geração de diferença. Em ambos os estudos, descobrimos que os principais fatos dos casos incorriam na série temporal separada dos casos.

O estudo de grande número de casos tem outro valor não menos importante do que o de nos ajudar a encontrar casos não autênticos. Estabelecendo um tipo de caso, podemos relacionar seus traços ao conhecimento que temos de outros processos e a casos de outros tipos: essas comparações podem nos levar à compreensão dos processos envolvidos no tipo recém-identificado.

Aqui, faço mais um alerta: as maneiras danosas com as quais as informações sobre os casos chegam até nós nos dizem que os casos que estudamos podem não representar o todo.

Já mencionei no capítulo 5 diversos traços recorrentes, como a idade da primeira vez em que uma criança fala e quando para de falar espontaneamente sobre a vida anterior. Aqui vou mencionar alguns outros traços recorrentes.

---

[178] Muito progresso na medicina depende da identificação de tipos de síndromes. São agrupamentos de sintomas diversos e sinais que ocorrem juntos em um paciente e têm uma causa patológica comum (Hoehne, 1980).

O primeiro finalmente explica por que usei pronomes masculinos para me referir aos indivíduos dos casos: a maioria é homem. Em uma série de 1095 casos, 62% dos indivíduos eram do sexo masculino e 38% do sexo feminino. Encontramos uma proporção parecida e maior de homens (66%) em relação a mulheres (34%) entre as personalidades anteriores. Com uma exceção, essa diferença ocorreu nos casos de todas as culturas.[179]

Um dos traços mais interessantes e potencialmente mais importantes dos traços recorrentes é a alta incidência de morte violenta entre as personalidades anteriores dos casos. Descobrimos que entre 725 casos de seis culturas diferentes, 61% dos indivíduos se lembravam de vidas anteriores que terminaram em morte violenta.[180] Essa incidência ultrapassa em muito a incidência de morte violenta nas populações gerais dos países onde esses casos ocorreram. Temos de nos perguntar se esse fato surge de diferenças no relato dos casos. As mortes violentas atraem mais atenção do que as naturais, e nossos informantes podem ter se lembrado mais e melhor dos casos de morte violenta do que de morte natural.[181]

A alta incidência de morte violenta nesses casos parece, assim, ser um traço natural, não um recurso de relato. A proeminência de mortes violentas entre os casos de todas as culturas em que investiguei parece ser um dos traços mais importantes dos dados.

---

[179] Os dados para todos os indivíduos são de análise não publicada, apesar de eu ter publicado números de séries menores. Publiquei alguns dados sobre o sexo das personalidades anteriores em Stevenson (1980). A única exceção mencionada ocorreu nos indivíduos do Sri Lanka, onde os números de homens e mulheres eram quase iguais.

[180] Esses dados foram publicados em Cook et al. (1938b) e também (para uma série menor) em Stevenson (1980).

[181] Esses dados foram publicados em Cook et al. (1983b); aqueles da série menor foram publicados em Barker e Parischa (1797). Dados para a incidência de morte violenta na população geral da Índia surgem de apenas dois estados da Índia: Maharashtra e Rajasthan (Nações Unidas, 1971). Mas não é provável que números exatos para o país todo se diferenciem muito do número de aproximadamente 7% originado desses dois estados.

Os casos não resolvidos diferem dos resolvidos em três traços.[182] Em primeiro lugar, os indivíduos dos casos não resolvidos se lembram do nome da personalidade anterior com muito menos frequência do que os indivíduos dos casos resolvidos. Isso não independe do fracasso em resolver o caso, porque, como expliquei antes, encontrar uma pessoa que corresponda às afirmações da criança exige que ela diga pelo menos alguns nomes corretos e, quando não menciona o nome da pessoa de cuja vida afirma se lembrar, fica mais difícil resolver o caso.

A segunda diferença entre os casos resolvidos e não resolvidos também parece ter uma explicação simples. Os indivíduos de casos não resolvidos param de falar sobre as vidas anteriores de que se lembram muito mais cedo do que os indivíduos de casos resolvidos. Os primeiros param de falar sobre as vidas anteriores com cerca de menos de seis anos, enquanto os outros continuam falando sobre elas até sete anos e meio, em média. No capítulo 5, atribuí essa diferença à maior atenção e ao incentivo de falar que as outras pessoas dão ao indivíduo de um caso resolvido. Por outro lado, os pais de uma criança que faz afirmações não checadas a respeito de uma vida anterior podem rapidamente perder o interesse no que ela está dizendo, e assim ela para de falar sobre o assunto. Além disso, os indivíduos de casos resolvidos quase sempre visitam a outra família, e essas visitas mantêm as lembranças do indivíduo em sua mente, adiando o esquecimento.

Em terceiro lugar, os indivíduos de casos não resolvidos se lembram da morte violenta na vida anterior com mais frequência do que os indivíduos dos casos resolvidos. Entre os casos resolvidos, uma morte violenta confirmada ocorreu em 51% dos casos, mas 91% dos indivíduos dos casos

[182] Os dados desta seção foram publicados em Cook et al. (1983a, 1983b).

não resolvidos disseram que a morte de que se lembravam tinha sido violenta. A questão que surge é se os indivíduos de casos não resolvidos podem estar imaginando uma morte violenta. Uma vez que o que eles dizem não é confirmado, podem estar narrando apenas fantasias, mas também é possível que alguns indivíduos desse grupo tenham lembranças vagas de uma vida anterior real, que eles "criaram" com uma fantasia de morte violenta.

Talvez os indivíduos de casos não resolvidos não estejam fantasiando. Em vez disso, eles podem estar se lembrando de vidas anteriores reais com menos detalhes confirmáveis – e talvez também com mais erros – do que os indivíduos de casos resolvidos.

Apesar de se diferenciarem dos casos resolvidos em três traços importantes, os não resolvidos lembram os resolvidos em outros três traços significativos. Os indivíduos de casos não resolvidos começam a falar sobre a vida anterior com a mesma idade que aqueles dos casos resolvidos, mencionam o modo da morte na vida anterior e mostram fobias relacionadas à morte com a mesma frequência dos indivíduos de casos resolvidos. Essas semelhanças sugerem que os casos não resolvidos pertencem à mesma espécie, ou pelo menos ao mesmo gênero, dos casos resolvidos.

Retomando por um momento o grupo de casos como um todo – resolvidos e não resolvidos – 72% dos indivíduos se lembravam da maneira com que a personalidade anterior morreu, mas apenas 63% se lembravam de seu nome. Entre os casos resolvidos (nos quais o modo de morte foi esclarecido), 94% dos indivíduos se lembravam do modo de morte quando era violenta, mas apenas 52% se lembravam de quando era natural. Entre os casos resolvidos, 76% dos indivíduos se lembravam do nome da personalidade anterior. Assim, parece que, se a reencarnação ocorre e uma pessoa morre de modo violento e reencarna com apenas poucas lembranças

da vida anterior, a morte violenta tem mais chances de estar entre essas lembranças do que o nome da pessoa. Esse desenvolvimento repetido em diversos casos pode responder parcialmente por uma incidência muito maior de morte violenta relembrada entre casos não resolvidos em comparação com os resolvidos.

Isso conclui tudo o que posso dizer no momento sobre a análise de grande número de casos. Em publicações anteriores, às vezes dei aos traços recorrentes que identificamos nos casos de todas as culturas (até então estudadas) o termo grandioso e um pouco confuso de "universal". Não quis dizer com essa palavra que os traços identificados ocorram em todos os casos, mas são encontrados com uma alta frequência nos casos de toda cultura que até agora examinamos.

Antes de finalizar este capítulo, quero levantar a questão de como devemos explicar os traços recorrentes dos casos que acabei de analisar. Parece impossível que as semelhaças nos casos de culturas muito distintas surjam do conhecimento que os informantes tinham de casos em culturas que não eram as suas. Relatórios de casos publicados nos jornais e nas revistas da Ásia e a África são quase sempre restritos a casos regionais. Os jornais e as revistas de um país quase nunca publicam relatórios de casos em outro país. Alguns de nossos informantes tiveram poucas informações sobre um ou dois casos de seu próprio país, diferentemente daquele dos quais deram informações. Eles tomaram conhecimento desses casos por meio da comunicação oral em sua comunidade, ou lendo os relatórios de outros casos em uma revista ou um jornal. Eles não tinham conhecimento de traços recorrentes em séries de casos. Não houve publicação de dados de grandes séries de casos que o informante asiático comum desses casos poderia ter lido. Assim, os informantes não têm um modelo ao qual possam tentar adequar um caso, seja para concordar com

suas crenças, ou talvez se adaptar ao que eles acreditam que os investigadores gostariam de escutar.[183] Mas, se eles não estiverem adaptando seus relatos a outros, temos a garantia de que eles estão descrevendo um fenômeno natural.

[183] Uma exceção a isso ocorre na crença de que a morte violenta se apresenta nos casos. Os informantes de muitos países diferentes mantêm essa crença. Eu não compreendo como ela se tornou tão largamente adotada. Mas, uma vez que a morte violenta ocorre em quase dois terços de todos os casos, uma pessoa rapidamente pode concluir, escutando apenas dois ou três casos, que a violência desempenhou um papel importante em muitos ou todos eles. Em um estudo de um pequeno número de casos no norte da Índia, o doutor Pasricha descobriu que a informação sobre um caso chegava a informantes externos com menos de 25 quilômetros de onde o caso ocorreu (Pasricha, 1992).

Capítulo 8

VARIAÇÕES NOS CASOS EM DIFERENTES CULTURAS

Tratarei de dois aspectos do relacionamento entre os casos e a cultura: variações na incidência de casos relatados em diferentes culturas e variações de seus traços em culturas diferentes. Esses tópicos não são completamente independentes, mas considero apropriado discuti-los separadamente.

Variações na incidência de casos relatados em diferentes culturas

Já enfatizei que sabemos sobre a incidência de casos relatados, mas quase nada sobre a incidência real de casos. Mesmo assim, dentro do grupo de casos relatados, encontramos diferenças de cultura a cultura. Também já disse que os casos são relatados com muito mais frequência em culturas que acreditam em reencarnação do que naquelas em que não existe essa crença. Qualquer pessoa que duvide disso só precisa comparar a abundância de casos entre os drusos do Líbano com sua escassez – quase ausência, eu diria – entre os cristãos do Líbano em vilarejos vizinhos, ou mesmo em vilarejos mistos, onde drusos e cristãos vivem quase lado a lado. Diferenças parecidas ocorrem na incidência de casos relatados entre os cristãos e os budistas do Sri Lanka e entre os hindus e muçulmanos da Índia. Ocorrem casos entre os muçulmanos da Índia, mas com extrema raridade.

A explicação mais óbvia para essas diferenças é que a cultura facilita o desenvolvimento de casos. Concordo com isso, porque, se os pais acreditam que a reencarnação é possível, permitirão ao filho falar sobre uma vida anterior sem pensar que ele está maluco ou que é tolo. Mas as influências culturais podem levar à repreensão de casos assim como à motivação, e não podemos perguntar por que tantos casos ocorrem no Sudeste Asiático, em partes do oeste da Ásia e da África sem também perguntar por que tão poucos ocorrem na Europa e na América do Norte. Os pais que não acreditam em reencarnação podem ter tanta influência sobre seus filhos como aqueles que acreditam.

Acredito que devam existir fatores, além da aceitação da reencarnação, que levem ao desenvolvimento de mais casos em algumas partes do mundo do que em outras. O que pode ser? Se supusermos, por enquanto, que a influência de casos relatados conhecidos é aproximadamente proporcional à real incidência de casos em partes diversas do mundo, não podemos explicar as incidências diferentes com base em uma simples ligação entre a crença e a ocorrência de casos. Se não houvesse nada mais a ser considerado, deveríamos esperar uma incidência maior de casos nos países ocidentais onde, em média, mais de 20% da população acredita em reencarnação. Apesar de eu acreditar que mais casos são suprimidos no Ocidente do que na Ásia, não acredito que a frequência muito mais baixa de casos no Ocidente se origine apenas de mais supressão de casos ali, maior do que na Ásia. Vimos que aproximadamente 40% dos casos na Índia são reprimidos, mas ainda assim os casos ocorrem com mais abundância lá.

Somos levados, assim, a concluir que os países e culturas em que os casos são encontrados com mais abundância têm outro fator importante que facilita o desenvolvimento de casos. Ou talvez existam diversos fatores.

Os povos em que os casos ocorrem com frequência têm, de modo geral, estes traços em comum, além da crença em reencarnação:

a. Eles se lembram dos mortos mais do que nós no Ocidente. As pessoas vivas consideram as falecidas como ainda estando presentes, ativas e capazes de intervir em assuntos terrenos; acredita-se que eles precisam de nossa ajuda, e nós precisamos da ajuda deles.
b. Elas também se lembram das pessoas vivas mais do que nós no Ocidente. Os elos familiares são mais fortes e mais impostos. Quando um deles passa a ter uma doença mental, a família apoia o paciente para lutar contra a doença; no Ocidente, a família de um paciente com problemas mentais costuma afastá-lo do convívio social. Não surpreende que o índice de recuperação de doenças mentais graves, como esquizofrenia, seja notadamente mais alta em países subdesenvolvidos em comparação com os altamente industrializados.[184] Podemos até considerar esse hábito que geralmente assusta o visitante moderno do Ocidente entre esses povos como uma forma de assistência familiar. Abandonar tais costumes e substituí-los por lealdade a um grupo maior, segundo a comunidade ou nação, pode enfraquecer os laços de família.
c. Eles não têm noção que corresponda às ideias ocidentais de "acaso", "sorte" ou "aleatoriedade". Em vez disso, os fatos sempre ocorrem porque alguém – seja bom ou mal – quer que eles aconteçam ou merece que eles advenham. Esses traços se relacionam especialmente ao caso de doença. Os curandeiros tradicionais, xamãs e outras pessoas que têm papéis parecidos perderiam a clientela rapidamente se anunciassem que uma doença era azar ou ocorrida por acaso. Eles sempre dizem que

[184] Waxler (1979) resumiu dados pertinentes que sustentam essa afirmação.

ela se deve a pecados por parte da pessoa afligida, fracasso na adoração correta a ancestrais, inveja dos outros que invocaram espíritos malignos contra ela e diversas outras razões pessoais – mas não o acaso.[185]

d. Eles acreditam mais do que as pessoas do Ocidente na comunicação de pessoas distantes umas com as outras. Assim, a telepatia e as experiências relacionadas que os ocidentais consideram paranormais são vistas por eles como normais, por mais incomuns que sejam. Eles consideram os sonhos como revelações da verdade e acreditam que os vivos podem encontrar os mortos em sonhos. O conceito de privacidade como conhecemos no Ocidente apenas começou a ser desenvolvido nos países sobre os quais estou falando. Isso pode refletir a pobreza e superpopulação, mais do que opção. Seja como for, se não houver afastamento de outras pessoas de seu relacionamento comum, talvez isso o ajude a ser mais receptivo a comunicações telepáticas nas quais outras pessoas chegam à sua mente sem o uso dos sentidos normais.
e. Eles valorizam as habilidades verbais menos do que nós no Ocidente; assim, podem preservar melhor o imaginário.
f. O tempo passa de modo diferente entre eles. Uma pessoa do Ocidente pode considerar a falta de "senso de tempo" entre os asiáticos e africanos, vexatória, mas podem julgar patética essa pontualidade controlada pelo relógio.
g. Entre essas pessoas há menos coisas a serem feitas, ou de todo mundo, uma sensação menor do que no Ocidente de que uma pessoa precisa estar fazendo alguma coisa o tempo todo. Isso dá mais tempo para reflexão e talvez permita que lembranças – da vida atual e também de qualquer vida passada vivida e lembrada – surjam à mente.

[185] Apesar de o livro de I. M. Lewis (1989) sobre religião não ser principalmente sobre ideias a respeito das causas de doenças, ele discute algumas de suas causas pessoais que mencionei.

Esses fatores, em minha opinião, parecem favorecer os tipos de experiências que nós, no Ocidente, consideramos paranormais – não apenas lembranças de vidas anteriores, mas muitos outros tipos de experiências relacionadas: impressões telepáticas, ilusões, aparições e outras. Não lamento a perda de simplicidade, mas todos que pensarem nessas diferenças devem considerar se o Ocidente pode ter perdido e também ganhado com os avanços tecnológicos.

Posso não ter identificado os fatores essenciais que respondem pela ocorrência mais abundante de casos em algumas partes do mundo em comparação com outras. Alguns de meus leitores podem pensar em outros traços diferenciadores.

Entretanto, se estou correto em delinear os traços que mencionei como sendo importantes, eles, sozinhos, não bastam para fazer surgir muitas crianças que se lembrem de vidas anteriores mais do que a crença sem apoio em reencarnação. A maioria das pessoas que vivem em áreas da Ásia, da África e da América Latina tem as mesmas crenças e atitudes que eu descrevi, mas ainda assim têm poucos casos. Em resumo, a ocorrência de casos frequentes parece exigir a crença na reencarnação e algum outro fator; nenhum, por si só, porém, é suficiente para gerar muitos casos.

Antes de deixar este tópico, devo mencionar dois outros fatores que podem estar em jogo. Em primeiro lugar, é possível que, se a reencarnação ocorrer, a crença na reencarnação pode ser levada de uma vida a outra. No capítulo 1, eu me referi à possibilidade de termos memórias cognitivas subliminares que tenham sido trazidas de vidas passadas e dei o exemplo de saber como falar um idioma. Depois, no capítulo 5, eu disse que as atitudes fortemente mantidas – como ser mulher, francês, muçulmano ou branco – podem ser reforçadas por existências parecidas em diversas vidas anteriores. Desejo adicionar a esses exemplos de crenças a crença na reencarnação. Isso poderia ser levado de uma vida a outra

e se tornar mais forte com cada encarnação em uma cultura favorável a ela. Não precisaria ser lembrada, explicitamente, apenas como uma instituição; poderia ser passada de uma vida a outra como um conjunto mental ou estrutura às quais lembranças mais distintas e diferentes poderiam estar relacionadas. Se uma criança nasce com uma crença em reencarnação sendo trazida de uma vida anterior, ela tem em mãos um esquema conceitual ao qual pode encaixar qualquer lembrança de uma vida anterior que possa ter. Por outro lado, uma criança que não tem essa estrutura pode rejeitar qualquer lembrança imaginada que tenha de uma vida anterior e, assim, reprimir a si mesma.

Sei que algo como a autorrepressão de lembranças aparentes de uma vida anterior ocorre às vezes, porque alguns indivíduos ocidentais me contaram que na infância eles tinham imagens mentais claras de cenas e acontecimentos em outra época e local, mas naquela idade não conseguiam compreender o significado que essas imagens podiam ter. Ignoravam-nas e as escondiam, mas sem esquecê-las. Anos depois, liam pela primeira vez sobre reencarnação e então pensavam que talvez as imagens confusas de cenas e acontecimentos que tiveram quando eram muito mais jovens podiam ter sido lembranças de uma vida anterior.[186]

Em segundo lugar, o intervalo entre a morte e a reencarnação pode ser menor em países que tenham alta incidência de casos relatados do que onde os casos são menos frequentes. Encontramos algumas evidências de um intervalo maior nos casos do oeste da Europa e da América do Norte

[186] Sugiro que uma pessoa às vezes possa precisar da ideia da reencarnação antes de conseguir entender as lembranças de uma vida anterior que pode ser que tenha. Não acredito que essas sugestões sejam incompatíveis. Penso que uma crença na reencarnação, levada como uma intuição de uma vida anterior, ajudaria a tornar mais inteligíveis lembranças com imagens que foram carregadas. No entanto, uma pessoa pode interpretar as lembranças com imagens como evidência de reencarnação sem uma crença prévia nela.

em relação aos que ocorrem na Ásia, mas ainda temos poucos casos confirmados no Ocidente para justificar uma asserção forte sobre essa diferença.

Encontramos algumas ocorrências irregulares de casos relatados no sul da Índia comparados com a abundância no norte. Temos arquivos sobre mais de 400 casos do norte da Índia e sobre apenas 8 do sudeste da Índia. A desproporção excede em muito a diferença em população entre as duas regiões. Até agora, pelo que podemos afirmar com um número tão pequeno de casos indianos no sul, eles têm os traços familiares a nós nos casos do norte. Como podemos explicar essa grande diferença na afirmação de casos entre as duas regiões da Índia?

Os idiomas dos quatro estados do sul são dravidianos, não sânscritos como os do norte. A religião de ambas é a mesma, no entanto, os indianos do sul são mais ardentes, de modo geral, na prática do hinduísmo do que seus compatriotas do norte.

Parece improvável que as crianças que falam sobre vidas anteriores sejam reprimidas mais no sul do que no norte. Certa vez, pensei que pudéssemos atribuir a disparidade em relatórios a relatos diferenciais de casos pelos jornais nas duas regiões. Isso pode contribuir, de certo modo, para a diferença, porque os jornais em híndi do norte têm grande circulação e podem manter mais repórteres do que os jornais regionais do sul. Nos anos 1960 e 1970, obtivemos nossa primeira informação sobre mais do que alguns poucos casos no norte em matérias de jornais. Isso não acontece mais. Em vez disso, soubemos de mais casos por meio de nossas pesquisas realizadas por "subagentes" e de moradores de vilas que são informantes de outro caso.

A segunda anomalia nos casos da Índia surge da ocorrência de muitos casos nos quais o indivíduo é um muçulmano que se lembra de uma vida anterior como muçulmano, um muçulmano que se lembra de uma vida anterior como hindu, ou um hindu que se lembra de uma vida anterior como muçulmano. Com "números consideráveis", eu

me refiro aos 26 casos que a doutora Antonia Mills registrou, aos quais mais 7 exemplos foram acrescentados desde a publicação de seu trabalho em 1990. Parece um número pequeno. Se a crença é importante para gerar casos, no entanto, eles não deveriam ocorrer entre os muçulmanos na Índia, onde a maioria é formada por membros da divisão sunita no Islã, que não acredita em reencarnação. Na Turquia, país predominantemente formado por muçulmanos sunitas, tomamos conhecimento de apenas dois casos entre eles. Expliquei antes que muitos muçulmanos modernos da Índia devem ser descendentes de muçulmanos convertidos ao hinduísmo. Essas grandes religiões compreensivelmente continuaram a influenciar uma à outra. De fato, a religião sikh se originou de uma tentativa de unir os melhores traços de ambas. Talvez as influências mútuas tenham permitido que casos incomuns ocorressem e fossem contados a nós.

Para terminar esta seção, menciono a possibilidade, que pode parecer bizarra, mas é possível ser considerada. As descrições que tenho feito de muitos casos mostram que eles costumam trazer problemas, até transtornos, para os indivíduos. As lembranças de uma vida anterior podem ser um defeito? Algumas das variações genéticas podem responder pela alta prevalência de casos entre os drusos do Líbano e sua quase total ausência entre seus vizinhos cristãos e muçulmanos? Um defeito parecido pode responder por tão grande diferença na prevalência de casos no norte da Índia em comparação com os do sul? Não posso fazer nada além de apresentar essas perguntas, esperando que meus sucessores encontrem maneiras de examinar essa relevância.

Variações nos traços de casos em diferentes culturas

No último capítulo mencionei diversos traços que ocorreram nos casos de todas as culturas em que eu os estudei. A incidência desses traços varia um pouco de uma cultura para outra. Mas, de modo geral, as variações são pequenas;

caso contrário, não teria passado a descrever esses traços como "universais". Em alguns outros traços encontramos diferenças muito maiores de cultura a cultura, e devo descrever algumas delas. Um desses traços é a frequência com que o indivíduo e a vida anterior de um caso pertencem à mesma família. Os casos desse grupo formam a maioria de todos os casos resolvidos que investiguei em Burma, na Tailância, entre os casos não tribais dos Estados Unidos, entre os igbos da Nigéria e entre os tlingits do Alasca. Eles ocorreram com muito menos frequência na Índia, Líbano, Sri Lanka e Turquia.

Entre os casos de mesma família dos tlingits, encontrei um traço diferente: a maneira com que duas pessoas relacionadas em um caso têm parentesco. Em 75% dos casos, elas têm parentesco pelo lado materno do indivíduo. Isso combina com a organização matrilinear da sociedade tlingit; um tlingit se origina pela mãe, não pelo pai, tanto na participação dele em uma das metades tribais e a parte do status que herda.[187]

Entre os casos na mesma família dos igbos da Nigéria, por outro lado, encontrei o tipo oposto de relacionamento entre os indivíduos e as personalidades anteriores dos casos. Os igbos têm uma sociedade patrilinear – tanto que nas genealogias preliminares que recebi de um assistente na Nigéria costuma não haver mulheres. Descobri entre 43 casos de igbos da mesma família, casos nos quais o indivíduo e a personalidade anterior eram parentes por parte de pai em 32 casos e, por parte de mãe, em apenas 11 casos.[188]

Em Burma, as mulheres têm um status social igual ao dos homens e, entre os casos burmeses na mesma família, o indivíduo e a personalidade anterior têm parentesco com igual frequência por meio do pai ou da mãe do indivíduo.

---

[187] Dei mais informações sobre isso em meu texto sobre os casos entre tlingits (Stevenson, 1966). O número de casos de tlingits investigado aumentou consideravelmente desde a análise incluída naquele artigo.

[188] Mais informações serão encontradas em Stevenson (1985, 1986).

Os sonhos de anúncio também ocorrem com frequências bem distintas nos casos de culturas diferentes. Eles são comuns entre os casos dos tlingits e outras tribos do nordeste da América do Norte, em Burma e na Turquia. Eles quase nunca ocorrem entre os igbos no Sri Lanka e no Líbano. Um sonho de anúncio tem mais chance de ser lembrado se quem sonha reconhece a pessoa que lhe aparece em sonho. É possível que em um país como o Sri Lanka, onde quase não existem casos na mesma família, as pessoas podem ter sonhos de anúncio em que pessoas totalmente desconhecidas aparecem; a pessoa não é reconhecida, e o sonho, assim, é rapidamente esquecido.[189] Os casos na Índia apoiam essa interpretação. Naquele país, com raras exceções, os sonhos de anúncio ocorrem apenas em casos na mesma família.

A ausência de sonhos de anúncio nos casos entre os drusos do Líbano combina com a crença drusa de que a reencarnação ocorre instantaneamente no momento da morte. Os drusos não acreditam que uma mente ou alma possa existir fora do corpo antes do Dia do Juízo Final e, por isso, não acreditam na possibilidade de almas desencarnadas. Um druso desencarnado não poderia participar de um sonho de anúncio "padrão", porque ele, do ponto de vista druso, já renasceu no corpo de um bebê.[190]

O tópico anterior leva naturalmente à questão de variações encontradas nas diferentes culturas no intervalo entre

[189] Os sonhos de anúncios de todos os países costumam ser descritos como vívidos, e eles parecem ser fortemente memoráveis mesmo quando a pessoa falecida no sonho é desconhecida de quem sonha. Eu deveria esperar, assim, que tivéssemos mais relatos de sonhos de anúncio do Sri Lanka, se mais desses sonhos tivessem ocorrido ali do que eu acredito, apesar de as pessoas falecidas deles serem, geralmente, desconhecidas de quem sonha.

[190] Descrevi alguns sonhos de anúncios entre os drusos (Stevenson, 1980). Dois tinham um aspecto precognitivo. Neles, um homem ainda vivo e com boa saúde era visto por quem sonhava ter nascido como o filho de uma mulher grávida; o homem então morria inesperadamente, na época em que a mulher dava à luz o bebê. Os sonhos, assim, concordavam com a crença dos drusos em renascimento instantâneo no momento da morte.

a morte da personalidade anterior e o nascimento do indivíduo. Entre os casos que examinamos, esse intervalo varia de algumas horas a 20 anos ou mais, apesar de o intervalo médio entre os 616 casos em 10 culturas ser de 15 meses.[191] De acordo com essa grande variação, os membros da maioria das culturas acreditam que não existe duração certa para o intervalo entre a morte e o renascimento.

Os drusos e os jainistas (da Índia), no entanto, acreditam que o intervalo é fixo para todos. Eles afirmam que uma alma não pode existir sem um corpo físico, mas diferem nas crenças que mantêm sobre quando uma pessoa falecida se associa a seu próximo corpo físico. Para os jainistas, isso ocorre no momento da concepção do corpo seguinte, e assim eles esperam sempre encontrar um intervalo de aproximadamente nove meses entre a morte de uma pessoa cuja vida um indivíduo lembra e o nascimento desse indivíduo. Nossa coleção tem poucos casos jainistas para permitir que digamos que eles sempre se encaixam com as expectativas dos jainistas.[192]

Os drusos, por outro lado, acreditam que, quando um corpo físico morre, sua alma associada se torna imediatamente presa a um corpo físico recém-nascido, ou seja, ao corpo de um bebê que acabou de nascer. Os drusos não citam exceção à regra e, se um intervalo – mesmo de um dia – ocorre entre a morte da personalidade anterior e o nascimento do indivíduo, eles afirmam que uma "vida intermediária" preencheu o vão,

[191] Veja também o capítulo 7, nota 167.

[192] Um caso que se encaixa com as expectativas dos jainistas é o de Rajul Shah. Além disso, a personalidade anterior desse caso foi encontrada porque a família de Rajul aplicou a fórmula dos jainistas. Rajul disse o nome, Gita, da vida anterior e a cidade, Junagadh, onde ela afirmava ter vivido. Membros de sua família enviaram um representante a Junagadh. Ali, ele examinou os registros de óbitos da cidade do período de nove meses antes do nascimento de Rajul. No mês em questão havia o registro de um Gita, e por meio de outras informações disponíveis, o representante da família descobriu o nome do pai de Gita e o encontrou. A família, assim, localizou e então confirmou as outras afirmações de Rajul sobre a vida anterior.

mesmo se o indivíduo não se lembra. Essa vida seria de uma pessoa – geralmente de um bebê ou criança – que morreu em uma idade correspondente à duração do intervalo. Ocasionalmente, os indivíduos drusos têm leves lembranças dessas vidas intermediárias, mas a maioria não tem nenhuma.

Os indivíduos de outros países, especialmente a Índia, às vezes afirmam ter vivido "vidas intermediárias" e podem narrar lembranças detalhadas, mas geralmente não confirmadas. Exemplos assim ocorreram nos casos de Swarnlara Mishra, Gopal Gupta, Pushpa e Manju Tripatti. Todas essas vidas intermediárias não foram comprovadas.

Penso que Swarnlata Mishra se lembrava de uma vida anterior real, porque demonstrava xenoglossia recitativa que parecia ter origem da vida intermediária da qual se lembrava. Por outro lado, acredito que a vida intermediária de Gopal Gupta (em Londres, Inglaterra) é, pelo menos em parte, uma fantasia que ele comunicou em resposta a uma pergunta direta sobre o que havia acontecido durante o intervalo de oito anos entre a morte de Shaktipal Sharma (a personalidade anterior) e seu nascimento.

Tenho dúvidas a respeito da melhor interpretação para a vida intermediária descrita por Manju Tripatti, que viveu em Kanpur, Uttar Pradesh, Índia. Ela se lembrava da vida anterior de sua tia por parte de pai; suas lembranças incluíam alguns detalhes não confirmados, apesar de eles terem pouco valor como evidência, uma vez que Manju pode ter tomado conhecimento de sua tia por meios naturais. Manju só nasceu doze anos depois da morte da tia. Ela disse que durante esse período havia renascido longe, em Srinagar, Kashmir. Descreveu cenas e outros traços, como portos, que uma pessoa poderia ver em Srinagar, e deu detalhes suficientes sobre essa vida de modo que membros de nossa equipe fizeram dois esforços distintos em Srinagar para resolver esse traço do caso, mas todos nós falhamos. As lembranças de Manju de uma vida intermediária podem ter

sido apenas fantasias ou uma mistura de lembranças reais não confirmadas, de uma vida anterior, suplementada com fantasia, como acredito ser o caso de alguns casos não resolvidos.

Pushpa dizia ter sido "o filho" de um padre durante aproximadamente quatro anos entre a morte de que ela se lembrava na vida anterior e seu nascimento; ela afirmava se lembrar de detalhes não confirmados de sua vida intermediária.

Isso traz a mim outro traço no qual casos de diferentes culturas demonstram fortes variações. Eu me refiro a lembranças de experiências que os indivíduos afirmam ter tido em um estado desencarnado entre a morte na vida anterior e o renascimento. No capítulo 3 mencionei que essas lembranças podem ser de acontecimentos terrenos que ocorreram depois da morte de uma personalidade anterior ou de experiências em um plano desencarnado e dei alguns exemplos desses tipos de lembrança.[193]

A lembrança de acontecimentos terrenos intermediários ocorre esporadicamente em todas as culturas. O acontecimento do qual o indivíduo afirma ter conhecimento costuma ser o velório ou algum outro traço do enterro da pessoa falecida de cuja vida ele se lembra.[194] Um acontecimento na família do indivíduo antes de sua concepção também pode entrar nessas lembranças.

As lembranças de experiências em um plano desencarnado também ocorrem esporadicamente nos casos de todas as culturas, mas são muito mais frequentes em Burma e na Tailândia do que em qualquer outro lugar.[195] Não sei por que isso

---

[193] Exemplos ocorridos nos casos de Bongkuch Promsin, Maung Aye Kyaw e Puti Patra.

[194] Exemplos ocorreram nos casos de Disna Samarasinghe, Ven. Chaokhun Rajsuthajarn, Erkan Kiliç e Dellâl Beyaz.

[195] Exemplos ocorridos nos casos de Disna Samarasinghe, Ven. Sayadaw U Sobhana, Ven. Chaokhun Rajsuthajarn e Nasir Toksöz. Disna Samarasinghe foi uma exceção à costumeira ausência de tais experiências entre os casos do Sri Lanka.

ocorre. Certa vez, atribuí à prática muito difundida da meditação em Burma e na Tailândia. Dizem que a meditação budista clareia a mente e facilita a lembrança de vidas anteriores, incluindo a permanência em um ambiente desencarnado, mas as personalidades anteriores dos indivíduos que têm tido essas lembranças não são mediadores nem personagens exemplares.

Também julgo improvável que a alta incidência na Tailândia e em Burma de lembranças de um plano desencarnado tenha uma conexão necessária com o budismo theravada. O budismo theravada é a religião dominante em Burma e na Tailândia, mas é dominante também no Sri Lanka, e alguns indivíduos lá afirmam se lembrar de tudo no intervalo entre a morte e o renascimento.

Ainda outra variação entre os casos de culturas diferentes ocorre nas afirmações sobre renascimento no corpo de um animal. Os budistas e hindus do sul da Ásia acreditam que os seres humanos podem renascer como animais e depois novamente como humanos, e eu sempre tomo conhecimento de afirmações de pessoas que afirmam se lembrar de uma vida anterior como um animal não humano.. Eu nunca soube de um caso desse tipo fora do sul da Ásia, a menos que consideremos como exceções um ou dois relatos secundários de que soube na Turquia.[196]

Finalmente chego ao que me parece a variação mais importante nos traços dos casos de culturas diferentes, a incidência de casos de mudança de sexo. A proporção desses casos varia muito entre as culturas. Os tlingits mais ao norte de Yakutat acreditam que a mudança de sexo é

[196] Os tlingits acreditam que os seres humanos às vezes podem ser transformados em animais e talvez em seres humanos de novo, como na história do Ocidente do príncipe que foi transformado em sapo, mas essa crença não deve ser confundida com a crença na reencarnação como animais não humanos. Os poucos casos que conheço em que um indivíduo afirmou ter tido uma vida anterior como animal incluíam quase nada que pudéssemos considerar evidência de reencarnação.

possível, e De Laguna (1972) mencionou casos de mudança de sexo entre eles. [197]

Quando questionei os informantes de países onde os casos de mudança de sexo ocorrem, eles me disseram que a mudança de sexo de uma vida a outra é possível, mas, quando questionei informantes de culturas nas quais esses casos não ocorrem, eles me disseram não ser possível. Devo admitir que às vezes os informantes das regiões onde os casos de mudança de sexo não são encontrados demonstraram certa hesitação antes de se pronunciarem enfaticamente contra a possibilidade de mudança de sexo. Não sei o que pode ter feito com que eles hesitassem, porque é muito improvável que eles tenham visto um caso de mudança de sexo ou tomado conhecimento sobre um antes de me conhecerem.

Com exceção de uma, todas as culturas nas quais os casos de mudança de sexo ocorrem, as meninas que se lembram de vidas anteriores são maioria – levando em conta casos relatados – e não de meninos que afirmam ter vivido anteriormente como meninas. Uma vez que essa proporção parece tão definida, ela pode quase ser considerada como um dos traços "universais" dos casos, mesmo que restrita a culturas nas quais casos de mudança de sexo são encontrados.[198]

É mais fácil detectar variações entre os casos de diferentes culturas do que interpretá-los. Posso mostrar duas possíveis interpretações sem querer sugerir que outras não existam. Ao considerar essas interpretações, posso usar os ca-

[197] Meus comentários sobre a crítica à mudança de sexo de uma vida à outra e a ausência de casos de mudança de sexo se aplicam aos tlingits do sudeste do Alasca.

[198] A cultura que apresenta exceção é a dos igbos da Nigéria. Também é possível que as vidas dos homens possam ser mais memoráveis do que as das mulheres. Testei essa hipótese com uma de minhas parceiras, e ela a recusou totalmente. Disse que as mulheres têm o mesmo número de experiências memoráveis que os homens e algumas experiências os homens não vivem, como dar à luz um filho. Continua sendo real, no entanto, o fato de haver quase duas vezes mais homens do que mulheres entre os casos de personalidades anteriores, tanto do tipo de mudança de sexo quanto do tipo de mesmo sexo.

sos de mudança de sexo como exemplo, em parte devido à importância que eles têm e em parte porque eu tenho muito mais dados sobre esse tipo de variação do que sobre outras variações dentro da cultura. Para apresentar o que vou dizer, devo levar o leitor de volta a um caminho já conhecido.

As culturas são diferenciadas não apenas por suas práticas sociais e econômicas, mas pelas crenças que os membros de determinada cultura mantêm. A crença ou descrença na reencarnação é um aspecto diferenciador de algumas culturas. Os diversos grupos que acreditam em reencarnação desenvolveram crenças subsidiárias diferentes a respeito de como ela ocorre e sobre o que pode ocorrer ou não em relação à reencarnação. Os cristãos não devem se surpreender com isso, basta lembrar que, entre as pessoas que tentavam seguir os ensinamentos de Jesus Cristo, algumas acreditavam na Concepção Imaculada e outras não. A crença maior e as crenças subsidiárias associadas formam parte da herança cultural passada de adultos a crianças a cada geração. Apesar de a instrução sobre as crenças religiosas ocorrer na infância, ela continua sendo aplicada ao longo dos anos. Alguns adultos – e também algumas crianças – rejeitam as crenças religiosas de seus pais e se voltam para outras crenças. Mas a maioria aceita sem críticas as crenças que lhe são impostas durante o ensinamento na infância e frequentemente repetidas depois. Quando a maioria das pessoas morre, elas já têm conceitos rígidos sobre o que acontece ou não com uma pessoa na hora da morte; elas costumam rejeitar como improvável ou positivamente errados os conceitos que diferem daqueles que elas aceitam. Uma pessoa pode até estigmatizar como "impossíveis" algumas experiências, ou dizer que elas não combinam com suas crenças. Entre as pessoas do Ocidente, encontrei exemplos dessa atitude a respeito da reencarnação em si, mas também ela aparece com frequência entre pessoas que acreditam em reencarnação e têm ideias fixas sobre o que ocorre.

Por exemplo, os jainistas, a quem contei sobre os casos com o traço das marcas de nascença, riram e consideraram tudo um absurdo; com a crença de que uma alma instantaneamente entra em um novo corpo físico no momento da morte, eles não conseguem aceitar que uma marca em um corpo novo possa, de alguma maneira, surgir de um ferimento correspondente de um outro corpo morto.

Da mesma maneira, os pais drusos poderiam repreender um filho que afirmasse ter vivido uma vida anterior como membro do sexo oposto. Os pais não precisariam de medidas fortes para repreender uma criança dessa forma; as crianças conseguem entender dicas tão bem quanto os adultos, e às vezes melhor. Assim como uma criança cristã pode repreender imagens que acredita ter de uma vida anterior, uma criança drusa pode esconder e depois se esquecer totalmente de lembranças que tinha sobre uma vida anterior como alguém do sexo oposto. Dessa maneira, nenhum caso do tipo de mudança de sexo apareceria entre os drusos, e a ausência desses casos fortaleceria a crença dos drusos de que a mudança de sexo não poderia ocorrer de uma vida para outra; em resumo, isso é impossível.

Essa explicação pode justificar a ausência de casos de mudança de sexo entre os drusos. Eles formam um grupo bem compacto socialmente; estão relativamente dispersos geograficamente falando – e as escrituras impressas incorporam os elementos essenciais de suas crenças. Não podemos dizer a mesma coisa a respeito das tribos do nordeste da América do Norte, que não acreditam na possibilidade de mudança de sexo (exceto os athabaskanos). Eles, com certeza, não têm códigos por escrito a respeito de suas crenças; as religiões são transmitidas verbalmente.

Além disso, as tribos do nordeste da América do Norte estão espalhadas por mais de milhares de quilômetros em British Columbia e no Alasca. Elas não têm chefe nem

xamã, universalmente santificado, cujas crenças particulares se tornam promovidas como a verdade para todos acreditarem. Ninguém subiu nem desceu os canais e rios do Alasca e de British Columbia contando a seus vizinhos que não se pode mudar de sexo de uma vida para outra.

Assim, queremos saber se a crença de que a mudança de sexo foi transmitida por meio da reencarnação em si. Sugeri antes que, se a reencarnação acontece, a crença nela pode ser passada de uma vida a outra. Agora estou sugerindo que as crenças sobre como a reencarnação se dá e o que pode ocorrer de uma vida a outra também pode ser levado de uma vida a outra.

Em resumo, as crenças pré-morte, mantidas com firmeza, podem influenciar as pós-morte, incluindo circunstâncias da encarnação seguinte.[199] Tais crenças podem lembrar sugestões pós-hipnóticas implementadas com a mesma compulsão. Se uma pessoa morre acreditando que não pode, em outra encarnação, tornar-se uma pessoa do sexo oposto, talvez ele não possa, mesmo que possa reencarnar.

Podemos considerar ainda a sequência de possíveis acontecimentos se, por exemplo, uma mulher morrer e renascer como homem em uma cultura como a dos tlingits, com uma crença forte na impossibilidade da mudança de sexo. Na primeira encarnação como um homem tlingit, o indivíduo desse caso imaginado pode preservar as lembranças subliminares da vida anterior como mulher e, mesmo que ele não tenha lembranças com imagens dessa vida, ele pode se manter receptivo à possibilidade de mudança de sexo. Depois de diversas vidas como homem, sucessivamente, no entanto, as lembranças da vida como mulher provavelmente ficariam mais fracas e menos influente nas atitudes do homem

[199] Essa ideia não é original. Ela é ensinada no livro Tibetan Book of the Dead (Evans-Wentz, 1969/1927).

em relação à mudança de sexo em próximas encarnações. Por fim, ele pode passar a sentir que a mudança de sexo foi impossível, apesar de poder questionar as crenças prevalecentes da cultura tlingit.

A possibilidade de as crenças agirem como libertadoras e inibidoras de experiências pós-morte e em outra encarnação tem muito mais aplicações do que podem ter os casos de mudança de sexo. Falarei sobre algumas nos próximos capítulos.

Capítulo 9

A UTILIDADE DE TORNAR CLARA A IDEIA DE REENCARNAÇÃO

No capítulo 6, mencionei minha surpresa ao saber de um comportamento incomum que a maioria dos indivíduos desses casos demonstrava e parecia se relacionar com o comportamento que as personalidades anteriores mostravam ou podiam manifestar. Apenas gradualmente percebi a importância de tal comportamento incomum para a avaliação de processos paranormais. Precisei de ainda mais tempo para perceber que esses componentes comportamentais têm outro valor além de sua contribuição à evidência de reencarnação. Eu me refiro à possibilidade de que a reencarnação, se ocorre, possa explicar o comportamento incomum de tipos não adequadamente justificados pela compreensão atual na psicologia e na psiquiatria. Além disso, a reencarnação pode até ajudar a explicar alguns fenômenos confusos biológicos e médicos. Neste capítulo proponho avaliar maneiras por meio das quais acredito que a reencarnação pode ajudar nossa compreensão de alguns problemas não resolvidos na psicologia, na biologia e na medicina.

Antes que eu chegue às questões específicas que me levam a crer que a ideia da reencarnação pode nos ajudar a entender melhor, preciso pedir aos leitores que façam uma suposição. Isso quer dizer que, apenas por um pequeno número de pessoas ter lembranças com imagens de acontecimentos em vidas anteriores, muitas outras pessoas podem ter lembranças comportamentais de traços físicos originados de uma

vida anterior sem ter lembranças com imagens que possam explicar por que ou como elas as adquiriram.

Alguns dos casos que já mencionei podem ter preparado você para essa suposição. Eu me refiro a exemplos nos quais um indivíduo continuou demonstrando comportamento relacionado à vida anterior depois de ter perdido as lembranças com imagens dessa vida. Mas você pode aceitar essa suposição até analisar os exemplos que apresentarei neste capítulo. Posso extraí-los – com raras exceções – dos casos que tinham lembranças com imagens de uma vida anterior e comportamento incomum relacionado. Se você julga razoável considerar o comportamento incomum desses indivíduos um tipo de lembrança comportamental acompanhando suas lembranças com imagens, também pode considerar de modo favorável a possibilidade de que outras pessoas tenham lembranças comportamentais sem ter imagens.

Comportamento incomum da infância

Ao levar em consideração os exemplos de comportamento incomum que agora descreverei, você deve compreender que, em geral, as seguintes condições se relacionam com o comportamento em questão. Em primeiro lugar, o comportamento é incomum na família do indivíduo; outros membros da família não o demonstram, ou o demonstram de modo muito menos acentuado do que o indivíduo. Em segundo lugar, não soube de nenhuma experiência (pós-natal) que o indivíduo tenha tido que explica o comportamento tampouco soube de algum modelo em sua família ou vizinhança de quem ele possa ter imitado um comportamento.

Fobias da infância

Nos primeiros capítulos descrevi, com exemplos, algumas das fobias que encontramos nesses casos. Em uma série

de 387 crianças que afirmavam se lembrar de uma vida passada, as fobias ocorriam em 141.

Também mencionei anteriormente que alguns indivíduos demonstram ter uma fobia antes de aprender a falar e antes que possam explicá-la a seus pais como sendo originada de uma vida anterior. Além disso, alguns indivíduos continuam a ter a fobia depois de se esquecerem das lembranças com imagens da vida anterior que pareciam explicá-la.

Suas fobias geralmente se relacionam ao modo com que a personalidade anterior morreu. Elas ocorrem com a mesma frequência em indivíduos com lembranças não confirmadas como naqueles com confirmações. Ma Tin Aung Myo, cujo caso resumi no capítulo 5, é um bom exemplo de um indivíduo com lembranças não confirmadas que mesmo assim tinha uma forte fobia – no caso dela, de aviões. As fobias podem até ocorrer em indivíduos que não têm lembranças com imagens. Nesses casos, a fobia pode se combinar com um ou mais traços do caso para apoiar uma avaliação de que uma determinada pessoa falecida renasceu.

Derek Pitnov, um tlingit do Alasca, é um exemplo dessa avaliação. Ele não tinha lembranças com imagens de uma vida anterior, mas possuía uma marca de nascença que combinava com a ferida à lança fatal que seu tio-avô de três gerações havia recebido, e passou a vida com medo de armas como lanças.

Apesar de a maioria das fobias desses casos se relacionar ao instrumento da morte da personalidade anterior, alguns indivíduos demonstram fobias do local onde a morte ocorreu ou de lugares que lembrem esses locais. Süleymen Zeytun, um indivíduo da Turquia, tinha lembranças de um homem, Mehmet Cosman, que havia morrido afogado. Süleyman tinha medo de água de modo geral, porém tinha mais medo ainda do lugar no rio Seyhan, onde Mehmet Cosman havia se afogado. Necati Çailak, outro indivíduo da Turquia,

demonstrava medo quando (na infância) tinha de atravessar uma ponte na qual o homem de cuja vida ele se lembrava tinha sido morto em um acidente de carro. Ravi Shankar Gupta, da mesma maneira, demonstrava fobia do local onde a criança de cuja vida ele se lembrava tinha sido morta.[200]

Nem todos os indivíduos que se lembram de vidas anteriores que terminaram violentamente têm fobias relacionadas. Gopal Gupta, que se lembrava de ter recebido um tiro em uma vida anterior, não tinha medo de armas, e Bongkuch Promsin, que se lembrava de ter sido esfaqueado, não tinha fobia de facas nem adagas. Encontramos uma desigualdade parecida, entretanto, na ocorrência de fobias após acidentes que ocorrem na vida atual da pessoa. Algumas pessoas que sofreram ferimentos causados por um veículo ou dentro de um não se aproximam de um carro, enquanto outras pessoas conseguem entrar sem problemas em um na primeira oportunidade que têm depois do acidente. Talvez algumas das diferenças nas reações a ferimentos e outros traumas desta vida possam resultar de diversas experiências nas vidas anteriores. Se uma pessoa morreu afogada em uma vida anterior e depois quase morreu afogada nesta vida, pode ser que tenha mais chances de desenvolver uma fobia depois de um quase afogamento do que alguém que não teve histórico de afogamento em uma vida anterior.

Algumas mortes parecem envolver mais sofrimento do que outras, e a quantidade de sofrimento conforme a morte se aproxima e pode influenciar o surgimento ou não de uma fobia. Descobri que as fobias ocorrem depois de diversos modos de morte. Por exemplo, entre 47 casos em que a personalidade

[200] Os seguintes indivíduos tiveram lembranças confirmadas e fobias na fase de bebês e primeira infância: Sleimann Bouhamzy, Imad Elawar, Sujith Lakmal Jayaratne (veículos motorizados); Shamlinie Prema, Ruby Kusuma Silva (água); Ven. Som Pit (armas com lâminas); Erkan Kiliç, Maung Sein Win (aviões); Parmod Sharma (iogurte); Maung Myint Soe (água). Em todos esses casos, exceto o de Imad Elawar, a origem da fobia se manteve como a causa da morte da personalidade anterior relacionada.

anterior se afogou, uma fobia de ser submerso em água ocorreu em 64%, e uma fobia de serpentes ocorreu em 43%.

Os psiquiatras infantis sabem que muitas crianças têm fobias que ninguém consegue explicar. Essas fobias não se originam de nenhum trauma conhecido nem criam um medo parecido em um membro da família. Alguns psiquiatras supõem que fobias inexplicáveis sejam uma atribuição simbólica de um medo de uma pessoa a outra, um animal ou um objeto. O caso contado por Freud sobre Little Hans, que tinha fobia de cavalos, é um exemplo desse raciocínio tortuoso. Freud acreditava que o medo de Little Hans escondia um terror de seu pai, mas Little Hans tivera experiências assustadoras com cavalos, isso bastava para explicar seu medo sem invocar outras explicações.[201]

Se restringirmos uma busca pelos traumas que estimulam fobias a esta vida, provavelmente não conseguiremos explicar muitos deles e devemos procurar em outro lugar por suas causas. Apesar de algumas fobias da infância terem um significado simbólico, precisamos levar em consideração a possibilidade de que um trauma relevante possa ter ocorrido em uma vida anterior.

Os autores de um estudo com 50 casos clínicos de fobia de crianças por água descobriram que em 56% dos casos os pais da criança não conseguiam relatar experiência traumática com água ou um modelo dentro da família que poderia justificar a fobia.[202] Essas crianças demonstraram fobia de água no primeiro contato com ela. Elas poderiam ter mostrado

---

[201] Wolpe e Rachman (1960) chamaram atenção para as experiências traumáticas com cavalos (em Little Hans) e criticaram com seriedade a interpretação simbólica de Freud (1950/1909) da fobia da criança. O caso de Little Hans tem uma explicação direta e nada a ver com reencarnação. Mas eu menciono o caso aqui para mostrar como a busca por sentidos simbólicos em fobias pode desviar a atenção da evidência de um trauma diretamente responsável, incluindo, talvez, um que tenha ocorrido em uma vida anterior.

[202] O estudo foi relatado por Menzies e Clarke (1993).

lembranças subliminares de afogamento ou quase afogamento em vidas anteriores? Nossos casos confirmados de pessoas que se lembravam de uma vida anterior que havia acabado em afogamento e tinham medo de ser submersas tornam essa questão válida.

Interesses e brincadeiras que não são comuns nas crianças

Quando uma criança demonstra uma atividade incomum em suas brincadeiras, os psicólogos e psiquiatras costumam atribuir isso à imitação dos pais ou a uma necessidade de expressar sentimentos e atitudes que não consegue verbalizar. Por exemplo, brincar de ser soldado pode dar à criança uma maneira aceitável de expressar a agressão. Brincar de médico permite que a criança se identifique com um membro mais velho da família, talvez o pai dela, que é médico. Muitas crianças demonstram, no início da vida, um interesse pelo trabalho que exercerão na fase adulta. Entre grandes músicos, é possível encontrar muitos exemplos de influências paternas que parecem explicar bem a expressão do interesse e a habilidade em música desde cedo. Por exemplo, os pais de Bach, Mozart, Brahms e Elgar eram todos músicos. No entanto, o pai de Dvorak era açougueiro, o de Delius, um executivo, o de Mendelssohn, um banqueiro, e o de Handel, cirurgião. O caso de Handel é interessante. Seu pai se opunha ao interesse dele pela música, interesse que demonstrava desde pequeno. Sua mãe não lhe dava muito apoio e, apesar de uma tia o incentivar, sua influência parece ter sido insuficiente para superar a oposição severa do pai. A família não tinha ninguém que se interessasse por música.

A reformadora de prisão, Elizabeth Fry, demonstrou em sua juventude a piedade e preocupação pelas "classes inferiores" que mais tarde se tornaram o trabalho de sua vida. Florence Nightingale, a fundadora da enfermagem moderna, expressou sua vocação no início da infância, cuidando de suas bonecas.

Essas duas mulheres desenvolveram e buscaram seus interesses especiais, apesar das tradições e inclinações de suas famílias.

Algumas pessoas que realizaram grandes conquistas anunciaram na infância o que pretendiam fazer quando crescessem. Por exemplo, Heinrich Schliemann, que escavou Troia, disse, quando tinha menos de oito anos, que ia encontrar Troia. Jean-François Champollion, o fundador da epitologia, expressava interesse nesse assunto quando era criança. De acordo com suas lembranças mais tarde, ele estava determinado a decifrar os hieróglifos egípcios quando ainda não tinha nem doze anos. Michael Ventris, que decifrou o Linear B, a escritura de Micenas, comprou e estudou um livro alemão sobre hieróglifos egípcios quando tinha apenas sete anos, e aos quatorze prometeu tentar decifrar a então indecifrada escritura de Micenas.

Entre os santos que demonstraram evidência desde cedo do trabalho de suas vidas, Santa Catarina de Siena foi muito precoce, apesar de não ser única. No início da infância ela brincava que era ermitã, fazia jejum e se flagelava; aos sete anos, dedicou a vida a Jesus. O pai de Santa Catarina era um pintor em Siena e, apesar de ele e a esposa serem religiosos e não se opusessem à vocação religiosa da filha, nada em suas vidas justifica o desenvolvimento da filha como santa.[203]

A expressão de interesses incomuns no início da vida para a família de uma criança não ocorre apenas entre as pessoas que mais tarde se destacam. Encontramos crianças comuns de pais comuns que demonstram interesses que diferem daqueles que podem ser esperados em alguém de seu ambiente. Diversos exemplos de pessoas assim chamaram minha

[203] Detalhes dos exemplos que eu citei podem ser encontrados nas seguintes fontes: George Frideric Handel - Flower (1923), Deutsch (1955); Elizabeth Fry - G. K. Lewis (c. 1910); Florence Nightingale - Woodham-Smith (1950); Heinrich Schliemann - Schliemann (1881); Jean-François Champollion - Hartleben (1906); Michael Ventris - Chadwick (1967); Sta. Catarina de Sena - Raymond of Cápua (1980); Gardner (1907), Drane (1880).

atenção. Uma delas demonstrava fascínio por relógios, além de competência para consertá-los, fato que não tinha base em nenhuma influência de sua família. Outra pessoa, criada no interior dos Estados Unidos, tinha fascínio pelo mar e pelos barcos, apesar de outros membros de sua família não terem o menor interesse na vida marinha. Uma terceira criança desse grupo era um menino branco norte-americano que demonstrava uma afinidade incomum com índios norte-americanos. Ele gostava de usar as roupas deles, e em discussões entre índios e brancos, ele sempre defendia os índios. Nenhum membro de sua família tinha essa predileção por índios, e a atitude dele o tornava, de certo modo, um estranho. Nenhuma dessas crianças tem lembranças com imagens de vidas anteriores.

As teorias atuais de personalidade não podem explicar adequadamente o interesse nas vocações que as pessoas que mencionei mostravam na infância e contra a indiferença ou oposição de suas famílias. Parece-me ser apropriado levar em consideração a possibilidade de que esses interesses se originaram de vidas passadas, apesar de nenhuma dessas pessoas ter tido lembranças com imagens de tais vidas.

Apoiando essa sugestão, posso citar crianças dos casos que estudei que tinham lembranças com imagens e também demonstravam interesse incomum desde cedo, interesses que pareciam surgir da vida anterior lembrada. Corliss Chotkin Jr. foi um desses exemplos, e eu mencionei no capítulo 4 o interesse que ele tinha em motores, algo que evidentemente não obteve por meio de herança nem por imitar o pai, que tinha pouco ou nenhum interesse por motores.

As crianças – geralmente meninas – que se lembram das vidas anteriores de pessoas com fortes interesses religiosos costumam demonstrar piedade precoce. Esse comportamento pode se manifestar em uma família cujos outros membros também são religiosos, como no caso de Ratana Wongsombat; mas, às vezes, como no caso de Disna Samarasinghe, a

criança pertence a uma família cujos outros membros se referem à religião com indiferença ou desgosto.[204]

Traços menos amigáveis podem aparecer no comportamento de algumas crianças. Em dois exemplos, crianças que se lembravam das vidas anteriores como ladrões começaram a praticar roubos e outros delitos.[205]

Muitos indivíduos expressaram nas brincadeiras a vocação da personalidade anterior.

Aptidões incomuns e habilidades não ensinadas no início da infância

Alguns indivíduos demonstraram no início da infância algumas aptidões incomuns e habilidades não ensinadas. Corliss Chotkin Jr., por exemplo, tinha mais do que interesse por motores; ele parecia saber como consertá-los sem ter recebido orientação. A mãe de Susan Eastland disse que Susan às vezes parecia saber, sem ter aprendido, fazer coisas que não tinha feito antes.[206]

Devo citar também a pouca evidência de que crianças prodígios obtêm suas habilidades por meio da prática nas vidas anteriores. Até onde sei, nenhuma criança prodígio do Ocidente atribuiu sua habilidade a uma vida anterior, e poucas da Ásia fizeram isso. Mas eu estudei dois indivíduos

---

[204] Outros exemplos de indivíduos que demonstraram, durante a primeira infância, interesses incomuns na família podem ser encontrados nos casos de Gnanatilleka Baddewithana, Hair Kam Kanya (interesse em religião); Daniel Jirdi, Ramesh Sukla (interesse em veículos motorizados); e Kumkum Verma (interesse em cobras).

[205] Exemplos ocorreram nos casos de Maung Tin Win e Maung Than Htay.

[206] Outros indivíduos que demonstraram atitudes incomuns e habilidades não ensinadas na primeira infância foram: Paulo Lorenz (habilidade de lidar com a máquina de costura); Bishen Chand Kapoor (habilidade de tocar tablas, um tipo de tambor usado na Índia); Disne Samarasinghe (habilidade de cozinhar arroz e tecer coberturas para forros); Swarnlata Mishra (habilidade de cantar e dançar músicas bengalesas).

na Índia que, segundo as pessoas diziam, recitavam ainda na infância trechos longos de versos das escrituras que nunca tinham aprendido e se lembravam das vidas de pessoas religiosas que conheciam as escrituras em detalhes. Quando tomei conhecimento desses casos, um dos indivíduos era uma mulher jovem, e o outro era uma mulher de meia-idade. Por suas idades, não me pareceu possível tentar descobrir exatamente quais escrituras elas recitavam sem orientação quando eram crianças ou que tipo de exposição às escrituras elas poderiam ter tido antes. Portanto, estudo cuidadoso de casos parecidos quando os indivíduos ainda são pequenos pode oferecer apoio à ideia de que a criança prodígio estudou e aprendeu suas habilidades em vidas anteriores.[207]

Vícios e desejos

Alguns indivíduos surpreenderam e divertiram seus pais pedindo – até exigindo – álcool, tabaco ou derivados da maconha. Eles afirmavam se lembrar de vidas anteriores quando essas substâncias lhe causavam prazer e não viam motivo para interromper o uso. O gosto deles pelos tóxicos não parecia ser justificado com o fato de estarem imitando os pais que, até onde eu sei, não usavam a droga exigida pelo filho ou, se usavam, não aprovavam que o filho fizesse a mesma coisa.[208]

Os indivíduos desses casos às vezes expressam nas brincadeiras o hábito da pessoa de cuja vida eles se lembram. Por exemplo, duas crianças que se lembram das vidas de alcoólatras fizeram imitações engraçadas de como uma pessoa

[207] Recebi relatórios de diversas crianças prodígios na Índia, mas nunca investiguei as afirmações delas. Nenhuma delas, até onde eu sei, afirmaram ter obtido a habilidade musical de uma vida anterior de que se lembravam.

[208] Entre os indivíduos que demonstravam gosto por drogas e substâncias tóxicas estavam: Bishen Chand Kapoor, Maung Myint Tin, Ramesh Sukla, Ronald Mapatunage, Sujith Lakmal Jayaratne (álcool); Sanjeev Sharma, Sunil Dutt Saxena (tabaco); Jagdish Chandra, Om Prakash Mathur.

bêbada cambaleia e cai. Uma dessas crianças era Sujith Lakmal Jayaratne, a quem mencionei antes em conexão com as fobias que ele tinha de caminhões e policiais.

Temperamento

Os psicólogos usam a palavra "temperamento" para falar de traços do comportamento de uma pessoa que permanecem mais ou menos constantes ao longo de sua vida a respeito de um determinado estímulo. Com uma metáfora musical podemos dizer que eles são o instrumento com o qual diversas melodias são tocadas. Uma dimensão de temperamento é o nível geral de atividade física. Outra é a persistência com a qual uma pessoa procura fazer algo apesar das interrupções. Uma terceira é a irritabilidade ou tendência a perder a paciência rapidamente em reação à frustração.

Estudiosos de temperamento descobriram que bebês com até poucos dias de vida mostram diferenças a esse respeito; de fato algumas expressões de temperamento, como o nível de atividade, podem se manifestar e ser observadas em fetos. As causas das diferenças de temperamento têm recebido comparativamente pouco estudo, e nenhum especialista afirma compreendê-las totalmente; alguns especialistas admitem surpresa com as diferenças.[209]

Em diversos casos que investiguei, os informantes enfatizaram semelhanças de temperamento – como alto nível de atividade física ou pouca paciência – em um indivíduo e na pessoa de cuja vida esse indivíduo afirmava se lembrar. Imad Elawar e Disna Samarasinghe, segundo os informantes, tinham "pouca" paciência, o que correspondia a traços parecidos nas pessoas de cujas vidas eles se lembravam.

[209] Porter e Collins (1982) editaram uma análise de pesquisa sobre esse assunto. Outras fontes são: Kagan (1994), Thomas e Chess (1977) e A. Thomas (1981).

Sexualidade precoce

Alguns indivíduos desses casos quando ainda eram crianças expressavam interesse sexual exagerado pela esposa, amante ou namorada da personalidade anterior. Outros faziam avanços sexuais precoces a membros do sexo oposto que se pareciam com seus parceiros de vidas anteriores. Detectei esse tipo de comportamento apenas em indivíduos que se lembravam da vida anterior de uma pessoa que morrera durante os anos de ápice da atividade sexual, ou seja, a juventude e o início da fase adulta.

Veja no capítulo 4 o comportamento desse tipo em Bongkuch Promsin.[210]

Confusão de identidade sexual

As crianças que afirmam se lembrar de vidas anteriores como sendo do sexo oposto costumam mostrar, quando pequenas, traços característicos do outro sexo. Podem rejeitar, ou agir como se rejeitassem, a anatomia sexual de seus corpos. Uma menina, por exemplo, pode afirmar ser um menino e insistir em se vestir com roupas de menino, fazendo brincadeiras de menino e sendo chamada como um menino seria.[211]

---

[210] Outros exemplos de sexualidade precoce ocorreram nos casos de Imad Elawar e Necip Ünlütaskiran. Outro indivíduo, Bishen Chanda Kapoor, desejava, na primeira infância, continuar a sentir o prazer que a personalidade anterior de seu caso tinha com sua amante, Padma. O "período latente" de sexualidade que Freud (1938) descreveu coincide com o que ele afirmou sobre a idade média com que as crianças que estudei se esquecem de vidas anteriores. Talvez no conceito do "período latente", Freud tinha a ideia de uma verdade maior: uma parte costuma ser vista antes do todo.

[211] Exemplos de casos de mudança de sexo cujos indivíduos mostraram algum grau de confusão de identidade de gênero são os casos de Paulo Lorenz, Gnanatilleka Baddewithana, Ampan Petcherat, Dolon Champa Mitra, Ruby Kusuma Silva, Ma Tin Aung Myo, Erin Jackson, Rani Saxena, Ma Khin Ma Gyi, Tin Hla, Dulcina Karasek e Myint Myint Zaw.

Acompanhei o crescimento de algumas dessas crianças na adolescência e juventude ou até mais. A maioria, aos poucos, aceita o sexo de sua anatomia, desistem de se vestir com roupas do sexo oposto e se tornam normais em todos os aspectos. Mas um pequeno número não se adapta tão bem; elas se mantêm presas ao papel do sexo da vida anterior e costumam ser infelizes por isso.

Ao resumir o caso de Ma Tin Aung Myo, mencionei a teimosia com a qual ela insistia – mesmo na fase adulta – ser um homem, não mulher. No capítulo 5 mencionei outro indivíduo de um caso de mudança de sexo, a indiana Rani Saxena e descrevi sua persistência em usar formas verbais masculinas ao falar híndi. Agora devo dar mais informações sobre o caso dela. Ela se lembrava da vida anterior de um próspero advogado de Benares. Rani nasceu em Allahabad em uma família com poucas ligações com o advogado, mas de recursos muito mais modestos. Desde muito cedo ela tinha lembranças detalhadas da vida do advogado em Benares. Um informante primário confiável me contou que certa vez ela reconheceu uma pessoa desconhecida, mas o advogado falecido conhecia muito bem, apenas escutando sua voz e antes de vê-la.

Apesar de sua forte orientação masculina, Kani se casou por um acordo de família, seguindo a tradição indiana. O comportamento incomum de Rani tornou impossível para a família dela encontrar um marido economicamente satisfatório, e depois do casamento ela viveu em desesperadora pobreza. Criou dois filhos e os educou como uma boa mãe, apesar de ser um pouco relutante. O advogado de Benares tinha explorado de modo egoísta as mulheres, e Rani acreditava que Deus a havia colocado em um corpo de mulher de modo que ela pudesse viver a vida como mulher. Mas ela demonstrava uma atitude ambivalente em relação à sua situação. Por um lado, ela disse que conseguia ver a justiça de Deus ao colocá-la em um corpo de mulher, obrigando-a a

viver em uma tapera de barro; por outro lado, ela também se considerava total e completamente como homem e desejava a vida rica de que ainda se lembrava em Benares.

Os casos como os de Ma Tin Aung Myo e Rani Saxena lembram aqueles que os psiquiatras chamam de "confusão de gênero e identidade" como "disforia de gênero". Alguns investigadores dessa condição culpam um fator biológico (como a síndrome de Klinefelter), mas não podem explicar todos os casos.[212] Em alguns, os pais esperavam ter um filho de um determinado sexo, mas, ao descobrir que ocorrera o contrário, guiaram a criança – às vezes inconscientemente – a assumir a identidade sexual que desejavam. Essa explicação, porém, não se encaixa em todos os casos de disforia de gêneros.[213] Alguns pacientes nessa situação isentaram os pais de qualquer responsabilidade. Um paciente do sexo masculino pode dizer, por exemplo, que desde a infância acreditava que deveria estar em um corpo de mulher e pode até se lembrar especificamente que seus pais desaprovavam suas tentativas de se vestir com roupas de menina e agir como menina.[214]

A ocorrência comum de confusão de identidade sexual entre os indivíduos de casos de mudança de sexo que estudei permite-me sugerir que talvez a situação de outras pessoas angustiadas pela confusão de identidade sexual (e homossexualidade) surge de vidas anteriores como membros do sexo oposto. Conforme mencionei no início deste capítulo, isso pode ocorrer mesmo quando a pessoa envolvida não tem lembranças com imagens de uma vida anterior.

---

[212] Baker e Stoller (1968) demonstraram que, apesar de um fator biológico (como a síndrome de Klinefelter) poder ocorrer em alguns casos, não acontece em outros.

[213] Zuger (1970) concluiu que a influência dos pais não poderia ser justificada em todos os casos.

[214] Exemplos podem ser encontrados nos relatos autobiográficos de transexualismo escritos por Martino (1977) e Morris (1974). A mãe dessa criança deu seu relato a uma revista (Anônimo, 1973).

Diferenças entre gêmeos idênticos

Em nossa série de casos existem 42 pares de gêmeos; um ou os dois se lembravam de uma vida anterior. Em cerca de dois terços dos pares, um gêmeo se lembrava mais de uma vida anterior do que o outro. Em alguns exemplos apenas um dos gêmeos tinha lembranças de uma vida anterior; às vezes, esse gêmeo dizia que o outro gêmeo estava com ele na vida anterior, mesmo que o segundo não se lembrasse disso.

Em 31 dos 42 casos de casais de gêmeos, uma personalidade anterior foi satisfatoriamente identificada para os dois gêmeos. Entre os outros pares de gêmeos, os casos de um ou dos dois gêmeos continuavam sem solução. Entre os 31 casos resolvidos, as personalidades anteriores tinham um relacionamento familiar em 22 casos; tinham sido amigos ou conhecidos nos outros 9; em nenhum caso as personalidades anteriores eram desconhecidas.

No capítulo 4 ilustrei um desses relacionamentos quando citei Gillian e Jennifer Pollock, que se lembravam das vidas de suas irmãs mais velhas, Joanna e Jacqueline. Do mesmo modo, Ramoon e Rajoo Sharma, gêmeos da Índia, lembravam-se de vidas anteriores como irmãos gêmeos em outro vilarejo. Em um terceiro caso, Ma Khin Ma Gyi e Ma Khin Ma Nge (de Burma) relembravam as vidas anteriores de seus avós maternos. Ma Khin Ma Gyi, assim, afirmava ter sido um homem em sua vida anterior e demonstrava, na infância, gosto por se vestir como alguém de outro sexo e alguns traços do avô.

Sivanthie e Sheromie Hettiaratchi (mulheres) se lembravam das vidas anteriores de dois jovens que tinham sido amigos íntimos e homossexuais (esses gêmeos eram, portanto, indivíduos de casos de mudança de sexo e, como na maioria de casos desse tipo, ambos demonstravam forte comportamento masculino).

No relacionamento um com o outro, os gêmeos que se lembram de vidas passadas costumam adotar atitudes que combinam com as das personalidades anteriores. Assim, Gillian Pollock agia, em relação à Jennifer, como uma irmã mais velha, e Jennifer era dependente de Gillian (Joanna, com quem Gillian se identificava, era cinco anos mais velha do que Jacqueline). De modo parecido, Ma Khin Ma Nge dominava Ma Khin Ma Gyi, assim como sua avó materna tentava controlar seu marido.

Dois gêmeos de Burma, Maung Aung Cho Thein e Maung Aung Ko Thien, lembravam-se da vida do dono de um moinho de arroz (como mulher) e da vida de um cultivador de arroz que havia comprado uma pá para esse moinho. O comportamento dos gêmeos – que quase certamente não são univitelinos – em relação um ao outro refletia o comportamento um tanto esnobe da rica dona do moinho sobre o cultivador. Encontramos esse tipo de relacionamento dominante-submisso nos onze casos de pares de gêmeos dos quais tivemos informações suficientes sobre os papéis e o comportamento dos indivíduos e das personalidades anteriores.

Os gêmeos idênticos ou univitelinos (monozigóticos)[215] parecem ser uma excelente oportunidade para separar os fatores genéticos dos ambientais como causas de diversas diferenças individuais, anormalidades ou doenças. Os investigadores de comportamento e de doença mental deram atenção especial

[215] Para julgar se os gêmeos são idênticos ou fraternos, geralmente preciso me basear na aparência física, principalmente nas semelhanças de seus traços faciais. A expressão "gêmeos idênticos" que às vezes é criticada em outros aspectos, parece especialmente inadequada neste contexto. Parece quase dizer que gêmeos de um óvulo são tratados por nós como apenas uma pessoa que por acaso tem dois corpos em vez de serem duas pessoas com um corpo diferente do outro. O termo também costuma incentivar a ênfase nas semelhanças entre os gêmeos de um óvulo e deixar de lado suas diferenças igualmente importantes. Phillips (1993) sabiamente chamou atenção para importantes diferenças que podem ocorrer em ambientes uterinos de gêmeos monozigóticos e também de dizigóticos.

a gêmeos univitelinos que foram separados logo depois do nascimento e foram criados separadamente.[216] Para simplificar um pouco, as diferenças comportamentais entre esses gêmeos são atribuídas às influências de seus ambientes, e as semelhanças são atribuídas a seu material genético em comum. De modo geral, independentemente de eles terem estudado gêmeos univitelinos criados juntos ou separados, os pesquisadores têm enfatizado as semelhanças, e não as diferenças. A reencarnação pode contribuir para uma melhor compreensão de ambos.

Vamos analisar em primeiro lugar as semelhanças entre gêmeos univitelinos. Eles têm um índice mais alto de concordância para a esquizofrenia do que os gêmeos não univitelinos. Muitos psiquiatras acreditam que essa diferença reflete fatores genéticos que escondem tal comportamento, apesar de não terem afirmado isso sem contestação, e o assunto ainda é discutido.[217] Sugiro que o comportamento parecido de gêmeos univitelinos, criados juntos ou separados, pode surgir, pelo menos em parte, do fato de terem tido vidas anteriores juntos; assim eles podem ter desenvolvido atitudes e hábitos parecidos que persistiram quando reencarnaram. Se dois homens que foram criminosos morrem juntos e reencarnam como gêmeos univitelinos, não é de surpreender que ambos se tornem criminosos de novo.

Agora vejamos as diferenças entre gêmeos univitelinos, principalmente aqueles criados juntos. Assim como os gêmeos idênticos criados separados, eles têm material genético idêntico. As diferenças de comportamento podem surgir das diferenças nas atitudes de seus pais em relação a cada

---

[216] Uma ampla literatura foi desenvolvida a respeito de investigações de gêmeos de um óvulo criados separadamente (em comparação com gêmeos de um óvulo criados juntos). Farber (1981) publicou uma análise desses estudos. Relatórios dos estudos de gêmeos finlandeses também merecem atenção (Kaprio, 1994; Langinvainio, et al. 1984).

[217] Rose, Kamin e Lewontin (1984) e Cassou, Schiff e Stewart (1980) criticaram muito esses estudos.

gêmeo. Por exemplo, um dos gêmeos costuma ser menor e mais fraco do que o outro, e esse gêmeo pode evocar solicitude, ou talvez uma atitude especial, não demonstrada ao outro gêmeo. Os pesquisadores também atribuíram as diferenças entre gêmeos univitelinos criados juntos ao fato de eles não terem exatamente o mesmo ambiente no útero. Sugere-se, por exemplo, que depois da divisão do único óvulo do qual os dois embriões se desenvolveram, um embrião tenha recebido melhor fluxo de sangue (ou tenha se favorecido de outra forma). Uma explicação desse tipo é invocada em casos de gêmeos univitelinos quando um tem um defeito, e o outro não. Como exemplo, podemos considerar o lábio leporino, um defeito de nascença que ocorre em cerca de um em cada dois mil bebês nascidos. A grande diferença na concordância para o lábio leporino entre gêmeos univitelinos e não univitelinos oferece forte evidência de um fator genético nesse defeito de nascença. Entre os gêmeos de dois óvulos, se um dos gêmeos tem lábio leporino, ambos têm o mesmo problema em 8% dos casos. Entre os gêmeos univitelinos, porém, se um tem esse problema, ambos o têm em 38% dos casos. Como quase dois terços dos gêmeos univitelinos não mostram essa concordância, alguns outros fatores, além do genético, podem ser responsáveis quando os lábios leporinos ocorrem em apenas um dos gêmeos.[218] É para esses casos que alguns investigadores invocam a explicação de uma deficiência no fluxo de sangue para um dos gêmeos ou alguma outra anormalidade uterina durante o desenvolvimento embrionário dos lábios.

Talvez as diferenças no ambiente uterino dos dois embriões não possam determinar toda a história das diferenças entre os gêmeos univitelinos. Além das variações no fornecimento de sangue antes do nascimento e as diferenças nas atitudes dos pais em relação aos gêmeos, um terceiro fator

[218] Fraser (1970) publicou uma análise detalhada da pesquisa desse assunto.

pode estar em jogo: lembranças comportamentais de encarnações anteriores. Eu posso ilustrar essa possibilidade com um caso de gêmeos univitelinos que estudei no Sri Lanka.

Os gêmeos, Indika e Kakshappa Ishwara, são um tanto diferentes e não seriam facilmente confundidos um com o outro como ocorre com muitos gêmeos univitelinos. Mas eu sei que eles são univitelinos pelos exames realizados na Universidade de Virgínia com sangue colhido dos gêmeos e membros de sua família.

Desde a infância Indika e Kakshappa manifestavam comportamentos diferentes, que descreverei a seguir. Quando se tornaram capazes de falar, Indika aos poucos narrou os detalhes de uma vida anterior que ele disse ter vivido em outra cidade no Sri Lanka, localizada a 50 quilômetros de onde os gêmeos nasceram. A vida de que se lembrava era a de um menino inocente e estudioso. Indika dizia muitos nomes e outros detalhes incomuns que permitiram encontrar uma família a qual ele parecia estar se referindo. Membros dessa família confirmaram que quase tudo que Indika havia dito sobre a vida anterior estava correto em relação a um menino, Dharshana, que eles tinham perdido. Aos onze anos, Dharshana havia desenvolvido uma séria doença (evidentemente infecciosa) e morrido em poucos dias.

Antes de Indika começar a falar sobre a vida anterior de que se lembrava, Kakshappa havia tentando contar à sua família sobre uma vida de que dizia se lembrar. Ele disse que tinha levado um tiro dado por um policial, e mencionou o local, Elpitiya. Os outros membros da família acreditavam que as afirmações de Kakshappa eram divertidas e o ridicularizaram, para que ele parasse de falar aquelas coisas; assim, eles não souberam mais nada sobre a vida de que ele afirmava se lembrar. Antes de a família de Kakshappa o repreender sem intenção, ele não havia dado detalhes suficientes para permitir a verificação da vida anterior sobre a qual ele estava se referindo.

Elpitiya era bem conhecido por ter sido um centro no qual os insurgentes de 1971 haviam se reunido e alguns deles tinham sido mortos ali. Também fica a apenas alguns quilômetros da cidade na qual Indika dizia ter vivido.

Indika era um menino gentil e estudioso. Era muito digno e esperava respeito dos outros que parecia mais apropriado à vida de que ele se lembrava do que pelas circunstâncias de sua família, uma vez que a família anterior nesse caso era mais próspera que a dele. Além disso, Dharshana era o único filho de sua família. Kakshappa, por outro lado, podia ser descrito como "durão". Ele falava principalmente sobre armas e bombas, nunca sobre livros; ele resistia a ir para a escola. Também demonstrava certo medo, fugia e se escondia de desconhecidos, comportamento que fazia as pessoas se lembrar da maneira com que os insurgentes do Sri Lanka, de 1971, tentavam se esconder da polícia até estarem prontos para o combate.

É possível que uma vez que Indika e Kakshappa falaram sobre as duas vidas anteriores muito diferentes de que se lembravam, eles se tornaram presos pela família a dois papéis com os quais começaram a se acostumar cada vez mais. Isso pode ter levado à maior polarização de seus comportamentos e dos relatórios dos informantes sobre eles. Apesar de isso poder ter ocorrido até certo ponto, parece razoável supor que uma parte de seu comportamento expressava lembranças comportamentais das vidas anteriores diferentes das quais eles se lembravam.[219] Em 1982, quando Indika e Kakshappa tinham

[219] R. Green (1974) relatou o caso de gêmeos do sexo masculino de um único óvulo que, aos oito anos, demonstravam orientação sexual bem diferente. o gêmeo mais velho havia se desenvolvido normalmente na infância, mas o mais jovem demonstrava comportamento obviamente feminino. Como os gêmeos eram monozigóticos, Green procurou por influências no ambiente deles que pudessem explicar os comportamentos sexuais diferentes, e pensou que os havia descoberto. Soube que o gêmeo de comportamento masculino tinha recebido o nome do pai; a mãe dos gêmeos acreditava que talvez ambos os gêmeos acreditassem que esse gêmeo em questão tivesse recebido o nome do pai por ser o filho favorito.

apenas dez anos, eu os encontrei de novo e fiquei sabendo que as diferenças em suas personalidades tinham se tornado menos fortes. Por exemplo, Kakshappa estava gostando de frequentar a escola e estava indo quase tão bem quanto Indika. No entanto, em discussões, Kakshappa costumava apelar para a agressão e Indika não.

Antes de sair do assunto dos gêmeos, quero mencionar a oportunidade de investigações mais abrangentes nas linhas oferecidas por casos de gêmeos siameses. Um dos primeiros investigadores sobre gêmeos, Newman, observou que membros dos pares de siameses costumavam ter personalidades diferentes ainda mais do que os membros dos pares comuns de gêmeos univitelinos (separados). Chang e Eng, os gêmeos siameses originais, que viveram em meados do século XIX, demonstravam claras diferenças de personalidade. Chang costumava ser irritado e rude; Eng tinha uma natureza mais afável. Chang ingeria álcool, geralmente em excesso (principalmente nos últimos anos), enquanto Eng era tranquilo. O que um gostava de comer, o outro detestava.[220] Uma vez que os membros de um par de gêmeos siameses, como membros de pares de gêmeos univitelinos, têm material genético idêntico e uma vez que, ainda mais do que gêmeos não univitelinos, eles também têm ambientes muito próximos, podemos esperar que os membros de pares de gêmeos siameses se pareçam mais do que os membros de pares de gêmeos univitelinos. Apesar de Chang nem Eng nunca terem dito nada que sugerisse lembranças de vidas anteriores, imagino que as diferenças

[220] Chang e Eng não são siameses, apesar de terem sido "descobertos" quando estavam vivendo em Siam (agora Tailândia) e também não foram os primeiros gêmeos siameses analisados com atenção. Mas ainda são os mais citados e talvez saibamos mais sobre suas personalidades do que sobre as de gêmeos siameses. Daniels (1962), Luckhardt (1941) e Newman (1940) descreveram as diferenças nas personalidades de Chang e Eng. Smith (1988) descreveu e discutiu as fortes diferenças nas personalidades de gêmeos de um só óvulo.

em suas personalidades podem ter surgido de suas lembranças comportamentais diferentes (por exemplo, de ingestão de álcool ou não ingestão de álcool) que se originaram em vidas anteriores.

Se um leitor concluir que estou evocando a possibilidade de vidas anteriores para explicar algumas diferenças e algumas semelhanças entre gêmeos univitelinos, concordo que esteja fazendo isso.

Relacionamentos entre pais e filhos

Já mencionei, como exemplo, o desejo frequente expresso pelos indivíduos desses casos de visitar a família anterior. Sugeri diversos motivos para esse desejo, como a vontade de estar novamente com o cônjunge da vida anterior ou a preocupação a respeito do bem-estar das crianças pequenas da personalidade anterior. Aqui, discutirei outros motivos para o desejo De a criança estar com a família anterior. Essa é a forte convicção que alguns indivíduos têm de que seus pais anteriores eram melhores do que os pais que têm agora. Eles às vezes distinguem os pais anteriores dos substitutos inadequados e aos primeiros dão o título de descrição, como "meus pais verdadeiros". No capítulo 4 eu descrevi essas atitudes nos casos de Shamlinie Prema e Roberta Morgan.[221] Mesmo quando os pais do indivíduo o tratam bem – material e emocionalmente – ele pode desejar estar novamente com seus "pais verdadeiros". O desejo de ver os outros pais pode surgir de algum apego residual aos pais da vida anterior ou de uma preocupação com eles.

[221] Outros exemplos de indivíduos que rejeitaram seus pais e desejaram encontrar "pais de verdade" ocorreram nos casos de Prakash Varshnay, Ravi Shankar Gupta, Veer Singh, Gamini Jayasena, Warnasiri Adikari, Wijanama Kithsiri e Rabih Elawar.

Independentemente do motivo, as referências repetidas de uma criança aos outros pais, suas comparações frequentes entre eles e seus pais atuais, e seu desejo de poder visitá-los podem resultar em sua alienação da família atual. O nível desse isolamento naturalmente depende da duração das referências da criança aos "pais reais", a insistência para conhecê-los, a frequência de comparações que faz e a tolerância de seus pais a todo esse comportamento desagradável.

Se a reencarnação ocorre, o atrito entre um pai e uma criança pode surgir de outro tipo de relacionamento na vida anterior da criança. Eu me refiro a casos nos quais uma criança afirma que, na vida anterior de que se lembra, ela era da mesma idade ou mais velha que um pai.[222] Ele pode, por exemplo, dizer que era o avô de sua mãe e, o que é mais importante, comportar-se como se ainda o fosse. O que ocorre depois desse comportamento pode depender, pelo menos em parte, da mistura de egoísmo e gentileza que caracterizou a atitude do avô em relação a sua neta, e a dela em relação a ele.

Uma relação desgastada também pode ocorrer entre um indivíduo e o pai se o indivíduo afirma ter tido um relacionamento especial em uma vida anterior com o outro pai. No capítulo 4, o caso de Michael Wright ilustra essa possibilidade; também mencionei três casos nos quais o indivíduo afirmava ter sido o primeiro cônjuge de um de seus pais. O caso de Taru Järvi, na Finlândia, produziu muitos momentos esquisitos. Ela afirmava ter sido o primeiro marido de sua mãe na vida anterior e fez um pouco de esforço para livrar sua família de seu pai, acreditando que ela e sua mãe não "precisavam dele".[223]

Em poucos casos, o indivíduo afirmou ter tido, na vida anterior, um relacionamento com um pai, não de laços de

[222] Os casos de Hair Kam Kanya, Ven. Chaokhun Rajsuthajarn, Thiang San Kla, Maung Yin Maung e Maung Htay Win exemplificam isso.

[223] Os outros dois casos ilustrativos são os de Ma Thin Tin Myint e Asha Rani.

sangue com afeto, mas de animosidade e até ódio.[224] Até agora publiquei apenas um relatório detalhado de um caso assim, o de Zouheir Chaar, do Líbano. Ele se lembrava da vida de um fazendeiro, Jamil Adnan Zahr, que havia discutido muito com a mãe de Zouheir por direitos de água de irrigação que eles deveriam ter dividido em propriedades adjacentes. Um acusava o outro de roubar a água preciosa. Observadores do caso de Zouheir acreditavam que ele incluía justiça tanto para Zouheir quanto para sua mãe. Assim que Zouheir aprendeu a falar, ele começou a acusar a mãe de roubar água dele. Sua mãe lidou com os ataques com habilidade e, ao longo de alguns anos, o rancor de Zouheir se desfez.

No caso de Zouheir, ele contou o motivo de seu rancor, e sua mãe conseguiu se lembrar das brigas por causa da água, apesar de não ter admitido estar errada. Em outros casos uma criança pode demonstrar animosidade não provocada em relação a um pai sem dar qualquer motivo para isso. Se isso acontecer em uma cultura favorável à ideia da reencarnação, o pai pode reagir de modo construtivo por meio da crença de que a hostilidade da criança talvez tenha origem de uma vida anterior e não de um erro que o pai cometeu em relação à criança desde que ela nasceu. Por outro lado, os pais ocidentais, não familiarizados com o conceito de reencarnação, podem ficar confusos e magoados com uma criança birrenta ou que não demonstra afeto a quem não se lembram de ter ofendido ou tratado mal. Em alguns casos desse tipo, os pais podem ter ignorado alguma deficiência no trato com o filho,

[224] Tenho informações secundárias sobre dois casos no Líbano nos quais diziam que uma criança se lembrava da vida anterior de um homem que seu pai havia assassinado. Por exemplo, diziam que a criança sempre lembrava o pai do assassinato. O outro filho adotou uma estratégia diferente; ficou em silêncio até chegar à fase adulta. Então comprou uma arma, obteve passaporte e visto. Assim, ele confrontou o pai a respeito do crime, atirou nele e fugiu do Líbano. Não é de surpreender que ambos os casos não puderam ser investigados por mim.

mas em outros pode valer a pena para eles levar em consideração a possibilidade de que as atitudes de uma vida anterior (ou vidas anteriores) foram trazidas para o relacionamento atual sem que o pai ou a criança tivessem lembranças com imagens das experiências anteriormente vividas, que geraram as atitudes que agora os deixam perplexos.

Durante muitos anos alguns psiquiatras culpavam certas doenças mentais sérias, como a esquizofrenia, pelos maus-tratos ou rejeição por parte dos pais do paciente quando ele era criança. Ao condenar os pais, esses críticos deixavam de considerar o sucesso que muitos pais de um paciente esquizofrênico tiveram na criação de outros filhos. Também ignoraram a frequente observação das mães dos pacientes, de que uma criança que posteriormente se tornou um paciente havia se comportado de modo diferente com ela, quase desde o nascimento, em comparação com seus irmãos. Ele, por exemplo, não relaxaria e se aproximaria do pai quando carregado. Os psicólogos e psiquiatras de crianças agora reconhecem que as crianças demonstram reações diferentes a seus pais ao nascer e mesmo antes de nascer, mas a origem dessas diferenças costuma ser atribuída a um fator genético ou a acontecimentos durante a gestação. Acredito que deveríamos olhar ainda mais para trás, buscando a origem de pelo menos alguns dos relacionamentos prejudicados – e alguns dos bons também – entre pais e filhos.

Agressão aparentemente irracional

Se eu estiver certo em sugerir que a reencarnação pode ajudar a explicar alguns aspectos das relações entre pais e filhos, também pode ajudar a melhorar nossa compreensão do comportamento em relações fora da família. Estou pensando aqui sobre antagonismos aparentemente irracionais demonstrados por algumas pessoas em relação a outras ou em relação

a grupos inteiros de pessoas. A alta incidência de morte violenta entre as personalidades anteriores nesses casos tem dado excelentes oportunidades para estudar e passar de uma vida para outra atitudes de vingança, como pode ser esperado de uma vítima em relação a seu assassino. Como podemos prever, pelo que sabemos das reações das pessoas em relação a experiências em uma vida, alguns indivíduos demonstram perdão em relação às pessoas que afirmam ter sido seus assassinos em uma vida anterior, mas outros não. Diversas crianças têm falado abertamente sobre se rebelarem contra os agressores das vidas anteriores quando ficarem grandes o bastante para fazer isso. No capítulo 4 eu descrevi como Bongkuch Promsin batia um pau com raiva e chamava os nomes dos assassinos de Chamrat ao fazer isso. Conforme essas crianças ficam mais velhas, a rebeldia costuma diminuir, e uma atitude mais tolerante em relação ao assassino da personalidade anterior vem depois.

Quando um indivíduo mostra uma atitude de vingança, sua animosidade pode se estender a um grupo todo do qual o agressor da personalidade anterior era membro. O indivíduo pode demonstrar antagonismo contra, digamos, todos os policiais, todos os beduínos e todos os muçulmanos.[225]

A partir das generalizações adversas sobre grupos vocacionais, tribais e religiosos, só é preciso dar um pequeno passo para o ódio de nações e raças inteiras. Talvez a fonte normal e óbvia para que a transmissão dessas atitudes de uma geração a outras baste; estou pensando aqui na maneira com que as crianças podem aprender, com um pai, a ver os inimigos dele como os seus. A partir dessa transmissão oral, presumidamente, as pessoas do sul detestavam os ianques, os

[225] Outros indivíduos que demonstraram vingança em relação aos assassinos das personalidades anteriores em questão foram Ravi Shankar Gupta, Ramoo e Rajoo Sharma, e Semih Tutusmus. Entre os indivíduos que demonstravam animosidades ao assassino da personalidade anterior estavam Niranskar Bhatnagar (muçulmanos), Ravi Shankar Gupta (barbeiros), Salem Andary (beduínos) e Cemil Fahrici (policiais).

franceses detestavam os alemães, e os MacDonalds detestavam os Campbells, ao longo de décadas ou séculos. As animosidades internacionais e entre os clãs, porém, podem não ser transmitidas apenas pelo contar de histórias às crianças. Se a reencarnação ocorre, o ódio que uma pessoa morta pode sentir por um membro de outra nação em relação a todas as pessoas dessa nação pode ser levado à sua próxima vida. Não conheço nenhum caso confirmado que ilustre o processo que estou imaginando, mas determinados casos não confirmados em Burma oferecem apoio a isso. Eu me refiro aos casos – dos quais temos agora 24 – nos quais uma criança de Burma se lembra de uma vida anterior como um soldado japonês morto em Burma durante a Segunda Guerra Mundial (Ma Tin Aung Myo, cujo caso resumi no capítulo 4, é um exemplo). Muitas dessas crianças têm traços incomuns nas famílias de Burma, mas são característicos das pessoas japonesas, especialmente soldados japoneses.[226] Alguns desses indivíduos demonstravam um interesse especial pelos japoneses que às vezes iam à Burma quando os indivíduos eram crianças; e sete se sentiam irritados quando pessoas inglesas ou americanas eram mencionadas na presença deles.

Marcas e deficiências congênitas

Não sabemos quase nada sobre por que uma pessoa que tem marcas de nascença as tem em um local e não em outro. Diversos autores publicaram históricos de família nos

[226] Os indivíduos de Burma que se lembram de vidas anteriores como soldados japoneses também demonstraram os seguintes comportamentos: seriedade, insensibilidade a dor, agressão a outras crianças (como os soldados japoneses haviam feito com moradores de Burma que os irritavam) e desejo por chás fortes e alimentos doces. Nenhum desses traços é específico para os japoneses. Como um grupo, no entanto, eles podem ser mais facilmente encontrados em pessoas japonesas do que em burmesas, e os indivíduos com quem estamos preocupados aqui demonstraram alguns ou muitos desses traços "japoneses".

quais diferentes membros tinham uma marca de nascença no mesmo ponto. Esses relatos são extremamente raros, e os dermatologistas não têm explicação para a localização da maioria das marcas de nascença. Os casos de algumas crianças que se lembram de vidas anteriores oferecem uma explicação para a localização de algumas marcas de nascença.

As marcas de nascença, a menos que sejam grandes e disformes ou com possibilidade de se tornarem cancerosas, não têm muita importância nem despertam interesse. Não podemos dizer a mesma coisa sobre as doenças congênitas. As estimativas da incidência delas variam – de acordo com o cuidado com que os bebês são examinados e o que os examinadores consideram como deficiência – em torno de 2% de todos os nascimentos parecem normais.

As doenças congênitas são, obviamente, um grande problema para a saúde. Eles também apresentam um problema para os médicos. Mais uma vez, as estimativas dos "casos conhecidos" delas, tais como infecções, certas drogas, fatores genéticos e álcool variam muito. De modo geral, no entanto, elas respondem por menos de 60% e talvez por apenas 30% de todas as doenças congênitas. Os especialistas colocam o restante na categoria de "causa desconhecida". Espero ter mostrado a razão de acrescentar as vidas anteriores à lista de suas possíveis causas.

Outras anormalidades que a reencarnação pode explicar

Apetite e atitudes fora do comum durante a gravidez

Muitas mulheres sentem desejos incomuns ou aversões a determinados alimentos durante a gravidez. Algumas mulheres grávidas perceberam outras mudanças em seus sentimentos e comportamentos do que aqueles que elas acreditam normais para elas mesmas.

Grandes mudanças fisiológicas e anatômicas ocorrem em uma mulher grávida. Além disso, as relações com as pessoas ao seu redor necessariamente se alteram, principalmente com o marido e filhos. Uma gravidez pode trazer alegria incomum e bem-estar, mas também pode trazer desconforto, ansiedade e até medo. As grandes mudanças bioquímicas e psicológicas que acompanham a gravidez mais tranquila podem explicar a maioria das vontades incomuns que as grávidas percebem em si mesmas. Eu não teria incluído este tópico aqui se eu não tivesse tomado conhecimento de alguns casos em que os desejos e as aversões da gravidez, por parte da mãe do indivíduo, correspondem às antigas preferências alimentares do indivíduo e, em alguns casos, as preferências parecidas por informantes para a personalidade anterior do caso.

No caso de Bongkuch Promsin (resumido no capítulo 4), a mãe de Chamrat (de cuja vida Bongkusch se lembrava) tivera, durante sua gravidez de Chamrat, o mesmo desejo por um tipo especial de massa que mais tarde foi apresentado por Chamrat, a mãe de Bongkuch, durante a gravidez de Bongkuch, e por Bongkush também.[227]

Maung Myint Tin, um indivíduo de Burma, se lembrava da personalidade anterior como um alcoólatra e ele mesmo demonstrava um desejo forte por álcool quando era jovem. Pertinente ao tópico atual foi o relato de sua mãe de que nos primeiros quatro ou cinco meses de gravidez, ela sentiu um desejo quase incontrolável de ingerir álcool; só controlou esse desejo com grande esforço durante a última parte da gravidez.

Algumas mães de indivíduos também afirmaram ter percebido durante a gravidez, outras mudanças de comportamento. A mãe de Disna Samarasinghe foi uma delas. Ela disse

[227] Outros exemplos desse tipo de experiência ocorreram nos casos de Gamini Jayasena, Sujith Lakmal Jayaratne e Ornuma Sua Yin Yong.

que, durante a gravidez de Disna, ela se sentiu estranhamente religiosa e queria ouvir monges cantando mais do que costumava; Disna, na infância, era conhecida por sua precoce religiosidade, e ela se lembrava da vida anterior de uma mulher que meditava muito. A mãe de Ornuma Sua Ying Yong descobriu ser incapaz de jogar baralho durante a gravidez de Ornuma, apesar de gostar dessa atividade normalmente. Ornuma demonstrava religiosidade incomum na infância; entre suas expressões desse traço, ela se irritava quando a mãe jogava cartas e a fazia se sentir constrangida com suas interferências entre o círculo de jogadores de sua mãe.

Uma informante tlingit me contou sobre diversas experiências que teve quando estava grávida de seus quatro filhos. Durante três gravidezes ficou muito interessada em música e todos os filhos nascidos dessas gravidezes gostavam de música. Durante a quarta gravidez, ela não estava interessada em música, mas cozinhava e costurava – mais do que o normal, pelo que entendi; o filho gerado nessa gravidez não gostava de música, mas se interessava por culinária e costura.

Obtive todos os relatórios dessas mudanças de comportamento depois dos nascimentos dos indivíduos (e depois que os casos tinham se desenvolvido), apesar de que, em alguns casos, o marido da mãe confirmou as afirmações dela sobre o comportamento alterado. Também devo enfatizar que os relatos de desejos ou outras mudanças incomuns na mãe durante a gravidez ocorrem apenas em uma pequena porcentagem de casos; na maioria, quando faço perguntas, a mãe (ou outro informante) afirma que não percebeu nada do tipo quando estava grávida do indivíduo.

Meus informantes podem ter modificado seus relatos a respeito dos desejos da mãe ou de outras mudanças para harmonizá-los com as observações do comportamento posterior da criança. Também podemos supor que a criança recebeu incentivo por parte da mãe para moldar seu comportamento de

acordo com as experiências da gravidez. Além disso, é possível que o apetite anormal da mãe tenha sido comunicado por meios paranormais ao feto e causado nele um apetite parecido que perdurou após o nascimento. Isso pode ter acontecido em um caso: a mãe do indivíduo afirmou ter tido desejos na gravidez que mais tarde corresponderam às preferências alimentares do indivíduo, mas esses desejos não correspondiam ao apetite que a personalidade anterior do caso teve.

Minhas observações a respeito de certas mudanças comportamentais em mulheres grávidas são apenas preliminares. No entanto, acredito que elas justificam mais investigações, que devem incluir estudos da relação entre os desejos da gravidez (e outras mudanças comportamentais em uma mulher grávida) e o comportamento subsequente demonstrado por uma criança nascida dessa gravidez. Enquanto isso, podemos continuar pensando na possibilidade de que uma personalidade que vai reencarnar pode, às vezes, impor a uma mulher grávida alguns de seus apetites e atitudes.

Os canhotos

O uso de uma mão mais do que a outra parece ter origem no treinamento social. Os adultos que preferem usar a mão esquerda são muito menos numerosos do que as crianças. O treinamento da infância parece, assim, favorecer o uso preferencial da mão direita, e muitas pessoas motivadas, no início da vida, a serem canhotas, aos poucos se adaptam a equipamentos, ferramentas e outros objetos que favorecem pessoas destras.

Até certa ponto, o uso da mão esquerda parece ser congênito; tem sido observado desde o começo da infância. Essa e outras evidências sugerem um fator hereditário na ocorrência do uso da mão esquerda. Mas, quando o traço ocorre em duas ou mais gerações da mesma família, pode ser difícil

separar a influência de um fator genético ou de imitação de um pai canhoto por um filho. Talvez, em alguns casos, devamos invocar tanto um fator genético quanto a influência de imitação.

A preferência pela mão é um tipo de habilidade. Passar a linha em uma agulha, por exemplo, é uma habilidade, e fazer isso melhor com uma mão do que com a outra é um desenvolvimento ainda mais especial da habilidade básica. Parece provável que a preferência por uma mão – seja ela a direita ou a esquerda – dá uma vantagem; supostamente, isso permite que façamos algo melhor, como passar uma linha na agulha, que não faríamos tão bem se não "permitíssemos" que uma mão praticasse a ação mais do que a outra e, assim, se tornasse mais especialista do que a outra se ambas praticassem a ação igualmente. Se fosse o caso, poderíamos esperar que uma pessoa levasse uma preferência de mão de uma vida a outra, e eu descobri algumas evidências sugerindo isso. Meus parceiros e eu obtivemos informações sobre onze casos nos quais o indivíduo é canhoto e a personalidade anterior também era.

Devo dizer que em dois desses onze casos, obtive relatos conflitantes a respeito do fato de a personalidade anterior ser canhota; em três outros casos, as afirmações do indivíduo não foram confirmadas, por isso temos apenas as afirmações deles de que as personalidades anteriores dos casos também eram canhotas. Além disso, em cinco dos casos, o indivíduo e a personalidade anterior pertenciam à mesma família (por laços sanguíneos ou associação), e nesses casos não podemos excluir um fator genético (Corliss Chotkin, Jr. era um desses indivíduos).

Parece correto perguntar por que todas as pessoas não usam a mão direita. Essa é outra maneira de perguntar como teve início o uso da mão esquerda e o que fez com que ele persistisse. Não pretendo ousar e oferecer uma resposta complexa a essas questões, mas temos base para algumas suposições relacionadas à reencarnação. Em primeiro lugar, uma

pessoa destra que perde o braço e a mão direitos geralmente se adapta a essa nova situação e se torna canhota. Isso foi o que o grande almirante britânico Lord Nelson fez. Ele se feriu na batalha de Santa Cruz de Tenerife em 1797, e seu braço direito foi amputado. Depois, ele aprendeu a escrever bem com a mão esquerda.[228]

Supostamente, alguém como Lord Nelson, que se torna canhoto por necessidade, teria, se renascesse, uma disposição congênita em relação ao uso da mão esquerda. Só conheço um caso que apoia diretamente essa suposição. É o de uma menina em Burma, Ma Khin Sandi, que foi identificada como a reencarnação da avó materna. Ma Khin Sandi era canhota, mas sua avó não era, assim como nenhuma outra pessoa da família. No entanto, a avó sofreu um derrame tendo paralisado o braço direito durante os últimos meses de sua vida, e eu suponho que uma lembrança comportamental de um braço direito inútil pode ter levado Ma Khin Sandi a usar o braço esquerdo preferencialmente.

Três outros casos de Burma tocaram na questão de como o uso da mão esquerda pode se desenvolver. Nos três indivíduos dos casos, diversos dedos de ambas as mãos eram congenitamente malformados ou não existiam. Esses defeitos de nascença, de acordo com as afirmações dos indivíduos e de outros informantes, correspondiam a feridas dos dedos (feitas com espadas) que as três personalidades anteriores sofreram um pouco antes de serem mortas. Aconteceu que, em todos os indivíduos, a mão direita era mais defeituosa e, portanto, menos útil para segurar objetos do que a esquerda. Esses três indivíduos eram, então, canhotos. Todos eles me disseram que tinham sido destros nas vidas anteriores (não pude checar

[228] Uma edição de *Life of Nelson*, de Southey de que me lembro ter lido na infância incluía reproduções de textos escritos a mão por Nelson antes e depois da perda de seu braço direito. A perda de seu braço direito ocorreu oito anos antes de sua morte em 1805 (Southey, 1962/1813).

essas últimas afirmações). Se um futuro filho dissesse lembrar-se das vidas de um desses indivíduos (depois de morrerem), eu esperaria que esse filho fosse canhoto.

A singularidade do indivíduo

A singularidade do indivíduo[229] é um assunto de interesse e suposições infinitos. Costumamos especular sobre as origens de traços físicos e pessoais em membros de nossas famílias e em nossos amigos. Podemos dizer casualmente que uma família herdou os olhos azuis de sua avó e a teimosia de seu avô. Nas conversas informais nas quais comentários desse tipo ocorrem, quem fala assume a herança de uma grande variedade de características físicas e traços comportamentais. Se quisermos explicar alguma qualidade incomum que ocorre em um membro de uma família sem que outro membro conhecido a tenha, podemos atribuir a qualidade à herança de algum ancestral distante, mesmo que imaginário.

Os geneticistas dizem que a singularidade de um indivíduo (no nascimento) surge principalmente da distribuição aleatória de cromossomos que ocorreu durante a formação dos gametas dos pais antes de o espermatozoide do pai começar a viagem até o óvulo da mãe. Os cromossomos dos pais surgiram antes de uma separação aleatória similar dos gametas antes de serem concebidos. De acordo com essa opinião, nossa singularidade surge dos cromossomos aleatoriamente separados e trazidos a nós de entre os cromossomos dados de nossos pais dos cromossomos deles e assim sempre para trás. Por fim, a combinação única de qualidades que cada um de nós tem é uma questão de acaso, assim como as cartas de um jogo de baralho que recebemos depois de alguém embaralhar.

[229] Tirei esse subtítulo de Medawar (1975), porque pretendo desafiar a ideia de que nossa singularidade surge não apenas de orientações genéticas para o desenvolvimento de nossos corpos físicos.

Se não existisse evidência sugerindo que a reencarnação pode ocorrer, eu devo provavelmente estar contente com a ideia de que nossas capacidades inatas surgem do embaralhar aleatório dos genes. Por termos algumas evidências, no entanto, é possível que a singularidade de um indivíduo não seja originada apenas de sua constituição genética, mas também (pelo menos em parte) de experiências de personalidades predecessoras em vidas anteriores. Preciso admitir imediatamente que um defensor da reencarnação também deve fazer suposições para explicar casos mais específicos. No entanto, vale a pena mencionar alguns exemplos; se eles não forem exemplos tão bons quanto esperamos, podem pelo menos ilustrar o que podemos procurar em uma pesquisa futura.

Algumas das crianças cujos casos eu estudei demonstram combinações de traços incomuns em suas famílias, mas podem ser compreendidos como originários de experiências de uma única vida anterior. Disna Samarasinghe demonstrava uma religiosidade incomum e também grande conhecimento de tarefas domésticas, como o cozimento de arroz e tecelagem; essas atividades correspondiam a traços da pessoa, Babanona, de cuja vida ela afirmava se lembrar. De modo parecido, Lalitha Abeyawardena, quando era pequena, brincava de ser professora e, assim como Disna, demonstrava um interesse incomum por práticas religiosas. Nilanthie, a mulher de cuja vida ela afirmava se lembrar, tinha sido professora e uma pessoa de religiosidade muito conhecida.[230]

Existem casos, porém, nos quais podemos afirmar que traços diferentes manifestados em uma vida podem ter se originado de duas ou mais vidas anteriores? Infelizmente, temos poucos exemplos de indivíduos que fazem afirmações críveis de que se lembram de mais do que uma vida; temos ainda menos

[230] Veja no capítulo 5 diversos exemplos de síndromes ou combinações de comportamento incomum que haviam ocorrido nos casos de Ma Tin Aung Myo, Sujith Lakmal Jayaratne, Shamlinie Prema e Erkan Kiliç.

evidência de mais do que uma vida anterior sendo checada. Posso, na verdade, pensar em apenas dois exemplos que podem ilustrar a questão que estou tentando explicar, e nelas a segunda vida permanece sem confirmação. Mas vou me referir a combinações de traços que ocorreram em dois indivíduos que afirmavam se lembrar de duas vidas anteriores, uma confirmada e outra não.

Swarnlata Mishra fazia muitas afirmações que foram checadas e confirmadas a respeito da vida de uma mulher chamada Biya, que havia morrido em 1939, nove anos antes do nascimento de Swarnlata em 1948. Biya tinha sido casada e mãe antes de morrer. Acredito que seja razoável supor que a forte tendência de Swarnlata de cuidar com amor de outras pessoas surgiu das experiências de Biya como esposa e mãe (essa sugestão não nega que a mãe de Swarnlata forneceu um modelo para tal comportamento). Swarnalata também afirmava se lembrar de uma vida curta "intermediária" que afirmava ter vivido em Sylhet, que agora é Bangladesh. Ela afirmou que nessa vida havia aprendido canções e danças bengalesas, que apresentava sem ter sido ensinada. Apesar de eu não ter checado a vida em Sylhet, é certo que nem Biya nem Swarnlata, vivendo como viviam em áreas da Índia central nas quais o híndi é falado, poderiam ter aprendido canções e danças bengalesas, por isso parece razoável supor que, se Swarnlata teve uma vida anterior e "intermediária" em Sylhet, nessa vida apredeu as canções e danças.

Parmod Sharma se lembrava de suas vidas anteriores. Uma delas, a de um homem de negócios bem-sucedido chamado Parmanand, foi confirmada. Podemos relacionar a essa vida uma perspicácia precoce em assuntos de negócios que Parmod demonstrava. Parmod também se lembrava de uma vida anterior (não confirmada) como *sannyadi*, ou homem sagrado. Tanto Parmod quanto Parmanand eram pessoas muito religiosas em comparação com outros membros de suas famílias; parece razoável supor que esse traço em Parmod possa ter se originado da vida anterior como um *sannyasi* e fortalecido durante a vida de Parmanand.

Os limites de influências genéticas e ambientais

Não posso tornar o valor explanatório da reencarnação mais atraente apontando defeitos das duas explicações que agoram dominam as tentativas de compreensão da personalidade humana: as influências genéticas e ambientais. Já disse que vejo a ideia da reencarnação não como a substituição do conhecimento estabelecido na genética e nos estudos de influências ambientais, mas como suplemento desse conhecimento. No entanto, os defensores das influências genéticas e ambientais fizeram afirmações muito mais extravagantes do que qualquer outra que eu esteja fazendo acerca da reencarnação; alguns dos leitores deles – assim como alguns dos meus – podem acreditar que há mais coisas que foram provadas por essas causas do que de fato ocorreram.[231]

As afirmações feitas de uma contribuição genética para a esquizofrenia são um bom exemplo do grande espaço entre essas afirmações e os dados que as apoiam. Os investigadores da genética de distúrbios mentais apresentaram o caso de um fator genético na esquizofenia de modo tão convincente que alguns manuais de textos de psiquiatria o ensinam como um fato estabelecido. As investigações citadas compararam a incidência da esquizofrenia em diferentes pessoas e grupos de pessoas com atenção especial à aproximação genética um do outro e a semelhanças ou diferenças em seus ambientes. A principal base para a ideia de um fator genético na esquizofrenia nos últimos anos partiu de comparações de gêmeos criados juntos e separados; e de comparações das diferentes incidências de doenças mentais em filhos de pais esquizofrênicos adotados que foram morar longe deles (e, assim, tenham ficado supostamente livres de qualquer influência paternal em seu desenvolvimento).

[231] Diversos biólogos protestaram contra as afirmações excessivas de geneticistas e a hegemonia que eles impuseram sobre a biologia (Goodwin, 1994; Holdrege, 1996; Hubbard e Wald, 1993; Lewontin, 1991; S. Rose, 1997; Strohman, 1993).

Esses tipos de investigações têm diversas fontes de possíveis erros. Para começar, a esquizofrenia não é um distúrbio para o qual temos um indicador objetivo, como as medidas de açúcar no sangue oferecidas para o diagnóstico de diabetes melitos. Diferentes psiquiatras às vezes discordam em sua avaliação do mesmo paciente, mesmo quando têm uma oportunidade de examiná-lo ao mesmo tempo. Essa falta de exatidão na avaliação diagnóstica será maior quando os psiquiatras não puderem examinar os pacientes, mas, em vez disso, usarem registros hospitalares ou históricos fornecidos por outras pessoas. Além disso, a falta de definição precisa da esquizofrenia incentiva os critérios de inclusão, de modo que as pessoas identificadas como tendo "distúrbios exagerados" ou "distúrbios de espectro esquizofrênico" foram aceitas na série.

Nos estudos de gêmeos, os erros podem surgir na determinação da zigosidade. Os avaliadores do status psiquiátrico podem nem sempre ser tão ignorantes a respeito da zigosidade dos gêmeos como deveriam ser, o que é totalmente "cego". Outros erros podem surgir na avaliação de ambientes de gêmeos criados separados ou juntos. Às vezes os gêmeos considerados como criados separadamente foram, na verdade, criados por membros diferentes da mesma família; nesses casos, os gêmeos continuam a se encontrar a ponto de não sabermos se podemos considerar seus ambientes significativamente diferentes. Outra fonte de erro ocorre na tendência de agências sociais (e as famílias ainda mais) escolherem pais adotivos do mesmo nível social dos pais biológicos, o que costuma trazer à tona a semelhança entre os ambientes nos quais dois gêmeos separados são criados. Outra fonte de erro age na direção oposta. Os pais que desejam adotar uma criança devem ser incomuns em alguns aspectos, como em não ter filhos biológicos e ter um desejo forte e incomum de ser pais. Uma criança adotada e criada longe da família consaguínea pode receber uma criação bem diferente daquela de uma criança que ficou com os pais biológicos.

Os críticos que chamam atenção para essas fontes de erro não minimizam as dificuldades de investigação desse tipo; apenas insistem que os relatórios de investigação publicados não mostraram que os pesquisadores superaram as dificuldades. Talvez a quantidade de trabalho que os geneticistas têm nessa área possa ser mais bem demonstrada, chamando a atenção para os resultados de estudos recentes de gêmeos. O melhor desses estudos mostra uma concordância mais alta de esquizofrenia entre gêmeos monozigóticos comparados com dizigóticos, mas eles também mostram alta discordância entre gêmeos monozigóticos (que têm o mesmo material genético). Na verdade, o cogêmeo de um gêmeo monozigótico considerado esquizofrênico tem mais chances de ser considerado normal do que o contrário.[232]

Mesmo se todos concordassem que os parentes biológicos têm uma incidência mais alta de uma dada anormalidade – obesidade, esquizofrenia ou criminalidade –, isso não me convenceria de que um fator genético seja a melhor interpretação dos dados. Ao discutir semelhanças entre gêmeos univitelinos, sugeri anteriormente que os criminosos de uma vida podem, se a reencarnação ocorrer, ver-se ligados como gêmeos e repetir o mesmo comportamento criminoso parecido em outra vida. Da mesma maneira que a obesidade em diversos membros de uma família pode não se originar apenas de uma tendência genética a ter o corpo avantajado; também pode ser originada de um hábito familiar no excesso de ingestão de alimentos que começou em vidas anteriores. Até mesmo

[232] Schulsinger (1985) ofereceu um resumo conciso de resultados de estudos de adoção em diversos problemas (incluindo obesidade e esquizofrenia) e uma bibliografia de mais relatos detalhados; no entanto, ele não abordou todas as críticas do método. Rose, Kamin e Lewontin (1984) resume essas críticas. Os leitores que desejam obter mais detalhes deveriam consultar Cassou, Schiff e Stewart (1980), Lidz, Blatt e Cook (1981), e Lidz e Blatt (1983). Todos esses autores oferecem referências às investigações criticadas. Uma pessoa também deve estudar relatórios de evidências de um fator genético na esquizofrenia (Cannon, et al. 1998; McGuffin, Owen e Farmer, 1995; Schultz e Andreasen, 1999).

supostos fatores genéticos na esquizofrenia (se substanciados) mantêm-se abertos a interpretações alternativas. As reações ao estresse que tragicamente se desdobra na doença que chamamos de esquizofrenia podem surgir de uma combinação de inflexibilidade em relação a situações mutáveis e a uma tendência de culpar outras pessoas pelas dificuldades de alguém; essas atitudes se difundem dentro das famílias e, se os membros de uma família que os têm viveram vidas anteriores juntos e reencarnaram juntos, podemos esperar que eles manifestem o mesmo comportamento, ou parecido, e sofram as consequências na doença mental. Tudo que é ligado à família não é necessariamente genético ou ambiental.

Se os defensores da genética como explicação das diferenças na personalidade humana exageraram em suas afirmações, a mesma coisa fizeram os defensores dos efeitos do ambiente, principalmente durante os primeiros anos de vida. Durante pelo menos duas gerações, os psicólogos e os psiquiatras defenderam a doutrina de que as experiências dos primeiros anos de vida eram essenciais para a formação da personalidade humana e, assim, para a ocorrência ou ausência de distúrbios mentais. Na verdade, essa crença tem uma história muito mais longa do que a dos psicanalistas ou do behaviorismo, mas os defensores dessas duas doutrinas se comprometeram a ela juntamente com suas afirmações radicalmente diferentes para explicar tudo sobre a personalidade humana. É curioso que os defensores da psicanálise e do behaviorismo aceitaram com dogmatismo incomum – até mesmo para eles – o único conceito que mantinham em comum: o da influência inevitável de experiências durante os primeiros anos de vida.

Nos anos 1950, rachaduras começaram a surgir na construção fraca da teoria e da prática construídas sobre essa ideia, que não passou de uma ideia. A publicação de relatórios de algumas crianças negligenciadas ou maltratadas durante esses anos foram especialmente prejudiciais

às afirmações a respeito da importância primária dos primeiros anos de vida, mas o desenvolvimento posterior delas, em um ambiente diferente, foi normal. Uma avaliação cuidadosa não demonstrou o prejuízo irreversível para a personalidade que a doutrina havia previsto. Outra fonte de dificuldade para quem crê na importância das primeiras experiências surge de diferenças claras na inteligência e em outros aspectos da personalidade entre gêmeos monozigóticos criados juntos. As influências ambientais que poderiam causar as diferenças observadas não foram identificadas. Supõe-se apenas que elas sejam sutis demais para ser detectadas até então, e os pesquisadores estão agora interessados pelo que chamam de influências microambientais. A palavra "microambiental" parece incongruente em relação às diferenças macroscópicas na personalidade que devem ser explicadas. Traz uma crença estabelecida de que aquilo pelo que você procura deve estar onde está procurando.[233]

Os psicólogos de desenvolvimento também publicaram suas investigações cada vez mais na direção dos dias e das semanas logo depois do nascimento, e eles começaram até a considerar a influência das experiências de um bebê durante a gestação. Os resultados dessas investigações nem sempre condisseram com as expectativas. Por exemplo, descobriu-se que os bebês demonstram uma grande variedade de comportamento individual quase imediatamente depois do nascimento que não pode ser rapidamente justificada por qualquer experiência identificada que eles

[233] Stone (1954) publicou uma de suas primeiras críticas de estudos de infância que supostamente demonstravam importância crucial de tais experiências para o desenvolvimento posterior da personalidade. No mesmo ano, Clarke e Clarke (1954) publicaram dados que levantaram questões a respeito da permanência de déficits em comportamento observados no início da infância. Em 1957, publiquei um texto expressando dúvidas a respeito da supremacia das primeiras experiências no desenvolvimento da personalidade humana (Stevenson, 1957).

tiveram antes ou depois do nascimento e antes da primeira ocorrência do comportamento.[234]

Os defensores da genética e das influências ambientais têm em comum o fato de que um pensa no outro como o único adversário; as afirmações são feitas e os erros são encontrados por membros dos dois grupos sem qualquer consciência de que uma terceira explicação das lacunas no conhecimento precisa de mais avaliação.

[234] Korner (1969, 1971) publicou descrições de algumas diferenças observadas em recém-nascidos.

Capítulo 10

OUTRAS QUESTÕES RELACIONADAS A CRIANÇAS QUE SE LEMBRAM DE VIDAS PASSADAS

Neste capítulo, considerarei algumas perguntas feitas com frequência, ou que deveriam ser, a respeito dos casos que investiguei. Levei em consideração outras perguntas importantes em capítulos anteriores, mas o grupo diverso ao qual vou me referir agora inclui perguntas tão importantes quanto aquelas já discutidas.

Reencarnação e a explosão da população

A população atual do mundo soma cerca de sete bilhões de pessoas. Desde o final do século XVIII, quando a população moderna começou a surgir, a população mundial aumentou seis vezes. Ela continua a aumentar a um nível que faz com que algumas pessoas que antes se interessavam pela reencarnação agora duvidem de que existam mentes suficientes para habitar todos os corpos que logo possam existir.

As pessoas que levantam essa questão parecem fazer a suposição gratuita de que deve haver uma correspondência perfeita entre o número de corpos físicos que existiram e que podem existir e o número de mentes que os habitam. Mas há outras suposições e especulações que uma pessoa pode fazer

sobre o assunto. Uma delas pode ser que as novas mentes humanas sejam criadas conforme necessário e ligadas a corpos humanos. Outra é que as mentes humanas possam se dividir ou duplicar de modo que uma mente possa reencarnar em dois ou mais corpos; os inuits, os igbos da Nigéria, os tibetanos, os haidas do Alasca e de British Columbia, e os gitkans de British Columbia acreditam nisso.[235] Outra suposição é a de que as mentes atualmente encarnadas em corpos humanos se promoveram de encarnações anteriores em corpos não humanos; os hindus e os budistas acreditam nisso.

Mesmo se fizermos a primeira suposição que mencionei acima – aquela da combinação numérica próxima entre as mentes e os corpos humanos – não precisamos rejeitar a ideia da reencarnação apenas por causa do grande aumento de população que ocorreu durante os últimos dois séculos.

Uma estimativa um tanto conservadora do número de seres humanos que vivem na Terra desde que os humanos se diferenciaram de seus ancestrais hominídeos traz o número de 80 bilhões.[236] Isso permite-nos pensar que cada uma dos seis bilhões de pessoas vivas hoje em dia podem ter tido, em média, treze encarnações, mas esse cálculo envolve a suposição de que o intervalo entre a morte e o

[235] R. F. Spencer descreveu esse conceito entre os inuits, Norbu e Turnbull (1969) descreveram-no entre os tibetanos,e De Laguna (1972) o descreveu entre os tlingits de Yakutat. Fiz um relato entre os haidas (Stevenson, 1975b). informações sobre reencarnações duplas ou múltiplas entre os igbos podem ser encontradas em meu texto sobre a crença na reencarnação entre eles (Stevenson, 1985).

[236] Anteriormente (Stevenson, 1974a) eu fiz diversas estimativas a respeito do número de pessoas que viveram na Terra e referências a publicações originais dessas estimativas. Naquele texto, usei estimativas – 600 mil a 1,6 milhão – para o número de anos que se passaram desde o surgimento dos primeiros hominídeos que são mais baixas do que as aceitas atualmente. Estimativas mais recentes afirmam que a origem se deu entre 3 e 5 milhões de anos atrás. Haub (1995) citou o número de "muitos milhões de anos". Suas suposições e cálculos o levaram a estimar que cerca de 105 bilhões de pessoas viveram na Terra "desde o surgimento da raça humana".

renascimento permanece fixo. Pode ter havido períodos em que poucas mentes estavam encarnadas e muitas mais estavam existindo em um estado desencarnado, esperando por uma encarnação terrena, ou talvez esperando evitar uma.

Se pudéssemos ver esses casos já investigados como representativos da população como um todo, pode ser que acreditemos que o índice de reencarnação não poderia aumentar muito. Como expliquei no capítulo 5, o intervalo entre a morte e o suposto renascimento varia muito, mas o intervalo médio entre os 616 casos foi de apenas 15 meses. Esses casos, no entanto, podem não ser representativos por muitos motivos, e a um deles – a alta incidência de morte violenta – eu já me referi. Outro motivo é que o curto intervalo entre a morte e o suposto renascimento pode ter contribuído para o desenvolvimento de um caso. Nas análises que fizemos até agora, não descobrimos uma correlação da duração do intervalo entre a morte e o suposto renascimento e a abundância de lembranças que um sujeito de um caso expressou. Mas se as lembranças desaparecem com o tempo em um mundo de mentes desencarnadas – como ocorre em nossa mente familiar – raramente encontraríamos casos com lembranças confirmadas quando o intervalo era maior do que os limites encontrados nos casos atualmente conhecidos, que é (com algumas exceções) de cerca de 25 anos. Se a reencarnação fosse atrasada por períodos maiores do que esse, as lembranças poderiam se atenuar bastante, e nenhum caso identificável dessas encarnações ocorreria para nossos estudos.

Também pode ser possível que, para uma grande parte de todas as mentes existentes, o intervalo entre a morte e o renascimento seja mais longo – talvez muito mais longo – do que percebemos nos casos que chegaram a nosso conhecimento até agora. Isso, por sua vez, quer dizer que muitas mentes desencarnadas podem estar esperando pela

reencarnação e assim poderiam contribuir para um aumento ainda maior da população mundial do que temos visto nos últimos dois séculos.

Com apenas 2.500 casos oferecendo dados, fico um pouco envergonhado de entrar nas especulações desta seção a respeito dos bilhões de seres humanos que desapareceram sem deixar vestígios. Eu me desculpo porque muitas pessoas levantaram a questão do aumento da população comigo e acredito que eu poderia mostrar que atentei para ela.

Existe algum indício de reencarnação entre os animais não humanos?

Os hindus e os budistas acreditam que os animais reencarnam e, além disso, que os seres humanos podem reencarnar como animais se merecerem passar isso. Depois de uma encarnação como animal, outra encarnação como ser humano pode ocorrer. Esses conceitos podem parecer desfazer qualquer dificuldade restante que a explosão populacional traga, uma vez que existe um grande estoque de mentes de animais não humanos supostamente prontas para uma encarnação em corpos humanos. Algumas dificuldades permaneceriam, no entanto, porque os budistas e a maioria dos hindus acreditam que matar animais é errado e pode trazer o castigo do renascimento como um animal não humano; se essa crença estiver correta, pode-se esperar um equilíbrio de números que se mantenha entre as espécies humanas e não humanas.

No capítulo 8 discuti a relação aparentemente circular entre a crença na reencarnação e a ocorrência de casos sugestivos de reencarnação. A crença facilita o desenvolvimento de casos mais frequentemente em algumas regiões do que em outras, e eu fiz algumas especulações sobre outros fatores que podem iniciar processos paranormais, incluindo lembranças de vidas passadas. Este tópico oferece mais indícios

de que uma crença por si só seja insuficiente para gerar casos. Se fosse, descobriríamos no sul da Ásia as mesmas afirmações de renascimento de animal não humano que encontramos de afirmações de renascimento humano. Na verdade, as afirmações de renascimento de animais são cada vez mais raras no sul da Ásia e quase completamente inexistentes em outros locais. Depois de eu superar um preconceito inicial contra esses casos, registrei anotações do que as pessoas queriam me contar sobre eles, e mesmo assim eu tenho anotações de menos de trinta casos de renascimento de animais não humanos no total. A maioria deles tem como indivíduo um ser humano que afirmou ter tido uma encarnação como um animal não humano. Às vezes, essa vida de animal ocorreu em uma vida "intermediária". Como exemplo disso resumi o caso de Ma Than Than Aye.[237] Ocasionalmente, os informantes designam um animal vivo como a reencarnação de um ser humano falecido. Os casos de vidas afirmadas como animais podem, de acordo com os acontecimentos, dar poucas evidências do tipo que encontramos nos casos humanos comuns, e a maioria não oferece evidência, apenas afirmação sem base de que ele teve essa encarnação.

Por que nem todo mundo se lembra de uma vida passada?

Coloquei o título desta seção na forma de pergunta que as pessoas que têm conhecimento desses casos costumam fazer. Não podemos, e eu preciso dizer de novo, nem mesmo começar a responder. Não temos evidências de que todos tiveram uma vida anterior da qual as lembranças podem surgir. Mas podemos fazer a suposição – considerando este tópico – de que, se uma pessoa reencarna, todo mundo

[237] Os indivíduos a seguir estão entre aqueles que afirmam ter tido vidas intermediárias como animais não humanos: Warnasiri Adikari (vida como uma lebre) e Pratomwan Inthanu (vaga expressão de uma vida como macaco).

reencarna ou pode reencarnar, apesar de a maioria das pessoas não se lembrar de nada sobre qualquer vida passada que possam ter tido. Podemos então trocar a pergunta e questionar o que sabemos sobre os critérios que parecem facilitar ou inibir a ocorrência de crianças que pareçam ser autênticas. Podemos tentar discernir traços recorrentes nelas que nos darão dicas de pelo menos por que algumas crianças têm lembranças de uma vida anterior, enquanto a maioria não tem. Nesta seção tentarei fazer isso. Devo abordar, na ordem, os seguintes assuntos: quais vidas têm mais chance de ser lembradas; que tipos de pessoas, se reencarnam, têm mais chance de se lembrar de uma vida anterior; quais outras circunstâncias parecem ajudar ou bloquear o surgimento de lembranças.

As vidas com mais chances de ser lembradas

Já abordei a alta incidência de morte violenta entre as pessoas falecidas dos casos. Também expliquei por que acredito que essa alta incidência de morte violenta nos casos reflete um fator real na geração (e fixação) das lembranças e não apenas um artifício no relato dos casos.[238]

As circunstâncias que costumam acompanhar uma morte violenta merecem atenção assim como a violência em si. A violência costuma vir acompanhada por grande sofrimento físico, exceto quando uma vítima perde a consciência quase

[238] Experimentos mostram uma relação entre a força de um estímulo e o tamanho da reação que ele provoca. Kupalov e Gantt (1927) analisaram evidência dessa afirmação a partir de experimentos com reflexos condicionados. Os experimentos confirmaram que uma criança que já sofreu queimaduras tem medo de fogo. Dutta e Kanungo (1975) observaram uma relação clara entre a intensidade da emoção e a memória. E. L. Thorndike afirma que a possibilidade de que qualquer estado mental ou atitude ocorra em resposta a qualquer situação é proporcional à frequência, intensidade e satisfação resultantes de sua conexão com aquela situação, ou alguma parte dela, e com a estrutura total da mente na qual a situação é sentida [1905, p. 207].

instantaneamente. Além disso, as mortes violentas são quase sempre repentinas e inesperadas.[239] Na guerra, os soldados morrem de modo violento, mas esperam que isso ocorra, enquanto as pessoas que morrem em assassinatos, tumultos e acidentes de carro não esperam morrer em tal momento. Também devemos lembrar que as pessoas jovens morrem violentamente com mais frequência do que as mais velhas; uma morte violenta geralmente é precoce. Assim, quando avaliamos os efeitos de uma morte violenta em uma pessoa, que aparentemente sobrevive e tem lembranças dela, devemos levar em consideração não apenas a violência, mas todos os elementos associados, como o sofrimento físico, a morte inesperada e sua precocidade.

Com toda a proeminência de morte violenta nesses casos, é preciso mais do que um assassino (ou outro tipo de morte violenta) para começar um caso. Digo isso porque, a menos que nossos casos sejam muito menos divulgados do que acredito que sejam, a incidência de casos está bem abaixo da de morte violenta entre as pessoas onde encontramos casos. Em outras palavras, de todas as pessoas que morrem de modo violento, apenas algumas viveram uma vida que um indivíduo de um desses casos se lembra posteriormente. Retomarei mais à frente à questão do que torna as vidas que terminam com violência mais memoráveis, por assim dizer, do que outras.

Quando examinamos as personalidades anteriores que morreram naturalmente, podemos distinguir diversos

[239] As melhorias dos cuidados médicos no Ocidente e sua difusão mudaram o tratamento e prolongaram a vida de muitas pessoas que teriam morrido repentinamente em decorrência de problemas sérios. Assim, no Ocidente, hoje, uma pessoa pode morrer em decorrência de uma causa violenta sem morrer repentinamente. No entanto, nos países da Ásia onde a maioria dos casos aqui considerados foi encontrada, instalações modernas e técnicas de cuidados médicos ainda não estão disponíveis. Nesses locais, uma morte violenta também costuma ser repentina.

grupos entre elas. Apesar de ainda não termos feito uma análise quantitativa dos números de cada uma delas nesses grupos, acredito que juntos eles reuniriam a maioria das personalidades anteriores que morreram naturalmente.

Um grupo dessas pessoas que morreram naturalmente faleceu de repente, ou seja, em vinte e quatro horas aparentando estar bem e não esperar morrer no futuro próximo. Sunil Dutt Saxena, o indivíduo de um caso na Índia, lembrava-se da vida de um homem que morreu rapidamente quando tinha sessenta e poucos anos. Na manhã do dia em que morreu, ele parecia bem e havia trabalhado normalmente. Ao meio-dia ele ficou mal e estava morto no início da noite, provavelmente vítima de um ataque cardíaco.[240]

Outro grupo de pessoas falecidas desses casos que morreram de modo natural foi o de indivíduos que faleceram jovens, com menos de 12 anos. Devemos interpretar essa observação com cuidado, porque os países da Ásia onde os casos são encontrados em sua maioria têm um alto índice de mortalidade infantil em comparação com os países do Ocidente. Mesmo assim, acredito que dentre todas as pessoas falecidas desses casos, as crianças formam um grupo que está fora de proporção com os números de crianças (comparados com o número de adultos) que morrem nos países onde estudei esses casos.[241]

---

[240] Uma alta incidência de morte repentina, apesar de natural, foi observada em outros tipos de casos paranormais. Em uma análise de uma série de casos de aparição estudados pela primeira vez no século XIX (Gurney, Myers e Podmore, 1886), eu descobri que em 25% dos casos nos quais a morte da pessoa vista na aparição tinha sido natural, ela tinha sido repentina, de acordo com o que mencionei (Stevenson, 1982). Homens em todas as partes parecem temer uma morte repentina mais do que temem uma morte gradual.

[241] Exemplos ocorreram nos casos de Gnanatilleka Baddewithana, Jagdish Chandra, Rajul Shah, Gamini Jayasena, Veer Singh, Prakash Varshnay e Pratomwan Inthanu.

Ainda outro grupo foi formado por aquelas pessoas que tinham o que eu chamo de "negócios não concluídos".[242] Os melhores exemplos são as mães que morreram deixando bebês ou crianças pequenas precisando de cuidados.[243] Também nesse grupo estão algumas pessoas que tinham dívidas quando morreram.

Em outro grupo de casos podemos caracterizar as personalidades anteriores como comprometidas em "negócios em andamento". Exemplos típicos desse grupo eram homens prósperos totalmente comprometidos com seus negócios e com o acúmulo e gasto de riqueza associados a eles. Uma pessoa aposentada, que não tem mais a ambição de ganhar mais dinheiro, não poderia se qualificar para a participação nesse grupo, mas um comerciante ativo poderia.[244]

Se agora levarmos em conta esses cinco grupos de pessoas que morreram repentinamente, na infância, com negócios não acabados, ou com negócios em andamento, podemos ver que a vida deles terminou em um estado incompleto. Na época da morte eles podem, por diferentes motivos, ter se sentido no direito a uma vida mais longa do que tiveram, e isso por sua

---

[242] Podemos classificar os casos com "negócios não terminados" como efeito de Zeigarnik (1927), que recebeu esse nome graças ao psicólogo que estudou pela primeira vez a tendência que temos de nos lembrar melhor de detalhes de uma atividade não terminada do que dos detalhes de uma tarefa terminada. Um garçom de um restaurante alemão foi o indivíduo da primeira observação informal desse efeito. Ele conseguia se lembrar do que todas as pessoas a quem ele servira tinham comido até pagarem a ele, e nesse momento ele se esquecia completamente do que tinha sido pedido e comido.

[243] Exemplos ocorreram nos casos de Sukla Gupta, Lalitha Abeyawardena, Shanti Devi e Swarnlata Mishra. As crianças de Biya (personalidade anterior no caso de Swarnlata Mishra) eram um pouco mais velhas do que aquelas que restaram nas mortes das personalidades anteriores em outros casos.

[244] Exemplos podem ser encontrados nos casos de Parmod Sharma, Suleyman Andary, Sunil Dutt Saxena, Erkan Kiliç e Indika Guneratne. As personalidades anteriores de todos esses indivíduos, exceto Suleyman Andary, eram prósperos ou até ricas e tinham mais do que suficiente para suas necessidades comuns. Para elas, os "negócios não terminados" expressavam uma necessidade de acumular ainda mais dinheiro e manter o que já tinham.

vez pode ter gerado um desejo de renascimento, talvez levando a uma reencarnação mais rápida do que aquela entre as pessoas que morreram cheias de vida, por assim dizer, e de modo natural.[245]

Ao analisar casos individuais, com frequência conseguimos encontrar dois ou mais fatores mencionados que ocorrem ao mesmo tempo. Por exemplo, algumas personalidades anteriores que morreram de modo violento também eram crianças na época em que morreram, e algumas pessoas com negócios não terminados ou em andamento morreram de modo violento ou natural, mas repentinamente.[246]

Tipos de pessoas com mais chances de se lembrar de uma vida passada ao reencarnar

Na seção anterior, descrevi tipos de vidas, principalmente aquelas com circunstâncias incomuns na época da morte, de que os indivíduos parecem se lembrar frequentemente. Vimos, no entanto, que as pessoas que vivem e morrem das maneiras descritas são muito mais numerosas na população geral do que os casos. Assim, devemos procurar outros fatores que influenciam as lembranças de vidas anteriores.

Uma pessoa pode perguntar: que tipo de pessoa, se morreu e reencarnou, poderia se lembrar de uma vida anterior? Infelizmente, posso dar poucas respostas a essa pergunta.

---

[245] Buda ensinou que a causa do renascimento é um desejo pelos prazeres de uma encarnação terrena. Não tenho conhecimento de nenhuma afirmação de Buda ou das tradições do budismo que preveja uma reencarnação mais rápida quando o desejo pelo renascimento é mais forte; mas essa crença poderia ser uma justificativa da crença básica de que o renascimento em si ocorre em razão do desejo por ele.

[246] Exemplos ocorreram nos casos de Puti Patra, Cevriye Bayri (morte violenta deixando filhos pequenos); Gopal Gupta, Erkan Kiliç (morte violenta durante uma carreira ativa nos negócios); Ampan Petcherat, Shamlinie Prema, Susan Eastland, Gillian e Jennifer Pollock, Ruby Kusuma Silva (morte violenta na infância); Faruq Faris Andary, Rabih Elawar, Michael Wright e Salem Andary (morte violenta com menos de vinte anos).

Talvez a categoria mais óbvia de pessoas que podem se lembrar de uma vida anterior seja aquela que costumam ter boas lembranças. As questões mais óbvias, no entanto, são as mais ignoradas, e eu dei atenção a esta há pouco tempo. Mas posso mencionar dois casos pertinentes no Líbano que eu estava estudando ao mesmo tempo. Um deles é o caso de Suzanne Ghanem, ao qual me referi no capítulo 7 em conexão com o grande número de nomes (da vida anterior) que ela conseguiu citar. Suzanne também relatou um número igual de outros detalhes, tornando-a um dos principais indivíduos a respeito do número total de detalhes da vida anterior relembrada. Eu perguntei sobre as lembranças de Saada (personalidade anterior do caso de Suzanne) e soube ela era conhecida em sua família como alguém de boa memória, principalmente para nomes de pessoas. O indivíduo de seu outro caso, Said Zahr, estava fazendo afirmações que seu pai acreditava se referirem ao caso de um xeque druso. Um dos filhos do xeque soube sobre o caso, fez algumas investigações e me levou para conhecer o indivíduo e sua família. O xeque era uma pessoa de destaque e muito venerada. Muita coisa sobre ele era conhecida entre os drusos; além disso, o prestígio de uma família aumentaria se os membros dela pudessem dizer que o xeque tinha renascido entre eles. Por esses dois motivos o filho do xeque adotou uma atitude de extrema reserva em relação ao caso e suspeitou que o pai do indivíduo havia orientado seu filho, apesar de não existir evidências sobre isso. Em um determinado momento da discussão, eu comentei sobre a escassez das afirmações do indivíduo; ele parecia lembrar muito pouco sobre a vida anterior. A isso o filho do xeque respondeu: "Esse deve ser um traço a favor da autenticidade do caso; meu pai tinha uma memória muito ruim". Se acreditarmos que o caso era autêntico e podia ser mais bem explicado pela reencarnação, poderíamos dizer que, se a memória do xeque tivesse sido ainda pior do que era, ele não teria se lembrado de nada na encarnação seguinte.

No capítulo 6, eu me referi à observação do doutor Erlendur Haraldsson, dos testes com crianças no Sri Lanka, de que os indivíduos de casos, de modo geral, tinham lembranças mais claras do que os indivíduos que não afirmavam se lembrar de vidas anteriores. No entanto, não basta ter uma boa memória nesta vida para se lembrar de uma anterior. Caso contrário, poderíamos esperar que alguns dos melhores mnemonistas se lembrassem de vidas anteriores, e não existe nem sinal de que algum se lembra.[247] Podemos então nos voltar para as outras qualidades mentais que podem facilitar a lembrança de uma vida anterior. A clareza mental que acompanha a serenidade do desenvolvimento espiritual pode ser esse fator.

No capítulo 3 eu me referi à crença antiga, no budismo e no hinduísmo, de que o desenvolvimento espiritual, por meio da meditação e dos bons atos, clareia a mente e melhora a memória. Segundo dizem, os *tulkus* do Tibete se lembram das vidas anteriores de lamas espiritualmente desenvolvidos. Esses lamas levavam, na maior parte do tempo, vidas monásticas comuns, e quase todos tinham morrido de modo natural. Pode-se dizer que, apesar de os acontecimentos de suas vidas não terem sido memoráveis, as pessoas que viveram essas vidas eram memoráveis e podem ter carregado a clareza mental obtida pelas práticas espirituais para outra encarnação.

Mencionei, no capítulo 5, que tenho pouca experiência direta com casos entre os lamas tibetanos, e não posso afirmar, em primeira mão, sobre o conhecimento de afirmações feitas a respeito de qualquer *tulku*. No entanto, estudei alguns casos de crianças em outras culturas que se lembravam das vidas anteriores de pessoas que tinham sido extremamente religiosas e generosas. Algumas delas meditavam, outras não; todas tinham morrido de causas naturais. Os indivíduos

[247] Relatos de mnemonistas podem ser encontrados em Luria (1969), Neisser (1982) e Susukita (1933-34).

desses casos costumavam demonstrar religiosidade precoce e generosidade quando eram pequenos, o que sugere que eles tinham lembranças comportamentais e com imagens da espiritualidade da personalidade anterior. Disna Samarasinghe e Ratana Wongsombat foram ótimos exemplos desse pequeno grupo de indivíduos.[248]

Entre os casos envolvendo personalidades anteriores religiosas, o intervalo entre a morte e a suposta reencarnação foi tão curto, em média, como nos casos com mortes violentas ou com mortes naturais associadas a qualquer uma das circunstâncias mencionadas que podem levar a um renascimento precoce. Assim, as vidas de personalidades anteriores religiosas de nossos casos podem ter sido lembradas porque, por razões atualmente desconhecidas, o intervalo entre a morte e o nascimento foi curto.

Outros motivos que parecem facilitar ou inibir a ocorrência de lembranças de vidas passadas

Já enfatizei os efeitos incentivadores, ou não, que os pais podem ter em um filho que tenha lembranças de uma vida anterior que ele gostaria de expressar se alguém se demonstra disposto a ouvir. Também mencionei a possibilidade de que a crença na reencarnação em si possa ser levada de uma vida a outra. Para uma criança que nasceu com essa crença, quaisquer lembranças que ele possa ter de uma vida anterior fará sentido; para alguém sem essa crença, as lembranças não têm sentido.

Em alguns casos podemos identificar um choque mental como possivelmente algo que estimula ou reprime

[248] Outros exemplos ocorreram nos casos de Ma Than Than Aye, Kumkum Verma, Shanti Devi, Hair Kam Kanya, Ven. Chaokhun Rajsuthajarn, e Ven. Sayadaw U Sobhana. Haraldsson e Samararatne (1999) publicaram relatos de três crianças pequenas no Sri Lanka que se lembravam das vidas de monges e demonstravam comportamento correspondente ao de um monge.

as lembranças. Já sugeri que o choque de uma menina que se lembrou de que recentemente estivera no corpo de um homem e agora percebia que estava no corpo de uma mulher poderia trazer mais lembranças e assim justificar a queda do índice de meninas que se lembram de vidas anteriores em comparação com meninos que se lembram de vidas anteriores como mulheres.

O choque pode explicar outra queda no índice dos casos encontrados na Índia. Um grande número de indivíduos indianos se lembra de vidas anteriores em condições socioeconômicas bem diferentes das deles. Chamamos esses casos de "casos de promoção" e "casos de rebaixamento". Entre esses indivíduos, dois terços se lembram melhor de condições materiais e apenas um terço se lembra de condições piores.[249] Um observador que conheça pouco sobre a Índia e esteja disposto a colocar esses casos dentro de uma teoria psicológica familiar pode sugerir que crianças indianas infelizes imaginam as vidas anteriores em melhores circunstâncias como um consolo para as condições ruins em que se encontram. Entretanto, diversos fatos apontam para longe dessa interpretação e sugerem que a correta pode estar em outro ponto. Em primeiro lugar, apesar de os casos de promoção serem menos numerosos do que os de rebaixamento, eles ocorrem com frequência considerável. Alguns deles são tão autênticos quanto os casos relacionados de rebaixamento e exigem explicação bem como aqueles que envolvem o rebaixamento. Em segundo lugar, uma criança não ganha créditos por se lembrar, na Índia, de uma vida anterior em melhores condições do que a atual; pelo contrário, ela será julgada por ter feito algo pecaminoso em uma vida anterior

[249] Estudamos os casos de promoção e de rebaixamento principalmente na Índia. Isso, em parte, porque as diferenças socioeconômicas são maiores na Índia, onde o prolongamento do sistema de castas as acentua, e elas acontecem em outras culturas nas quais os casos ocorrem frequentemente, e isso explica, em parte, por que temos uma amostra grande de casos indianos.

que tenha merecido tal rebaixamento. Em terceiro lugar, qualquer conforto obtido na fantasia de ter sido rico é mais do que cancelado na maioria dos casos de rebaixamento pelo problema que os indivíduos causam a si mesmos ao se gabarem, recusarem comer os alimentos da família, reclamarem de sua pobreza e outros comportamentos de alienação. Em quarto lugar, atribuir esse fato ao indivíduo não aborda a questão de como algumas crianças obtiveram informações corretas sobre alguém desconhecido aos outros membros da família.

Se decidirmos que não podemos explicar todos os fatos dos casos de rebaixamento como sendo devidos a fantasias de realização de desejos, ficamos livres para pensar em outras possibilidades. Sugiro que lembranças fracas de uma vida anterior em melhores condições materiais possam servir como um choque que traz mais lembranças à consciência de uma criança.

Se um choque mediano pode estimular as lembranças, talvez um maior possa inibir seu surgimento. Um choque de inibição pode ocorrer quando uma criança com um corpo de uma pessoa burmesa começa a pensar que foi japonês, europeu ou americano em uma vida anterior. Isso também pode ocorrer quando uma criança indiana acredita ter vivido na Inglaterra anteriormente ou quando uma turca acredita ter vivido no Líbano ou na Líbia. Não soube de nenhuma criança que tenha se lembrado de uma vida anterior em um país que não fosse o seu, que tenha informações suficientes para permitir a confirmação de suas afirmações. Essas crianças parecem se lembrar de fatos vagos dessa vida e geralmente dos detalhes de como ela terminou, nada mais. O mais importante aqui pode não ser a travessia de limites internacionais, mas as mudanças nas circunstâncias de vida, geralmente descritas como cultura. No entanto, as diferenças culturais dentro de uma unidade política às vezes podem ser maiores do que aquelas entre áreas vizinhas de diferentes países. Por exemplo, os alevis (principalmente falantes do árabe) de Adana e

Hatay na Turquia têm mais em comum com os alevis (e outros árabes) da Síria do que com os turcos de Istambul. Não é de surpreender – de acordo com a explicação que estou dando aqui – que, entre seis casos de crianças do centro-sul da Turquia que se lembravam de vidas anteriores em Istambul, tenhamos confirmado apenas um, que o doutor Jürgen Keil resolveu.

Os antropólogos têm certa familiaridade com uma experiência chamada choque cultural, que se refere ao estresse que costuma ser produzido em uma pessoa que se muda de um país para outro, onde os costumes são muito diferentes. Se a reencarnação ocorrer, algumas pessoas podem passar por um choque cultural causado pela mudança de uma vida em um país para a vida em outro.

Essa avaliação mostra de modo adequado, em minha opinião, que muitos fatores influenciam o desenvolvimento e a expressão de uma criança acerca das lembranças de uma vida anterior. Se existir uma fórmula típica para essa ocorrência, eu a descreveria como tendo os seguintes traços: a vida anterior deveria ser a de um homem de classe média que viveu em um país com forte crença na reencarnação, e ele deveria morrer de modo violento ou, se não for assim, repentinamente. A criança com as lembranças dessa vida poderia ser um menino ou menina, mas deveria ter nascido no mesmo país ou cultura do homem falecido, e seus pais deveriam ser pobres, mesmo assim familiarizados com a crença na reencarnação em seu país para que pudesse escutar a criança sem repreendê-la.

A reencarnação é uma experiência universal?

Já protestei contra essa questão. O máximo que direi sobre esse assunto é que, se a reencarnação ocorre, pode ser algo por que todos passam, mas não há como saber disso.

Podemos provar como falsas algumas generalizações que têm sido feitas nesses casos. Já escutei, por exemplo, que

apenas as pessoas que morrem de modo violento reencarnarão e outras pessoas não. Isso é errado, porque alguns dos casos nos quais mortes naturais ocorreram têm evidências que sugerem reencarnação como qualquer outro caso que estudei com uma morte violenta.

Lembrar-se de uma vida passada ajuda ou atrapalha?

Fazer essa pergunta traz outra pergunta: "Bom ou ruim para quem?" e "Em qual estágio da vida ajuda ou atrapalha?"

Muitos indivíduos desses casos sofrem muito porque se sentem separados das famílias às quais acreditam pertencer de fato. Fazem comentários que magoam, provocam revoltas e fazem com que eles se isolem dentro da própria família. Essas crianças podem realmente ficar sozinhas: fisicamente separadas da família "real" (anterior) e socialmente separadas da própria família (atual). Os pais não ficam em situação melhor. Um filho a quem eles amam declara que eles não são seus pais de verdade, mas substitutos insatisfatórios. Se pensarmos apenas na confusão na qual a maioria dos indivíduos desses casos se encontra entre dois e cinco anos de idade, não podemos dizer que se lembrar de uma vida anterior seja benéfico para os envolvidos. Longe disso, as lembranças em si têm mais chances de serem de acontecimentos desagradáveis do que de acontecimentos bons. Assassinatos e outros crimes dominam as lembranças, não cenas de amor e amizade, apesar de também poderem existir.

Posteriormente, as vantagens de se lembrar de uma vida anterior podem ser maiores do que as desvantagens. Alguns indivíduos usaram suas lembranças como maneiras de melhorar o comportamento atual, assim como uma pessoa pode estudar as questões de uma prova na qual não passou, para tentar de novo. Além disso, as pessoas que se lembram

de uma vida anterior, independentemente de seu conteúdo, podem tirar dessa experiência uma sensação de desapego dos problemas atuais que apenas uma análise mais detalhada pode trazer.[250] Alguns indivíduos desses casos não sentem medo da morte e dão conforto aos mais velhos nesse assunto. Por exemplo, um visitante, recentemente, que foi à casa de Marta Lorenz disse com pesar: "Oh, os mortos não voltam nunca". Marta respondeu: "Não diga isso. Eu também morri e veja só, estou vivendo de novo". Outro indivíduo, Ma Than Than Aye, disse, quando seu pai estava morrendo: "É uma libertação feliz para ele. Não existe motivo para sentir pesar. A morte não é uma desconhecida. Todos morremos". Ela não chorou.

Por que mais meninos do que meninas se lembram de vidas passadas?

Quando comparamos os casos com as mortes violentas e naturais das vidas anteriores, descobrimos a preponderância de indivíduos do sexo masculino muito maior no primeiro grupo do que no último. Isso provavelmente surge da tendência maior de homens do que de mulheres que matam uns aos outros e morrem de modo violento. No entanto, os casos com mortes não mostram uma proponderância clara de indivíduos do sexo masculino na Índia, Turquia e Alasca (entre os tlingits). Encontramos quase o mesmo número de indivíduos dos sexos masculino e feminino nos casos com morte natural da Tailândia, Sri Lanka e Líbano. Apenas em Burma

[250] Bishen Chand Kapoor disse que, ao pensar na vida da vida anterior, um homem rico que havia assassinado um homem, ele conseguiu se tornar uma pessoa melhor. Parmod Sharma acreditava que a maior perspectiva que ocorria ao se lembrar de uma vida anterior dava a ele vantagem para lidar com problemas atuais que surgiam; isso fez com que ele tomasse consciência das diferenças entre os pontos negativos e positivos. Mas esses exemplos são exceções. A maioria das crianças se esquece de suas lembranças antes de se tornarem maduras o suficiente a ponto de não quererem falar sobre elas.

os indivíduos do sexo feminino existiam em maior número do que os do sexo masculino entre casos com morte natural.

Uma parte da preponderância de indivíduos de sexo masculino pode resultar no fato de os pais reprimirem e esconderem os indivíduos do sexo feminino de modo que os casos não são representados proporcionalmente na amostra que podemos estudar. Em muitos países da Ásia, uma menina costuma ter de se comportar de modo discreto, pelo menos até o casamento, e a divulgação associada com o fato de ser o indivíduo de um caso pode prejudicar suas chances de conseguir um bom casamento. Eu soube de um caso reprimido por esse motivo e acredito que existam outros.

Em 57 casos entre os igbos da Nigéria, 44 indivíduos eram homens e 13 eram mulheres. Essa proporção foi ainda mais desigual em relação a que vimos em outras culturas. Acredito que reflita o domínio dos homens na sociedade igbo. Os igbos têm muito mais interesse em estudar quem uma criança do sexo masculino pode ter sido em uma vida anterior do que em saber sobre a vida anterior de uma menina.

Já mencionei que as vidas dos homens têm acontecimentos mais memoráveis do que as das mulheres e, se for o caso, pode contribuir para a preponderância de homens.

Não acho que essas explicações – mesmo que aplicadas em conjunto – justifiquem o número maior de homens comparado ao de mulheres, que continua sendo um dos muitos traços desses casos que exigem maior investigação.

Por que não são lembradas mais do que uma vida?

Ao responder essa pergunta, devo dizer logo de início que um pequeno número de indivíduos afirmam se lembrar de mais de uma vida passada. No entanto, a segunda vida lembrada é quase sempre uma vida intermediária sobre a qual o indivíduo oferece poucos detalhes, por isso ela não

é checada.[251] Até agora encontrei apenas um caso (o de Pratomwan Inthanu) no qual um indivíduo se lembrava de duas vidas anteriores com detalhes suficientes de modo que ambas puderam ser checadas independentemente.[252]

Quatro casos de nossa coleção sugerem que esse desaparecimento ocorre de uma vida à outra. Nelas, o indivíduo se lembrava da vida de uma pessoa que havia se lembrado de uma vida anterior, mas não tinha lembranças da vida mais antiga.[253]

Quando as lembranças se tornam inacessíveis, elas não são necessariamente bloqueadas. Em circunstâncias incomuns elas podem voltar à consciência de novo; um caso na Índia que a doutora Satwant Pasricha e eu estudamos sugere isso. Eu me referi, no capítulo 8, ao indivíduo desse caso, Ram Prakash, ao discutir o intervalo fixo entre a morte e o renascimento que faz parte do ensinamento jainista sobre reencarnação. Ram Prakash se lembrava de detalhes confirmados sobre a vida de um homem, Shev Behari Jam, que havia morrido pouco antes do nascimento de Ram Prakash. Mas, diferentemente dos outros indivíduos, Ram Prakash também se lembrava de duas outras vidas anteriores que ele afirmava ter vivido antes daquela em que foi Shev Behari Jain (Ram Prakash não deu detalhes suficientes sobre nenhuma das vidas para permitir que fossem encontradas pessoas correspondentes a suas afirmações; além disso, a vida mais antiga teria ocorrido cerca de um século antes

[251] Exemplos ocorreram nos casos de Pushpa, Swarnlata Mishra, Warnasiri Adikari, Gopal Gupta, Manju Tripatti e Imad Elawar.

[252] "G. P.", um comunicador mediúnico com boa fama tanto por ser uma mente desencarnada como bom comunicador, reclamou que sumiram com o tempo (Hodgson, 1897-98, p. 324). O caso excepcional de Pratomwan Inthanu pode não deixar de provar a importância da passagem do tempo no desaparecimento das lembranças. As duas vidas das quais ela se lembrava eram de bebês e ambas haviam ocorrido poucos anos depois do nascimento de Pratomwan.

[253] Casos ilustrativos são os de Bishen Chand Kapoor, Ma Win Shwe, Maung Aung Myint e Mounzer Haïdar.

e seria extremamente difícil de checar). Interessante, no contexto atual, é que nossos informantes entre os membros sobreviventes da família de Shev Behari Jain nunca haviam escutado o rapaz mencionar as duas vidas que Ram Prakash disse ter vivido antes de nascer como Shev Behari Jain. Infelizmente, não tenho outro caso como este que poderia nos ajudar com sua interpretação. Uma explicação possível é que Ram Prakash acrescentou duas vidas anteriores imaginadas como "reforço" à vida confirmada de que ele realmente se lembrava, mas não parece haver motivos óbvios para que ele fizesse isso. Pelo contrário, ele pode ter diminuído sua credibilidade com a própria família e com a de Shev Behari Jain, afirmando se lembrar de mais detalhes de vidas anteriores que, provavelmente, não eram confirmadas. Talvez Shev Behari Jain se lembrasse dessas outras duas vidas anteriores quando era criança, mas, como os outros indivíduos, tenha se esquecido delas ao ficar mais velho. Isso justificaria o fato de sua viúva e filhos não conhecerem tais detalhes. Por fim, talvez condições especiais tenham existido na família de Ram Prakash que facilitasse sua lembrança de três vidas anteriores, apesar de Shev Behari Jain não se lembrar de nenhuma.

Crianças que se lembram de vidas que terminaram em suicídio

Vinte e nove dos cerca de 2.500 indivíduos se lembravam das vidas de pessoas que haviam se matado. Quatro dessas pessoas falecidas tinham, acidentalmente, atirado em si mesmas (duas quando pegaram uma arma carregada e esta disparou, e duas enquanto limpavam uma arma carregada). Duas outras se mataram para não serem mortas por policiais ou soldados prestes a pegá-las. As outras 23 tiraram a própria vida quando uma situação social, como

falência ou um relacionamento amoroso sem sucesso pareciam piores do que a morte.[254]

Se considerarmos a reencarnação como a melhor interpretação para esses casos, eles não combinam com a crença, de algumas religiões, de que algumas pessoas que cometem suicídio vivem no inferno por séculos ou até para sempre. Também oferecem a uma pessoa, pensando em se suicidar, a ideia de que isso não acabaria com seus problemas, mas apenas mudaria a localização da ocorrência.

Muitos indivíduos desse grupo de casos tinham fobias do instrumento do suicídio, como armas ou veneno. A lembrança de suicídio não necessariamente acabava com a tendência ao suicídio. Por exemplo, três dos indivíduos, quando frustrados na infância, fizeram ameaças de cometer suicídio a seus pais; um quarto acabou se matando na meia-idade; um quinto me disse que, provavelmente, cometeria suicídio se estivesse em uma situação que julgasse intolerável. Por outro lado, outro indivíduo (de um caso não confirmado) me disse que as lembranças de um suicídio em uma vida anterior a impediram de se matar.

Obstáculos para acreditar na possibilidade de reencarnação

Eu dediquei o capítulo 2 à crença na reencarnação. Não tenho o objetivo, com o que escrevo a seguir, de fazer os leitores acreditarem em reencarnação. Desejo apenas chamar atenção a um número de obstáculos que parecem, para mim, com frequência, prejudicar a avaliação livre dos casos de crianças que se lembram de vidas passadas. Os obstáculos que pretendo discutir são: a não familiaridade do Ocidente com a ideia da reencarnação; a suposição de que nossas mentes e

[254] Exemplos ocorreram nos casos de Marta Lorenz, Ramez Shams, Maung Win Aung, Paulo Lorenz, Faruq Faris Andary, Navalkishore Yadav e Cemil Fahrici.

lembranças estão em nossos cérebros e não podem existir em outro lugar; a crença de que não podemos saber como será a vida depois da morte; a preferência que muitas pessoas parecem ter por não desejar aceitar a responsabilidade pessoal pelo destino que a reencarnação sugere que elas têm.

Falta de familiaridade com a ideia da reencarnação

A neoideofobia – medo de novas ideias – aflige os seres humanos de todas as partes do mundo. "Uma das maiores dores da natureza humana é a dor à novas ideias".[255] Costumamos não gostar do que não é familiar e a julgá-lo mal antes de examinar as evidências. "Para acreditar totalmente em um fenônemo, uma pessoa precisa estar acostumada a ele".[256]

Aqui devo mencionar que a ideia de qualquer personalidade humana sobrevivente depois da morte não é familiar para a maioria das pessoas educadas do Ocidente. No capítulo 11 eu mencionei que a reencarnação é apenas uma forma que a sobrevivência depois da morte pode ter. Enquanto, há cinco séculos, a crença na sobrevivência depois da morte quase não existia na Europa e podia até ser punida com a morte, hoje a crença na sobrevivência é uma visão excêntrica. A crença na vida depois da morte tem sido muito desacreditada pelos sucessos da ciência concentrados nos problemas relativamente de fácil solução do mundo físico. As afirmações que os cientistas fazem sobre esses problemas têm peso para as pessoas que não passaram pelos acontecimentos descritos, enquanto as afirmações feitas por cientistas bem informados sobre os fenômenos que agora chamamos de paranormais não têm esse peso. Poucas pessoas passaram por um terremoto, mas poucas duvidam de sua possibilidade de

[255] A citação é de Bagehot (1873, p. 163).

[256] "Pour croire complètement à um phénomène individual faut y être habitué" (Richet, 1926, p. 441). Minha tradução está no texto.

ocorrer; por outro lado, a maioria das pessoas estudadas duvida da "realidade" das aparições, apesar de ser mais provável que mais pessoas tenham visto aparições do que testemunhado terremotos. A avaliação coletiva dos cientistas confirma os terremotos, mas ainda não tem uma posição defintiiva sobre as aparições. Assim, uma maior aceitação da ideia da vida depois da morte espera a realização de mais pesquisas, que possam trazer evidências mais fortes e, por fim, ganhar a confiança da maioria dos cientistas – o único teste da verdade alcançada pelo caminho do método científico.

Entre os diversos tipos de evidência a respeito da questão da vida após a morte, aquele que sugere a reencarnação tem dois prejuízos adicionais. O primeiro é o isolamento, em termos geográficos, da maioria da evidência de pessoas do Ocidente que leem sobre isso. Colegas interessados sempre me dizem que um caso na Virgínia, em Yorkshire ou nos bairros residenciais de Paris seria muito mais crível do que um no Sri Lanka, em Burma, no Líbano. Existem pontos a serem esclarecidos em relação a essa objeção. Em primeiro lugar, estudei casos na Virgínia, Yorkshire e nos bairros residenciais de Paris e acredito que poderíamos investigar outros nesses pontos e também em outros locais do Ocidente, se ao menos soubéssemos como identificá-los e convencer as pessoas envolvidas a dividirem suas informações conosco. Em segundo lugar, a dúvida do Ocidente sobre a autencidade de um caso em um país em "desenvolvimento" mostra uma arrogância que surge dos poucos séculos de ascendência política no mundo por parte do Ocidente. Ninguém provou que podemos acreditar menos em um indivíduo do sul da Ásia do que um da Europa ou da América do Norte. Em terceiro lugar, provavelmente existem importantes fatores nas crenças e circunstâncias dos países onde os casos ocorrem com frequência que facilitam o desenvolvimento – além da crença na reencarnação.

No capítulo 8, fiz um rascunho de minhas ideias sobre esses fatores e sugeri que o desenvolvimento econômico do Ocidente havia trazido grandes mudanças em processos mentais e atitudes que não são bem organizados e nos quais nem todos ganham.

Um segundo obstáculo para a aceitação da ideia da reencarnação entre os ocidentais está na maneira com que a maioria dos ocidentais se tornou familiarizada com ela. Os ocidentais que adotam a ideia da reencarnação ou, pelo menos, consideram que merece estudo aprenderam sobre ela – direta ou indiretamente – por meio de textos populares sobre o hinduísmo ou o budismo, incluindo variantes dos ensinamentos de teosofia. Tentei, nos capítulos 2 e 8, separar a crença primária na reencarnação das crenças secundárias que foram depositadas sobre elas em diferentes culturas.

Ainda assim, sem dúvida, o maior obstáculo para a aceitação da reencarnação entre os ocidentais está na crença que a maioria deles tem de que as pessoas não passam de seus corpos físicos. A descrença em uma coisa pode surgir da crença firme em outra, e uma convicção forte pode até neutralizar percepções e outros tipos de evidência. Existe uma história sobre um fazendeiro americano ignorante que, por insistência de alguns amigos, certa vez visitou um zoológico e aproximou-se do espaço onde um camelo ficava. Depois de olhar para o camelo por muito tempo, ele se virou, murmurando para si mesmo: "Esse animal não existe". Assim, as crenças podem vencer as experiências.

Observei um exemplo imediatamente mais relevante disso durante uma reunião com um tlingit que tinha uma marca de nascença proeminente no pescoço, abaixo da mandíbula. Ele me disse que essa marca de nascença e outras evidências haviam convencido sua mãe de que ele era seu tio renascido; o tio havia morrido quando recebeu um tiro no pescoço no mesmo ponto da marca de nascença dele. Além disso, meu

informante tinha dois netos que afirmavam se lembrar de vidas anteriores com evidência não verificada. No entanto, ele tinha sido treinado e ordenado como um ministro presbiteriano, e seus educadores ensinaram a ele sobre o que acreditar, e ele me disse, com uma atitude firme, que não aceitava a ideia da reencarnação. O Evangelho não ensinava sobre a reencarnação, e isso encerrava o assunto para ele.

Provavelmente muitos aspectos da reencarnação parecem pouco familiares e assim improváveis para os ocidentais, mas se imaginar ficando mais jovem pode ter mais importância do que a maioria de outras facetas do conceito. Não é fácil para nos imaginarmos a nós mesmos envelhecendo, apesar de a maioria de nós poder fazer isso com um certo esforço, porque observamos o processo de envelhecimento em nossos pais antes de vê-lo em nós mesmos[257], mas "rejuvencescer", que é o que faríamos se reencarnássemos, parece especialmente estranho.[258]

A dificuldade que a maioria das pessoas tem em pensar em si mesmas ficando mais jovens surge, em parte, de enganos a respeito da importância do tamanho físico. Apesar de sabermos que uma pequena muda pode dar vida a um carvalho, talvez não compreendamos muito bem que as qualidades de uma árvore grande podem ser transformadas em algo do tamanho de uma mudinha. Essa dificuldade

---

[257] Depois que o Rei Charles II despediu o Lorde Clarendon como chanceler em 1667, alguns dos inimigos de Clarendon (entre eles a ainda jovem amante do rei, Lady Castlemaine) exultou sua queda. Enquanto estava saindo do palácio, escutou as vozes deles por uma janela aberta, virou-se e disse: "Ó Senhora, és tu? Lembra-te de que ao viver, envelhecerás" (Crewe, 1893). Ele tinha razão; ela morreu em 1709 aos 68 anos. Dentre todos os grandes escritores de ficção que me deram prazer, apenas dois procuraram fazer uma descrição de uma pessoa a longo de uma vida toda, passando pela velhice e morte.

[258] Os trobianders acreditam que uma alma desencarnada (baloma) passa por um processo de se tornar mais jovem antes de reencarnar (Malinowski, 1916). Malinowski descreveu o processo como lembrando o de uma cobra trocando de pele, mas não tenho certeza se essa analogia um tanto inapropriada é de Malinowski ou se foi usada pelos trobrianders.

pode vir da ideia de que apenas um organismo grande pode acomodar todas as informações de muitos tipos que uma personalidade humana tem quando morre. Como toda a informação pode estar dentro do corpo de um bebê pequeno, é o que pensamos, ou – mais surpreendente ainda – dentro de um embrião? Esse raciocínio mostra uma imaginação estranha. Em primeiro lugar, não existe base para pensar que, se a reencarnação ocorre, uma pessoa transporta todo o seu conhecimento de uma vida a outra, e no próximo capítulo vou expressar dúvidas sobre isso. Mas ainda mais importante é a possibilidade de que as mentes – apesar de terem propriedades especiais – estarem restritas ao tamanho e à capacidades de arquivamento de informação do cérebro.

Os indivíduos jovens dos casos que estudei geralmente não têm dificuldades em entender as mudanças de idade e tamanho que a maioria dos adultos tem. Alguns deles, quando jovens, lembraram como era ser velho, fraco e doente. Disna Samarasinghe se lembrava de não ter dentes na terceira idade e de ter de usar um cajado para caminhar. Pratima Saxena se lembrava de uma doença terminal com tosse, febre e incontinência fecal. Algumas crianças comentaram sobre a mudança do tamanho do corpo desde a morte na vida anterior e, apesar de maioria ter feito isso sem reclamar, outros demonstraram impaciência em ser grandes de novo.[259]

Mencionei anteriormente a importância da familiaridade com um fenômeno para acreditar nele. O simples conhecimento da ideia da reencarnação, no entanto, não basta para o reconhecimento da evidência dela. Posso

[259] Os seguintes casos podem ajudar os leitores a reconhecer isso. Na Tailândia, um professor de biologia (com estudo no Ocidente) trabalhou sem parar durante muitos anos para me auxiliar no estudo de casos. Outro (ex) oficial (também com um pouco de treinamento no Ocidente), apesar de acreditar sem dúvidas no budismo (e às vezes dava palestras sobre o assunto), considerava os casos ridículos e nunca quis estudá-los de modo primário.

explicar isso melhor mencionando as opiniões sobre esta pesquisa que alguns colegas estudiosos no Ocidente e alguns na Ásia e na África expressam quando ficam sabendo sobre ela. Eles me dizem – mesmo que não explicitamente, mas por meio de sorrisos e indiretas – que estou desperdiçando dinheiro. Mas os dois grupos dão motivos diferentes para essa ideia: aqueles no Ocidente acreditam que a reencarnação é impossível; os da Ásia e da África acreditam que se trata de um fato que não precisa de demonstração.[260] Nenhuma das pessoas que fizeram essa avaliação tinha conhecimento de casos concretos com evidência com os quais poderiam ter mudado de opinião. O motivo principal deste livro é pedir aos leitores que avaliem os méritos de uma crença ou uma descrença na reencarnação apenas depois de estudar as evidências dadas por crianças que afirmam se lembrar de vidas anteriores.

Cérebro e mente

A maioria dos cientistas hoje e, certamente, quase todos os neurocientistas acreditam que nossas mentes, assim como nossas memórias, não passam de manifestações do funcionamento de nosso cérebro. Essa suposição parece receber muito apoio dos efeitos sobre nossos processos

[260] Pessoas educadas no ocidente e na Ásia e África costumam ter atitudes diferentes em relação aos casos e têm conhecimento diferente sobre eles. Os seguintes casos podem ajudar os leitores a reconhecer isso. Na Tailândia, um professor de biologia (com estudo no Ocidente) trabalhou sem parar durante muitos anos para me auxiliar no estudo de casos. Outro (ex) oficial (também com um pouco de treinamento no Ocidente), apesar de acreditar sem dúvidas no budismo, considerava os casos ridículos e nunca quis estudá-los de modo primário. Em Burma, um oficial aposentado do governo (com considerável treinamento no Ocidente) me ajudou por muitos anos com o estudo dos casos; mas também foi em Burma que conheci um professor de psicologia com formação superior no Ocidente que, quando soube de minha pesquisa, não conseguiu manter a educação comigo, ele não demonstrava qualquer interesse em estudar esses casos.

mentais causados por danos ao cérebro ou interferências menos pesadas em seu funcionamento. Não preciso citar a evidência para isso a partir da neuropatologia e a partir das operações cirúrgicas no cérebro, como aquelas que danificam os lobos temporais, apesar de ela ser forte; uma febre alta ou umas doses de uísque bastam para convencer quem duvida. Os neurocientistas modestos reconhecem que eles apenas começaram a demonstrar em detalhes que os processos cerebrais podem responder totalmente pelos mentais, mas eles acreditam de modo otimista que eles ou seus sucessores resolverão todos os detalhes para se sentirem satisfeitos, e para deixar a todos satisfeitos. Eles acreditam, em um ato de fé, que nenhuma outra solução para a relação entre cérebro e mente será encontrada; assim, nenhuma outra vale a pena ser considerada.

No entanto, não estamos todos convencidos da opinião da maioria dos neurocientistas sobre esse assunto. Hipócrates dizia que, "Para a consciência, o cérebro é o mensageiro"[261]. Em épocas modernas, Bergson talvez tenha sido o primeiro filósofo a expressar a mesma ideia.[262] Dentro das últimas duas décadas, poucos psicólogos e filósofos, e até alguns neurocientistas, começaram a questionar se podemos explicar totalmente a mente (e a memória) em termos de funcionamento cerebral.[263] Alguns cientistas estão agora

---

[261] A frase citada pode ser encontrada no texto de Hipócrates, "The Sacred Disease", "A Doença Sagrada", (Hipócrates, 1952, p. 179). Posteriormente, Hipócrates diz: "O cérebro é o intérprete da consciência".

[262] Bérgson (1913) sugeriu, há muitos anos, que as falhas de memória relacionadas à doença cerebral só podem indicar que precisamos de um cérebro saudável para poder localizar e comunicar memórias; elas não são evidência de que as memórias existem apenas no cérebro.

[263] Dois neurocientistas que expressaram ideias equivocadas a respeito das tentativas de reduzir a mente a uma função do cérebro foram Penfield (1975) e Eccles (Popper e Eccles, 1977). Um terceiro, ao fim de sua vida, escreveu: "O fato de nosso ser dever ser constituído de dois elementos fundamentais não passa maior improbabilidade inerente do que o fato de que ele se constitui de apenas um" (Sherrington, 1947/1906, p. XXIV).

começando a considerar o cérebro como um instrumento da mente, assim como o piano é um instrumento para a expressão musical do pianista.[264]

Não posso analisar a enorme literatura sobre este assunto. Para simplificar os poucos comentários que posso fazer, reduzirei as possibilidades que considero a duas. A primeira é que o que chamamos de mentes (ou funções mentais), incluindo todas as nossas experiências subjetivas, não passam de um aspecto da atividade de nossos cérebros. Essa visão, que tem diversos subtipos, é o monismo (algumas pessoas preferem chamar esse conceito de monismo físico ou fisicalismo para distingui-lo de modo claro do conceito oposto – o monismo de idealistas, como os de filósofos vedanta da Índia). Ao monismo é contrária a visão de que as mentes e os cérebros interagem durante a vida, mas são fundamentalmente diferentes; isso é o dualismo. Não nego que nossos cérebros precisam da expressão eficaz de nossas mentes (na maioria das circunstâncias) durante nossa vida atual. Quero discutir se um cérebro vivo é essencial para a existência de uma mente. Os argumentos e a evidência que indicam a insuficiência de cérebros para explicar todos os fenômenos mentais sustentam o dualismo, assim como a evidência da sobrevivência da mente de alguém depois da morte de seu corpo físico. Este livro trata principalmente do segundo tipo de evidência. Aqui discuto brevemente o que chamo de cinco dificuldades para uma aceitação do monismo (ou fisicalismo), longe da evidência da sobrevivência das mentes depois da morte.

Em primeiro lugar, o que sabemos sobre os cérebros não pode explicar a consciência. Os cientistas e filósofos que

[264] Em um dos documentos teóricos mais importantes relacionados a fenômenos paranormais, Thouless e Wiesner (1946-49) sugeriram que a ação normal da mente de uma pessoa em seu cérebro e sua ação paranormal ocasional na mente de outra pessoa, como na telepatia, podem ser classificadas com o mesmo princípio.

se consideram monistas dizem que a consciência é apenas um epifenômeno do funcionamento dos cérebros. Essa afirmação precisa ser confirmada. Seria mais adequado reconhecer a primazia da consciência em si. Todos nós a experimentamos, e todo o nosso conhecimento ocorre nela. "A mente é o primeiro e mais direto elemento de nossa experiência; o restante é apenas inferência".[265] Sem a consciencia, não poderíamos observar os cérebros nem imaginar nada sobre eles, incluindo a provável falsa ideia de que o funcionamento deles, e nada mais, produz a consciência. O estudo de nossos cérebros pode deixar claro por que as ondas de luz de um determinado alcance, quando chegam a nossos olhos, causam a sensação de um tom azul, mas o azul continua sendo uma experiência de consciência. A compreensão da consciência pode explicar os cérebros, mas os cérebros nunca explicarão a consciência. Não acho que nada explicará.[266]

Com essa explicação, não pretendo negar o que já afirmei: o que experimentamos na consciência varia com o estado de nosso cérebro. Tampouco estou afirmando que toda a nossa atividade mental é consciente. Longe disso, acredito que o exemplo de uma geleira para as partes conscientes e inconscientes da mente não é apenas errado, mas absurdo. Em vez de um nono da geleira, acredito que menos de um

[265] A frase é de Eddington (1930, p. 37), que certamente está se referindo à consciência.

[266] Pode parecer que passei com muita rapidez pela questão do que queremos dizer com o termo consciência, uma questão que tem despertado a curiosidade dos filósofos há séculos. William James (1904) duvidava do valor do termo "consciência". No entanto, ele afirmou que só pretendia "negar que a palavra significasse um todo, mas insistia com ênfase que ela significa uma função... existe uma função na experiência que os pensamentos realizam e, pelo desempenho dela, essa qualidade de ser [consciência] é evocada. Essa função é o saber" (p. 478). Sobre a irredutibilidade da experiência consciente, recomendo Nagel (1979/1974). Um único texto a respeito da posição monista pode ser o de Place (1956) que afirmava que a consciência é um processo do cérebro. Josephson e Ramachandran (1980) editaram uma introdução interessante sobre o estudo da consciência.

milésimo da mente de uma pessoa costuma ser acessível à sua consciência.

Em segundo lugar, nosso conhecimento atual do cérebro não explica os traços de nossas imagens mentais. A organização dos neurônios no cérebro é circular como nossa experiência vendo um círculo. A experiência de ver um círculo, ou um quadrado, ou quase qualquer outra forma, não corresponde à organização espacial dos neurônios. Em termos técnicos, os dados de nossas percepções e as organizações de neurônios no cérebro não são isomórficos. Não estou dizendo com isso que os cérebros não desempenham um papel em nosso reconhecimento de formas durante a consciência comum.[267]

Em terceiro lugar, nosso conhecimento atual dos cérebros não oferece uma justificativa satisfatória da memória. Falo aqui apenas da memória de acontecimentos em uma vida, não sobre aqueles de uma vida anterior. Os neurofísicos sugerem que as experiências modificam o cérebro e deixam vestígios nele que os acontecimentos posteriores podem estimular de um modo que leve à lembrança do acontecimento original na experiência que chamamos de memória. Isso parece plausível no abstrato, mas suas fraquezas se tornam aparentes quando perguntamos como os vestígios são ativados na variedade quase infinita de circunstâncias para as quais eles, ou a maioria deles, estão disponíveis.[268]

Em quarto lugar, os acontecimentos mentais ocorrem em um espaço diferente do familiar a nós em nosso dia a dia e também do espaço físico que os físicos descrevem. A imagem de um urso que podemos ter em mente (na ausência de um urso real) tem dimensões espaciais, e podemos localizar o urso em

[267] Smythies (1956, 1960), Malcolm (1977) e Paterson (1995) discutiram esse assunto com mais profundidade.

[268] Beloff (1980a, 1980b), Gauld (1982), Malcolm (1970, 1977) e Paterson (1995) escreveram sobre esse assunto. L. R. Baker (1981), Dreyfus (1979) e Heil (1980) criticaram o modelo de computador do cérebro e o da mente.

nossas mentes a uma distância de um rio também imaginado e um salmão no rio ao qual o urso pode parecer atacar. Mas, por um lado, não podemos falar inteligivelmente sobre a distância entre esse urso imaginado e seu ambiente imaginado e, por outro, qualquer objeto que localizamos de modo perceptível no espaço físico.[269] O corpo físico de uma pessoa está no espaço físico, sua mente está em seu espaço mental.

Não é obviamente verdadeiro que as mentes de duas pessoas diferentes existam no mesmo espaço mental, assim como seus corpos existem (em localizações diferentes) no mesmo espaço físico. Se for verdade, como acredito, não temos consciência do fato; nossas mentes costumam ser protegidas da intrusão dos pensamentos de outras pessoas em nossa parte de espaço mental. No entanto, em ocasiões raras, as barreiras se enfraquecem e experimentamos a telepatia ou algum outro tipo de comunicação paranormal. O fato de os espaços mentais das pessoas que participam da telepatia serem ligados de certa forma não quer dizer necessariamente que eles estejam no mesmo espaço mental, mas tenho a tendência a pensar que estão, sim.

Em quinto lugar, nossa compreensão dos cérebros não explica a telepatia e outros fenômenos paranormais. É possível que um traço ainda não conhecido do cérebro facilite a comunicação telepática de alguma forma algum dia, mas isso por si só não nos levaria muito longe. Ainda teríamos de explicar a próxima correspondência entre imagens nas mentes de duas pessoas que experimentam uma

[269] Além de Ducasse (1951) e Price (1953), Smythies (1951, 1960, 1974, 1994), Whiteman (1973) e Poynton (1983) escreveram sobre o conceito de espaço mental. Eu descrevi minhas ideias sobre o assunto com maior profundidade em outro texto (Stevenson, 1981). Acredito que Descartes (1912/1641, p. 139) cometeu um grande erro ao dizer que as mentes, diferentemente dos corpos, não têm a propriedade de extensão. Apesar da correção de Hume (1911/1739, 1:228) e de críticas parecidas feitas por outros filósofos, o erro de Descartes continua a impedir a aceitação da ideia de que as mentes e também os corpos têm propriedade de extensão.

comunicação telepática. Podemos dizer, contestando esse ponto, que não podemos explicar a telepatia sem os cérebros. Concordo com isso, mas como a ausência de uma explicação em termos de outros fenômenos justifica que ignoremos a evidência de telepatia?

Acredito que as pessoas estão enganadas quando acreditam – ou quando não acreditam, fingem acreditar – que a telepatia e os fenômenos parecidos não são subversivos das opiniões que a maioria dos cientistas de hoje tem sobre a natureza da personalidade humana. Se o materialismo – estou falando do tipo filosófico, não do econômico – existe, a telepatia não deveria ocorrer, mas ocorre, então o materialismo deve ser falso.[270]

A aceitação dessa conclusão não deve esperar o desenvolvimento de uma teoria que explique os fatos da telepatia ao restante da teoria científica; em vez disso, as suposições de materialismo devem ser abandonadas para acomodar os fatos da telepatia. Acredito que, depois da próxima revolução científica, o dualismo vai retomar a posição dominante que manteve por séculos no Ocidente e ainda mantém na maioria do restante do mundo. Também concordo com uma afirmação que um psicólogo fez muitos anos atrás: "Os fenômenos da telepatia são... não uma alternativa à sobrevivência depois da morte, mas uma garantia dela".[271]

Os dados da observação dos fenômenos paranormais – indo, devo dizer, muito além da pequena quantidade apresentada neste livro – exige uma revisão radical nos

[270] Quase todos os cientistas que consideraram o assunto têm essa visão. No entanto, Godbey (1975) disse que a telepatia (e outros fenômenos paranormais) não é compatível com o materialismo. Alguns cientistas, incluindo alguns físicos, acreditam que maiores desenvolvimentos na física darão as explicações para os fenômenos paranormais. Não sou membro desse grupo e acredito que a compreensão do fenômeno paranormal que procuramos precisa de um aspecto da realidade que está além daquele abrangido pelos conceitos da física.

[271] Citação de Carington (1945, p. 143).

conceitos atuais da relação entre mente e corpo. Muitos outros cientistas têm consciência desse prospecto, e o conhecimento fez com que alguns deles desafiassem a credibilidade dos testemunhos a respeito dos fenômenos paranormais. Os cientistas que decidem escolher essa defesa parecem ter o controle, porque tentativas de observar o fenômeno sob condições controladas produziram (até agora, na maior parte do tempo) apenas efeitos que exigem estatísticas para sua comprovação; e os resultados experimentais não podem ser repetidos à vontade.[272] Além disso, cientistas como eu, que apontam para a abundância aparente de reconhecimento paranormal em casos espontâneos, também devem pedir a seus leitores que confiem no testemunho humano sobre acontecimentos passados. Ainda assim, valorizamos nossas suposições, e a maioria de nós se mantém confiante de que devemos ter evidências mais fortes que farão com que outros cientistas mudem de ideia. Também existe a possibilidade – pela qual se espera – de que muitos cientistas mudem de ideia e comecem a ver de modo mais positivo a evidência abundante de fenômenos paranormais já disponível.

Posso imaginar que as mentes são formadas por substância não física. Chamemos essa substância de "coisas da mente" até sabermos mais sobre ela. É, na metáfora de Schrödinger, "nada além de uma reunião de dados singulares (experiências e lembranças), ou a tela *na qual* estes são reunidos".[273]

---

[272] Todos têm uma pequena percepção extrassensorial. Os cientistas que tiveram a sorte de trabalhar com um dos talentosos sensitivos publicaram evidência de telepatia e clarividência muito maiores do que qualquer coisa que os experimentos em grupo podem gerar. Estou aqui pensando em pessoas talentosas, como Stefan Ossowiecki (Besterman, 1933; Borzymowski, 1965; Efrón, 1944; Geley, 1927). Olga Kahl (Osty, 1929, 1932; Toukholka, 1922) e Craig Sinclair (Sinclair, 1962/1930).

[273] A citação é de Schrödinger (1955, p. 91-92).

Há vida depois da morte?

Nesta seção, devo dizer que quase todas as grandes religiões do mundo – e outras não tão grandes também – incluíram em seus ensinamentos ou mitologia associada uma ideia de uma vida após a morte. Para o ocidental com conhecimento médio, essas ideias costumam ter pouco apelo. Ou elas são muito vagas, como o conceito da "alegria eterna", ou parecem expressar nada além de um desejo para que o melhor da vida atual continue, talvez melhorada e amplificada. O tlingit pode imaginar um monte de salmão no próximo mundo, assim como o pensamento do *viking* de aproveitar esse tipo de banquete em Valhalla.

Quando uma pessoa de conhecimento do Ocidente diz que uma vida após a morte parece algo impossível, está apenas expressando suas decepções com os tipos de conceitos que acabei de mencionar e também sua convicção de que não pode haver vida sem nossos corpos físicos e familiares. No entanto, diversos filósofos ocidentais e psicólogos sugeriram alguns traços particulares que uma vida pós-morte sem nossos corpos físicos pode ter.[274] Essas propostas são extrapolações de conhecimento estabelecido, mas não são trabalhos de ficção científica. Temos algumas informações nas quais podemos basear suposições. Em primeiro lugar, alguns indivíduos que se lembraram de vidas anteriores com detalhes confirmados também disseram que eles se lembraram de acontecimentos ocorridos em um plano de seres desencarnados, do qual, na época, faziam parte.[275] Às informações que eles

[274] Ducasse (1951), Patterson (1995) e Price (1953, 1972) escreveram muito sobre esse assunto. Carington (1945) também fez sugestões a respeito da natureza da vida após a morte. As literaturas exegéticas e de escrituras do hinduísmo e do budismo contêm descrições de um mundo (ou mundos) de almas desencarnadas. O Tibetan Book of the Dead, O Livro Tibetano dos Mortos" (Evans-Wentz, 1969/1927; Thurman, 1994) oferece um relato acessível da vida imediatamente depois da morte.

[275] Exemplos podem ser encontrados nos casos de Disna Samarasinghe, Pratima Saxena, Ven. Chaokhun Rajsuthajarn, Ven. Sayadaw U Sobhana, e Ven. Som Pit.

deram, podemos somar outras de algumas pessoas que têm sonhos lúcidos[276] e de algumas pessoas que se aproximaram da morte e se recuperaram ou escaparam.[277] Acredito que também podemos usar em nossas suposições o conhecimento – reconhecidamente pequeno – que agora temos sobre as circunstâncias e processos de telepatia.[278] Daí então surgem algumas ideias de como a vida pode ser depois da morte.

Sem os órgãos do sentido de um corpo físico, as percepções após a morte certamente seriam diferentes daquelas que sentimos vivos, mas não necessariamente cessam. As pessoas que quase morrem e se recuperam afirmam ter tido percepções – algumas delas não muito diferentes das comuns – apesar de seus corpos físicos estarem inconscientes, às vezes, supostamente mortos, mesmo que não estivessem. As experiências sensoriais, que parecem ser sentidas de uma posição no espaço diferente daquela de seus corpos físicos, não são mediadas pelos processos normais dos órgãos do sentido.

---

[276] Descrições deles podem ser encontradas em C. Green (1968a), LaBerge (1985), Van Eeden (1912-13) e Whiteman (1961).

[277] Exemplos e análises dessas experiências (agora frequentemente chamadas de experiência de quase morte) podem ser encontrados em Cook, Greyson e Stevenson (1998), Fenwick e Fenwick (1995), Greyson e Stevenson (1990), Ring (1980), Sabom (1982, 1998) e Stevenson e Greyson (1979).

[278] Não mencionei no texto as diversas informações fornecidas por muitos comunicadores mediúnicos sobre a vida na qual afirmam estar. A maioria deles é inútil, porque ela tem sido expressada por meio de médiuns que não oferecem evidência satisfatória de poderes paranormais. Além disso, grande parte do que os comunicadores mediúnicos afirmam sobre a vida em um estado desencarnado mostra nuances óbvias da mente do médium, apesar de não necessariamente de sua mente consciente. Por outro lado, não descarto afirmações sobre a natureza da vida depois da morte realizada por comunicadores que merecem nossa atenção por meio da participação em uma demonstração de poderes paranormais de um médium. Emmanuel Swedenborg, por exemplo, ofereceu evidência de poderes paranormais suficientemente forte para satisfazer Kant (1976/1766) e também descreveu a vida após a morte (Swedenborg, 1906/1758). Detalhes sobre alguns outros membros desse pequeno grupo podem ser encontrados nos textos de Balfour (1935), Hodgson (1897-98) e C. D. Thomas (1945).

Os pensamentos após a morte podem ser formados por imagens muito mais do que aquelas de nosso mundo familiar, uma vez que podem ser menos enriquecidos e assim menos tomados por palavras. Nesse traço, o raciocínio depois da morte pode ser parecido com o pensamento de crianças e de quem sonha. O mundo do estado pós-morte seria cheio de imagens, mas não seria imaginário nem menos real do que um mundo de sonhos para quem sonha.[279]

No mundo pós-morte, assim como nos sonhos, as lembranças de alguns acontecimentos do passado podem ser mais acessíveis do que são em condições comuns. As memórias que entram na consciência depois da morte não necessariamente seriam aquelas que uma pessoa gosta de manter. Uma avaliação da vida e da conduta de uma pessoa pode ocorrer, e eu mencionei anteriormente o ensinamento de Patanjali de que um medo inconsciente dessa avaliação pode ocorrer pelo medo quase universal da morte. Sócrates, de Platão, também estava pensando em julgamentos e destinos em uma vida após a morte quando disse que um homem bom não precisa temer a morte.[280] Mas na realidade quase não temos evidência das crianças que se lembram de vidas anteriores por uma avaliação de vida; apenas alguns indivíduos se referiram a qualquer coisa desse tipo.[281] Essa avaliação, frequentemente chamada de "memória panorâmica", às vezes ocorre em pessoas ocidentais que se aproximam da morte e se recuperam de uma doença ou escapam de um perigo que parecia colocar a vida em

[279] Price (1953) sugeriu que o próximo mundo seria cheio de "imagens". Ao sugerir que o pensamento de personalidades desencarnadas teria mais imagens do que o de adultos vivos, não estou sugerindo que não teria palavras. Os indivíduos de casos de reencarnação frequentemente se lembram de nomes, e às vezes palavras de um idioma usado pela personalidade anterior, mas não por membro da família do indivíduo. Se essas palavras se originam de uma vida anterior, elas supostamente foram retidas durante o estado entre as vidas.

[280] A exposição dessa crença atribuída a Sócrates, por Platão, está em Phaedo (Platão, 1936).

[281] Nasir Toksoz foi uma dessas crianças.

risco. Em uma série de 417 casos do tipo que um colega e eu estudamos 13% das pessoas experimentaram uma avaliação dos acontecimentos passados.[282] Uma vez que algumas dessas pessoas (apesar de não serem todas) foram tidas como mortas ou quase mortas antes de se recuperarem, podemos supor – mas certamente não afirmar – que as pessoas que morrem podem avaliar os acontecimentos da vida terminada. Nesse caso, podem se esquecer dos detalhes dessa revisão, como Patajanli sugeriu.

O mundo pós-morte que imagino tiraria muito de seus conteúdos dos pensamentos pré-morte de uma pessoa que o habita. Refletiria a cultura na qual ela vivia e as experiências e atitudes pessoais que ela teve. Seria agradável ou doloroso de acordo com o tipo de vida que o habitante tivesse tido antes de morrer.

Não precisamos pensar nas personalidades desencarnadas como estando completamente isoladas no mundo pós-morte. Elas podem encontrar outras personalidades desencarnadas. Podem se comunicar por meio de processos parecidos com os da telepatia entre pessoas vivas. O biólogo e filósofo Hans Driesch, cujos trabalhos mencionei anteriormente, disse de modo sucinto: "Os meios da comunicação que são normais para uma pessoa morta são 'paranormais' para quem está vivo".[283] Nesse caso, as comunicações e as associações ocorreriam principalmente entre pessoas que tivessem um relacionamento próximo (emocional) antes da morte. Acontece, creio eu, que depois da morte não poderíamos entrar em contato com alguma pessoa que por acaso nos interessasse simplesmente pela vontade. É mais provável que, de acordo

[282] Esses dados são retirados de Stevenson e Cook (1995). Uma série anterior de menor número de casos mostrou uma porcentagem mais alta de pessoas que passaram por uma avaliação da vida (Greyson e Stevenson, 1980; Noyes e Kletti, 1977; Ring, 1980).

[283] A frase é de Driesch (1930, p. 26).

com nossos elos e conduta durante a vida, nós nos associássemos depois da morte com pessoas de interesses parecidos com os nossos. Se éramos amorosos, podemos nos ver entre pessoas amorosas, principalmente aquelas que amamos; se sentimos ódio, podemos nos ver entre outras pessoas cheias de ódio.

As personalidades desencarnadas que habitam o plano que estou imaginando podem ter algumas possibilidades para controlar acontecimentos em nosso mundo terreno familiar e, muito mais raramente, para se comunicar com pessoas vivas. No capítulo 5, dei alguns exemplos de indivíduos que fizeram afirmações corretas sobre acontecimentos na família anterior que ocorreram depois da morte da personalidade anterior e sobre os quais o indivíduo não teria aprendido por meios normais, até onde sei. Outros indivíduos se lembraram de que, enquanto estavam em um estado desencarnado, conseguiam parecer visivelmente a membros vivos da família e a amigos da personalidade anterior de quem se lembravam, e outras pessoas confirmaram essas manifestações. Por exemplo, Maung Yin Maung e o Ven. Chaokhun Rajsuthajarn se lembravam de ter sido vistos como aparições depois da morte na vida anterior, e o Ven. Sayadaw U Sobhana lembrava-se de experiências como uma personalidade desencarnada que correspondiam àquelas dos sonhos de duas pessoas vivas. As pessoas vivas que eram testemunhas nessas interações aparentes entre os dois planos confirmaram os relatos dos indivíduos. Os casos que tenho estudado incluem muitos outros exemplos de personalidades desencarnadas sendo vistas nos sonhos de anúncio, mas raramente um indivíduo, como Ven. Sayadaw U Sobhana, lembra-se que, como personalidade desencarnada, manifestou-se no sonho de uma pessoa viva.

Certos outros casos de aparições oferecem mais exemplos da comunicação ocasional de uma pessoa desencarnada e seus amigos que ainda vivem. Estou pensando em aparições ocorrendo meses e às vezes muitos anos depois da morte da pes-

soa falecida. Uma aparição desse tipo pode ser vista durante um período de estresse ou crise para quem a vê, e essa coincidência temporal sugere que a pessoa desencarnada tem mantido contato, de certa forma, com os assuntos dos membros vivos da família. Essas aparições pós-morte ocorrem com muito menos frequência do que as aparições que coincidem com a morte sobre as quais dei exemplos no capítulo 1, mas muitos casos autênticos foram relatados, de modo que deveriam ser vistos como uma classe de aparições que merece mais estudos.[284]

As pessoas que estão morrendo às vezes têm visões de pessoas já falecidas que parecem ter vindo ajudá-la na transição para a morte.[285] É possível explorar algumas dessas visões de leito de morte como sendo originadas do desejo de quem está morrendo de encontrar entes queridos já falecidos, mas em muitos casos bem documentados a pessoa prestes a morrer não sabia que a pessoa da aparição havia morrido, tampouco as pessoas ao redor dela.

O mundo desencarnado pode não ter leis, mas suas leis podem ser diferentes daquelas com que estamos acostumados em nossa vida atual. O tempo pode passar de modo diferente, e o espaço físico pode ser diverso. Pensar em uma pessoa pode fazer com que a aproximação dela seja feita instantaneamente, de modo que "aqui" seria "agora".[286]

Se alguém perguntar onde esse plano desencarnado fica, respondo que ele existe no espaço mental que nossas mentes ocupam agora, enquanto estamos associados com nossos corpos físicos.

---

[284] Exemplos podem ser encontrados em Gurney (1889, p. 422-26), Myers (1889, p. 29-30) e Perovsky-Petrovo-Solovovo (1930).

[285] Exemplos podem ser encontrados em Barrett (1926), Bozzano (1906), Osis e Haraldsson (1977) e Stevenson (1995).

[286] Muitas pessoas descreveram terem tido – quando perto da morte ou depois dela – a experiência de pensar em uma pessoa ou local e instantaneamente estar com a pessoa ou no local. O Ven. Chaokhun Rajsuthajarn lembrou de tal experiência. Geddes (1937) e Radin (1926) relataram outros exemplos.

Para resumir, estou sugerindo – apesar de não querer ser a primeira pessoa a fazer isso – que o universo tem pelo menos dois planos: um físico e um mental. Eles interagem. Durante nossas vidas, a associação com nossos corpos físicos restringem as ações de nossas mentes, apesar de também permitir que tenhamos experiências que não podemos ter sem os corpos físicos. Depois da morte, livres de nossos corpos, a princípio existiríamos, exclusivamente, no plano mental. Posteriormente, algumas pessoas ou talvez todos nesse plano podem se tornar associados com novos corpos físicos, e diríamos que aqueles que se associaram tinham reencarnado.

Concluo meus comentários sobre esse assunto enfatizando a natureza especulativa do que abordei. Só quero mostrar que uma vida depois da morte é possível, para não insistir nos detalhes daquela que tentei descrever. Mas essas conjecturas têm uma vantagem inestimável no "mundo único" de hipóteses sobre o universo ao qual os materialistas se apegam: não exigem que ignoremos a evidência da telepatia e da sobrevivência da personalidade humana depois da morte.

Responsabilidade individual *versus* acaso no destino pessoal

Eu abordo este assunto com certo medo de ter culpa – ou de ser culpado – de ser moralista ou pregador. Quero evitar esses erros. No entanto, o reflexo sobre os diversos argumentos que defendem a reencarnação e a evidência dela, por mais imperfeitos que sejam, fizeram-me questionar se existem impedimentos irracionais – e também racionais – para acreditar nela. Nesse caso, uma objeção irracional contra isso pode ser o peso de responsabilidade pelo destino de alguém que a reencarnação impõe. A reencarnação é uma doutrina de esperança, sugere que uma pessoa pode lucrar no futuro com os esforços que faz nesta vida. Mas a esperança se satisfaz apenas por meio do esforço pessoal, e isso pode ser mais do que a

maioria das pessoas aceita. A passividade está dentro dos seres humanos como somos agora. Podemos observar isso facilmente sem nos referirmos à possibilidade de reencarnação. Muitas pessoas permitem ser curadas com remédios em vez de modificar seu modo de viver – comendo e bebendo menos e não fumando. Na esfera social, mil pessoas votam para a correção do erro de seu vizinho, e dizem, como acredito que Beethoven fazia: "Senhor, não deixe de me melhorar", mas apenas um em cada dez, como Beethoven, esforça-se para sua melhoria. Se uma pessoa não consegue aceitar a responsabilidade pelo resultado de uma vida, ela não vai querer receber o pedido de se responsabilizar por duas ou mais vidas. Mesmo assim, a verdade é que, como Baudelaire escreveu: "Não pode haver progresso... progresso real, digo, a menos que seja dentro de uma pessoa e pelo indivíduo em si".[287]

A pessoa comum do Ocidente procura evitar a responsabilidade pessoal por sua situação e conduta de diversas maneiras. O cristianismo ofereceu uma série de saídas, desde a ideia da predestinação até o perdão de todos os nossos pecados com a morte de Jesus na cruz. A ciência moderna oferece o conceito de acaso, mas essa ideia começou com apostadores e cobradores, não com os cientistas. Já no século XVIII Gibom pôde escrever (com certa complacência, aparentemente): "Quando analiso a mortalidade, devo reconhecer que ganhei um grande prêmio na loteria da vida... a sorte dupla de nascer em um país livre e iluminado, em uma família honrável e rica, o que foi uma sorte única em um milhão".[288] As metáforas usadas para expressar o conceito de acaso variam de tempos em tempos. Mencionei no capítulo 9 que, em sua roupagem moderna, a singularidade de uma pessoa pode se originar, em grande parte, da separação aleatória de cromossosnos dentro

[287] O trecho que citei está na página 1362 de Baudelaire (1967).

[288] O trecho que citei está em Gibbon (1907, p. 217).

das células de reprodução dos pais da pessoa. Usamos muitos outros nomes para o mesmo conceito: acidente, sorte, destino. Independentemente do rótulo, a ideia serve para poupar a pessoa de ter uma parte de responsabilidade no que acontece a si. Acredito que a maioria dos ocidentais considera a ideia do acaso um tanto atraente, e assim eles podem pensar isso da reencarnação não compatível.[289]

Algumas pessoas não gostam da ideia de que o acaso é a força dominante da vida, mas ainda assim podem querer evitar a responsabilidade pessoal por ela. Por duas gerações, a psiquiatria e a psicologia do Ocidente acalmou esse grupo com afirmações de que todos seus problemas vinham de erros dos pais ou relacionados a todas as outras pessoas – o que chamamos de sociedade. Culpar os pais por seus defeitos – genéticos ou comportamentais – é regressivo, porque certamente os pais poderiam atribuir suas deficiências a seus pais, e assim por diante, até chegar aos hominídeos ou mesmo antes.

Podemos dizer que a reencarnação não é odiada por todos, porque milhões de pessoas no sul da Ásia acreditam nela. A isso respondo que a maioria das pessoas do sul da Ásia acredita em reencarnação sem perceber – isso sem dizer praticar – suas implicações. De fato, podem aplicar a doutrina do carma como uma maneira de fugir da responsabilidade em vez de aceitá-la; ao atribuir um azar atual ao erro de conduta por parte de uma personalidade predecessora distante, pode-se evitar uma necessidade de mudança do comportamento

[289] Ainda assim muitos ocidentais, principalmente americanos, mostram ambivalência no que diz respeito ao acaso. Os crescentes ganhos de empresas de seguro e a falta de distinção entre os erros e o desempenho ruim quando alguma coisa dá errado no cuidado médico revelam um forte desejo por uma vida livre de riscos, ou seja, de acontecimentos por acaso. Os processos contra obstetras pela não realização de um parto no qual resulte um bebê perfeito são especialmente adequados a um tópico deste livro: quem ou o que causa os defeitos de nascença. Costumamos pensar que o acaso causa os problemas de outras pessoas, mas não ocorreria a mesma coisa conosco. Estamos nos tornando uma sociedade de vítimas?

atual. Além disso, poucos hindus e budistas acreditam que a boa conduta de sua religião basta para dar a eles o que querem na vida. Os hindus apelam para um panteão de deus que intervêm; muitos budistas do Sri Lanka se voltam ao deus Kataragama e pedem a ele que os impeça de sofrer uma calamidade; os de Burma costumam invocar a ajuda de espíritos que eles chamam de *nats*; os da Tailândia instalam uma casa em miniatura para espíritos guardiões perto de sua casa.

Um monge da ordem Ramakrishna, Swami Muklyananda, certa vez disse a mim: "Nós, na Índia, sabemos que a reencarnação ocorre, mas não faz diferença. Aqui na Índia temos o mesmo número de ladrões e criminosos que existem no Ocidente". Falando das massas, ele provavelmente estava certo, mas eu penso que estava errado ao dizer que a crença na reencarnação não faz diferença para uma pessoa que aceita tudo que ela envolve.[290] Mas deve ser mais fácil um camelo passar por uma agulha.

[290] Uma crença forte na vida após a morte quando uma pessoa sofreria castigo por seus pecados não conseguiu impedir crimes e maldades durante a Idade Média na Europa, quando essa crença certamente prevalecia. No entanto, a crença na vida após a morte influenciava o comportamento tanto de inocentes quanto de pecadores.

Capítulo 11

HIPÓTESES SOBRE PROCESSOS POSSIVELMENTE RELACIONADOS À REENCARNAÇÃO

Se a reencarnação é um fenômeno universal, como sugeri que pode ser, temos certas dificuldades em entendê-la por meio dos casos apresentados aqui. Espero ter enfatizado suficientemente quanto as amostras de casos que estudamos devem se desviar das vidas das populações de modo geral. Assim, se a reencarnação ocorre, podemos esperar aprender com esses casos apenas um pouco sobre fatores envolvidos nele e pouco apenas sobre determinados grupos incomuns de pessoas; não podemos dizer quase nada sobre a reencarnação, pois ela pode afetar a maioria das pessoas. No entanto, acreditando que um esboço tem mais valor do que uma página em branco farei algumas especulações sobre possíveis processos.

Levarei em consideração os seguintes tópicos: se a reencarnação ocorre, o que reencarna? Por que uma pessoa nasce em uma família e não em outra? Como uma personalidade desencarnada, prestes a reencarnar, influencia o corpo físico da próxima encarnação? A conduta em uma vida influencia as circunstâncias de outra?

O que pode reencarnar?

Mesmo que soubéssemos o que forma toda a personalidade de uma pessoa viva, não poderíamos dizer, a partir da evidência de qualquer caso, que uma personalidade reencarnou completamente. Podemos apenas indicar que certos aspectos da personalidade da pessoa podem se originar de uma vida anterior. Para isso, devemos primeiramente tentar explicar de modo normal (e com isso eu me refiro ao conhecimento atual da genética e as influências ambientais) o máximo que pudermos do que a criança faz e fala. Qualquer resto de comportamento não explicado dessa forma pode surgir de uma vida anterior ou de vidas anteriores. Essa linha de investigação deve indicar quais aspectos da personalidade podem reencarnar. Vimos que, em um caso totalmente desenvolvido, o indivíduo tem os seguintes elementos: lembranças imaginadas de acontecimentos de uma vida anterior; lembranças comportamentais correspondentes a hábitos, atitudes e outros resíduos das experiências naquela vida; e, em alguns casos, marcas de nascença e outras anormalidades em seu corpo físico que correspondam às feridas ou outros traços do corpo físico da personalidade anterior.

Esses elementos diversos, no entanto, não estão desconectados como peças de roupas lavadas e penduradass em um varal. Eles pertencem a um ser unificado assim como os órgãos individuais de nossos corpos físicos (pode existir uma união dentro da unidade – assim como órgãos individuais compõem um corpo – mas existe a unidade mesmo assim). Podemos ver com facilidade as conexões entre os diversos elementos em casos reais. Por exemplo, um menino que afirma ter esposa e filhos em outro vilarejo quer vê-los; outro menino que se lembra da vida de um médico gosta de brincar de ser médico; e um terceiro que descreve ter levado um tiro e indica uma marca de nascença que ele afirma ter se originado do tiro e expressa uma intenção de se vingar do assassino. Em resumo, não vemos um

grupo de lembranças isoladas como um armário de fitas, mas evidência de propósito. Mencionei antes que, para acreditar que alguém sobreviveu à morte, precisamos ter evidência não apenas das lembranças dessa pessoa, mas de uma continuação de seus propósitos. Isso podemos encontrar em abundância nos casos.

Na pessoa supostamente reencarnada, os três elementos que mencionei – lembranças imaginadas, lembranças comportamentais e traços físicos – associam-se, e não consigo imaginar que eles não tenham estado juntos durante o período entre as vidas terrenas. Isso sugere que eles (ou uma representação deles) existem em um veículo intermediário de algum tipo, talvez com outros elementos sobre os quais nada sabemos.

Proponho que chamemos o veículo que transporta os elementos mentais de uma pessoa entre encarnações de *psicoesferas*.[291] Não sei nada sobre como os elementos da psicoesfera se organizam, mas presumo que isso mude caso uma personalidade desencarnada tiver experiências e não se mantiver ociosa. Supostamente, também o processo da reencarnação modifica a psicoesfera. O corpo evoluído de um homem idoso difere em grande parte do corpo novo, porém pequeno, de um bebê que, quando souber falar, vai se lembrar da vida do homem. O homem idoso teve muitas lembranças com imagens; o bebê também pode

[291] Agradeço ao professor David Kovacs do Departamento de Clássicos, *Universidade de Virgínia*, por aprovar a palavra psicoesfera e por sugerir cognatos corretos. A psicoesfera corresponde às telas de Schrödinger (1955) nas quais as experiências são reunidas. Estou familiarizado com muitos textos do hinduísmo e do budismo sobre corpos não físicos que, afirmam, agem como veículos de mentes entre vidas. No entanto, esses textos se originam de tradições religiosas; além disso, se eles têm uma base de observação, ela deve ser apenas subjetiva, com ideias pessoais adquiridas por observadores e transmitidas a seus seguidores. Não deixo de valorizar essa evidência, mas ela se diferencia dos dados publicamente confirmáveis encontrados nos casos que investiguei. Esses casos, também, devo reconhecer, não oferecem evidência direta para nada como a psicoesfera; mas, uma vez que incluem algumas informações confirmáveis e aparentemente paranormais afirmadas pelos indivíduos, acredito que podemos basear as suposições nelas com mais confiança do que damos à autoridade escritural, por mais que esta mereça respeito.

tê-las, mas se as têm, elas se tornam apenas um resquício quando ele aprende a falar e começa a falar sobre elas.[292]

As lembranças comportamentais também encolheram, e o que eram habilidades em uma vida podem se tornar meras aptidões em outra. Quanto às feridas de nosso idoso – supondo, por exemplo, que ele tenha sido morto com um golpe de espada – elas também foram curadas. As marcas no corpo no qual ele reencarna geralmente não sangram, mas o bebê pode nascer sem uma das mãos no ponto em que as mãos do idoso foram cortadas antes de cair inconsciente e morrer. As feridas do idoso, assim, não permanecem sem mudanças; em vez disso, elas agem como uma base e, como parte da psicoesfera, elas influenciam a forma do novo corpo físico com a qual a psicoesfera se torna associada em sua próxima encarnação.

Apesar de eu ter adotado o termo "personalidade anterior" para uma pessoa cuja vida um indivíduo de um caso se lembra, tenho evitado dizer que uma personalidade pode reencarnar totalmente, porque nenhuma evidência sugere que isso pode ocorrer. Em vez disso, o que pode reencarnar é uma individualidade que surge da personalidade anterior e também das personalidades anteriores a ela.[293] A personalidade engloba todos os atributos psicológicos observáveis externos e os reúne com resíduos de experiências anteriores da vida atual e de outras reencarnações da mesma série. Nossas individualidades, assim,

---

[292] Ven. Chaokhun Rajsuthajarn afirmou que durante sua fase de bebê ele conseguia se recordar de todos os detalhes da vida anterior da qual se lembrava. Indivíduos de outros casos às vezes me dizem que tinham total consciência do que lhes cercavam na fase de bebês, mas não tinham palavras com as quais comunicar suas experiências a adultos.

[293] Ducasse (1951) usou esses termos ao pensar na sobrevivência do homem depois da morte e da possível reencarnação. A questão acerca sobre o que renasceu é a mesma alma que morreu ou não fez com que estudiosos budistas realizassem discussões que Buda em si julgou fúteis. A evidência de crianças que se lembram de vidas anteriores sugere uma continuidade entre as duas personalidades envolvidas em um caso. Também sugere semelhanças entre elas. Mas isso não quer dizer que elas sejam as mesmas; tudo – a mente humana, principalmente – está sempre mudando.

contêm muitas coisas que nossas personalidades nunca revelam e muita coisa que está inacessível às partes conscientes de nossas mentes, exceto em circunstâncias incomuns.

A história dos idiomas estrangeiros que aprendi ilustra a distinção entre a personalidade e a individualidade. Durante uma época, eu era capaz de falar espanhol bem o suficiente para realizar entrevistas durante uma viagem à Argentina, onde estudei alguns casos em 1962. Não consegui manter minha habilidade em falar espanhol, apesar de ainda conseguir ler (com a ajuda de um dicionário) as cartas que recebi de correspondentes falantes de espanhol e de conseguir dar respostas simples no idioma. Mas para todos os outros propósitos, meu espanhol é insuficiente. Se fosse tentar falar espanhol de novo, aprenderia com mais facilidade do que da primeira vez. Mas, diferentemente de meu espanhol esquecido, ainda mantenho boa desenvoltura em francês e em alemão. Eles ainda fazem parte de minha personalidade – meu ser, por assim dizer. No momento de minha morte, espero que minha habilidade de falar esses idiomas também se torne parte de minha individualidade; se eu reencarnar, o resultado de meus esforços em um idioma estrangeiro, e não a habilidade de falar todos eles, será um canal facilitador para aprender os que estudei e falei nesta vida – ou em vidas anteriores. Creio que isso também possa ocorrer com qualquer outra habilidade que eu possa ter, intelectual, muscular ou moral. E esse pensamento vai me incentivar a aprender algo novo – a tocar clarinete, talvez – quando estiver mais velho.[294]

Mencionei no capítulo 9 que quase não temos evidência que suporte nossa ideia de reencarnação como uma explicação de crianças prodígio e nenhuma criança prodígio do Ocidente afirmou se lembrar de uma vida anterior. No

[294] Catão, o Censor, segundo dizem, sem provas concretas, estudou grego na terceira idade (Cícero, 1923). O grande matemático Carl Friedrich Gauss começou o estudo de russo quando era idoso (Dunnington, 1955). Se a reencarnação ocorre, esses homens não desperdiçaram tempo nos esforços em sua terceira idade.

entanto, também mencionei (no capítulo 5) que lembranças comportamentais aparentemente surgidas de uma vida anterior às vezes persistem em um indivíduo muito tempo depois de ele ter perdido as lembranças com imagens sobre as circunstâncias (na vida anterior) nas quais o comportamento foi aprendido. Algo parecido pode ocorrer em pessoas que nunca têm ou nunca tiveram qualquer lembrança com imagens de uma vida anterior. Se uma pessoa tem habilidade em matemática, música ou em alguma outra atividade em uma vida, ela pode demonstrar evidência dela em outra, mesmo não tendo lembranças de como adquiriu a habilidade.

Por que uma pessoa nasce em uma determinada família?

No caso de diversas pessoas – os burmanos, os igbos e as tribos do nordeste dos Estados Unidos, por exemplo –, as duas personalidades envolvidas em um caso são quase sempre membros da mesma família. É possível pensar que, se a reencarnação ocorre na mesma família (ou entre famílias que se conhecem), uma certa força psíquica fez com que isso ocorresse atraindo a personalidade desencarnada para a família de sua próxima encarnação.

Como isso ocorre? Acontece, creio eu, porque todas as experiências compartilhadas têm traços mentais dentro de nós e produzem conexões psíquicas entre as pessoas envolvidas. Acredito também que, quanto mais durar uma associação entre duas pessoas, maior sua intensidade, mais fortes as conexões entre elas se tornam.[295] Quando surge

[295] Qualquer associação levará à formação de um elo psíquico e, quanto mais longa for associação, mais forte vai se tornar. As experiências intensas divididas fortalecerão esses laços. As pessoas que sentam juntas à mesma mesa de um navio em um cruzeiro se tornam amigáveis e continuam a amizade por um tempo após a viagem. No entanto, a amizade dura mais se o navio afundar e o grupo passar uma semana em um barco salva-vidas antes de ser resgatado. Da mesma maneira, lembranças de sofrimentos que foram enfrentados juntos mantêm as sociedades de veteranos de guerras. A intensidade de experiência também fortalece a memória, como Thorndike (1905) e, antes dele, Butler (1961/1877).

a necessidade – em uma situação de risco de vida – e as conexões psíquicas são fortes o bastante, uma comunicação telepática pode ocorrer entre pessoas que estejam geograficamente afastadas. Geralmente a comunicação resulta em apenas uma impressão ou intuição de que algo diferente ocorreu com a outra pessoa, mas às vezes a comunicação gera uma percepção tão vívida e detalhada que o observador testemunha o que chamamos de aparição da pessoa distante, e dou exemplos disso no capítulo 1. As duas pessoas envolvidas em uma experiência desse tipo são, podemos dizer, ligadas uma à outra, mas a conexão excede em complexidade a ressonância de intrumentos de cordas afinados de modo que, quando um é tocado, o outro também vibra. As impressões telepáticas e as experiências de aparição incluem uma capacidade para a localização adequada. De certo modo, o morto ou a pessoa que está morrendo encontra a outra com quem tem uma ligação psíquica. Essa pessoa e mais ninguém recebe a comunicação (exceto em casos mais raros de aparições coletivas e de espectadores).[296] Com uma capacidade de orientação parecida, sugiro, uma personalidade desencarnada encontra seu caminho aos pais da geração seguinte.

No Capítulo 1 mencionei que estudos de casos de impressões telepáticas e aparições têm mostrado que essas experiências ocorrem entre maridos e esposas, e também entre pais e filhos. Da mesma maneira, nos casos de mesma

[296] Essas conexões foram mostradas para aparições em Gurney, Myers e Podmore (1886), e para as impressões telepáticas em Stevenson (1970b). Este trabalho oferece referências a dados parecidos em outra série de casos. Além das aparições coletivas, "casos de observadores" são outra exceção à regra geral de um relacionamento pessoal próximo entre um agente e a testemunha. Nesses casos raros, uma pessoa que está com ou perto de alguém conhecido do agente vê a aparição, mas a pessoa com quem a personalidade parece estar se comunicando não. A testemunha apenas está presente, por assim dizer, mas uma pessoa com maior sensibilidade do que quem supostamente deveria perceber o fato. Publiquei referências a relatos de casos (Stevenson, 1982).

família do tipo de reencarnação, as duas pessoas envolvidas podem estar relacionadas por meio do casamento ou pelo sangue.[297] Mas as relações familiares não têm nada que as una de modo intrínseco. Se costumamos ter elos psíquicos mais numerosos e mais fortes com membros de nossa família do que com outras pessoas, isso ocorre porque passamos mais tempo com elas, principalmente os momentos de fortes emoções que, em meu modo de ver, têm mais poder de duração do que as emoções fracas. Algumas pessoas têm laços mais fortes com amigos do que com membros de suas famílias. Da mesma maneira, encontramos muitas experiências telepáticas e de aparição nas quais as pessoas envolvidas eram amigos próximos, apesar de não serem parentes. Elas raramente ocorrem entre desconhecidos.[298] Da mesma maneira, temos casos do tipo reencarnação nos quais a personalidade anterior tinha um apego especial pelos pais do indivíduo, apesar de não ter parentesco com ele.[299]

---

[297] A força dos elos psíquicos entre membros da família podem surgir não apenas de experiências emocionais compartilhadas em uma vida. Em casos na mesma família, o indivíduo está dizendo que em sua vida anterior ele compartilhou experiências com membros de sua família durante a vida do membro falecido que ele afirma ter tido. O indivíduo de tal caso, assim, começaria uma vida já tendo fortes elos com membros de sua família que se tornariam mais fortes conforme a unidade da família persistisse.

[298] Por ser mais fácil confirmar experiências aparentemente paranormais com membros da família e amigos próximos, a escassez de casos, ocorrendo entre desconhecidos, pode surgir de deficiências investigando e relatando este tipo de caso. No entanto, Schouten (1979), em uma análise dos casos em *Phantasms of the Living* (Gurney, Myers e Podmore, 1886), mostrou que a escassez de "casos desconhecidos" relatados quase certamente não é um meio de relato e, assim, é um traço do processo da comunicação paranormal.

[299] Exemplos encontrados nos casos de Maung Yin Maung, Marta Lorenz, Maung Aung Than, Sivanthie e Sheromie Hettiaratchi, Ma Win Myint e Maung Aung Than. Em dois dos casos de crianças de Burma que se lembravam de vidas anteriores relembradas como soldados japoneses mortos durante a Segunda Guerra Mundial, os pais dos indivíduos se lembravam de ter sido amigáveis com um soldado japonês (algo comum para os cidadãos que viveram durante a ocupação japonesa de Burma). Ma Tin Aung Myo é um desses indivíduos.

Em alguns casos, uma pessoa escolhe seus pais para a encarnação seguinte antes de morrer (os tlingits e os haidas costumam fazer isso). Provavelmente, deixar claro esse desejo apenas aumenta a afeição que ele expressa, mas a afeição deve ter existido antes para que a pessoa a expressasse, e certamente muitos apegos velados têm tanta força quanto aqueles expressados em alto e bom tom.

As diferenças também parecem unir. Já mencionei alguns casos nos quais um indivíduo se lembrava da vida anterior de uma pessoa que havia discutido, ou ferido ou matado, um dos pais do indivíduo. No capítulo 9 eu resumi o caso de Zouheir Chaar, que se lembrava da vida de um homem que tivera uma briga séria com a mãe de Zouheir.[300]

Parece que a culpa ou uma sensação de dívida também pode atuar como força atraente nesses casos. Em poucos deles – todos de Burma – o indivíduo se lembrava de uma dívida que a pessoa de cuja vida anterior tinha com um membro da família do indivíduo. Desses poucos casos, a dívida em questão geralmente me parecia pequena, até trivial, mas um budista fervoroso que acredita dever pagar por tudo – agora ou depois – poderia morrer com um peso na consciência que pode ligá-lo ao cobrador e levar a seu renascimento na família dele.[301]

Em alguns casos, não é possível distinguir o papel da amizade de outros motivos para a aparente atração de uma pessoa desencarnada a uma determinada família. A mãe de Maung Myint Tin, cujo caso mencionei no capítulo 9, ao descrever os desejos de gravidez, era o fornecedor de licor ao homem cuja vida Maung Myint Tin se lembrava. Maung Myint Tin mostrou, antes mesmo de aprender a falar, o gosto da personalidade anterior por álcool; como era conveniente para ele

[300] Outro (possível) exemplo ocorreu no caso de Sampath Priyasantha.

[301] A culpa pela sensação de dívida ou por um roubo surge como um motivo aparente em alguns casos de aparições (Myers, 1903, 2:348; Owen, 1874).

o fato de sua mãe deixar muito álcool por perto, os observadores acreditavam que esse fato explicava o renascimento da personalidade anterior como seu filho.

Se aos casos na mesma família acrescentarmos todos os outros que mostram um tipo de elo emocional entre a personalidade anterior e a família do indivíduo, fica difícil acreditar que apenas a aleatoriedade comanda o nascimento de uma pessoa em sua família, e não em outra.

Até aqui, neste assunto, tenho levado em consideração os fatores que podem entrar na reencarnação em uma determinada família quando a personalidade anterior e a família do indivíduo são parentes, amigos ou conhecidos. Ao levar em consideração outros casos, eu tenho menos a dizer sobre o porquê de uma criança nascer em uma família e não em outra. De fato, devo admitir imediatamente que, para a maioria dos casos distantes, não sei o motivo que fez com que o indivíduo nascesse em sua família. Nem os informantes dos casos, quando pergunto sobre o que pensam do assunto, costumam atribuir o nascimento da criança na família ao carma (se eles forem hindus ou budistas), ou a Deus (se forem cristãos ou muçulmanos). Uma criança nasceu entre eles, e eles não pensam no motivo. Apesar da incapacidade de meus informantes dizerem qualquer coisa específica sobre esse assunto, acredito que consigo distinguir três fatores que parecem relevantes a esses casos.

Em primeiro lugar, em alguns exemplos nos quais as famílias negaram ter qualquer conhecimento do caso desenvolvido, mesmo assim soube que havia ocorrido um tipo de relacionamento entre elas. Essa relação costumava ser comercial, mas com tons harmoniosos. Em um caso desse tipo na Índia, Ram Tirath lembrava-se da vida de um homem que plantava legumes, que ele havia conhecido na região onde a família do indivíduo vivia. Ele disse que se lembrava de vender legumes (em uma vida anterior) à sua mãe e, posteriormente, disse que